



LeYa

viagem solitária

MEMÓRIAS DE UM TRANSEXUAL TRINTA ANOS DEPOIS

JOÃO W. NERY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Copyright © 2011, João W. Nery

Diretor editorial Pascoal Soto
Coordenação editorial Tainã Bispo
Produção editorial Fernanda Ohosaku
Indicação editorial Mary Ventura

Edição de textos Solange Bastos
Preparação de textos Débora Tamayose Lopes
Revisão de textos Iraci Miyuki Kishi

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP-Brasil)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nery, João W.

Viagem solitária : memórias de um transexual 30 anos depois /
João W. Nery. – São Paulo : Leya, 2011.

Inclui encarte com fotos.
ISBN 9788580444636

1. Nery, João W. 2. Transexuais – Brasil –
Autobiografia I. Título.

11-09953 CDD-920

2011

Todos os direitos desta edição reservados à
TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do Grupo Leya]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil
www.leya.com.br

Para meu filho, por me fazer um pai feliz.
Para todas as transidentidades¹ que se reinventam
para achar seu lugar no mundo.

¹ A transidentidade abrange uma série de opções em que uma pessoa sente o desejo de adotar, temporária ou permanentemente, o comportamento e os atributos sociais de gênero (masculino ou feminino), em contradição com o sexo genital. Em alguns casos, este será o travestismo ocasional. Em outros, as pessoas podem viver alternadamente com duas identidades sociais, masculina e feminina. Ou assumir uma posição intermediária, o gênero não marcado. Ou viver plenamente no tipo de sexo oposto. Finalmente, algumas pessoas anseiam por uma modificação do corpo até a cirurgia de mudança de sexo: aqui estamos falando especificamente de transexualidade.

AGRADECIMENTOS

Meus pais, por não me impedirem de ser o que sou.
Solange Bastos, que me incentivou a voltar a escrever e por tudo.
Cláudio Heine e Helena Falcão, pela leitura cuidadosa.
Ana Luiza Dantas Borges, irmã de coração, pela troca de ideias.
Leticia Lanz, que me mostrou que tudo é possível.
Bianca Figueira Santos, por seu depoimento.
Gabriel R., mensageiro de importantes informações.
Eleonora Albano, por ter acreditado em mim.
Martha Rique Reis, pela causa dos transexuais.
Lylian Berlin, pela amizade e pelo apoio nas horas difíceis.
Modesto da Silveira, que me defendeu contra o Decreto no 477 da
ditadura.
Waldir Pires, pela idoneidade e por me dar emprego numa hora crucial.
Elizabeth Soeiro dos Santos, por me estender a mão como médica e
amiga.
Darcy Ribeiro, que me ensinou a não temer as palavras.
Roberto Farina, pelo pioneirismo cirúrgico em nos fazer renascer.
Ruth e Antônio Houaiss: sem eles, o primeiro livro não teria acontecido.
Mary e Zuenir Ventura, pelo apoio decisivo no livro atual.

Finalmente, à minha mulher, que me ajudou no texto e respeitou esta
viagem solitária.

NOTA DO AUTOR

Esta *Viagem Solitária* é uma releitura de minha própria história. Nos 27 anos que transcorreram desde a publicação de *Erro de Pessoa*, meu primeiro livro, as transidentidades saíram da clandestinidade e conquistaram um espaço de cidadania.

Surgiram também novos movimentos pós-gêneros como o *queer*, que propõe o fim da polaridade masculino *versus* feminino, questionando técnicas e conhecimentos fundamentados na heterossexualidade compulsória.

Termos como transexualismo e homossexualismo (homoerotismo), cujo sufixo “ismo” reporta à patologia, foram mudados para transexualidade e homossexualidade.

Aproveito aqui para homenagear com os nomes reais àqueles que são parte dessa história e que já faleceram. Há também os que pediram para ter seus nomes verdadeiros citados.

As cirurgias hoje são permitidas e feitas gratuitamente, embora haja a exigência de uma equipe profissional multidisciplinar e o período de dois anos para avaliação de cada caso.

O Código Internacional de Doenças, elaborado pela Organização Mundial de Saúde, define o transexualismo como “transtorno de identidade de gênero”. A França, porém, desde fevereiro de 2010, tornou-se o primeiro país do mundo a não mais considerá-lo como uma patologia, e a Suécia em 2011, graças a ação do movimento transgênero, que inclui várias associações.

As técnicas cirúrgicas também se modernizaram, mas as de FtM (*Female to Male*) continuam experimentais e com resultados ainda insatisfatórios. As diversidades sexuais quanto ao gênero também se multiplicaram.

Embora o Ministério da Saúde reconheça a existência dos transexuais, o poder judiciário continua a nos ignorar. Os que tentam uma requalificação civil ficam à mercê da deliberação do juiz. Como exemplos de avanço jurídico temos os casos da Inglaterra (2005) e da Espanha (2007), onde foram implantadas leis protetoras da identidade de gênero. Não é preciso que a pessoa se submeta à mudança de sexo para obter novos documentos. Heranças, pensão e acesso aos planos de saúde de cônjuges são garantidos.

O Erro de Pessoa tratava do meu périplo da infância até as cirurgias.

Viagem Solitária, 30 anos depois, inclui minha vida desde então, quando tive a grata experiência da paternidade, ainda que não biológica, mostrando que   possível um transexual ter filhos saudáveis.

Somos seres únicos, a diferença e a diversidade entre os indivíduos são condi o essencial da natureza humana.

Hoje sei que sou uma pessoa melhor, mais completa, mais corajosa, mais ousada e infinitamente mais livre.

INTRODUÇÃO

CORPO ESTRANHO²

Millos Kaiser

Eu devia ter uns 7, 8 anos. Tinha achado muito estranho aquele homem com várias cicatrizes no peito, amigo dos meus pais, que tentava puxar papo comigo na praia.

— Mãe, não gostei do João. Ele é esquisito.

Ela estava dirigindo o carro e desconversou, mas sabe como é: criança, quando encasqueta com algo, encasqueta mesmo. E eu, sem imaginar a bomba que viria, insisti.

— Filho, o João nasceu mulher e virou homem.

Meu mundo caiu. Descobrir que a Vovó Mafalda (apresentadora de programa infantil do canal SBT, interpretado por Valentino Guzzo) era homem já havia sido traumático o suficiente. Eu havia conhecido um caso real, na minha frente, com a transformação marcada na pele, e não por uma fantasia. Fiquei dias com aquilo na cabeça. Hoje, 15 anos depois, com os horizontes (espero) mais amplos, reencontro João em sua casa. Dessa vez, sua figura me é completamente normal, e a primeira impressão que tenho é de que minha mãe estava enganada: João não nasceu mulher e quis virar homem. Nada disso. João nasceu homem, mas preso num corpo de mulher.

João foi o primeiro caso de transexual masculino, ou trans-homem (de mulher para homem), a se ter notícia no Brasil, vindo a público em 1984, ano em que lançou o livro *Erro de Pessoa*. Estamos falando aqui da minoria da minoria: um transexual que mudou seu corpo de mulher para homem – processo muito mais raro, complicado e precário do que o inverso. A cabeça já nasceu pronta, mas fisicamente falando Joana virou João W. Nery de vez aos 27 anos, em 1977, 20 anos antes de esse tipo de cirurgia ser legalizada no país.

Se fosse hoje, João não precisaria fazer tudo por baixo dos panos como fez. Poderia pagar cerca de R\$ 10 mil e operar-se numa clínica particular ou recorrer a um dos cinco hospitais universitários do país que operam pelo

Sistema Único de Saúde (SUS), caso suportasse toda a burocracia e espera envolvida nessa opção (desde a implantação do programa, em 1998, pouco mais de 20 pacientes foram operados). Mas, de um jeito ou de outro, João continuaria sendo um criminoso.

O descompasso é tipicamente brasileiro: mudar o sexo do corpo é legal; do RG e dos demais documentos, não. Quem não tem o prestígio de uma Roberta Close tem que entrar na Justiça ou então fazer uma nova certidão de nascimento e, a partir dela, tirar novos documentos – é o que João fez, e o que o artigo 307 da Constituição considera crime de falsa identidade. Nosso “criminoso” nunca foi descoberto, mas para virar homem no papel também teve que matar Joana e enterrar com ela todas as suas conquistas, como o diploma de psicologia, que nunca mais pôde usar.

“Monstruação”

João teve vários nomes durante a vida. O primeiro deles, Maria João, ganhou na pracinha onde brincava, em frente a casa onde morava com os pais e as três irmãs, na zona sul do Rio de Janeiro. Ele não entendia, assim como não entendia por que não podia andar sem camisa como o pai. “Virar mocinha” soava como uma sentença de morte. Quando a “monstruação” veio, João não se permitia sentir cólica ou TPM, surrava os seios e forçava a corcunda para ver se escondia os “apêndices”. Era o começo de sua batalha contra o próprio corpo, travada até hoje.

Para não enlouquecer, descobriu que teria que mergulhar de cabeça em alguma coisa. E foi o que fez, literalmente, tornando-se campeão nacional de salto ornamental aos 13 anos. Os treinos constantes deixavam João com uma compleição mais masculina, e as 29 medalhas conquistadas trouxeram autoconfiança. Outro suporte veio dos papos que tinha com um amigo de seu pai, na época exilado político no Uruguai. Era o antropólogo Darcy Ribeiro, que, sem filhos, adotou o jovem em crise que frequentava sua casa para desabafar e fumar escondido. João considera Darcy seu mentor intelectual, quem lhe mostrou um jeito de habitar um mundo que não o compreendia. “Ou você fica rico para calar a boca das pessoas, ou vira um intelectual”, postulava ao jovem.

Como quase tudo na vida de João, namorar não era fácil. Primeiro, precisava certificar-se de que a menina enxergava-o como homem, apesar do visual unissex não ajudar. Depois vinha a parte mais complicada: o sexo. A lua de mel com a primeira esposa foi um desastre. João ainda não havia descoberto as maravilhas que sua mão esquerda poderia fazer, principalmente se acompanhada de bastante imaginação da parte de ambos. Além disso, era preciso sempre explicar o *modus operandi* de seu corpo para a parceira. João não gostava que tocassem em seus seios ou seu sexo, pois isso lhe lembrava de sua condição *non grata*. “É preciso ser muito homem para chegar ao orgasmo só com a força da mente”, orgulha-se.

Zero pau

Assim que soube que um grupo de médicos em São Paulo estava operando transexuais, ainda em caráter experimental, João transformou isso em seu objetivo de vida: “Não tinha medo de porra nenhuma, só de morrer como mulher. Era enlouquecedor”. Antes, porém, teria que ser avaliado por um psicólogo e um psiquiatra por um ano e sujeitar-se a uma batelada de exames. Tudo na surdina. A esposa da época, a segunda de João, deu força, enquanto a maioria da família insistia na tecla do “onde foi que eu errei?”.

João foi operado pelas mãos do Dr. Roberto Farina, renomado cirurgião plástico, que seis anos antes havia transformado o primeiro homem em mulher do Brasil, sendo inclusive preso por lesões corporais por isso. O “pacote homem” incluía a retirada das mamas, do útero e dos ovários (adeus, “monstruação”), um forte tratamento hormonal à base de testosterona e... é isso. Não, João não ganhou um pênis para chamar de seu. A verdade é que pouquíssimos transexuais masculinos ganham um. “É muito sofrimento para pouco resultado.” Leia-se: uma prótese feia, que não ejacula, sem sensibilidade e que fica semiereta o tempo todo. Fora o pior dos castigos, que é deixar de alcançar o orgasmo.

Mas para João é com zero pau que se constrói um homem: “O que é ser macho? É ter peru, mijar em pé? Eu já era homem anos antes da cirurgia. Há uma série de gente que perde o pênis em acidentes, problemas circulatórios, mas ninguém fala. É difícil encontrar uma prótese normal, de pênis flácido, por exemplo. Como ir à praia? De barraca armada? Você só acha prótese rosa, amarela, com vibrador. Tudo que você não deseje num pau”.

Puberdade tardia

“A minha adolescência começou aos 30. Foi quando nasceu barba, pelos no corpo, espinhas na cara. Uma maravilha. Adorava ficar sem camisa, apesar das marcas.” João deixou de ser oficialmente um psicólogo, mas clinicou clandestinamente por um tempo. Depois, trabalhou numa construtora. Está há 15 anos no quarto e mais longo casamento. Tem um filho. Orgulha-se de tê-lo feito “um homem feminino, no melhor sentido. Um cara sensível, carinhoso e gentil”. Só lamenta não poder mais dançar – talvez o uso a longo do prazo da testosterona tenha lhe rendido uma artrose no fêmur e pinçamentos na coluna. Ele continua uma cobaia da Medicina.

Aos 61 anos, João já existe há mais tempo que Joana. Dos que o conhecem há menos tempo, são poucos os que sabem do seu passado, incluindo a sogra. Sobre a mania que temos de reduzir as coisas, ele desabafa: “Você nasce e morre dentro de caixas. Caixa da família, da escola, do casamento e depois vai para o caixão. Ponha o pé para fora disso e você já é estigmatizado. Tem que ter muita estrutura para segurar a peteca da marginalidade”.

Arrependimento? “Nem por um segundo”, João responde antes mesmo de a pergunta terminar. Para ele, a escolha era tão óbvia quanto respirar. O problema foi convencer o resto do mundo disso.

2 Este texto foi originalmente publicado na revista *Trip* em dezembro de 2009 (<http://revistatrip.uol.com.br/revista/184/corpo-estranho.html>). Pelo respeito e carinho com que fez a entrevista, pedi autorização ao repórter para usá-la como introdução a esta edição.

PREFÁCIO DO ERRO DE PESSOA

Antônio Houaiss³

Este é um livro imprescindível para todos os que queiram ver melhor o espanto que é o ser humano: a dimensão e a importância do componente sexual como fonte da identidade individual e social são aqui penetradas com a vitalidade de uma vida vivida: sofrimentos e alegrias, misérias e esperanças – não apenas do personagem autobiográfico – compõem esta realidade, e o que daí emerge é um real mais forte do que o captado pela ciência e um romance mais pungente que as ficções romanescas. Acaso, aqui se operou o acaso feliz: o protagonista, contando-se, revelou uma face sua até então irrevelada, a do criador, a do escritor com garra literária.

Por isso, isto é uma saga do sexo e da vida.

Este *Erro de pessoa: Joana ou João?* é um livro múltiplo: fala ao leitor romanesco, ao policialesco, ao sexista, ao sadista, ao masoquista, ao realista, ao experimentalista, ao transexualista, ao metassexualista, em resumo, a todos os seres humanos que leem. O fato, o documento, a realidade, o real transmitidos por este texto fazem deste texto um evento: um evento, escrito, que se supera a si mesmo, por um traço que redime e recupera a verdade: aqui, mais que em qualquer texto literário ou científico, acompanha-se – quase dentro da pele, mas seguramente pelo menos na sensibilidade do narrador – uma situação humaníssima viva, sem laivos nenhuns de falsidade: apenas, o fazer literário aqui brota poderoso, provando que o literário (quando irrecorrível) é a própria forma autêntica de dizer o humano: é de tal poder que faz deste livro algo que não é lícito ignorar.

Este livro é, sobretudo, a dignificação de uma história. Aparece num momento em que o sexo é buscado por todos os seus mil modos, por todos os seus mil desvios, por todas as suas mil graças e por todas as suas mil mistificações – mil a mil mercantilmente combinados. Eis que um milagre aparece – autêntico –, que é algo de essencial no vínculo sexo-vida.

Quem está por trás pouco importa para o mundo que se inaugura com o seu livro: o que importa é que a condição humana deve ser mais piedosamente

convivida entre todos os seres humanos entre si, como este caso mostra e prova, com beleza exemplar.

Leiam-no e humanizem-se.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 1984.

³ Conforme contei no próprio texto do livro, o *Erro de Pessoa* foi editado em 1984 pela Record graças ao empenho pessoal de Ruth e Antônio Houaiss. Filólogo, professor, crítico literário, diplomata, acadêmico, *gourmet*, grande lutador pelas liberdades democráticas, Houaiss faleceu em 7 de março de 1999, sem ter concluído o grande dicionário a que deu nome. (N. do A.)

PRÓLOGO

Eram quatro horas da madrugada, quando Yuri terminou de ler o livro mais impactante de sua vida. Tinha esperado dez anos para se decidir a lê-lo. Desde que o pai o colocou ali, na estante do quarto, dizendo que a história lhe interessava.

Sabia que o título era um termo jurídico. Uma pessoa poderia até anular um casamento por um “erro de pessoa”. Mas o que importava mesmo era o outro significado.

Um ano antes, o pai lhe tinha pedido que passasse o livro para o computador, com o escâner. Nem assim ele teve coragem de ler além dos títulos dos capítulos.

Até que não deu mais para adiar a leitura. Teria de enfrentar o outro sentido daquele título, diretamente ligado ao significado da sua própria vida.

Como tinha imaginado, um turbilhão de emoções saltou daquelas páginas já um pouco amarelecidas. Confuso e exausto, adormeceu sob a fraca luz do abajur, com o livro tombado a seu lado.

Passava as férias da faculdade na casa do pai e da madrasta. Por isso, podia se dar ao luxo de acordar tarde, com a mesa do almoço já posta.

— Oi, pai. Terminei o *Erro de Pessoa*.

— E aí, gostou?

— Mamãe não está no livro...

PARTE I
DESENCONTROS

CAPÍTULO 1

TIPINHO ACANHADO

A vida é uma oportunidade de ousar.
Clemenceau

Lembro-me do primeiro dia de trabalho. Saí ao amanhecer, de camisa e gravata, para evitar multas, pois era obrigatório o uso de uniforme para os taxistas.

Uma ansiedade só. De repente, parei o carro. As portas se abriram. Estranhos se acomodaram e deram ordens. Minha privacidade invadida. Mudo, concentrei-me em dirigir, obedecendo à risca a rota indicada. A inibição me dominava. Sensação de estar sendo observado pela nuca, sem defesa, e de não poder corresponder à aparência de um homem maduro e responsável.

Olhei o relógio. Dezenove horas. O estômago roncou, e a bunda doeu, amassada por dez horas consecutivas. Senti os olhos ressequidos quando dupliquei o esforço para enxergar através do vidro molhado, de que o limpador não dava conta. A vontade de voltar para casa me dominou. Segurei firme o volante. Afundi o pé no acelerador, decidido a buscar um rumo. Constatei que me achava perdido num subúrbio do Rio, sendo jogado há horas de um canto para outro, como peteca na mão dos passageiros.

Durante um ano e meio fui motorista de táxi. Apesar do ofício neurotizante pelo barulho, pelos engarrafamentos e, sobretudo, pela intolerância dos motoristas, era gratificante o fato de estar exercendo, pela primeira vez, uma profissão basicamente masculina.

Depois de alguns meses, passei a conhecer as diversas posturas que os indivíduos assumem quando desejam tomar um táxi. Normalmente, equilibram-se na beiradinha da calçada, apoiam-se mais numa perna do que na outra, como se fossem dar um bote a qualquer momento. Outros sinalizam com o primeiro objeto à mão, seja um guarda-chuva, um embrulho ou até mesmo com a perna. Isso para não falar dos mais tímidos. Esses sinalizam tão discretamente que, com frequência, passam despercebidos pelo chofer.

A condição sexual e a econômica também servem de parâmetro para um critério de avaliação. Quando pobre, homem senta na frente, ao lado do

motorista, numa franca atitude de igualdade e camaradagem. Na época, mulher, só se fosse puta. A melhor gorjeta surge, paradoxalmente, do mais carente, como se demonstrasse, com isso, que realmente pode pagar mais que o necessário. Já o rico, talvez por não necessitar dessa autoafirmação, não faz tanta questão de impressionar.

A jovem bem-vestida, moderninha, em geral nos cumprimenta formalmente. Quando puxa conversa, é para se divertir com a suposta ignorância do motorista.

Os diálogos sempre surgem da mesma forma: “Puxa, que calor está fazendo hoje! Este trânsito não tem jeito mesmo! Você trabalha há muito tempo nisso? Tem um cigarrinho aí para me arrumar?”.

Interessante como o cigarro ocupava espaço nas conversas e na vida das pessoas.

Se vou com a cara do sujeito, incremento o papo. Se não, fico calado e ligo meu rádio.

Entretanto, a nossa classe também tem suas peculiaridades. Não há sinal de esquina em que se pare sem que um taxista cumprimente o outro ou pergunte como está a fêria do dia. Porém, na hora de disputar um passageiro na rua, somos capazes das maiores corridas e fechadas.

Há também as mutretas da profissão, visando ter mais lucro. Uma é rodar com o pneu dianteiro esquerdo mais baixo do que os outros, o que aumenta a marcação do relógio. É nesse pneu que estão ligados os cabos do taxímetro e do velocímetro. Outra é parar mais adiante do que o passageiro pediu, quando a quantia marcada está redonda, alegando não ser viável estacionar ali, para ganhar mais uns trocados.

Foi uma vivência muito enriquecedora. Estudante da faculdade de Psicologia, não poderia ter conseguido melhor estágio. Além de remunerado, ele me proporcionava o convívio com todo tipo de gente. Estava precisando de dinheiro, pois tinha saído de casa para morar com a minha namorada. Como um simples chofer de táxi, o grau de expectativa dos passageiros em relação a mim não ia além do papel que cabia à minha função, o que me deixava numa posição muito cômoda.

Papai foi muito legal quando me pagou a entrada do carro. Assumi as prestações com a fêria do táxi.

Adepto do bom humor e da delicadeza, conseguia enfrentar inúmeras situações estressantes. Com a cara de um garotão imberbe de 18 anos, embora tivesse 22, era muitas vezes intimado a dizer minha idade. Não adiantava muito engrossar a voz e manter um ar de homem sério. Acabava me traindo.

Esses pequenos desajustes se tornavam insignificantes diante de possíveis situações que me deixariam em pânico, como imaginar um passageiro desconfiando da minha real condição. Não saberia como reagir se isso acontecesse. O que precisava evitar a qualquer custo é que a confusão terminasse na delegacia. Minha documentação era legal, e, por isso mesmo, não tinha coragem de apresentá-la. Não acreditava que pudesse ser preso, pois não estava cometendo crime algum, mas o vexame por que passaria não tinha preço...

Uma das vezes em que mais me assustei foi em Copacabana, quando estava parado num sinal. Uma bicha passou voando na minha frente, fazendo mil trejeitos para pegar o táxi. Abriu a porta dianteira e sentou-se, cruzando as pernas. Imediatamente coloquei o cinto de segurança, que, na época, não era obrigatório. Mas, nessas ocasiões, servia como escudo, já que é comum elas meterem a mão no pau do motorista.

Esbaforida, foi logo avisando:

— Estou com pouco dinheiro, meu bem, mas não resisti, vendo essa graça sentada ao volante. Então disse para mim mesma: “Ai, que boneco divino!”. Seria um desperdício dispensar uma peça como você. Vi que seria o melhor emprego que eu poderia dar aos meus últimos tostões.

Mostrava-se ofegante da corrida, e eu, da situação que estava prestes a enfrentar, mas, sobretudo, representar. Ela morava perto da zona de prostituição da cidade, e, a seu pedido, para lá nos dirigimos. Durante o percurso, foi me cantando, segredando-me que em sua casa havia mais dinheiro para me pagar. Evidentemente, caso topasse comê-la.

Zonzo com aquela inusitada personagem, fiquei sem saber o que dizer. Repentinamente, senti sua mão na minha coxa. Alternava entre alisar e dar pequenos apertões. Esta aproximação deixou-me amedrontado e nauseado. Rapidamente, as palavras me vieram à boca:

— Espera aí! Vamos com calma! Pegou o cara errado. E, além do mais, sou casado!

— E daí? Casado, mas não tá morto! – respondeu, sem titubear, mandando-me deixar de ser moralista, insistindo em que experimentasse ao menos uma vez. Confessou que só gostava de ser comida por homens de verdade, com “H” maiúsculo e, de preferência, bem casadinhos.

A situação era extremamente incoerente e absurda, a ironia da total inversão!

Como a melhor defesa é o ataque, resolvi passar de inquirido a inquiridor. Fiz algumas perguntas sobre a sua vida pessoal, a fim de conhecer melhor aquele tipo de gente. A figura misturada de homem e mulher me fascinava. Não conseguia entender bem. Disparei então a pergunta que mais me interessava:

— Se você pudesse, gostaria de ser mulher?

— Nunca! Adoro ser veado! Não gosto de ser homem nem mulher, mas ve-a-do. Deu para entender?

Aquilo me intrigou ainda mais. Era, realmente, outro gênero!

No momento de saltar, ainda deu uma insistida. Mas, vendo que era inútil, despediu-se, gritando: “Lindo!”, e soltou um beijo no ar.

A redondeza não era das mais familiares, mas, ainda assim, procurei um bar onde pudesse molhar a garganta.

Era uma experiência nova. Quando, antes, poderia estar ali, transitando livremente por aqueles lugares pouco recomendáveis, cheios de marginais, sem sequer ser notado? Tinha vontade de conhecer um prostíbulo por dentro, o que aquelas mulheres diziam, ver como tratavam um freguês. Mas nunca ousei sequer passar perto – e não por questão de escrúpulo.

Poucas vezes elas tomam um táxi. Tive oportunidade, porém, de conduzir uma:

— Meu filho, vamos para o cabaré Os Boêmios – só então reparou em mim. — Ei! Você é muito jovem! Já tem 18 ou é menor?

Vestia-se espalhafatosamente. Tratava-me com desenvoltura, como se me conhecesse há 20 anos. Diante de seus modos provocadores, senti-me um menininho inexperiente e acuado.

Aproveitou:

— O que é, perdeu a língua? Não mordo não, viu? Olha, vamos fazer uma coisa para se sentir melhor. Para o carro – ordenou, decidida.

Fiquei estático. “E agora, o que é que esta mulher vai fazer comigo? Não, não vai poder me tocar. Tenho de dar um jeito. Será que conhece algum lugar por aqui e quer me carregar à força para dormir com ela?” Enquanto os pensamentos se atropelavam, automaticamente, freei o carro. “Mas que idiotice! Não devia ter parado.”

Saltou, abriu a porta da frente e tornou a entrar, sentando-se, agora, ao meu lado.

— Toca para frente. Desse jeito estamos mais pertinho um do outro. Vamos nos entender melhor. Sabe que você é bem bonitão? Tá com uma carinha tão assustada que parece que nunca viu mulher! Não me diga que ainda tem cabacinho... – gozou-me, fazendo biquinho.

Cada vez mais desconcertado, pensei em parar o carro e pedir que saltasse. Mas podia dar um rolo danado. Ela podia se revoltar, sem atender ao meu pedido, e provocar um verdadeiro escândalo. Não! Era preferível submeter-me àquela humilhação e levar a conversa com naturalidade. Quanto mais retraído, mais iria me acoisar. Resolvi, então, dizer qualquer coisa, no mesmo tom brincalhão, como se estivesse à vontade:

— Você não brinca em serviço, hein? Até que é simpática! – dei um sorriso meio forçado, sem saber mais o que dizer. Senti que as duas frases tinham ficado soltas no ar. Deu um branco, e não consegui pensar em mais nada. A única saída era acelerar e chegar o mais rápido que pudesse, antes que ela me comesse vivo. Apenas conseguia sentir uma profunda sensação de ridículo, por estar com tanto medo de uma mulher igual a qualquer outra. Afinal, era bastante inteligente para me safar, e ela não poderia, na realidade, me forçar a nada. Tentei me controlar.

Continuava completamente à vontade, com um braço apoiado na janela e o outro abraçando o encosto do meu banco. Olhava-me meio de banda, estudando-me de cima a baixo. Meu constrangimento era total.

Fui pego tão desprevenido que, dessa vez, não tive tempo nem de colocar meu protetor sexual. Agora não dava mais tempo. Ficaria muito ostensivo. Estava à mercê de uma investida repentina, sem ter como me defender. Se continuasse a me analisar tão minuciosamente, acabaria por descobrir. Era imprescindível fazer algo.

— Escuta, mora aqui por perto? – perguntei.

— Por quê? Tá querendo me procurar?

“Mas que pergunta mais idiota a minha!” – pensei. Agora não tinha jeito,

o negócio era seguir em frente.

— Quem sabe... Hoje não vou poder, porque não ganhei quase nada. Se não chego em casa com o leite das crianças, a patroa me mata. Sabe como é...

Deu um risinho:

— Hummm... Agora tô gostando... Escondendo o jogo, hein? Fazendo tipinho acanhado... Conheço bem. São os melhores de cama...

Minha técnica tinha dado certo. Parecia estar mais satisfeita, e outros assuntos vieram à tona. Xingamos juntos o trânsito, os policiais e o custo de vida.

CAPÍTULO 2

CASA DA INFÂNCIA

A casa representa para os indivíduos seus valores sentimentais, suas lembranças e recordações. Essa é o canto do mundo em que nos encontramos... Sem ela, seríamos seres isolados.

Gaston Bachelard

A casa da minha infância tinha dois andares e um quintal à sua volta. Era cheia de cantos de solidão, de mistério. Nem sempre se entendiam as conversas dos adultos. Uma tia de quem pouco se fala, a morte misteriosa de um conhecido, a conversa interrompida quando as crianças se aproximam, a ordem inevitável de ir imediatamente para a cama... Passei muito tempo achando que trompa de falópio era “peru”, por causa de um livro ilustrado que a mamãe tentava esconder numa prateleira alta da estante.

A velha máquina de costura, comprada durante a Segunda Guerra, era uma mesa de escritório fabulosa! As gavetas, duas de cada lado, deslizavam que era uma beleza! Era um tal de procurar fichas naqueles arquivinhos que não tinha mais fim! A gaveta de talheres da sala de jantar era retirada da sua habitual morada, indo para dentro de um caixote. Transformava-se, subitamente, numa eficiente máquina registradora, e nas suas diversas divisões o dinheiro do banco imobiliário era devidamente arrumado. As roupas do armário vinham todas para fora. Ficavam penduradas à venda na grade da janela, num grande magazine colorido!

Havia uma magia recobrando os objetos, a qual era responsável pelos verdadeiros valores da intimidade. Uma linguagem aparentemente incompreensível: a poltrona se tornava séria como a cara do papai. O lustre era horroroso, mas sem ele a sala não seria aquela, tão familiar. A toalha branca, posta só aos domingos na mesa de jantar, mudava tudo ao redor, assim como as colchas especiais, que só apareciam para anunciar um dia festivo. Que sabor diferente tinha a escadinha que subia para o sótão da que descia para o porão ou da que levava para o meu quarto! E são essas pequenas lembranças, incorporadas de tal forma, que fazem parte de mim até hoje. Minha casa foi

uma grande mãe que me protegia. Em cada burquinho, criava uma história infantil.

Éramos quatro, sendo eu o terceiro e único filho. Papai, como comandante de avião, usava a farda mais linda e imponente que já vi. Como eterno viajante, era também um eterno visitante – de quem tínhamos sempre saudades – e, conseqüentemente, desobrigado do chato cotidiano. Este cabia à mamãe, defensora árdua do direito de a mulher trabalhar fora. Resolvia tudo na falta do velho, desde as ordens para a empregada até a solução dos trâmites bancários. Procurava se atualizar, fazendo cursos livres, fosse de arte, fosse de linguística. Dedicava-se ao magistério infantil com esmero, empregando os métodos didático-pedagógicos mais modernos. Alfabetizou-nos antes mesmo de irmos para o colégio. Sempre atenta aos deveres, era mulher seca, econômica e coerente nos seus métodos educacionais. Com base nessa lógica, podíamos prever, exatamente, como iria reagir. Quando negava determinada coisa, sabíamos que a negaria sempre. Nada variava conforme o seu humor. Essa coerência nos dava segurança. Já papai era mais camarada, brincalhão e imprevisível.

Sempre adorei dirigir. Aos seis anos, pedi um jipe ao Papai Noel. Uma semana antes do Natal, brincando na garagem da casa, dei de cara com um carrinho igualzinho ao que havia pedido. Fiquei alucinado! Saí correndo para contar à mamãe que havia chegado antecipadamente o meu presente! Engasgada, negou que fosse o meu. Deveria ser da criança que havia morado antes na casa. Desconfiado, fiz uma marquinha na traseira do jipe e no dia de Natal fui conferir. Lá estava ela! Depois desse fato, passei a duvidar de Papai Noel, o que, aliás, meu pai achou ótimo. Costumava dizer que trabalhava, comprava os brinquedos, e quem levava a fama era esse velho de barbas brancas.

O jipinho era movido a pedais, e fazia questão de manobrá-lo exatamente como um carro normal. Levava um tempão para estacionar. E foi nessa que quebrei o aro do volante. Ficou só uma barra de sustentação, e não podia mais virar o corpo nas curvas. Lavava-o todos os dias, usando um pedaço de estopa com querosene, como papai fazia com o dele. Rodei até os 13 anos, quando as pernas não cabiam mais dentro do jipinho e tinha de colocá-las sobre o capô, com alguém empurrando.

Meu segundo veículo foi um navio. Ficava ancorado na parte de baixo da casa. Era um banheirinho pequeno e velho, com uma privada. Suas paredes eram cobertas de azulejos amarelados e rachados. Nessa época, eu tinha muita prisão de ventre. Para não me angustiar com a demora no banheiro, arranjei um jeito de ficar lá bastante tempo sem me entediar. Sentava no vaso, ou melhor, no banco da cabine do capitão, e tocava em determinados azulejos, sempre na mesma ordem. Depois, esticava o pé e batia em alguns no chão. Segurava então o pino que trancava a janela, torcia-o duas vezes para a direita, tornava a largar, esticava a mão para cima, puxando o apito do navio, que era a válvula, e pronto: começava a se locomover. Então, o cocô vinha que era uma beleza!

Dirigi também um “ciclotáxi”. Batizei-o assim porque era feito com a

bicicleta – quando não a virava de cabeça para baixo e fazia pipoca, rodando os pedais com as mãos. Como o quintal dava a volta ao redor da casa, dividi-o em quatro bairros distintos. Conforme o número de voltas que desse, o mesmo lugar virava um novo bairro. Dessa forma, a pequena área onde brincava transformava-se numa enorme cidade. No bolso direito dos *shorts*, carregava o dinheiro do passageiro e, no esquerdo, levava o do troco. O dinheiro era de folhinhas de ficus, árvores que ladeavam o muro.

Outra pilotada era na Vemaguet do papai, uma caminhonete 1959. Virava avião, ônibus ou navio, conforme a vontade. Eu e Vânia, minha irmã caçula, abaixávamos primeiro os bancos traseiros. Ela se sentava de costas para a janela lateral do banco detrás, virando o trocador, enquanto eu, na frente, como motorista, mexia em todos os comandos.

Quando saturava dos brinquedos velhos, ficava imaginando o que poderia inventar. Foi numa dessas que acabei descobrindo os tacos da sala e a rede da varanda.

O assoalho da sala era de parquê paulista, em tons claro e escuro. Bastavam algumas fichas e regras, um dado, e estávamos diante do maior tabuleiro que já tínhamos tido. Como o desenho dos tacos era junto às paredes, éramos obrigados a afastar alguns móveis. Essa brincadeira só era possível quando mamãe não estava em casa.

Tínhamos duas redes. Uma era posta somente nos dias quentes, no quarto dos velhos, para papai dormir no verão. A outra ficava na varanda do andar de baixo. Vânia, ou Van, como a chamava, era a minha melhor companheira nas traquinagens, fosse roubando fruta no quintal do vizinho, fosse dando-me guarida nas bronzas da mamãe ou gastando todo o sabão em pó da casa para brincarmos de “homem das neves”. Na rede, fazíamos os números circenses, exibindo-nos para uma plateia fictícia. O quadro final e mais perigoso era o “salto da morte”. Ficava de pé na rede aberta e em movimento. A sonoplastia de um tambor dava o tom de clímax e suspense.

Minha especialidade nas apresentações era o equilibrismo da vassoura. Conseguia mantê-la alguns minutos no queixo ou na palma da mão, passando-a depois por todos os dedos.

O quarto da empregada era outra casa. Situava-se em cima da garagem, independente, com uma escada de concreto. No seu vão inferior havia uma espécie de armário, sempre escuro, úmido e pavoroso. Imaginava-o cheio de baratas e outros bichos e nunca ousei botar a mão no fundo, que coincidia com o início da escada. Associava-o aos lugares mais horripilantes dos contos de fadas.

Mas a entradinha perto da porta era clara e não assustava. Nela colocávamos uma cesta de vime, com os gatinhos que abandonavam no pátio do colégio ao lado. Só conseguíamos mantê-los ali com a desculpa de que não conseguíamos dormir com a miadaria que faziam. E prometíamos à mamãe só dar leite até ficarem crescidos. Acabamos criando quase duas dúzias de gatos. Era um corre-corre para arranjar conta-gotas, paninhos para enxugá-los, algodão para limpar as orelhinhas...

Felinos me atraem até hoje. Identifico-me com o jeito arisco, a

independência, a maciez e a agilidade.

Apesar da minha vivacidade, do casarão, das três irmãs movimentando o ambiente, fui uma criança só e triste. Na pracinha, perto de casa, onde costumava brincar, era ridicularizado. No colégio, não tinha grupinhos e, em casa, não era compreendido. O que realmente gostava nunca podia ser claramente expresso. Numa espécie de revolta, cansado de dissimular, andava sujo, com roupas largas e despencadas. Quando podia, não penteava os cabelos nem escovava os dentes. Era um ser sem vaidade. Só me sentia bem quando de *shorts* e sem camisa. Não compreendia bem o fato de ser obrigado, nas refeições, a colocar a camisa para sentar à mesa, enquanto papai estava livre para fazer tal opção. “Será porque era o dono da casa?” Preferi pensar assim. Meu sentimento em relação a papai era ambivalente. Eu o adorava, mas, ao mesmo tempo, ficava decepcionado porque não me incentivava a imitá-lo em nada. No dia em que lhe contei que gostaria de ser piloto, ele respondeu:

— Aeromoça é uma péssima profissão.

Não conseguia entender por que me tratavam como se fosse uma menina! Faziam questão de me ver como nunca fui. Sabiam que não gostava disso! Por que insistiam em me entristecer, em me ridicularizar? Algo estava errado. Restava saber se com eles ou comigo. Tornei-me um ser acuado.

Geralmente, crianças adoram ganhar roupas novas nos dias de festa. Entrava em pânico quando mamãe nos carregava para a costureira. Relutava. A única coisa que conseguia reivindicar era que, pelo menos, o vestido tivesse gravata e bolsos. Mamãe não entendia ou fingia não entender.

— Mas, minha filha... — e eu consertava mentalmente para “meu filho” —, é tão bonitinho esse modelinho! Toda vez a mesma coisa. Você acaba me aborrecendo. Que mania de gravata!

Ficava doido para que dissesse que não iria mais me levar à costureira, mas ela parecia saber que isso não seria um castigo para mim.

— Mamãe, faz só *shorts* e um pijama. Não gosto de vestido!

Não adiantava. Estava decidido, e o pano, já comprado. Não queria nem me olhar no espelho. Só o usava quando forçado, depois de brigas e discussões.

Pressentia que o errado deveria ser eu, e não eles, mas que confusão! O pior é que quanto mais crescia, mais exigências iam sendo feitas, aumentando as dificuldades. Sabia não possuir um pinto tão grande como o dos outros meninos da minha idade. Mas alimentava a esperança de que ainda crescesse. Deitava na cama e ficava puxando o meu “pinto”, para ver se aumentava. Ao acordar, a desilusão! Tudo continuava na mesma. Nenhuma fada apareceu. Nenhum milagre aconteceu.

Aos poucos, fui sentindo vergonha do meu corpo. Não ficava nu diante de ninguém. Era como se tivesse um defeito físico, um aleijão. Não trocava mais de roupa na frente das meninas e me envergonhava quando o inverso ocorria.

Muito pequeno, tomava banho com Van. Ensaboávamos o chão do banheiro e ficávamos deslizando de barriga para baixo, de um lado para o outro. Depois, por exigência minha, passamos a fazê-lo de calcinha, embora o atrito do pano no piso dificultasse a brincadeira. Havia certo cuidado para que a peça molhada não grudasse no meu corpo, não o delineasse nem mostrasse a

lisura frontal. Era como se quisesse dizer a todas as pessoas que o meu físico não era aquele, ou melhor, fazê-las entender que meu corpo mentia contra mim.

Pouco a pouco, essa realidade se agigantou dentro e fora de mim. Ainda não tinha condições de expressar isso diretamente. Foi então que descobri a grande solução.

CAPÍTULO 3

ZÉ E ZECA

*Há somente absurdos relativos e apenas por referência
a racionais absolutos.*

J. P. Sartre

Todos me viam como uma menina. Para mim, era um menino.

Havia um abismo entre como me viam e como me sentia. Adorava brincadeiras consideradas de menino. Era reprovado. Gostava de me vestir como os garotos, tentando rivalizar e competir com eles. Era ignorado. Tremia e me apaixonava pelas meninas, mas era impedido de me declarar. Meus sonhos eram ser um super-herói, mais tarde casar com uma princesa e ser pai. Era incompreendido. Passei então a esconder meus sentimentos e minhas aspirações. Fazia ginástica para me tornar forte. Arranjei uma namorada sem que ninguém, nem mesmo ela, tomasse conhecimento. Mas o que acontecia? Será que o mundo estava de cabeça para baixo?

Jogava bola de gude na pracinha com os outros meninos, mas isso também não era bem-visto. Uma vez quis brigar quando me roubaram as bolas que havia ganhado no jogo, mas nem me levaram a sério. Recusavam-se a qualquer disputa corpo a corpo comigo, e sabia que não era por questão de valentia.

Certa vez saí só com mamãe. Tivemos de atravessar a pracinha. Alguém gritou: “Maria-homem! Maria-homem!”. Quis morrer naquela hora. Fiquei lívido. Fingi que não era comigo. Tentei puxar qualquer conversa para ela não escutar. A voz não saía. Um misto de vergonha e tristeza me invadiu por fazer mamãe assistir àquele vexame. O bolo na garganta cresceu. Tentei segurar as lágrimas, que teimavam em sair. Abaixei a cabeça.

Não voltei mais à pracinha. Evitava a todo custo ter de passar por lá. Mas bastava um garoto me ver nas redondezas, que novamente começava a ribombar nos meus ouvidos: “Maria-homem! Maria-homem!”.

As brincadeiras foram então se limitando ao quintal da minha casa. Ali, estava mais resguardado e protegido, mas ainda não estava seguro.

“Tome jeito, menina, parece um homem!” “Isto não é maneira de se

comportar!” “Uma mocinha não faz isso, não senta assim, não fala assado, não come assim, não olha assado!” Não! Não! Não!

Os diálogos descabidos sucediam-se:

— O que você vai querer no Natal?

— Uma roupa de mocinho, toda cheia de franjas e duas cartucheiras! – respondia imediatamente, sonhando ser o Roy Rogers, galã do faroeste no cinema.

— Não, senhora! Escolha outra coisa – dizia mamãe, sem saber o que isso significava para mim. Não sei se me incomodava mais o “senhora” ou não ganhar a fantasia.

O pior é que, na data natalina, estava no meu sapato uma camisola ou um vestidinho novo para estrear. Era feito com o maior carinho por mamãe. Era seu jeito de demonstrar amor por nós, o que me provocava conflitos terríveis, pois me via obrigado a entendê-la e, para não magoá-la, usar algo que detestava.

O mesmo dilema se repetia nos meus aniversários. Ganhei poucos presentes de que gostasse. Quando não eram meus pais me dando fazendas de florzinha, bijuterias ou perfumes, era o resto da família que se incumbia dessa tarefa. Felizmente, mamãe nunca foi de nos embonecar muito, embora o mínimo para mim já fosse um inferno.

Ao completar oito anos, recebi uma boneca da tia de que mais gostava.

— É para você ninar e cuidar dela, como uma verdadeira mãezinha.

A festa acabou ali.

Na hora de apagar as velinhas, como em muitos outros de meus aniversários, concentrei-me no mesmo pedido: “Quero ser um menino como os outros”.

Devido a esta absurda defasagem entre a minha autoimagem e a que faziam de mim, descobri, quase instintivamente, que na fantasia estaria a gratificação de ser reconhecido.

Considero essa solução a balsa salva-vidas com a qual qual consegui sobreviver a tantos desencontros. Delineada pelas minhas necessidades vitais, moldei-a de uma forma que podia adaptá-la à realidade.

Surgiu o “Zé e Zeca”. Para Van, era apenas mais uma brincadeira. Nós éramos dois homens viúvos – para explicar a ausência de esposas – e com muitos filhos, que eram as bonecas.

Morávamos no quintal da casa dos patrões, onde construímos um barraco com a rede aberta em cima da escada e um monte de jornal pendurado com pregador de roupa como paredes. Quando chovia, pegávamos todos os guarda-chuvas da casa e abríamos em cima do nosso barraco. Tinha três peças: o quarto das crianças, o vão interno da escada, que era a sala, o outro cômodo, que era a cozinha, onde fazíamos comidinha. Varrer o quintal era um trabalho, pago com folhinha de ficus. Ir à escola era trabalhar no escritório. Engraxar os sapatos da família inteira, nos fins de semana, chegava a ser prazeroso. Todas as dificuldades se justificavam porque “vida de pobre é assim mesmo”, e tínhamos de agradecer os “patrões”.

Minha vida mudou. As atividades de antes tinham agora um novo sentido.

Não só ganhou finalidade como consegui ser tratado no masculino, pelo menos pelo Zé. Eu era o Zeca. Combinamos que seria um segredo só nosso, evitando assim a intromissão de outros. A única concessão era quando nossa prima ia dormir lá em casa. Virava o Zico.

Eu permanecia quase o dia inteiro nessa fantasia, enquanto minha irmã só nas horas de folga. Tentava convencê-la de que a brincadeira era mais importante do que a realidade, muito chata. Nunca consegui, porém, que se envolvesse tanto quanto eu.

As tarefas na fantasia eram as mais variadas. Ao justificar a “necessidade” de varrer o quintal, por exemplo, porque a “patroa” pediu, não discutíamos se a tarefa era masculina ou feminina, boa ou ruim. Tratava-se de uma relação de trabalho. A graça era também nos sentirmos úteis, produzindo, pois, como crianças, não tínhamos nenhuma importância social.

A escola era nossa única obrigação. O resto do tempo era para brincar. De vez em quando, ajudávamos em alguma tarefa da casa, porque gostávamos de desfazer o mito de que, em geral, criança quebra a louça, não sabe fazer nada direito, termina atrasando ou dando prejuízo no serviço do adulto.

Meu modelo mais fiel para assumir a personalidade do Zeca e saber como agir em determinadas circunstâncias era o seu Sebastião. Homem humilde, pintor de paredes, morava na parte coberta da garagem. Tornou-se um agregado da família, fazendo pequenos serviços para retribuir a moradia gratuita: consertava o ferro elétrico, pintava a casa ou lavava o carro. Exatamente como Zé e Zeca.

Fascinava-me sua engenhosidade simples e criativa. Observava-o no seu pequeno e organizado alojamento. Construiu prateleiras, onde guardava pequenos objetos: o copo com a escova e a pasta, a saboneteira – encaixada ao lado –, um pacote de biscoitos, que me impressionava porque nunca acabava – tinha comedimento para guloseimas, coisa que eu não entendia. A cama era coberta por uma colcha velha, toda remendada por ele. As duas calças e camisas, uma de trabalho e outra de passeio, ficavam penduradas numa carcaça de madeira. Construiu uma caixa de Eucatex para colocar um chassi de rádio com botões de sua invenção. Os sapatos tinham sido do papai e ficavam embaixo da cama. Atrás da porta, um vidro cheio de pincéis de todos os tamanhos. Na parede, um quadro de São Sebastião, a quem devia o seu nome. Comemorava seu aniversário no mesmo dia do santo. Descobri mais tarde, numa de detetive, que a data em que fazia anos era outra nos seus documentos.

A família tinha ficado na terra natal. Enviava um dinheirinho quando podia. Seu bom humor era constante. Quando chegava, ligava o rádio. Ficava na garagem, sem perturbar ninguém. A única coisa que me enchia o saco era me tratar por “senhorita”. Embora pudesse compreender que era assim que manifestava seu respeito, sentia-me tremendamente incomodado.

Numa terça-feira chuvosa, em que não tinha nada para fazer, tentei encarnar a figura de seu Sebastião. Aproveitei sua ausência, entrei em sua “casa” e repeti ritualmente o que ele costumava fazer. Deitei-me em sua cama, liguei o rádio e fiquei olhando um tempão para o teto. Achei cansativo.

Ensaboei o rosto (ele não usava creme de barba) e raspei-o com o aparelho que estava em cima da pia. Em seguida, lavei-o e penteei o cabelo. Segurei o pente com as duas mãos, do mesmo jeito que ele. Mas não adiantava... Eu não conseguia sentir, fazendo, o mesmo que sentia vendo-o fazer.

Mais tarde, descobri um nome para essa sensação: “gostoso”. Era um jeitinho gostoso de executar certas coisas. Era o acolhimento de estar escondidinho dentro do nosso barraco em dia de chuva, ou de puxar o dinheiro de dentro da nossa caixa registradora. Era ver a habilidade da empregada ao manejar a vassoura no ar, mudando habilmente, o lado da varrida, conseguindo puxar a sujeira dos menores cantinhos. “Gostoso” era o arrumadinho do seu Sebastião, o encaixe perfeito de certas tampas fechando cofres ou caixinhas miúdas.

CAPÍTULO 4

AMORESCÊNCIA

*Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs,
porque desfaleço de amor.*
Cantares de Salomão

Aos sete anos, me apaixonei. Foi por uma coleguinha de turma, com cara de índia. Tímida e com um jeitinho que me desajeitava todo.

Minha paixão se resumia em olhá-la. Absorver o frenesi da proximidade, fosse na fila da entrada, fosse na carteira da sala. Descobrir do que gostava para agradá-la. Ser sobrinha de uma das professoras do colégio a tornava mais importante. Nessa época, a escola ainda não era meu escritório, mas, por causa do súbito amor, passou a ter um novo brilho.

Carlos Alberto sentava-se à minha frente, na primeira fila. Todo empertigadinho, com um topete que fazia uma curva dura de Gumex, causava-me a maior inveja. Além de ter um estojo de madeira gigante, onde cabia tudo, inclusive duas borrachas e uma lapiseira, a mala que carregava era um portento, com saiotinha de plástico e tudo! Sua mãe a fez para que ele pudesse colocar a mala no chão sem a arranhar. Um luxo! Esse menino era o protótipo do que eu admirava e queria ser.

Na tentativa de imitá-lo, ele virou uma espécie de ídolo para mim. Passei a usar, igualmente, goma no cabelo e a fazer um topete duro. Minha letra foi arredondando, aumentando, e o ritual que a organização exigia foi igualmente absorvido. Como foi adquirido superficialmente, não mantive a devida frequência e continuidade. No meio do caderno, já não coleí mais decalque (hoje adesivo) em nenhuma página, nem fiz mais a ponta do lápis requerida para uma boa apresentação.

Dona Arthalides era nossa velha professora. Boa e dedicada, poderia ter se aposentado havia alguns anos. Mas continuava firme em sua missão, por verdadeira vocação. Não tinha um seio por causa de um câncer. Em substituição, usava uma espuma num lenço, pois na época não existia silicone nem próteses sofisticadas. Eu perdia metade do que ela dizia em sala, observando se os dois seios se mantinham simétricos. Um dia, ficou bem nítida

a diferença. Sem que ela percebesse, o peito postigo escorregou e ficou perto da cintura. Senti uma pena mesclada com a curiosidade de ver de perto aquele sobressalente.

Dona Arthalides foi minha mestra durante todo o primeiro grau. Gostava de mim, embora fosse um aluno medíocre. Por mais que me esforçasse, não conseguia obter uma medalha de honra ao mérito. O que me deslumbrava na condecoração é que transformava o simples uniforme colegial numa farda militar. Só mais tarde, com o golpe militar, compreendi exatamente o que isso poderia representar. Mas naquele momento era ter uma farda bonita como a do papai.

No Dia das Crianças, finalmente, ganhei a primeira e única medalha do meu período estudantil. Não foi por um meio muito lícito. Houve uma gincana, e resolvi participar da corrida de saco. Consegui pegar um que estava furado. Corri mais que pulei, vencendo a disputa. Até o fim do curso, ostentei a medalha no peito. Mas duas coisas me incomodavam: o fato de ser de bronze e não de ouro, o que a desmerecia; outra, que nela havia gravada a imagem de um saco – bastava as pessoas se aproximarem um pouco mais para descobrir a real procedência. Que desmoralização!

Embora esse dia tenha me dado muita alegria, foi também nele que me aborreci pela primeira vez com dona Arthalides. Para nos presentear, levou dois tipos de lembranças para os alunos: pulseirinha para as meninas e saquinho de bolas de gude para os meninos. Na minha vez, levantei-me e fui até a mesa. Passei rapidamente a mão nas bolinhas, mas fui agarrado pelo punho e advertido.

— Não, Joana, o seu é o daquele montinho ali.

Desta vez, me enchi de coragem e protestei baixinho:

— Quero esse aqui.

A turma inteira deve ter ouvido a minha reivindicação. Senti todos os olhares convergirem para mim. Sabia, perfeitamente, o que aquilo representava. Ela continuou:

— O número está certo. Nenhum menino vai querer usar pulseirinha. Portanto, se lhe der as bolas, alguém vai ficar sem presente.

Estava triste e com raiva, dela e de mim. Apanhei o embrulho da pulseira, encerrando o mais depressa possível aquele fatídico episódio. Quem gostou foi Van, que adorou o presente e não tirou mais a pulseira do braço.

A indiazinha jamais percebeu o que provocava em mim. Nessa primeira experiência com o amor, não correspondido, senti claramente o peso da frustrante realidade. Vislumbrei que essa sensação linda e gostosa era proibida. Não poderia ser partilhada com ninguém.

Para todo guri, o beijo na boca era considerado o ponto culminante da intimidade sexual. Essa proeza foi consumada nas brincadeiras de bandido e mocinho com meus primos. Éramos dois casais, sendo que meu primo ficava com Van. Suzana, irmã dele, fazia par comigo. Ao chegar a hora romântica do jogo, apertávamos as bocas, pondo os lábios para dentro, e nos beijávamos. Um beijo muito reprimido, mas extremamente excitante. Por mais que tentasse fazer com que Suzana relaxasse à compressão, meu esforço era em

vão.

Minha prima nunca me atraiu. Mas era a única mulher disponível e com quem tinha alguma intimidade para poder tocar fisicamente. Fomos programados pelas nossas mães para nascermos na mesma data, mas acabou me antecedendo em 20 dias. Saiu com um temperamento antagônico ao meu. Muito feminina, gordinha, pacata e submissa às vaidades da mãe. Essa programação sempre foi um inferno! Achavam que eu tinha de usar o que ela usava. Imagine Suzana, cheia de laçarotes e diademas! Isso, só gostava de ver nela! Essa permanente comparação entre nós contribuiu para nos afastar. Só na adolescência é que nos tornamos amigos, porque fui morar, temporariamente, em sua casa.

Mamãe conseguiu uma licença e foi viver seis meses no Uruguai para ficar com papai, quando ele precisou se exilar naquele país, em 1964. Dividiu os filhos pela casa dos parentes. Fiquei na de sua irmã Estela, mãe de Suzana. Era um casarão velho, com um pé-direito alto e quatro quartos. Coube-me o da sua sogra, já falecida, e que mantinha a mesma mobília antiga, a decoração sóbria e um santuário no canto. Todos os aposentos tinham uma porta que dava para a sala, e no meu havia uma extra, que interligava meu quarto com o de Suzana. Tia também comprara umas tábuas que estavam apoiadas na parede, perto do janelão sem grades, que dava para a rua. Eram para construir uma estante no local dessa porta. Nessa época, eu e Suzana tínhamos 15 anos e estudávamos no mesmo colégio, na Tijuca.

O dia clareava quando ouvi um barulho e acordei. Constatei que a janela estava apenas encostada: as gavetas da cômoda, remexidas; a porta que dava para a sala, aberta. Senti um frio na espinha na certeza de ter algum ladrão na casa. Fiquei pensando que não podia ficar ali parado enquanto o ladrão ia levar tudo. Como num filme de super-herói, enchi o peito de ar, empurrei as cobertas e me levantei. Caminhava como se pisasse em ovos para não fazer barulho. Ao chegar à porta que dava para a sala, verifiquei que não havia ninguém, mas a porta que dava para a rua estava aberta. Sem saber onde estava o ladrão, resolvi chamar Suzana para me ajudar. Entrei devagar no seu quarto e a chamei, sussurrando. Relatei o acontecido, jurando que não era brincadeira. Não titubeou e seguiu-me. Atravessamos a sala em direção ao quarto dos meus tios. Abrindo a porta na penumbra, tive, por segundos, a impressão de que havia um vulto na penteadeira do outro lado. Não duvidei. Apertei o interruptor. Tudo clareou. Era ele! Solto um gemido de susto e pulou do banquinho. Tia Estela sentou na cama e solto um grito medonho: “Ladrão!”. Amedrontado, ele tentou fugir pela única saída do quarto, onde estávamos. Numa reação impensada, sem nem supor que pudesse estar armado, abri os braços no portal para evitar sua saída. Levei um soco no braço e quase fui ao chão. Suzana saiu correndo atrás dele, que corria para o meu quarto, por onde entrou. Ela ainda conseguiu segurar-lhe a camisa, mas ele, ao puxar as duas abas da janela com força, derrubou as tábuas que ali estavam apoiadas, que caíram em cima da minha prima. O ladrão escapou com um pulo. Ela ficou com alguns hematomas. Tia Estela apareceu com uma vassoura na mão. Titio não chegou a entender o que tinha acontecido, e meu primo continuava dormindo em seu

quarto. O resultado foi que deixou um cocô no jardim e levou apenas o meu relógio – único presente que ganhei dos velhos por mérito estudantil. E no plano espiritual, levou a minha paz para dormir. Não tinha mais coragem para ficar só naquele quarto. Quando a noite vinha, o meu sono ia embora. Ficava vendo TV até o último filme e depois verificava todas as trancas da casa. Só então me deitava na cama dos meus tios, infantilmente entre os dois, e apagava exausto.

Minha segunda musa foi uma lourinha, filha de um amigo de meus pais. Às vezes, ela e a irmã avisavam que iam passar o dia seguinte lá em casa. Ficava tão excitado com a perspectiva do encontro que não conseguia dormir direito, esperando o amanhecer. Quando chegava, de rabo de cavalo, loura e sardenta, tudo mudava de cor. Deixava de ser um cara chato e dominador e ficava manso como um coelho para topar qualquer brincadeira. Até mesmo a de passar o anel entre as mãos – para mim, muito boba, mas que agora era o primeiro a sugerir. Dava-me enorme prazer, pois era a oportunidade de colocar minhas mãos dentro das dela e soltar o anel, como numa fecundação.

Minha terceira paixão foi aos 15 anos, também por uma colega de sala. Achava-a linda, mas metida. E morria de ciúmes por ela estar apaixonada por um garotinho do Colégio Militar. Moravam perto um do outro e pegavam o mesmo ônibus para voltar para casa.

Consegui que ela me convidasse para ir a sua casa e conheci seu quarto. Sentei em sua cama, enquanto ela tocava no violão canções em italiano. Foi aí que fiquei fã de Peppino di Capri e Rita Pavone. Tudo o que obtive nessa relação foi começar um diário... que queimei ao descobrir que mamãe o havia lido.

Meu quarto amor foi Lúcia, amiga de Suzana, que resolveu levá-la para me conhecer. Eu fazia a sesta. Apaixonou-se por mim dormindo. Ao acordar e ver aquela morena de vestido vermelho, três anos mais velha, com aqueles maravilhosos olhos amendoados, uma boca carnuda e com uma pintinha do lado, fiquei literalmente encantado. Foram muitas conversas. Contou-me sua história de vida complicada, criada por uma velha judia que chamava de mãe e um pai gaúcho, que jamais via.

Uma noite em que Van não estava, convidei-a para dormir lá em casa. Sem resistir, fui até sua cama e timidamente enfiei minha mão por debaixo do lençol e toquei seu seio. Ela estremeceu. Eu também. Retirei-a rapidamente e pulei na minha cama de volta. Nenhum dos dois conseguiu dormir naquela noite mágica.

Não passamos de alguns beijos furtivos até Lúcia desaparecer. Quase enlouqueci à sua procura. Suzana também não tinha qualquer pista. Um dia recebi um telefonema dela. Estava morando com a mãe doente num quarto alugado numa casa de cômodos. Fui visitá-la. Não encontrei mais a graça de princesa. Mais magra, com olheiras, sem a alegria espontânea da juventude. Tornou-se uma mulher sofrida antes do tempo, mas determinada. Novamente Lúcia desapareceu. Muitos anos depois, recebi um cartão de Natal. Ela estava com pouco mais de 30 anos, casada com um sargento e com três filhos, morando em Roraima. Veio ao Rio, me apresentou a família e disse que estava de mudança para Brasília. E, pela terceira vez, desapareceu. Só voltei a

descobri-la 30 anos depois, pela internet, quando já era avó de quatro netos.

Fui crescendo sem saber exatamente o que havia comigo e como tudo acabaria. Mas era patente que, toda vez que eu aparecia, uma confusão se formava.

Com exceção de Lúcia, todas as minhas paixões até o fim da adolescência foram unilaterais. Jamais expressas verbalmente. Rejeitado e incompreendido, a sensação de amar sozinho foi se acumulando, até explodir aos 19 anos.

CAPÍTULO 5

CORPO TRANS-TORNADO

É na angústia que se anuncia o estado do qual se deseja sair, e é a angústia que proclama não bastar o desejo para que daí se saia.

S. Kierkegaard

Transformei-me literalmente num marginal, pois vivia à parte, à margem. Não pertencia nem ao grupo majoritário heterossexual e aceito, nem a qualquer grupo minoritário e discriminado. Não me sentia mulher nem homossexual. Ainda desconhecia todas as categorias “inventadas” em meados do século XX. Sabia que não era aprovado pela maioria. Em que grupo existente me enquadrava?

Algo errado havia. Se fosse uma doença, onde e como? Não inspirava pena ou compaixão. E como explicar minha refinada sensibilidade, que me fazia ter uma doida lucidez, a ponto de viver minhas fantasias tão intensamente sem perder o senso de realidade? Por essa incompatibilidade da minha mente com as partes do meu corpo, numa inversão total de imagem, tornei-me, cada vez mais, um ser angustiado. Além de tudo, cômico de que argumento algum poderia me justificar.

Bebi angústia pura.

Quando sentia medo, pelo menos pressupunha um objeto, uma ameaça, algo que eu pudesse de algum modo contornar ou dele fugir. Porém, nessa angústia nada me ameaçava claramente. Não havia um objeto a ser enfrentado para prosseguir minha estranha caminhada existencial. Percebi, então, que o “sem sentido” e o “sem valor” da minha angústia me tornavam um estrangeiro neste mundo tão cheio de categorias. A ironia era precisar de um rótulo, do que todos tentam fugir.

Aos nove anos, minha mãe, assustada com o meu comportamento, levou-me a uma psicóloga. Era uma mulher meio gorda, meio mãe, que sorria para mim e parecia interessada em tudo o que eu contava. Gostava de ir ao consultório. Desenhava, conversava e me sentia à vontade para confessar alguns segredos. Falei das caronas que pegava na traseira dos bondes quando

voltava do colégio. Só moleque fazia isso. Não entendia direito por que mamãe me levava lá, mas também nunca me preocupei em perguntar. Só aos 19 anos lembrei-me desse fato, e mamãe me esclareceu. “Comportava-me como um menino, e ela gostaria de saber o porquê da minha conduta e como deveria agir comigo.”

O diagnóstico indicou que era fixado no meu pai, com uma necessidade de imitá-lo por ser a filha do meio. Assim, tentava me sobressair para ter mais atenção e afeto. Minha mãe não deveria me forçar, impingindo-me roupas femininas ou coisas do gênero, pois tudo passaria com a idade. Não lembro que exame pediu, mas papai reagiu: “Filho dele não era doente, nem anormal”.

O meu maior medo continuava sendo o de crescer, de me tornar um adolescente. Pressentia que em breve teria de assumir minha figura feminina e de exercer o papel correspondente. A infância era uma espécie de álibi. “Não tinha sexo.”

Ouvia dizer constantemente que, quando entrasse na adolescência, me tornaria uma mocinha. Só de escutar essa palavra, sofria um baque. Soava como uma punhalada na minha impotência. Não podia fazer nada para evitar essa terrível sina. Isolava-me num canto, num choro perdido de criança desamparada.

Apesar de não querer acreditar, o fato se tornou categórico. Depois dos 12 anos, não haveria mais saída, diziam-me todos. Essa tinha sido a idade escolhida para o término da infância.

Quando completei o 12o aniversário, não quis nem acordar. Seria o meu último dia de Peter Pan. No outro, já deveria ser uma moça. Que massacre!

Não me lembro do que aconteceu depois. Só sei que vivi numa angustiante expectativa de quando isso iria realmente acontecer.

A coisa começou a aparecer aos 14 anos, quando veio a primeira “monstruação”. A ideia de aquilo ter vindo de dentro de mim me repugnava. Evidenciava uma série de órgãos, hormônios e funções que eu sabia existirem, mas que, felizmente, não podia ver.

A dose foi cavalar. Acompanhando a monstruosidade, os seios insistiam em nascer. Aí foi demais! Como se já não bastasse todos me tratarem no feminino, não entenderem minhas vontades, não poder fazer nada do que os outros meninos faziam, ainda tinha de aguentar o que me brotava do corpo, à revelia.

As evidências no meu próprio corpo me obrigavam a ser visto como uma mulher.

— Merda! – bem alto, com todas as forças dos meus pulmões. Olhei-me nu no espelho do quarto. Analisei-me em todos os ângulos. E tudo, absolutamente tudo, estava fora do lugar. O que sobrava em cima faltava embaixo e vice-versa. Minha alma não se conformava de ter de se expressar por meio daquele monte de carne, sobre o qual não tinha podido decidir nada. Foi-me imposto sem pedir licença, para a forma, para o conteúdo e todos os papéis que, obrigatoriamente, carregava junto. Não conseguiria me submeter a esta sociedade pronta e chauvinista. Não sou isto! Esmurrei a parede até não aguentar a dor. Agora estava irremediavelmente perdido. Que mulher vai se

excitar com um homem que tem uma excrescência dessas? E pegava nos peitos, amassando-os, como se fossem um excremento podre para se jogar fora. Cadê o pau para ter relações sexuais? E puxava o clitóris com toda força, como querendo agigantá-lo, arrancá-lo da terrível escuridão. Merda de vida! Cocô de existência! Tudo é tremendamente estúpido e grotesco! Seu aleijão, só lhe resta mesmo chorar pelos cantos... Ensandecido de revolta, tomado de autocomiseração e mais um turbilhão de emoções mutiladoras, escarrei então no espelho, como se fosse no mundo. E escorregando com as mãos espalmadas na própria gosma, fui desmoronando lentamente, até me prostrar no chão.

Fiquei uma semana praticamente trancado, trancafiado comigo e com o mundo. Quem foi o imbecil que disse que a natureza é perfeita? Pela primeira vez pensei neste Deus, pelo qual todo o mundo babava.

Se existe, sacaneia seus filhos e ainda por cima tira uma de santo. Vivem dizendo que é preciso se amar, amar o próximo, mas como posso? Vão todos para o inferno, com seus princípios enfeitadinhos!

Com essas explosões não obtinha nada, mas me acalmavam e me tiravam do “encasulamento”. No fundo, sabia que nem Deus nem ninguém tinha culpa. Ele não era sequer forte e consistente para existir em mim. Era uma brilhante invenção, mas que nunca tinha me servido para nada. Eu não fui criado em nenhuma religião e, portanto, desconhecia as muletas místicas, às vezes tão úteis para o reconforto.

Passei a tarde pensando. Vislumbrei duas saídas: acabar comigo ou lutar contra o impossível. Não queria morrer. Sabia que só teria uma vida. Embora fosse uma desgraça, toda trocada, não haveria outra chance. Estava vivo sem comparações. Optando pela segunda alternativa, tinha de arranjar urgentemente algo que me elevasse o moral e me fortalecesse para poder seguir em frente.

Aos 13 anos, resolvi botar em prática um antigo desejo – dedicar-me aos esportes. Iria me fazer bem, pois conseguiria obter admiração, aumentar minha autoestima. Seria uma tentativa de melhorar meu físico, tornando-o mais musculoso, mais de acordo comigo. Treinava como um desesperado. Mal a piscina do clube abria, lá estava eu no trampolim para executar um salto ornamental. Escolhi um esporte que exigisse coragem, que fosse individual e que me pusesse em contato com a água, pois sempre fui muito calorento.

Ia para o clube de bicicleta, embora isso também fosse motivo de chacota. Todos me consideravam uma “mocinha”. Na época, não pegava bem me prestar a esse tipo de atividade tão infantil. Após estacioná-la, seguia direto para o vestiário. Não parava no bar, como as outras jovens faziam, com a finalidade de paquerar ou se exibir para os rapazes. Treinava sem descanso até escurecer.

Embora competisse na categoria feminina, o ambiente era basicamente de rapazes. Sentia-me bem, ao ser tratado com igualdade por todos, inclusive pelo meu treinador. Sabia de alguns comentários a meu respeito, e por isso me esmerava mais ainda para adquirir uma boa forma como atleta. Apesar de ridicularizarem o meu jeito, acabei sendo respeitado pela seriedade, pela dedicação e pelo destemor.

Com dois meses de treino, ultrapassei, em técnica e estilo, muitos saltadores. Fui então convidado a participar do campeonato nacional, em São Paulo, concorrendo ao Troféu Brasil Arthur Buzin.

A viagem me fortaleceu. Não só porque era a primeira vez que meus pais depositavam confiança em mim para viajar só, mas porque consegui vencer o torneio.

Fomos para um desses alojamentos de atletas. Fiquei, logicamente, no quarto das moças. Havia uma grande quantidade de beliches e muitas garotas de outras localidades. Deslocado no meio daquele mulherio, onde os interesses e os gostos eram completamente distintos dos meus, fui me deitar cedo, logo após o jantar.

Sempre gostei de dormir e acordar cedo. Hoje entendo bem o porquê disso. A manhã me inspira uma sensação de começo, de esperança, de possibilidade de mudanças, e por isso adoro, até hoje, abraçá-la desde o comecinho.

Ser atleta tinha outro valor essencial. Pertencia a uma equipe, a um clube. Havia entre nós uma série de códigos, gírias específicas de saltador, características que me comprometiam emocionalmente com um grupo. Tínhamos o mesmo objetivo, e eu era uma peça fundamental. Foi a primeira vez que me senti importante e necessário. O treinador acreditava em mim. Tratava-me com carinho, embora mais tarde viesse a saber que também para ele eu era motivo de pilhéria e gozação.

Na manhã da competição, tomamos um café leve e nos dirigimos para o Clube Palmeiras, local da competição. Fazia um frio cortante, e a fase de aquecimento ficou reduzida. Ninguém aguentava mergulhar naquela água gélida.

Concorria no trampolim de um metro, na categoria infantojuvenil, pelo Clube Fluminense, e executei quatro saltos da série obrigatória. A “grande nota” da competição foi o meu “simples de costas”, uma espécie de “anjo” para trás. Entrei “agulhando”, sem levantar uma só gota d’água. Graças a esse salto, levantei o título de campeão nacional. Ergueram-me nos ombros, e demos a volta olímpica em torno da piscina. Senti-me tremendamente feliz por estar vivo naquele momento!

A glória foi ter voltado com um troféu. Achei-o um pouco pequeno, mas era um início brilhante de carreira.

Os saltos continuaram até os 16 anos, acompanhados de 29 medalhas, embora todas ganhas em competições com mulheres. Incomodava-me essa distinção de categorias por sexo. Sempre ficava no lado errado. Além do mais, os saltadores homens eram considerados os melhores em técnica e bravura.

Na noite em que venci o torneio, o treinador disse que eu poderia escolher o lugar aonde quisesse ir para comemorarmos. O clube arcaria com as despesas, já que eu lhe tinha dado um troféu.

Não titubeei:

— Quero ir ao parque de diversões!

Aos 14 anos, ainda me interessava por bolas de gude, circo, jogar futebol e andar de carrinho de rolimã. As meninas da minha idade aspiravam a

usufruir as vantagens do sexo feminino, e quase todas já tinham namorado.

Meu comportamento com as mulheres, tanto no âmbito esportivo como no escolar, demonstrava duas facetas nítidas: arredio e palhaço. Arredio, na medida em que me esquivava das conversas e do que gostavam de fazer juntas. Palhaço, porque precisava ser amado e admirado por elas. Brincando e contando anedotas, fazia o gênero “maluquinha”, o que justificava em parte a minha aparência desengonçada. A impressão que deixava era mais de simpática do que de monstruosa. Defensivamente, agia de forma tal que canalizava a atenção dos outros para características diferentes das do meu verdadeiro estigma. Era uma espécie de pista falsa, de conduta desidentificadora, para evitar os rótulos tão incômodos.

Os saltos iam me deixando com uma compleição mais máscula.

Fortaleci-me tanto física quanto emocionalmente. Continuei a reagir ao crescimento natural e grotesco do meu corpo. Felizmente não me acomodei. Considero sadio o fato de ter lutado sempre contra esses inimigos tão capciosos. Não me entregava mais à apatia ou ao desespero. Meu recurso rudimentar era esmurrar os seios, até onde conseguisse suportar a dor. Dava então uma parada, obtinha novo fôlego e recomeçava outro *round*. Minha intenção era empurrá-los para dentro. Atrapalhar algum sistema endócrino, conseguindo estacioná-los. Essas autossurras só terminaram quando desconfiei de que não só continuavam crescendo, como os murros talvez estivessem servindo de massagem para aumentá-los!

Uma das consequências desse nascimento “não grato” do meu corpo foi que desenvolvi uma postura arqueada. Tornei-me corcunda, como uma forma de chupar o peito para dentro e não exibir os dois exécraveis apêndices.

Quanto à monstuação, usava igualmente métodos violentos. Ignorava as eventuais cólicas. Bastava surgirem para ir fazer ginástica ou saltar. Era como provar a mim mesmo que podia ser mais forte do que o que acontecia comigo. Um desafio!

O que mais me deprimia nessas periódicas visitas é que elas marcavam o início de uma possível função, completamente estranha e antinatural para mim – a de ser mãe. Sempre recusei essa forma de fertilidade. Nesse tempo, já sentia ânsias nítidas de paternidade.

Terminei indo à Dra. Elizabeth, uma ginecologista obstetra amiga de meus pais, que depois teria uma enorme importância na minha vida. A monstuação vinha de seis em seis meses. Essa demora me deixava eufórico, porque achava que meu psiquismo estava conseguindo bagunçá-la. Quem sabe até poderia eliminá-la por completo? Outro motivo é que havia a curiosidade de ouvir uma opinião abalizada sobre o meu problema, se era ou não um caso de intersexo. Caso fosse confirmado, teria então a grande desculpa física e nosológica, a única justificativa aceita pela sociedade brasileira para mudanças relacionadas ao sexo. A Medicina só mudaria a visão de que tais cirurgias eram uma “mutilação do ser humano” quase 20 anos depois.

No entanto, como temia, ouvi a funesta palavra “normal”. Eu não possuía um clitóris mais desenvolvido, apesar de tê-lo puxado a infância inteira, o que não me excitava nem era uma forma de masturbação. Indubitavelmente sentia

certo prazer em segurá-lo, pois, afinal de contas, era algo externo e pendurado. Entretanto, ouvi o belíssimo veredicto de que não ovulava. A doutora prescreveu-me uns remédios. Tomei-os por um tempo, só porque soube que continham hormônios masculinos. Como vi que não nascia barba, parei. O que menos me interessava era passar a ter uma ovulação certa e regular.

Minha crise corporal foi dolorosa e confusa. Ao mesmo tempo que meu corpo era eu, também não o era. Quando tomava banho, por exemplo, sentia que não dava banho num corpo estranho, mas em mim, queria me sentir limpo. Quando havia um machucado, tratava dele, poderia ser até com uma postura de médico, mas com a finalidade última de ficar bom. A própria gesticulação – os trejeitos das mãos e do rosto – transmitia o que sentia e queria dizer. No entanto, era por intermédio desse mesmo corpo que as pessoas me confundiam com uma mulher!

Comecei a fazer ginástica sozinho, já que não existiam as academias. Adquiri uma boa musculatura, chegando mesmo a uma grande desproporção entre os ombros largos e os seios. Senti-me mais integrado ao meu corpo. Ao me olhar agora no espelho, esforçava-me para só ver o que me envaidecia. Uma vez, experimentei colocar dentro das calças um objeto cilíndrico, para sentir a prazerosa sensação de ter um pênis grande. Deleitei-me por uns instantes, até pressentir que, se não o tirasse imediatamente, iria cair numa profunda depressão, por saber que aquilo era um objeto artificial, que não me pertencia e que não podia comandar, o qual em breve sairia dali para ir novamente para cima do móvel! Às vezes, algo me impulsionava a recolocá-lo, mas a consciência da realidade e a dor do ridículo predominavam, e não o fazia. Daí ter mantido por muito tempo a posição de que jamais usaria nada artificial para o ato do amor. Teria de me virar com meus próprios recursos. Queria que, no dia que acontecesse, fosse tudo muito natural. Mas como se o “desnatural” estava em mim carimbado?

CAPÍTULO 6

TENTANDO SER MULHER

*... Baste, sim, baste! Sou eu mesmo,
O trocado, o emissário sem carta nem credenciais,
o palhaço sem riso, o bobo com o grande
fato de outro,
... sou eu mesmo, a charada sincopada
que ninguém da roda decifra nos serões
de província.
Sou eu mesmo, que remédio! ...*
Álvaro de Campos

Quando entrei na adolescência, ainda não existia sequer o conceito de transexualismo. Eu me sentia um homem, com um físico inexpressivo, que não convencia ninguém. Eu não me via de forma alguma como homossexual, embora os outros assim o fizessem. Desconhecia outra “categoria” na qual pudesse me enquadrar e tampouco sabia de pessoas iguais a mim. Sentindo-me um fenômeno único e sem o amparo de explicações, travava uma batalha tenaz contra a marginalização.

Mais tarde aprendi que a sociedade, em sua empedernida e bem traçada moral, não criticava um marginal se tivesse dinheiro ou nível intelectual. Ambas as situações eram dignas de respeito. Sua condição mudava até de nome: passava a ser “excêntrico”. Como a primeira alternativa era difícil de obter, resolvi firmemente me dedicar à segunda. Não importava se existia ou não vocação. Era uma questão de sobreviver com menos angústia. Precisava deixar de ser visto somente pelo prisma do estigma.

No meu processo de socialização, vejo-me como tendo passado por duas fases nítidas. Na primeira, aprendi e incorporei o ponto de vista dos indivíduos “normais”, introjetando os valores sociais e a ideia geral de que possuía um estigma, que não sabia bem qual era. Na segunda, que defino como a “tomada da cicuta”, aprendi que possuía um estigma bem particular e, dessa vez, soube, minuciosamente, das consequências de tê-lo em mim.

Alcansei um estágio em que não podia mais me omitir diante da minha

identidade de gênero. O desajeitado não era mais o engraçadinho. Meu comportamento não era mais o de uma menininha esperta que parecia um moleque. Agora, tomava outro nome. E vim a conhecê-lo por acaso, aos 16 anos, na escada do colégio em que estudava. Uma colega veio me contar que as outras meninas viviam comentando a meu respeito, apostando entre elas que eu era “paraíba”. Não entendi direito o significado. Mas, quando me explicou, espantei-me! É como quando se tem a fama de ser um famoso criminoso, que todos sabem o nome, embora jamais tenha matado alguém. Assistia a todas as aulas, agia normalmente como qualquer outro aluno. Nunca abordara ninguém, nem deixara transparecer algum interesse maior por garotas, e, no entanto... Todos já me pichavam.

As pressões familiares e sociais iam pouco a pouco aumentando. A família tentava, de uma forma ou de outra, mostrar-me os aspectos mais positivos e motivantes da condição de ser mulher, elogiando-me tanto pelas feições do rosto como pela boa altura. Diziam que, se eu quisesse, poderia ser uma mulher extremamente bonita e interessante. Bastava “querer” e me arrumar um pouco.

O esporte estava em via de ser abandonado em prol dos estudos. O que me restava agora era muito pouco: jogar xadrez, ler e escrever poemas, ouvir música com um grupo de amigos de Leila, minha segunda irmã, e mais alguns poucos entretenimentos.

Leila era uma pessoa incrível! Tinha a audácia do vento no pano das velas. Sua suavidade fazia com que me embrulhasse nela como num capote no frio. Por ser mais velha, exercia uma autoridade que misteriosamente era aceita por mim e por Van. Talvez uma compensação materna não resolvida, talvez a pressa em crescer e desabrochar como uma mulher bonita, que ainda não descobrira. Embora tivesse apenas três anos a mais do que eu, sua influência foi decisiva para me persuadir na tentativa de ser mulher.

Leila era empática por excelência. Absorvia com tamanha intensidade qualquer problema dentro da família que se tornava incapaz de ter uma visão crítica. Apesar de gostar de questionar o estabelecido e o convencional, sentia-se muito ameaçada quando isso envolvia seus parentes. Acredito que também nunca tenha querido ver realmente o meu problema. Porém, na enxurrada de carinho com que me banhava, ia me submetendo às suas vontades. Induziu-me a despertar para este novo mundo, o de ser mulher... Pela pouca visão do que isso significava inteiramente, ávido por elogios e carente de amor, iniciei a experiência do travestismo.

O reconhecimento sociofamiliar foi imediato. A sensação de alívio e felicidade no rosto dos parentes chegava a me incomodar. Enalteciam-me exageradamente. Eram gentis, emprestando-me ou dando-me seus adereços, fossem maquiagem, roupas ou joias. Não gastava um tostão. Tudo era fácil. Bastava manifestar vontade de ter e ganhava: estojo de sombras, batom, sapatos altos, vestidos, o diabo.

Embora não sentisse mais medo de que me descobrissem, porque a vestimenta atual estava toda a favor e coerente com meu corpo, continuava me sentindo esquisito naqueles trajés. Não havia mais olhares perscrutadores, mas,

em compensação, começou a surgir uma nova classe: a dos paqueradores!

O melhor, ou o pior, é que agradava. Era uma mulher que diziam ter uma personalidade marcante. Sabia me expressar com desenvoltura e não apresentava as inibições comuns às mulheres. O termo “masculinizada” foi substituído pelo de “exótica”.

Comecei a frequentar com Suzana e uma amiga sua os “discos dançantes” do Clube Fluminense, próximo à minha casa, sem nunca ter trocado dois passos de dança.

Descobri que, para me divertir e vivenciar as emoções que todos experimentavam, teria, realmente, de ceder à representação. Seria a condição básica para o lazer social aplaudido.

O alvoroço era grande na entrada do clube. Penetrávamos no salão e sentávamos numa mesa sob os olhares convidativos dos rapazes. As moças, em exposição, como num harém, aguardavam passivamente a solicitação do sultão, esperando a oportunidade de dizer sim ou não ao cavalheiro que se aproximasse. Era um ritual que, sem dúvida alguma, se conservava fiel à tradição dos grandes bailes dos séculos passados.

Meus olhos sorviam o maior número de detalhes que podiam aguentar. Era tudo tão novo, tão colorido! As luzes acendendo e apagando. Aquela pista redonda e enorme no meio do salão, cheia de cadeiras em volta, lembrava uma arena de circo, porém mais sofisticada e luxuosa. No lustre central que descia portentoso do teto, com mais de quatro metros de fio, contei 58 lâmpadas. Todos estavam bem-vestidos, com gestos comedidos e sorrisos fabricados. Eles sabiam que interpretavam a representação de um grande baile. A consciência de que nada era natural não comprometia a graça do jogo. Essa parecia estar, justamente, naquela atmosfera lúdica. Resolvi entrar na brincadeira.

— A senhorita quer dançar?

Tive vontade de rir, mas a comédia não permitia. Equilibrando-me, fui até o meio da pista. Acabei despencando do salto emprestado, que botava pela primeira vez. Ajeitei-me novamente. O rapaz passou o braço pela minha cintura. Que sensação estranha! Sempre sonhara estar fazendo aquilo com uma moça, e, no entanto...

Mal a música começou, pisei no pé do parceiro. Avisei-o logo que não era muito bom naquilo. Observava o seu jeito de me conduzir. Conversei muito, o que colocou o ritmo em segundo plano, obtendo, então, algum sucesso.

Enfrentava as cantadas com facilidade e bom humor. A princípio, ficava com pena do jovem e até da sua dificuldade em pedir meu telefone. Sem a mínima cerimônia ou acanhamento, descartava-me daquele aperto. No fundo, achava tudo uma gozação! Uma vez, aconselhei um rapaz a que fosse cantar uma mulher bem interessante, que estava encostada na porta do saguão. Só não disse que desejava que ele fizesse aquilo por mim.

Aos poucos fui me cansando daquele teatro. Sentia-me insatisfeito. Cada vez mais ficava evidente que esse reconhecimento não era o que necessitava. Só me afastava mais dos meus autênticos anseios existenciais.

Um dos motivos que atribuo ao fato de me ter submetido a uma vida de

mulher foi a necessidade dos símbolos de prestígio, antagônicos aos de estigma. Decorreu daí a minha conduta desidentificadora, que tendia, real ou ilusoriamente, a quebrar a minha imagem. A finalidade era levantar dúvidas sobre a validade da minha identidade virtual.

Esse problema do encobrimento suscitava um alto nível de ansiedade. Ameaçava constantemente a minha vida de um colapso. Precisava estar atento a aspectos da situação social que, geralmente, os indivíduos tratam como não computados ou inesperados ou nem mesmo chegam a ser problema para eles. Aquilo que para um “normal” seria um ato rotineiro para mim poderia ser um caso de vida ou morte. Um sério problema de manipulação, que nem sempre dá para ser tratado pela experiência anterior, pois surgem contingências novas, que tornam inoperantes os artifícios de ocultamento passado.

No meu caso, desidentificava-me como homem na medida em que me vestia de mulher. Ao mesmo tempo, um pequeno detalhe que escapasse poderia ser suficiente para não convencer as pessoas do que era e botar tudo a perder.

Vivenciei mais de perto a ameaça de colapso quando o mecanismo se inverteu, ao abandonar esse curioso mundo feminino e viver uma dupla identidade social. Mantinha ao mesmo tempo duas vidas: a de homem e a de mulher. O táxi foi o veículo que me permitiu viver esse processo enlouquecedor.

Aos 16 anos, arranjaram-me um namorado. Foi uma combinação, sem que eu soubesse, entre Leila e um amigo do rapaz. Conhecia-o dos concertos de música clássica do Theatro Municipal e da sala Cecília Meireles. Era gordo, meio careca e muito simpático. Um baiano de 25 anos, cultura relativa e sensibilidade apurada. Saímos algumas vezes. O meu papel de namorada era *sui generis*. Felizmente não ostentava nenhuma espécie de machismo, o que me seria impossível suportar. Gostava de mim, do meu jeito despachado, sem me exigir muitos papéis, possibilitando que permanecêssemos juntos por um mês, até que resolveu me beijar.

Dizem que as pessoas tendem a esquecer os traumas, por defesa do ego. Creio que os preservei ao máximo na memória, a fim de evitar que outros se repetissem.

Estávamos conversando num banco de bonde, abandonado na areia da lagoa Rodrigo de Freitas. Inesperadamente, parou de falar. Ficou sério e engoliu minha boca. Que sensação horrível! Senti repugnância e um sufoco intenso. Afastei-o bruscamente. O insuportável não era somente o fato de ser um homem, o que tornava tudo mais difícil, mas o de não haver nenhuma atração física ou afetiva mais profunda entre nós. O jovem fez tudo para continuarmos, mas a impraticabilidade de nosso namoro era patente.

Durante a transação, a família exultou. Davam-me todas as regalias. Não me cobravam hora para chegar, nem satisfação de para onde tinha ido. Ficaram desiludidos ao saber que tudo terminara.

Trinta anos depois me encontrei com ele numa festa. Eu, agora careca e barbado, e ele, apenas mais gordo e envelhecido. Estava desacompanhado. Tinha certeza de que não me reconheceria e, portanto, estava numa situação

única: de poder saber do meu passado enquanto Joana, sem ser ela que falava. Não resisti e sentei-me ao seu lado. Dei a entender que nós já nos conhecíamos e que era muito amigo da Joana. Perguntei sobre a relação dos dois. Falou-me que eu era uma garota simpática, extrovertida e muito legal. Chegou mesmo a dizer que se apaixonara por mim! Ficou curioso por tantas perguntas e por conhecer detalhes íntimos da sua relação com Joana. Levantei-me e fui beber mais umas doses, guardando o desfecho para o fim da festa. Pouco antes de me retirar, fui procurá-lo. Dessa vez, determinado a contar-lhe a verdade. Trocamos mais algumas ideias, até que lhe pedi:

— Olhe bem para os meus olhos. Tem certeza de que não se lembra de mim?

Titubeou.

— Tem algo de familiar, mas não consigo me lembrar.

Diante dessa resposta, disparei:

— Faz 30 anos que não nos vemos. Depois disso, sofri várias cirurgias. Dei uma guinada de 180º e agora sou um homem. Eu era a Joana.

Engasgou-se com a bebida. Começou a tossir, ficando rubro. Bati nas suas costas para voltar a respirar direito. Ficou calado me olhando e com uma respiração ofegante. Finalmente, falou:

— Joana? — aproximou-se mais dos meus olhos. — É, agora estou te reconhecendo... Você mudou muito...

Levantei-me e me despedi, deixando-o pensativo.

O recado já estava dado.

Continuei nas minhas crises de solidão. Agora mais frequentes. Principalmente, quando se abria uma brecha na ilusão, e o real me abarcava por inteiro, derrubando-me numa prostração. Como um catatônico, crispava os dedos, enrijecia o corpo, fechava os olhos, numa recusa ao existente. E, ao abri-los novamente, constatava o que temia: nada havia mudado.

Um dos últimos recursos que tentei foi o de desenvolver a mente. Praticava alguns exercícios de meditação, para aumentar a capacidade de concentração e de autocontrole. O ponto mais avançado a que cheguei foi o de conseguir fazer com que o meu dedão do pé formigasse. Mudar meu corpo, que era o maior objetivo, nunca foi possível.

Minha segunda tentativa de namorar rapazes deu-se por acaso. Estava sozinho num bar, tomando uma cerveja, quando um jovem perguntou se podia se sentar à minha mesa. Movido pela curiosidade do encontro, deixei que se acomodasse. Era um estudante de Medicina que fazia política estudantil. Preocupado mais em falar do que em ouvir, ele foi me contando a sua história. Tinha um riso bonito e sabia tirar dos fatos o que neles havia de interessante e cômico. Ri muito do seu jeito, e acabamos nos tornando amigos. Morava perto da minha casa, e passamos a nos ver com frequência. Dividia seu apartamento com mais dois colegas. Ficávamos cantando e tocando violão, outra habilidade que desenvolvi para ser mais aceito pela galera. Comecei a sentir necessidade

de estar cada vez mais ao seu lado. Apesar de nunca lhe ter falado do meu sofrimento, parecia se conduzir de acordo. Não havia de sua parte qualquer aproveitamento da situação no sentido sexual. Falava-me de suas antigas namoradas, e eu achava graça das suas aventuras amorosas. Ele estranhava como conseguia contar a uma mulher – nas suas palavras – essas histórias com tanta naturalidade. Nosso relacionamento foi se tornando mais intenso e íntimo.

O insucesso da última experiência amorosa não me impediu de tentar novamente. Pelo grande entendimento e pela falta de exigências entre nós, foi me deixando inteiramente à vontade. Tínhamos estritamente um trato de igual para igual. Era carinhoso e começou a ficar excitante.

Nenhuma predisposição negativa havia em relação ao sexo masculino a ponto de repudiá-lo. Virgem de contatos, qualquer corpo que me tocasse com carinho seria bem-aceito. Certa vez fomos ao cinema, e eu consegui a proeza de, só apertando nossas mãos, atingir o orgasmo. Entretanto, nossa intimidade sexual não ultrapassava certo limite. Chegamos a ficar abraçados nus, num dia em que havia bebido demais. Foi gostoso e excitante. Geralmente, a iniciativa do contato era minha. Mas, quando o via nu, havia um misto de curiosidade para conhecer em detalhes um corpo masculino e, ao mesmo tempo, invejava-o por ter tudo o que eu não tinha. Sentia-me mal. Algumas vezes, tentei repetir essa experiência, mas, apesar da sua docilidade, a sensação de mal-estar persistia.

Nunca consumei o ato com nenhum homem.

À medida que a novidade foi acabando, a vontade do contato corporal foi diminuindo. E quando tentou enaltecer minhas partes femininas, um grande abismo se abriu entre nós.

Conversávamos muito, mas jamais cheguei a lhe contar o que sentia. Seria difícil para qualquer um entender, e não queria magoá-lo. Nosso caso durou dez meses, quando ele já falava em casamento e filhos.

Aos 17 anos, deu-se a “segunda tomada da cicuta”. Denominei-a assim, porque foi quando me conscientizei de que havia gastado todos os meus recursos infrutiferamente. As crises existenciais iam gradativamente aumentando em frequência e intensidade. Até então, fora conduzido, levado pelas circunstâncias, sem questionar muito. Embora sentisse algo errado, não me aprofundava em grandes raciocínios.

Quase todas as noites, sonhava com cenas sexualizadas, onde tinha um enorme pênis e podia fazer tudo o que, acordado, não me era possível. Os sonhos eram tão nítidos que, geralmente, ao despertar, ainda me deliciava com a inebriante sensação de estar ejaculando. Chegava a levar a mão à genitália, ainda ao sabor da sonolência. Mas, ao verificar a cruel e inerte realidade, levantava-me arrasado. Faltava muita coisa!

Quando não conseguia criar motivações durante o dia e algo me entristecia, logo esse motivo se tornava secundário, e a minha situação ganhava o primeiro plano na depressão. Como uma máquina que não para, necessitava estar sempre ativo, entretido com algo, para não viver o drama tão intensamente. Parado, facilitava que fantasias catastróficas brotassem facilmente, vestindo-me então com o manto da autocomiseração. Movido por

um conturbado e ambíguo sentimento de autodestruição, com a necessidade de reagir ao reflexo do meu corpo desnudava-me diante do espelho. Algo me dizia que precisava ir ao fundo do poço, sem esquivas. Não temer nem a minha própria voz. Lúcido da minha insatisfação, como um *alter ego*, abria um diálogo entre mim e aquela imagem no espelho, numa provocação impiedosa.

— Seu castrado! — gritava, contorcendo-me todo. Ninguém melhor do que eu para poder dizer do doido que sentia, sem escamoteações. Precisava me enfrentar. Ver-me nu, com os defeitos ali expostos, sem escudos para conseguir combater a pusilanidade que me tomava por completo. — Vai, continue fantasiando, tapeando a si próprio por migalhas de aplausos. Jamais será uma mulher como as outras! Casar seria uma solução fácil. Todos seriam cordatos, compreensivos, tentariam ajudá-lo. Fariam tudo para conseguir realizar e manter esse matrimônio. E suportaria ser uma fêmea ardente? Teria orgulho de dizer que tinha um homem que a comeria todas as noites? O que é que há? Tá tremendo? Mas é isso mesmo que você tem de ouvir! Sua farsante... Onde meteria a sua inveja, o desejo de ser o próprio homem que viveria a seu lado? Cada vez que ele quisesse um filho, o odiaria por querer torná-la mãe!

Quando dei por mim, as mãos tapavam os ouvidos. Ainda não suportava sequer o peso das minhas próprias palavras.

O que mais tarde Darcy Ribeiro me ensinaria.

— Vamos, destape-os! Abra-os mais! Ouça tudo, tudo! Olhe bem para o seu corpo. Culote nas pernas, dois peitos, peitos mesmo, que poderiam ter sido aproveitados para ser um saco... Cadê o pau? Macho de merda! Não está vendo que não adianta nada continuar lutando contra o impossível? Você será sempre o derrotado! Para quê? Só vai bancar o trouxa a vida inteira! O palhaço de quem todos rirão. Essa mulher diz que é homem... Nem palhaço, é palhaça! Será sempre uma palhaça! Pensou em suicídio? Um jeito de se livrar deste sofrimento? Vamos, diga em voz alta, sua babaca, o visgo que tem pela vida: “Meus pais chorarão”, não é isso que está pensando? Fica mais estúpido ainda ter remorso antecipado! De que adianta saber-se amado depois de morto? O que te segura é que, no fundo, ainda tem esperança de que as coisas mudem.

Parei de falar. Chorava tanto que os olhos, embaçados, não viam nem mais a imagem no espelho. Percebi, subitamente, que o fundo do poço não estava na morte, mas na vida. Na minha vida. Sentei-me no chão. Os ombros caíram. O tronco tombou para a frente. Senti os peitos roçarem na barriga. Mergulhei a cara nas mãos, lambuzando-me num choro convulsivo.

Não sei quanto tempo fiquei nessa posição. Quando me estiquei, estava todo dolorido. Como um autômato, levantei-me e botei a roupa. Senti que ainda faltava alguma coisa. Tornei ao espelho. Precisava ver. Ver não mais o que tinham me dado sem eu querer, mas o que esses anos todos tinham feito comigo. Olhei meu rosto. Cheguei mais perto. Fixei os olhos: vermelhos, baixos e fracos. Não poderia terminar ali. Segurei firme a porta do armário. De tão perto, fiz bafo no espelho quando falei:

— É isso o que eles querem! Você derrotado, um trapo! Quem sabe daqui a uns tempos, louco. Não há Deus, não há mais consolo na ilusão. Não há mais nada. Na verdade, nem solução. Daqui a pouco baterão à porta. Você abrirá.

Mas não só esta maldita porta do seu quarto – terá de mostrar sua força. Irá comer, dormir, estudar e falará com todos, como sempre fez. Nada vai mudar. Mas, a partir de hoje, terá de se transformar num leão, para que ninguém possa derrubá-lo. Sua luta é contra o impossível ou a impotência: portanto, tenha claro que será sempre um perdedor. Virar homem, como você quer, não dá. Mas não se deixará morrer assim. Tem de ficar vivo, sadio, para poder usufruir os benefícios que a evolução da ciência lhe poderá proporcionar. Enquanto esse dia não chegar, poupe-se! Brinque com o seu defeito, com a sua inversão. Fale dele em voz alta. Desfaça o monstro! Quando o drama estiver insuportável, torne-se subitamente a plateia, para se ver atuando no palco. Verá a comédia que todo drama contém, como agora, e se fortalecerá. Não adianta mais ter ódio nem pena de si mesmo. Sobretudo, é preciso ter humor. Procure a essência do absurdo. Mas não se torne um alienado, antes, um inconformado. Se, num dado momento, a dor for insuportável, não racionalize a fim de obter a pseudotranquilidade. Consuma-se sem defesa até o fim. Esprema a dor e respire fundo.

Sem saber como, eu mesmo tinha me dito o que tanto precisava ouvir.
Bateram à porta.

CAPÍTULO 7

TEMPOS DE DITADURA

Rumor, ainda que não fique mais do que o rumor.
García Lorca

Descobri aos 15 anos que minha mãe era mortal. Estava em cima de uma cama de hospital. Ar abobalhado, dizendo incoerências. Seu corpo descoordenado, gestos borrados, ainda sob o efeito do anestésico. No quarto todo florido, vislumbrei sua fraqueza. Suas formas ainda guardavam entrelaçadas uma só expressão de debilidade. Vendo-a assim, fortaleci-me.

Mamãe era uma mulher que me diziam ser admirável: pela sua eficiência, seu perfeccionismo e sua retidão de caráter. Nunca permitiu que alguém a protegesse. Suas atitudes certas, objetivas, pontuais faziam-me vê-la como uma pessoa que veio ao mundo mais a serviço do que a passeio. Foi na revelação de suas dificuldades que passei a amá-la. Com um amor mais incondicional pelos filhos do que jamais imaginei!

Sem saber gargalhar ou ser, vez por outra, irreverente em relação ao dinheiro ou ao trabalho, mamãe perdeu o degustar tranquilo e prazeroso das coisas inúteis. Introvertida, como um cofre sem chaves, defendendo e elogiando sempre meu pai, renunciou aos próprios deleites.

Havia, porém, um momento especial em que essa mulher me conquistava. Era quando se sentava ao piano. Sua fisionomia se transfigurava, enquanto relembrava velhos sucessos musicais. Interrompia o que estivesse fazendo e corria para a beirada do piano, num contentamento que não sabia explicar. Mamãe tocava, mas era no meu coração.

Foi nessa época que a vi chorar pela primeira vez. Tinha 14 anos quando senti um movimento estranho e triste dentro de casa. Todos tensos, falando a meia voz, apreensivos por notícias. Papai sumido, eu sem entender o que tinha acontecido.

Era o golpe militar de 1964.

— Seu pai asilou-se numa embaixada!

A casa ficou de pernas para o ar. Foram três anos de exílio. Papai foi demitido, foram cassados os seus direitos políticos, e acabou exilado no

Uruguai. Foi dado propositadamente como morto para mamãe receber apenas uma pensão de viúva. Passamos a viver do seu minguado ordenado de professora primária. Começamos a trabalhar para ajudar em casa.

Papai entristeceu, longe de todos e de tudo o que gostava. Não conseguia trabalho no exterior. Só o víamos nas férias escolares.

Apesar de dolorida, essa experiência de separação foi o que transformou a imagem de meu pai. Aquela estampa brilhante, fardada e super-heróica passou a ter um aspecto mais real, sem a aura do carisma.

Ainda no estrangeiro, tive oportunidade de ouvi-lo:

— Cozinheiro, lavo minha roupa e varro a casa todos os dias, mesmo que isso não pareça necessário. É uma forma de provar a mim mesmo que estou vivo. De não me entregar ao desânimo. Até hoje, considerava, dentro dos meus valores, que se sentir útil era ganhar dinheiro, produzir socialmente, fazer meu trabalho político. Enfim, estar participando. Agora, só me resta esta rotina, e tento dar-lhe um caráter de imprescindibilidade para não sucumbir, já que não sei quando poderei retornar.

Apreendi com seu vigor pela vida, sua maneira peculiar de aguardar os fatos:

— Imagino como primeira hipótese o pior. Não propriamente por pessimismo, mas porque, à medida que o tempo passa e isso não ocorre, já tenho uma sensação de lucro. Quando me prenderam, pensei que fossem me matar. Ao chegar à prisão e constatar que vivia, senti-me vitorioso. Foi uma influência decisiva na minha maneira de ser.

Pensando assim, papai era um sujeito bem-humorado. Seu pequeno jogo com a vida me maravilhou. Jamais o vi se consumir por pequenos problemas. Com os grandes, era como costumava dizer: “É uma questão de visão”.

Suguei do velho essa força inquebrantável no querer.

A autoridade de papai também se modificou. Tornou-se mais um como nós, dependente de mamãe. O caráter de mando se esvaiu. Uma nova relação foi surgindo. A camaradagem aumentou quando tive oportunidade de passar um mês sozinho com ele no Uruguai. Era a grande chance para nos entendermos.

Quando criança, mal amanhecia, saía em disparada para sua cama. Fingindo que dormia, deixava-me pular sobre ele, fazer rola-rola no seu bumbum e deitar-me nas suas costas, simulando um colchão. Invariavelmente, terminávamos numa luta em que me defendia fazendo-lhe cócegas. Enquanto isso, mamãe ao lado levava as sobras da confusão. Reclamava, mas, na verdade, creio que se envaidecia da nossa singular comunicação.

Depois que cresci, acabou-se o cavalinho, assim como as fábulas inventadas na hora, a lavagem conjunta do jipe e do seu carro. Não restou nenhum comportamento substituto e que tivesse o mesmo peso. A distância foi aumentando. Sobravam, agora, apenas alguns maneirismos gestuais lúdicos, algumas expressões verbais significativas.

Meu pai deu-me seu néctar e pólen. Depois, impediu que eles fecundassem. Omitiu-se completamente no crescimento de seu companheirinho de luta. Manteve-se alheio a esse passado ainda tão vivo em

mim, como um pai inibido e constrangido diante de uma filha moça. Todo contato físico se diluiu. Fiquei solto no ar. Portanto, agora era a oportunidade de retraçar a linha interrompida.

Ajudava-o a escolher a roupa para se vestir. Cortava-lhe o cabelo e relembra fatos antigos, na intenção de lhe despertar as velhas emoções.

— Pai, lembra-se de quando me sentava a seu lado, todas as manhãs, para vê-lo fazer a barba? E de quando se esquecia de raspar um pedacinho e o avisava? E, depois, pegava o pincel e lambuzava toda a minha cara? Até hoje sei direitinho o caminho que percorria com a gilete e todos os trejeitos que fazia com o rosto para escanhoá-lo!

Sorria, dizia “hum”, e o assunto morria.

De certa forma me realizava nele, já que não me era acessível nem permitido fazer todas essas coisas. Ao mesmo tempo que projetava nele meus desejos, o fato de vesti-lo era uma espécie de carinho específico meu, pois nenhuma das minhas irmãs mostrava essa preocupação. Eram assuntos de homem. Embora essas sugestões não fossem sentidas por papai exatamente assim, passou a recorrer a mim quando queria sair elegante.

Outra tentativa de reconquistá-lo foi aprender a jogar xadrez. Estudava sozinho para me aperfeiçoar, mas ele gostava mesmo era de disputar com os amigos.

Os filhos dos exilados no Uruguai eram muito unidos, pela situação em que se encontravam. A vida em Montevidéu era razoavelmente barata. Uma das diversões era ir ao cinema continuado. Passavam quatro filmes de conteúdos diversos e era dentro do cinema que fumávamos escondido. Também usava a casa do Darcy Ribeiro e da sua mulher Berta, já que conseguiam Minister, cigarro brasileiro, porque o uruguaio era horrível. Eram os únicos adultos que nos permitiam fumar e falar palavrão em sua presença, coisas que jamais podíamos fazer dentro de casa.

Darcy foi chefe da Casa Civil do governo João Goulart. Criou e foi reitor da Universidade de Brasília. Mais tarde, no governo Brizola, atuou como vice e concebeu o Sambódromo e os Cieps.

Quando eu chegava ao seu apartamento em Pocitos, famosa praia de Montevidéu, estava invariavelmente sentado na poltrona da sala, com as pernas cruzadas em formato de borboleta, mexendo nos pés descalços, enquanto escrevia diante de muitas estantes de livros. Não tinha filhos, mas estava sempre rodeado de jovens do mundo inteiro que vinham visitá-lo. E eu, por morar perto e descobrir nele um homem quase amoral – segundo ele, isso não existia –, encantei-me com sua personalidade. Apesar de eu ser um adolescente, tratava-me com respeito, como se eu fosse um adulto. Conversávamos sobre os mais diversos assuntos sem preconceitos. Com o tempo me “adotou” e passou a me apresentar como sua filha. Tornou-se meu mentor intelectual e dizia que seria a herdeira de seus livros, caso estudasse Antropologia. Foi por meio dessas visitas vespertinas e com as obras completas

dos grandes poetas que aprendi a recitar poemas. Comecei com *O Padre e a Moça*, do Drummond, que mais tarde inspirou um filme. Poema longo e de conteúdo escandaloso, já que o padre roubava a moça e fugia.

Darcy era um homem baixo, franzino, sem qualquer habilidade manual a não ser escrever. Nem dirigir carro sabia. Mas tinha o dom da palavra e uma mente messiânica quando falava de seus planos e afirmava que deixaria sua marca na História.

Ensinava-me tudo. Desde aulas de Antropologia, Poesia, Política, até me fazer encher a boca para dizer bem alto os piores palavrões. “É lindo o exagero de pornografia na sua boca de 15 anos”, dizia.

O objetivo era perder o medo das palavras. Dizia que falsa modéstia era pleonasmismo, porque toda modéstia era falsa e não deveria tratar ninguém por senhor.

Ele e a mulher eram antropólogos e já haviam morado com os índios no Xingu.

Contava-me histórias dos índios e que um dos maiores carinhos que já recebera foi quando, deitado na rede de uma das ocas, uma índia colocou um piolho na sua cabeça para sua esposa depois o catar.

Durante uma festa tribal, um índio louco armou o arco e a flecha em sua direção. Darcy deu-lhe as costas e caminhou lentamente, sem olhar para trás. “Cada passo que dava sentia como se recebesse a flechada.”

Encontrou-se com Cecília Meireles quando esta voltou da Índia, recebendo-o com um sári verde. Durante toda a noite, enquanto conversavam, ela se retirava para o quarto e, quando retornava, tinha trocado a cor do sári. “Não fazia nenhuma observação sobre a mudança, porque não queria interromper aquela esfera mágica de transformação” – ensinou ele.

Quando estive preso em Niterói, na Fortaleza de Santa Cruz, fui visitá-lo na prisão. “Esses ‘milicos’vão se cansar de bancar os soldadinhos de chumbo.”

Posteriormente, o casal morou alguns anos em Lima, no Peru. Depois foram para a Europa e, em Portugal, descobriram que ele tinha um câncer no pulmão. Quis voltar ao Brasil para se operar aqui. O governo brasileiro negou sua entrada. Então, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) interferiu junto ao governo brasileiro. Finalmente, pôde vir e se operou na Beneficência Portuguesa, na Glória. Fui visitá-lo no hospital, já sem um pulmão e com uma cicatriz que dizia para os meus sobrinhos ser de “mordida de tubarão”. Recebeu-me como se estivesse em casa. Alegre e brincando consigo próprio: “Esse cancerzinho não vai me vencer, não. Eu é que já estou tirando vantagem dele, conseguindo voltar à minha terrinha”.

Seus 60 anos foram comemorados com uma festa no Forte de Copacabana, com várias celebrações, inclusive Danuza Leão, amiga de Elisa Nutels, mulher do famoso médico indianista Noel Nutels. Conversando com ambas, Elisa se interessou em ler meu livro e 15 dias depois telefonou me surpreendendo: “Ruth leu seu livro em dois dias! E já o entregou ao Houaiss para o aval final. Ficou tão impressionada com a sua história que me pediu que você ligasse para ela. Quer marcar um encontro na casa deles para conhecê-lo”.

O casal morava num belo apartamento de frente para a lagoa Rodrigo de Freitas. Não tinha filhos, só uma cadelinha, e estava recém-chegado da Europa.

Houaiss me recebeu de bermuda, deixando aparecer suas finas e arqueadas pernas. Um homem simples, de origem libanesa, embora tivesse nascido na Copacabana do início do século. Além de filólogo, acadêmico e diplomata, era também um grande *gourmet* e foi ele quem preparou o improvisado jantar. Lembro-me de que me contaram, entusiasmados pela viagem, do filme expressivo a que tinham assistido – *Le Bal*, de Ettore Scola, que não continha nenhuma palavra e ainda era inédito no Brasil.

Depois desse encontro, ainda estive algumas vezes com eles, conversando sobre o meu livro, suas mil atividades e também sobre o chá das quintas-feiras a que comparecia na Academia Brasileira de Letras. Houaiss era um homem metódico, organizado e ocupadíssimo. Na época, estava também envolvido na feitura de um novo dicionário, depois de já ter dirigido duas enciclopédias.

Mas, mesmo com tudo isso, não só me presenteou com o prefácio do meu livro como fez questão de ir, pessoalmente, entregá-lo ao Alfredo Machado, para uma possível publicação pela Record, o que de imediato aconteceu. No fim do texto recomendava: “Leiam e humanizem-se”.

Houaiss morreu em 1999, sem ver sua última obra completa.

Darcy, após a ameaça de morte, tomou coragem e terminou seu casamento de mais de 30 anos. Nunca fora um homem fiel à esposa. Ela funcionava também como sua secretária, datilógrafa e revisora dos textos, embora tivesse publicado seus próprios livros, sobre arte indígena. Berta era judia, órfã, com apenas uma irmã que morava nos EUA. Sua família, praticamente, resumia-se a dona Fininha, a sogra, o cunhado e os sobrinhos do Darcy.

Soube também que ele passou a escrever mais sobre a morte, textos estes que nunca li. Parte da sua recuperação foi deitado na rede da varanda lá de casa, com a polícia de plantão na portaria do prédio. Muitos anos mais tarde, o fatídico câncer terminou por matá-lo. Logo depois, Berta morreu de câncer cerebral. Os dois deixaram uma bonita obra, e há hoje uma Fundação com seu nome em Santa Teresa, a qual nunca tive coragem de visitar.

Terminaram as férias. Mais uma vez, senti-me fracassado nesse confronto. Regressando ao Rio, fiz concurso para uma Escola Normal (que formava professores), opção esta decidida por mamãe. Queria todas as filhas nessa carreira, para terminarem o segundo grau já com uma profissão. Assim, continuei num ambiente sem rivais, basicamente de mulheres, num perpétuo contraste. Para compensar os anos ali dentro, de cultura inerte, resolvi estudar francês e fazer um curso de teatro.

Era uma forma de adquirir mais experiência na arte de representar. Achava que o teatro me proporcionaria libertar os fantasmas contidos, mas

insepultos. Particpei de alguns grupos amadores. Encenei *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, e também fui convidado pelo meu professor de violão e também ator, Graça Melo, a fazer um teste para me tornar profissional. Infelizmente, ele foi de carro para São Paulo e sofreu um acidente fatal. Com isso desisti de vez do teatro. Percebi também que os papéis que me caberiam seriam, provavelmente, os de personagens femininas, quando não de bicho ou qualquer figura mitológica.

A essa altura, todos lá em casa trabalhávamos fora, menos Van, que ainda era muito nova. A mesada havia sido cortada há muito, e precisávamos ajudar. Mamãe ainda tinha de mandar dinheiro para papai sobreviver no exterior. Comecei pintando apartamentos de conhecidos, graças aos ensinamentos de seu Sebastião. Era representante da Avon e também fazia sacolas para vender, já que naquela época as lojas só embrulhavam as compras. Com o tempo, fui adquirindo mais prática e me profissionalizando.

Aos 19 anos, ingressei na faculdade. Acabei optando por Psicologia, pois os labirintos da mente me atraíam. Entrei com a garra de qualquer calouro que pensa algum dia se tornar famoso.

A instituição me fascinava. Dessa vez não precisava usar uniforme com saia, nem chamar os professores de senhor. Podia até matar aula no próprio pátio, na cara de todo mundo. Tornei-me um aluno brilhante. Lia desesperadamente, querendo recuperar o tempo perdido. Estudava as matérias que me interessavam, assuntos extracurriculares e teorias acerca da sexualidade. Por meio das pesquisas de antropólogos culturalistas americanos, descobri que a conduta sexual humana é determinada e padronizada de acordo com a própria cultura e, por essa razão, pode apresentar múltiplas variações.

No ambiente liberto e emancipado da universidade, tornei-me mais seguro e capaz de não dissimular tanto o que sentia. Estávamos entrando na década de 1970. A moda agora permitia a maneira unissex de se vestir, o que foi um grande alívio. Pouco a pouco fui tornando minha figura mais ambígua, embora isso ainda incomodasse muita gente.

Sempre na tentativa de compensar o choque que causava, tornei-me um excelente colega. Conversava com todos e dava cola nas provas. Ninguém podia negar a minha contagiante simpatia. Fui eleito representante de turma e reivindiquei a favor dos menos privilegiados. Como estávamos sob um regime ditatorial, a diretoria da faculdade fechou o diretório acadêmico. No primeiro ano da universidade, acabei sendo enquadrado no Decreto no 477, mais uma lei de exceção criada em 1969, que punia os que “atentavam contra a segurança nacional” na universidade. Os estudantes deveriam ficar cinco anos sem estudar, e os professores, três anos sem lecionar.

Consegui um ótimo advogado, Modesto da Silveira, um homem especial, que conseguiu me absolver e não me cobrou nem um tostão.

CAPÍTULO 8

DOLORES

Coragem de ser é uma atitude ética e filosófica na qual o homem afirma seu próprio ser, a despeito daqueles elementos de seu meio e de sua existência, que entram em conflito com sua autoafirmação essencial.

Paul Tillich

Estava cansado deste armazenamento de amor cativo, de vontades proibidas. Continuar claudicando, sem poder ser, contando apenas com direitos amordaçados. O consolo era brincar com o meu caleidoscópio mental! Não adiantava me inventar e reinventar. Os dias prosseguiram sem gozo. Uma dor lancinante, com minha alma alheia ao corpo que a vestia. Oprimida por ser sempre a sombra de um vulto que ninguém via. Tudo o que passava e que nunca passava. Precisava me rasgar todo. Abrir-me completamente. Acabar com este sem nexos. Parar de só me roçar em tudo superficialmente. Mergulhar mais fundo na minha alma! Precisava do alívio de poder viver partilhando meu corpo. Não queria que a esperança me forçasse a dormir continuamente. Desse desterro habitado por mim, uma pergunta ficava sempre sem resposta: “E por quem foi que me trocaram?”.

Esmolava aceitações. Vivia à sombra de um estigma de solução ignorada. Assim caminhava: com uma tristeza de valente alegria. Alheado do que sabia por não saber o que era.

Carregava um infecundo viver de esquivas. A sátira pungente de me sentir um homem eunuco, sem a permissão da deformação!

Como me entregar ao amor com este corpo tão sem consenso, pleno de mutilações?

Já não esperava mais, quando, finalmente, pude brindar este anelo tão desejado.

Dolores tinha a mesma idade que eu e era da mesma turma na faculdade. Transpirava sensibilidade por todos os poros. Uma mulher bonita, pequena e com o dom do movimento. Traços do rosto um tanto exóticos, seios pequenos e rijos e uma jovialidade que a tudo contaminava. Enquanto conversávamos,

pullava da bolsa qualquer pedaço de papel para rabiscar seus croquis. Ensinou-me uma nova maneira de ver a realidade. Não através do evidente sol, mas pelo esboço das sombras que os objetos projetavam. Trabalhava no Museu Nacional da Quinta, desenhando a bico de pena, no microscópio, hemípteros, uma classe de insetos.

Nosso relacionamento se tornou uma densa mistura. Começou no dia em que me deu para ler um calhamaço de poemas seus. Fui descobrindo aos poucos o ser maravilhoso que era. Quando me dei conta, estava apaixonado.

Aconteceu lindamente. A ânsia de tocá-la era tão intensa que pela primeira vez tirava a roupa sem grande dificuldade. Não havia técnicas nem conhecimento – ambos virgens iniciantes nessa arte. Como dois animais no cio, nos olhamos, nos cheiramos, nos tocamos. Sem o requinte que o ritual sexual humano exige, explodimos no êxtase do prazer.

Não havia papéis. Mal nos tocávamos e chegávamos ao orgasmo.

Embora já estivesse bastante machucado pela minha inversão corporal, ainda não sentia a dor terrível que só mais tarde iria aparecer: a impossibilidade de me sentir penetrando e ejaculando numa vagina, sem ter pênis, nem esperma, sem poder fecundar a mulher que amava.

A medida que mais me envolvia, surgiu a necessidade de querer me certificar de como era visto por ela. O velho problema de talvez a estar atraindo não como homem, mas pelo meu deformado corpo de mulher. De uma forma ou de outra, sondava essa dúvida. Não queria uma mulher homossexual, mas alguém tão hetero a ponto de desejar somente homens, que fosse capaz de ter a ilusão, até física, de estar diante de um. Essa necessidade foi se tornando cada vez mais primordial e talvez tenha sido a minha maior cruz e burrice na vida. Naquela época, ainda não dimensionava o perigo e a loucura dessa exigência emocional a que denominei “coito perceptivo”.

Para não haver dúvidas da parte dela nem depressões minhas, esclareci-a logo da minha insensibilidade nos seios, ou melhor, da sua inexistência. O fato é que, para meu alívio, nunca demonstrou maior interesse.

Certa vez, depois de um orgasmo intenso, me perguntou ingenuamente:

— Você gozou?

Que facada! Por uns segundos, não entendi bem o que desejava saber. Em seguida, constatei a minha falta de ereção e ejaculação, com o que seria evitada essa massacrante pergunta. Fiquei sem saber como reagir. Se respondesse, estaria evidenciando a minha humilhante condição. Se me calasse, porém, poderia dar margem a interpretações errôneas.

Paulatinamente, fui assumindo um papel ativo na relação. Em decorrência, surgiu um entrave com as barreiras sociais. Não podia demonstrar minha afetividade na rua nem em casa. Era obrigado a mentir, para sair com Dolores. Mamãe costumava dizer, em tom malicioso, que me “fixava” em determinadas amigas. Para acabar com essa farsa, resolvi abrir o jogo. Armei-me de coragem, chamei mamãe ao quarto. Pedi que se sentasse e me ouvisse, sem me interromper.

— Mãe, o que preciso dizer não é algo inteiramente novo. Você me conhece bem desde criança. Lembra que, aos nove anos, me levou a uma

psicóloga porque eu me sentia um menino? Pois é, antes disso já me via diferente. Durante minha vida inteira gostei de meninas. A doutora analisou isso como uma conduta puramente imitativa de papai, mas sinto que sou mais do que um macaquinho. O fato é que, hoje, gosto de Dolores...

Dei uma paradinha, mas não tive coragem de encará-la. Antes que pudesse esboçar qualquer reação, continuei:

— Há algum tempo estamos juntos. Se lhe conto tudo isso, é porque não suporto mais esta situação de hipocrisia aqui em casa. Não faz meu estilo mentir e continuar a dissimular um fato que é tão importante para mim.

Nesse momento, mamãe não aguentou e replicou energicamente:

— Mas, minha filha, o que você sente por “esta mulher” é uma amizade! Amor, a gente sente por homem!

Percebi que ia ser difícil nos entendermos, tanto pela referência debochada e impessoal a Dolores quanto pela sua recusa em ver o óbvio. Contudo, sem perder a calma, pelo menos no tom da voz, consertei logo a sua possível ilusão:

— Mãe, já amei muito e também tive muitas amizades. Sei muito bem distinguir uma coisa da outra. Posso lhe garantir que o que sinto por Dolores é amor. E tem mais: pretendo, assim que for possível, ter a minha casa e morar com ela.

Antes que mamãe enfartasse, embora não fosse uma pessoa propensa às chantagens emocionais, resolvi esclarecer meus verdadeiros motivos.

— Simplesmente quero ter a minha casa. Como todo mundo, depois que cresce e fica adulto. Não é só quando se casa que se sai da casa dos pais. Não é por revolta ou por não gostar daqui. Desejo apenas ter o meu canto. Terei, inclusive, prazer em recebê-los lá. Você mesma não disse que a tendência natural é os filhos crescerem para o mundo? Tenho certeza de que gostaria que soubéssemos dirigir nossas vidas como pessoas capazes e emancipadas!

Essas últimas ideias, na verdade, não lhe eram inteiramente novas, pois Leila, diariamente, buzinaava isso nos ouvidos do pessoal lá de casa, “para irem se acostumando”. Além do mais, mamãe era uma mulher bastante liberal, criando-nos com independência, o que contribuiu para que nós quatro desenvolvêssemos espírito de liderança e iniciativa.

Para dar um desfecho ameno, completei:

— Não quero ter uma relação falsa com você. Sei que sua visão é outra. Foi educada numa época diferente. Não a estou obrigando a me aceitar. Não tenho esse direito. Desejo somente partilhar aspectos importantes da minha vida. Espero que não tenha se ofendido com o meu plano de ter o meu canto. Não esqueça que, assim como fez o seu, também quero fazer o meu.

A única frase que conseguiu dizer no fim foi:

— Está bem, minha filha. Vou pensar.

Fiquei sem saber em que pensaria. Entretanto, pediu-me um prazo de uma semana.

Findo o prazo estipulado, aproximei-me:

— Como é, mãe, já pensou?

Não sei se esperava por essa abordagem, porém sua resposta foi imediata:

— Resolvi não proibir a entrada de Dolores nesta casa.

Apesar de sua resolução me parecer óbvia, reconheci que tinha sido sábia. Mas, mesmo assim, protestei:

— Não teria sentido algum proibir Dolores de entrar aqui, pois, se isso acontecesse, eu é que sairia – falei, como a primeira coisa que me veio à cabeça.

Até hoje, não sei qual teria sido a minha verdadeira atitude caso ela realmente proibisse.

O tempo passou. Nunca mais se comentou nada a esse respeito. Em relação a meu pai, vim a saber que mamãe andara conversando com ele. O velho nunca se manifestou a respeito.

Minha relação com Dolores durou seis meses. Embora a amasse muito, faltava-lhe suavidade, certo encanto feminino. Não se enfeitava. Sem vaidade, o pior é que isso que exigia dela ela começou também a esperar de mim.

Nunca fui adepto da restrição de papéis bem definidos no âmbito sexual. No meu caso, uma variável interferia decisivamente. Por falta de definições apriorísticas, dando margem a me confundir com uma mulher, a clareza de papéis passou a ser um recurso indispensável, para maior integração comigo e com a parceira. Num vínculo hetero, pelas próprias condições sociais e anatômicas, tudo está definido de saída. Seja o homem ativo, seja o passivo, a sua identidade sexual não é questionada. Tinha de lançar mão de certos artifícios para fazer compreender como me sentia. De qualquer forma, não creio que a sintonia seja tão perfeita quando, num casal, ambos são passivos ou totalmente ativos. Na verdade, ninguém é inteiramente uma coisa nem outra. Existe também a questão da preferência, de como o sujeito gosta mais de amar e ser amado, independentemente dos papéis.

Se bem que fui uma pessoa bastante dinâmica e ativa, acredito que o fato de, na nossa cultura, o homem ser o elemento catalisador tenha me fortalecido ainda mais nesse sentido. Foi uma maneira de me fazer conhecer melhor pelo outro, já que o físico não ajudava. Quando era solicitado a me colocar numa posição “de receber”, sentia-me ameaçado, como se confundido com uma fêmea. Esvaziava-se então a excitação sexual. Daí a necessidade de ter uma mulher dócil, feita para a entrega.

Dolores saía totalmente desse parâmetro. Era uma mulher enérgica, mesmo fora da cama, quase uma espoleta, provocando uma espécie de competição, o que foi apressando o término da relação.

Posteriormente, quando fortaleci meu poder de atração masculina, a atividade da companheira chegava a me excitar. Pude então saborear a tranquilidade da passividade. Deleitar-me com uma mulher me acarinhando.

Socialmente, sentia-me igualmente obrigado a desempenhar o papel de cavalheiro: abrir portas, pagar contas, chamar garçons. Questionava intimamente o convencionalismo que essas atitudes representavam, mas queria atuar, simplesmente, como todos os demais. Poder degustar pelo menos um mínimo do que os casais “normais” experimentavam. A conduta de Dolores se opunha a isso. Fiquei confuso. Paralelamente ao fato de querer defender uma posição igualitária para ambos os sexos, sem nenhum despotismo ou

fragilidade, precisava também manipular esses artifícios, para deixar claro o que era.

Não me entendia e certa vez mostrou-se chateada:

— Quando se tem certeza de uma coisa, não é preciso ficar provando a toda hora!

O processo de deterioração da relação com Dolores foi sofrido e gradativo. Consumou-se definitivamente quando me disse ao telefone:

— Não! Com você, nem vontade de ir para a cama tenho mais!

Fingindo ainda não entender, fiz a pergunta temida:

— Mas, afinal, o que pretende?

Não vacilou:

— Foi tudo muito bom, mas realmente não dá mais. Preciso é de uma mulher! Descobri que é do que gosto e...

O fim da frase não ouvi mais. Foi um soco no estômago. Saber que esse tempo todo tinha sido enganado. E não podia culpá-la. Fui enganado por mim mesmo! Era tragicômico!

Botei o fone no gancho e, pela segunda vez, desejei profundamente morrer.

CAPÍTULO 9

MERCEDES

*Amamos a vida não porque estejamos habituados à vida,
mas ao amor.*
F. Nietzsche

Eu e Mercedes fomos colegas no curso Normal. Perseguia-me onde estivesse com desculpas de aproximação. Para traduzir textos de francês e me dar presentes. Até tomar coragem e me confessar um dia que se apaixonara. Não sei se por estar ainda sob o impacto do término com Dolores, não dei bola. Na verdade, nem a olhava direito. Gostava apenas de ouvi-la falar com carinho dos amigos e dos sonhos.

Os anos se passaram, e não nos vimos mais. Havia mudado de colégio. Ela parecia ter perdido as esperanças de me conquistar.

Repentinamente, aconteceu o inexplicável: sonhei que a beijava efusivamente. Acordei ainda sob o impacto da sua boca. Por uma incrível coincidência, uma semana depois me ligou. Marcamos um encontro. Ao revê-la, senti que para mim algo havia mudado.

Foi uma paixão repentina, mas que durou seis anos. Ela morava em Cascadura, um subúrbio do Rio.

Minha ideia de sair de casa só se concretizou com ela, aos 22 anos. A saída em si foi relativamente tranquila. O inconveniente foi ter feito o enxoval às escondidas.

Mercedes não era bonita, pelo contrário, um pouco dentuça e de pernas finas. Entretanto, era extremamente charmosa e feminina.

Quando a conheci, morava com a mãe, a avó e uma prima já idosa. O pai abandonara a casa quando ela tinha dez anos. Desde então, a velha mãe dava duro no “alicate” para sustentar a família. Era manicure há 30 anos. Tanto o corpo como a mente já tinham se moldado às deformidades da profissão. Acostumara-se a ouvir de tudo com as freguesas. Porém, quando numa conversa franca lhe disse que nos gostávamos, confessou que preferia sua única filha morta a ter de aceitar vê-la viver com uma mulher. Foi uma parada meio indigesta. Com os anos, diante da felicidade da filha, acabou se rendendo

completamente. Fazia até meus pratos prediletos no domingo, só para irmos almoçar lá. Inesquecível sua língua de boi ao molho de maçãs! Preparava bolos maravilhosos, sempre com manteiga, para ficarem leves. Para retribuir, consertava em sua casa pequenas coisas que iam quebrando no dia a dia. Cheguei a fazer uma obra e trocar todos os azulejos do seu pequeno banheiro.

Foi com o táxi que consegui manter o aluguel do apartamento. Saía nele cedo para a faculdade, trocava a camisa, tirava a gravata e assistia às aulas. Comia qualquer coisa no bar e ia trabalhar. Normalmente, a labuta era durante o dia, mas, quando me via obrigado a completar o dinheiro do aluguel e a prestação do táxi, prosseguia à noite.

Tive vários motivos para considerar essa fase uma das mais decisivas para o meu crescimento: passei a me sustentar e a ter as responsabilidades que uma casa exige. Senti então, de forma mais nítida, o peso da marginalização, pois havia me casado, embora a família ignorasse.

Nesse período assumi a identidade social masculina.

Quando solteiro, era visto como mulher-macho e, poucas vezes, confundido com um homem.

Um dia, por acaso, ao sair de casa, esqueci a bolsa a tiracolo. Fiquei surpreso ao constatar que ninguém na rua me olhava! Deduzi que, se me aperfeiçoasse mais nos caracteres masculinos, passaria completamente despercebido. Obtive, assim, vantagens na esfera social. Uma liberdade que nunca antes havia desfrutado. Podíamos caminhar abraçados e até nos beijar em plena rua. Finalmente vivenciava, no nível da realidade, meu verdadeiro gênero.

Mercedes me incentivava. Comprava roupas de homem e me tratava no masculino, perante os desconhecidos. Escolhemos um apelido neutro, com o qual me chamava em público. Mas a confusão começou a se formar quando, no meio de conhecidos e familiares, era obrigada a me tratar no feminino.

Com Mercedes, tomei mais coragem de enfrentar situações em que punham em risco a minha segurança. Quando íamos a uma loja masculina para experimentar uma roupa, e o vendedor queria entrar comigo na cabine, ela imediatamente o chamava de lado, com uma desculpa qualquer, retendo-o tempo suficiente para que terminasse a prova. Embora sempre comprasse camisas meio largas e com bolsos na altura do busto, constrangia-me que o vendedor a examinasse no meu corpo.

Um dos meus grandes desejos era poder usá-la mais justa e andar empertigado, sem a necessária e constante corcunda.

No meu aniversário, Mercedes me presenteou com uma camisa social preta Pierre Cardin, sem bolsos e com abotoaduras. Vibrei de contentamento. Fiquei pensando num jeito de estreá-la sem me comprometer. Finalmente comprei uma faixa de gaze larga, daquela que se usa para entorse, e enrolei meu tórax. Ficou tão apertado que mal podia respirar. Prendi-a com esparadrapos. Não podia fazer movimentos bruscos. O inconveniente maior era quando a faixa começava a afrouxar, devido ao contínuo sobe e desce do diafragma. Via-me obrigado a achar um banheiro urgente para refazer o arranjo, antes que caísse tudo. Hoje já existem bandagens e “corpetes” prontos

para esse fim.

Andar vestido de homem na rua fazia com que me sentisse muito bem. O desagradável era parecer um garotão imberbe, com uma voz de taquara rachada. Comecei a desenvolver uma observação mais apurada e minuciosa dos detalhes do comportamento social masculino: gesticulação, hábitos, cacoetes, maneirismos. Andar com a mão direita metida na abertura da camisa, na altura do peito, era um gesto descompromissado e bem característico da conduta dos homens. Servia-me como um dissimulador.

Sair em público significava entrar em prontidão. Precisava prestar atenção o tempo todo à minha figura em relação aos outros. Ficava exausto com a preocupação contínua de manter a voz grossa, os gestos contidos para não perceberem os seios nem a falta do pênis. Paralelamente, sondava no ambiente se havia alguma ameaça de batida policial ou presença de conhecido que pudesse me denunciar.

Mercedes dava aula e, nessa época, conseguiu trabalhar à noite como secretária num curso pré-vestibular. Fez-me uma carteirinha de estudante do sexo masculino, o que me permitiu circular mais aliviado. Acabaram as confusões na porta do cinema. A minha verdadeira identidade já tinha causado os maiores escândalos, a ponto de a bilheteira desconfiar de que não fosse minha. Antes dessa nova carteira, já tinha passado a pagar inteira, só para não ter de mostrar meus documentos legais.

Esse novo documento, embora precário, serviu-me para levar Mercedes a um motel. Queríamos conhecer um e fomos no meu táxi. Estacionei. Ficou esperando no carro. Não havia entrada direta para automóveis, como nos mais caros e modernos. Penetrei na portaria, gelado:

— Sua identidade, por favor – solicitou-me o porteiro.

— Não a tenho aqui agora...

— Então, a carteira de motorista.

— Também não a trouxe – respondi, temendo que fosse dar a maior merda.

— Mas como, cara? Você não é chofer de táxi? Pelo menos a carteira de motorista você devia ter!

— Tem razão, chefe! Acontece que saí meio desprevenido. Arranjei essa garota no caminho e só tenho comigo a carteira de estudante. Se servir, muito bem; se não, vou arranjar outro motel.

Já ia dando as costas, quando me chamou:

— Deixa ver a carteira. Preenche aí essa ficha.

Comecei a escrever, tendo o cuidado de não errar o nome que estava na carteira. Quando chegou o momento de botar o da mulher, fiquei em dúvida. O rapaz, vendo a minha indecisão, aproveitou para me zoar:

— Ô, cara, bota aí qualquer nome. É só para constar. Parece até que nunca comeu uma mulher!

Subimos. Ao entrar no quarto todo espelhado, o que aumentou mais ainda minha agonia, corri direto para o banheiro e assim acabou a noite.

O clima de tensão em que vivia era permanente. Constatava essa angústia nos sonhos frequentes que passei a ter, com o mesmo tema: andar só de cuecas

no meio da rua e, de repente, descobrir que estava também sem camisa. Saía, então, correndo e nunca encontrava uma porta aberta ou esconderijo onde pudesse me abrigar. Havia poucas variações no pesadelo. A sensação era de ameaça, vergonha, medo de ser descoberto e ridicularizado.

O curioso é que tinha todos os motivos para ser uma pessoa agressiva. No entanto, era dócil e afetivo. Desenvolvi uma razoável capacidade de autocrítica para melhor me situar no campo perceptivo do outro. Estranhava apresentar passividade, quando a revolta, pela lógica, deveria me dominar. Por outro lado, me tornei covarde porque nunca poderia enfrentar a polícia.

Uma cena com a qual raramente sonhava, e que me impressionava pelo conteúdo violento, era a de um homem desconhecido debochando de mim por ser mulher. Pegava-o com as duas mãos pelo colarinho e, com uma força descomunal, batia seguidamente sua cabeça contra a parede, até matá-lo. Aí acordava. Era como se lutasse contra o irrefutável do meu ser.

Outra consequência de viver duas identidades foi que meu campo de ação se restringiu. Enquanto homem, esbarrava numa série de obstáculos: ir à praia de sunga, urinar em mictórios públicos (sempre precisava de reservados para me trancar), apresentar documentação, pegar mulheres na rua. Como mulher, também não podia mais frequentar os mesmos ambientes que anteriormente me eram permitidos. Minha figura agora já tinha alguns caracteres de macho, como pernas e axilas cabeludas, corte de cabelo bem curto, o que me impedia igualmente de ir à praia, a toaletes femininos e apresentar meus próprios documentos sem causar escândalo e confusão. Eu era ambos os gêneros e, ao mesmo tempo, não era nenhum dos dois.

Apesar das dificuldades, o fato de deixar de ter uma aparência social ambígua me deu um enorme alívio. Além de não ser tão discriminado na rua, era até aprovado. Uma vez ouvimos dizer que “formávamos um casal bonito e perfeito”.

Era como se tivesse tomado o elixir da legalidade! Quis saborear esse delicioso gostinho. Fui até as últimas consequências que essa “aceitação” pudesse nos permitir. Tornamo-nos um casal bem enquadradinho nos moldes vigentes. Mercedes tinha largado o curso noturno e ficou só nas aulas para crianças, numa escola no subúrbio de Paciência. Gastava quase o tanto que ganhava do Estado em passagens. Acabou largando o trabalho de professora. Eu sustentava a casa. Quando aparecia a chance, eu pintava apartamentos de conhecidos para conseguir mais algum.

Aos domingos, íamos almoçar na casa da sogra, que fazia meus pratos prediletos. Era quando comíamos bem, pois no resto da semana não víamos nem cheiro de carne ou de qualquer produto que pudesse estourar nosso precário orçamento. Havia dias em que chegávamos a comer apenas pão na refeição.

Em decorrência da pouca grana e do estresse constante da situação, passamos a ficar irritados e projetando nossas frustrações um no outro.

Aos poucos, Mercedes foi relaxando como dona de casa. Tive de abrir mão da postura machista e ajudar nas tarefas domésticas, o que me entediava profundamente.

Em compensação, achava interessante seu modo peculiar de ver a vida. Talvez por sempre ter sido pobre, ela alimentava uma ambição sem limites, até mesmo surrealista. Sonhava em conhecer Paris, em ser uma escritora famosa, ter vestidos longos, vaporosos e descer por escadas de mármore, como nos filmes. Tudo esboçado numa linguagem onírica, traduzindo um alto nível de aspiração, o que evidenciava a insatisfação com o cotidiano: “As pessoas resignam-se em função da sobrevivência básica e adquirem pseudovalores para se dizerem felizes. Acostumam-se a ser exploradas sem questionamentos, pois acham que é o seu destino e a vida é assim mesmo, a pobreza deforma”.

Gostava de ouvir suas análises. Sabia que seus desejos não visavam meramente a uma melhoria de *status*, mas a uma forma irreverente de tratar o “indispensável da vida”. Não era consumista.

Embora admirasse sua audácia, tal atitude me causava desânimo, por nunca conseguir fazer com que as coisas lhe bastassem. Sua busca era quase insaciável.

Quanto ao aspecto sexual, Mercedes me agradava, embora a primeira noite tenha sido um desastre.

Fomos para Teresópolis, uma cidade turística próxima do Rio, e nos hospedamos num hotelzinho acolhedor, com o dinheiro que eu juntara das pinturas.

— Meu bem, deixe as malas aí mesmo fechadas, e vamos descer para jantar. Amanhã arrumamos tudo — sugeri.

Resolvemos comer fora porque a diária do hotel só incluía o café da manhã. Aproveitei e comprei uma garrafa de conhaque barato, com a desculpa de comemorarmos.

Enquanto ela falava, sentada à mesa, pensava em coisas completamente diferentes: tomar um pileque para enfrentar corajosamente as dificuldades que iria ter na hora “H”. Não tinha intimidade suficiente com ela, nem havia conversado nada antes para esclarecer as preferências sexuais — esses pequenos ajustes que uma relação não padronizada exige.

Tudo me passava pela cabeça: “Como será na cama? Ficaré quieta, esperando que eu resolva tudo? Assim seria melhor. Mas não falei nada. E o que fazer se decidir tocar nos meus seios? Não, aí vai estragar tudo. Vou apagar a luz, entrar meio alto, tirar minha roupa, fazer com que me toque o menos possível e descobrir do que gosta, para ver se, desse jeito, me esquece. Mas e eu? Não. Vai ser assim mesmo. Pelo menos, até ter certeza de que posso me entregar sem que me confunda com mulher. É mais garantido”.

— Amor, você está longe. Vamos voltar para o hotel? — murmurou maliciosamente.

Foi como se tivesse tocado o sinal para começar a prova final. Deu-me um nervoso tal que fiquei completamente desorientado. Queria muito fazer amor. A merda toda era a vergonha de tirar a roupa, e Mercedes perceber que eu era igualzinho a ela. Enquanto vestido, mantinha certo porte. Fazia, pela altura, 1,71 m, e pela musculatura, uma figura razoável. Mas pelado... Mesmo no escuro... Iria querer pegar no meu pau, e cadê? Broxaria... E o pior é que ficaria desmoralizado, me sentindo ridículo. Sabia que tinha esse corpo, até me

tratava no feminino (o que me incomodava muito; só mais tarde tive coragem de conversar sobre isso), mas uma coisa é ter uma noção geral, e outra é patentear, visual e tatilmente, o real.

Brindamos. O conhaque desceu queimando. Não estávamos acostumados a beber. Parou no primeiro copo. Apesar da sua advertência, fui entornando. Subitamente, retirou-se para ir ao banheiro. Aproveitei para os últimos retoques.

“E agora, o que faço?” Comecei a ter uma leve dor de barriga. Tomei mais dois goles, aguardando o que iria acontecer. Entrando novamente no quarto, Mercedes deitou-se, puxou as cobertas e, sensualmente, me convidou:

— Vem!

O jeito era de mulher segura e experiente, que conhecia todas as técnicas do mundo. Duvidei da inexperiência que me confessara dias antes, mas agora não havia mais como recuar. Apaguei a luz. Tirei a roupa num segundo e, antes que seus olhos pudessem se acostumar ao breu, pulei em cima dela. Foi então que tudo começou a girar. Senti meu corpo crescer e diminuir várias vezes, até se transformar numa sensação horrível de náusea. Levantei-me cambaleando. Só deu tempo de chegar até a pia do quarto. Escovei os dentes, ainda mais envergonhado. Fui ao banheiro e, quando retornei ao ringue, adormeci nu sobre seu corpo.

Amanheceu. Verifiquei que Mercedes ainda dormia, profundamente, ao meu lado. Afastei as cobertas com cuidado, abri a mala em busca do pijama. Vesti-me. Só então me deitei para acordá-la, afetuosamente.

Inteligentemente, Mercedes não fez comentários sobre a noite anterior. Limitou-se a dizer:

— Parece um menino que nunca teve uma mulher nos braços!

Sorri meio sem graça, mas adorei ter feito pelo menos uma imagem de menino. Compreendera meu nervosismo. Nessa noite, quando fomos deitar, antes que pudesse me descontrolar, convidou-me:

— Deita aqui ao meu lado. Quero sentir primeiro o seu cheiro e gosto. Vem, me abraça. Não vamos fazer sexo hoje. Vamos nos conhecer primeiro de outras formas.

Que alívio! Estava sendo magistral, mesmo que estivesse adiando o inevitável. Foi uma tática que funcionou. Fez-me mais amado e seguro. Principalmente mais à vontade para falar um pouco do meu problema:

— Sabe, Mercedes, só tive uma mulher até hoje. Não sei se me entende, para mim é difícil explicar. Não que você não me atraia, pelo contrário, mas meu corpo não ajuda. Se fosse como qualquer outro homem... Você saberia o que esperar dele e vice-versa, embora isso não invalide as diferenças pessoais. Mas, no meu caso, pode dar margem à confusão e...

— Cama não se discute. Sente-se. Tudo vai dar certo, tenho absoluta certeza — profetizou inabalável, tapando minha boca com os dedos.

Resolvi entregar-me por inteiro e não pensar mais no caso. Mas como?

Passaram-se três dias. O dinheiro estava acabando, e com ele a lua de mel. E ainda não tinha exercido minhas funções maritais! Agora, eram duas frentes de angústia: a de querer e não poder como queria e a de estar fazendo

papel de bobo. Como resolver esse impasse? O corpo não ia mudar mesmo e não queria perdê-la. Tomar outro porre não era uma alternativa. Não poderia gastar mais tempo sem, pelo menos, tentar.

Decidi pelo velho recurso da fantasia. Comecei a me autossugestionar de que era o cara mais lindo e gostoso do mundo. Preparei o terreno, tratei-a como uma verdadeira *lady*. Porém, quando entramos no quarto, e me pediu que abrisse a janela, tudo foi, novamente, por água abaixo.

— Querido, levanta o vidro da parte de baixo da janela, para a gente sentir um pouco da brisa noturna — pediu, como se não tivesse força suficiente para executar essa simples tarefa. Imbui-me então da sensação de ser o próprio Hércules. A janela era tipo guilhotina. Enquanto sustentava com uma das mãos a esquadria, puxava com a outra as orelhinhas de metal. Dei um *close* para a musculatura avantajada do meu biceps, como uma injeção de ânimo, depois de tanta miséria corporal! Mas desconfiei que ela estivesse olhando, e, ao virar para trás, não deu outra. Sorria da minha pose. “Que papel ridículo! Pareço um garoto tolo fazendo muque para a namorada, só para mostrar que é forte.” Fiquei tão aturdido que ela despencou em cima da minha mão. Dei um gemido. Rapidamente, sua preocupação passou a ser com o meu machucado. De certa forma foi bom, porque canalizou sua atenção para outro fato. E foi nessa mesma noite, com um bruto hematoma na mão, que me aventurei a sacramentar nossa união.

Jogamos cartas, conversamos deitados na cama, e, no meio do papo, começou a morder meu pescoço. Fiquei todo arrepiado. Seu jeito provocante despertou-me uma excitação incontrolável. Comecei a tremer emocionado e, antes que descesse do pescoço, retomei a posição ativa. Lentamente, fui roçando minha boca atrás de cada beijo dado. Muito magra e flexível, encaixava-se perfeitamente nos meus abraços. Era excitante envolvê-la, sentindo seu corpinho quente e entregue. Era belo aquele movimento mútuo e desnudo.

Toquei-lhe o sexo e, quando pensei que havia alcançado o clímax, ouvi o seu pedido:

— Entre dentro de mim.

Minha cabeça deu um nó. E agora? Será que é por estar me achando desligado ou realmente quer que penetre na sua vagina?

Até então, minhas relações com Dolores se resumiam somente à primeira etapa. Nunca tinha feito o que Mercedes me solicitava agora.

Mas por que estranhar tanto? Afinal, estava se comportando como qualquer mulher excitada e desejosa. Tentava me refazer da surpresa e não dar a perceber a minha insegurança, quebrando a continuidade do ato.

Tudo transcorria em segundos, quando, para meu alívio, sentindo-me perdido, segurou uma das minhas mãos. Mostrou-me, então, como gostaria que fizesse. Como um autômato, obedeci rigorosamente ao seu desejo. Continuei no ritmo que imprimia e que parecia estar gostando. Sentia um grande desconforto já que a minha mão não nascia do meu ventre, pelo fato de estar sendo guiado, mas continuei. Como forma de retribuir a carícia, Mercedes teve a infeliz ideia de tentar tocar na minha genitalia. Foi a gota d'água! Não tive condições de

aguentar mais.

Apesar do incômodo, havia ao menos o prazer de penetrar uma mulher. Porém, quando tocou no meu pênis mirim e começou a friccioná-lo, o corte foi total. Sufocando com o nó subindo pela garganta, supliquei:

— Não, por favor, desligue-se de mim. Sinta apenas o que estou lhe dando, pois é assim que me excito.

Sentia-me o último dos homens. Ao mesmo tempo, satisfeito por não ter permitido que alguém me violentasse daquele jeito. Teria de haver outra forma, embora nunca ideal, mas que pudesse, ao menos, me deixar mais à vontade, sem ter de evidenciar as partes mais “abjetas” e comprometedoras do meu corpo.

Ainda com as mãos trêmulas, acendi um cigarro. Tentei resistir, mas a merda do velho choro doido veio à tona. Não sei se fingia não me entender ou se estava apenas querendo ser natural, quando me abraçou.

— Não tem importância. Isso acontece nas melhores famílias. Reafirmo que ainda vamos nos entrosar muito bem.

Sabia que a minha impotência não estava na minha sexualidade propriamente dita, mas no meu sexo, enquanto humilhante e vergonhoso.

Meu objetivo estava longe de lhe provocar compaixão. Queria que compreendesse o que se passava comigo. Porém, faltava-me estrutura emocional para mencionar palavras como seio, vagina ou clitóris que se referissem a mim. Era como se, falando, reforçasse auditivamente, no outro, uma percepção que eu próprio preferia que esquecesse.

O momento intenso da contorção do insolúvel foi passando, e predominou meu lado que reagia com humor. Inicialmente fiquei apático, como sempre ocorria depois de uma crise. Para não a deixar deprimida, comecei a brincar numa espécie de “jogo do contente”, pensando em como era bom estar amando e sendo amado.

Decidi que tinha de acontecer ainda naquela noite.

A certeza de que não tocaria mais no meu sexo me acalmou. Fui me deliciando pouco a pouco com o seu perfume, o sal de sua pele, suas curvas macias, até conseguir penetrá-la suavemente. Seu corpo se agitou, sua respiração acelerou e, pressentindo que ia gozar comigo lá dentro, atingi o êxtase. Fiquei tão feliz que a moleza costumeira não me abateu. Orgulhava-me de ter conseguido chegar ao clímax, quase que só mentalmente, pois o meu sexo nem tinha roçado nela.

Nessa noite dormi como um anjo.

CAPÍTULO 10

DE PEITO NU

*Não se pode simular coragem,
é uma virtude que escapa à hipocrisia.*
Napoleão

O fato de Mercedes me tratar cada vez mais como seu marido dava-me segurança para me expandir sexualmente. No calor, costumava tirar a camisa dentro de casa, sem sentir minha figura masculina comprometida. Porém, o mesmo não acontecia quando se tratava das calças. Tirar as cuecas tranquilamente, jamais consegui. Entretanto, um acontecimento contribuiu para essa minha abertura.

O namorado de Leila, que era médico e acabava de se especializar em cirurgia plástica, havia me sugerido fazer uma operação de mama, a fim de embelezar meus seios. Não eram propriamente grandes, mas caídos e flácidos. Aceitei a proposta, embora o que menos me interessasse fosse torná-los eretos e rijos, mas lhe exigi uma condição: que os diminuísse o máximo possível. Após alguns dias, quando pude ver os resultados, fiquei alegre por estarem menores e, de certa forma, mutilados pelas suturas. Porém, por não ter alcançado inteiramente o que mais queria – a retirada total –, relaxei quanto às recomendações feitas. Antes de receber alta, voltei a fazer ginástica e a cometer imprudências, comprometendo o resultado. Vários pontos arrebentaram e inflamaram. O tecido esgarçou, e a largura da cicatriz aumentou. Passados dois anos da primeira cirurgia, creio que, por vaidade profissional, aconselhou-me a fazer outra plástica, dessa vez com a finalidade de retoque, para uma melhor apreciação estética. Achei a ideia ótima. Resolvi que dessa vez não iria lhe ocultar meus verdadeiros motivos.

— Fernando, desejo mesmo é que tire tudo. Não lhe falei da outra vez, porque talvez não entendesse. Mas nestes dois anos nos conhecemos melhor, e, como se mostrou amigo, achei que seria honesto contar minha verdadeira intenção.

— Mas, Joana, não posso fazer o que está me pedindo! – exclamou meio surpreso, só então entendendo minha antiga reação pós-cirúrgica. — Existe

uma coisa chamada ética médica. Mesmo que satisfizesse o seu desejo, quem me garantiria que não iria se arrepender depois? Além dos problemas sociais e familiares que eu poderia provocar!

Esse “arrepender” me revelou que, realmente, ainda não me conhecia. Não tinha percebido meu desespero. Notei então que, diante dessa confissão, já estava desistindo da proposta inicial.

— Olha, Fernando, qualquer coisa que tire, até um pedaço de pelanca que possa ajudar a diminuir, será ótimo. Quero a cirurgia, mesmo que continue com peito. Prometo me comportar bem desta vez, para não comprometer sua reputação profissional.

A operação seria novamente gratuita, pois o anestesista era também meu conhecido, e o hospital, do Estado. Fiz todos os exames necessários e me internei numa enfermaria de mulheres. Felizmente, fui operado logo no dia seguinte. Os comentários a meu respeito já tinham chegado ao andar de baixo. O ambiente do hospital me deprimiu. Vi pessoas sofrendo, gemendo, angustiadas por uma visita. A maioria era de senhoras idosas com doenças ginecológicas, que ficavam discutindo seus casos e me colocando em pé de igualdade para compreendê-las.

Fernando foi correto e cumpriu o prometido. Por sorte, os seios ficaram praticamente insensíveis, devido aos traumas cirúrgicos, e menores, embora enormes ainda para o meu protótipo ideal. Sentia-me um ginecomasto, porém que saída? Meu pensamento continuava a ser o de tirar tudo, mas agora estava melhor do que antes. Embora isso não me alegrasse, tinha de ser o suficiente para, pelo menos, não me deprimir.

Por mais que tentasse ignorá-los, meus seios estavam basicamente presentes em três situações: no acesso social, por não poder vestir roupas justas a não ser que usasse faixas; quando deitava de lado, pois na cama de barriga para cima, ainda ficavam achatados, mas de lado eram-me insuportáveis! Faziam uma prega no meio, um tombava por cima do outro, dando a impressão de serem maiores e até provocando certo sensualismo feminino que me horrorizava. A terceira, quando me olhava no espelho, analisando as mudanças do meu físico ao longo dos anos. Não buscava sinais de velhice ou maturidade, mas os possíveis efeitos da ginástica para combater os caracteres sexuais secundários, causados pelos hormônios femininos que meu próprio corpo fabricava. Algumas vezes, cheguei a puxar os seios para debaixo dos braços, numa tentativa de esticar a pele do tórax e visualizar como ficaria sem eles. Mas ao soltar os cotovelos que os mantinham na pressão... Era como se, além de não me terem dado um pênis, ainda me colassem esses dois pedúnculos, desafiando meu equilíbrio mental. Pensei se iria morrer assim. Lembrei-me dos meus 17 anos, quando dissera que precisava ser um leão para não ser devorado. Poderia me isolar, me abster também do prazer sexual. Mas não era esse mesmo o objetivo da sociedade? Recusei-me à loucura. Não me deixaria sufocar por complexos e atrofia a ponto de ter de pedir perdão por existir!

Quando me interrogava sobre “quem” teria feito isso comigo, não atribua culpa a nenhuma entidade sobrenatural. Pensava que o acaso também tem descuidos... Um bode expiatório me fazia falta. A obrigatoriedade de ter de

assumir meus atos, sem acreditar em destino ou fatalidade, a falta da bengala sagrada, dava-me um sentimento de desamparo. Ao mesmo tempo, evidenciava minha própria força. A falta de um deus não me deixava descuidar.

Quando pequeno, diziam que carregava o pecado mortal por não ter sido batizado, e sem entender vivia um medo-mistério. Com oito anos, perguntei à mamãe:

— Por que as pessoas vão à igreja aos domingos?

Surpresa, parou a correção das provas.

— Ora, vão para ouvir do padre que devem ser boas.

Diante dessa explicação, só tive uma conclusão:

— Mas, mãe, será que são tão más assim que necessitam ouvir toda semana a mesma coisa?

No meu aniversário, Mercedes me comunicou que havia um presente para mim na garagem do prédio. Desci correndo as escadas.

Era uma moto de 50 cilindradas, azul metálico! Não conseguia acreditar! Contou-me que havia comprado à prestação, de segunda mão e que não estava muito rodada.

Exultei! Só fazia abraçar e beijar ela e a moto. Foi o melhor presente que havia ganhado até então! E que mudou minha vida. Até hoje, aos 61 anos, tenho moto.

Minha irmã mais velha tinha se mudado com a família para a Europa para fazer um curso de pós-graduação. Deixou, temporariamente, seu apartamento conosco. Assim, nosso orçamento melhorou muito.

Minha expansão sexual não se restringiu apenas ao fato de andar de peito nu dentro de casa. O fortalecimento da autoimagem me proporcionou uma reintegração maior com todo o meu corpo. Com o tempo, deixei Mercedes tocar nos meus genitais, mas só se fosse com um trato masculino. Fui desenvolvendo comportamentos adaptativos para suprir as deficiências como macho. Notei que, na hora do coito, a minha mão esquerda adquiria um formato e uma maleabilidade específicos, como se fosse um pênis. O interessante é que nunca variei de mão. Só mais tarde fui atentar para esse detalhe. Creio que, pelo fato de ser destro, a canhota me era mais suave, com a pele mais fina e menos exposta a acidentes. Por ter mais força na direita, esta servia para me apoiar na cama, resultando num equilíbrio maior.

Conseguimos desenvolver uma técnica que nos permitia ter satisfação conjunta. Mas o que desejava era poder fazer amor, abraçando Mercedes com as duas mãos! Senti-la em mil posições diferentes, se tivesse os membros superiores livres! O peculiar é que, normalmente, os indivíduos têm uma tendência a proteger seus genitais em qualquer eventualidade em que possam correr risco de dano ou perda. Essa mesma preocupação se apresentava em relação à minha mão esquerda. Danificá-la significaria entrar em abstinência sexual. Uma vez tentei usar a mão direita, mas foi um fracasso! Era dura,

desajeitada, deslocada, sem me proporcionar qualquer prazer. Antes de penetrá-la, umedecia meus “dedos peniais” no meu pseudoesperma, como uma forma de colocar algo meu dentro dela. Dava-me uma maior sensação de aproximação.

Sem o lúdico, não podia haver sexo. Não duvidava mais de como ela me via. Restava saber se me queria mesmo assim, como um homem mutilado. O rumo da minha insegurança aumentou quando Mercedes começou a se mostrar esquiwa.

A fantasia para iludir a dor do real no coito me preocupava. Primeiro, fazia-me correr o risco de, repentinamente, ver a mágica acabar por qualquer motivo ou se tornar insuficiente, deixando-me exposto. Essa ideia me apavorava. Depois, queria que tudo fosse natural como com qualquer pessoa. Ter de fantasiar no ato do amor me deprimia. E, por fim, havia o perigo de levar Mercedes a uma grande confusão: na cama, eu era visto como um homem; na rua, um meio-termo e, no trabalho ou em lugares frequentados por conhecidos, como mulher.

O retraimento sexual de Mercedes foi abordado por mim, numa conversa trabalhosa. Mostrava-se na defensiva e com dificuldade de expressão. A certa altura, notei uma lacuna na nossa comunicação. Senti que era ali que deveria estar localizada a ferida. Em vez de atacar em cheio o ponto capital, procurei ser compreensivo:

— Não se sinta obrigada a me contar. Tente me dizer o que acha que aconteceria se me revelasse.

Minha intenção era de que percebesse que a catástrofe não passava de mera fantasia. O fato real ainda não tinha sequer acontecido, e já estava reagindo aprioristicamente, não me dando opção de escolha.

— Se falar, vai ficar chocado. Talvez até termine tudo comigo. É uma descoberta recente, que vim a fazer conversando outro dia com Pilar, que tem o mesmo problema.

— Quer dizer que tem medo de me perder por isso? Será que é algo assim tão terrível? – comecei a dizer as piores coisas, para minimizar seu problema.

— Ah, você está apaixonada por outro?

Riu, balançando a cabeça negativamente.

— Então me acha um chato, mas casou comigo só pelo dinheiro?

— Não é nada disso. Não brinque. É muito sério.

— Então pode falar, porque só por esses dois motivos é que a deixaria. Não pode haver nada mais escabroso.

Mas havia. E quando me disse, embora ficasse impassível, morri por dentro.

— Jô... – esse era o apelido que me dera, evitando deixar claro, em público, se meu nome era Joana ou João, e que acabou virando um tratamento carinhoso. — Acho que nunca cheguei ao orgasmo. Excito-me muito, mas não sinto a mesma sensação de quando me masturbava. Achava que deveria ser assim mesmo até que, falando com Pilar, vi que, realmente, não chegava ao ponto máximo. É como se, de súbito, o processo de excitação se esvaziasse sem ter chegado ao auge.

Deve ser pela minha deficiência, pensei imediatamente.

Quando começou a se justificar, detive-a:

— Não precisa se explicar. Uma relação é sempre a dois. Quando uma das partes não funciona bem, a outra tem igual responsabilidade. Portanto, deixe tudo comigo. Garanto que não estou acertando para lhe dar o prazer total. É importante que fique relaxada.

Confesso que minha presença de espírito no momento me surpreendeu. Fiquei, porém, tão arrasado que não me concentrei em mais nada no resto da semana. Insistentemente, a frase voltava a martelar na minha cabeça: “Nunca cheguei ao orgasmo”.

Passei algumas noites sem dormir, atribuindo a causa do problema à falta de um pênis de verdade. Ela me disse que mulher não a atraía, o que me dava grande alívio. Mas, ao mesmo tempo, me sentia angustiado por ter me esmerado ao máximo para suprir a falta e, agora, constatar que ainda não era o bastante. Cheguei a tal grau de preocupação que Mercedes passou a ser mais importante, no ato sexual, do que eu. Contribuía também o fato de eu ter uma excitação fácil, obtendo o orgasmo rapidamente, contrastando com certa demora de sua parte. Eu via o fato como sendo peculiar da nossa cultura. A mulher sempre tem mais dificuldade e suscetibilidade aos maneirismos sexuais, e o homem, menos complicado, é mais direto nessas questões. As justificativas relacionadas com as diferenças de constituição entre a mulher e o homem me pareciam pouco convincentes, na medida em que eu era a prova cabal desse mito social.

Não tentei fazer sexo com ela por algum tempo, até irmos a uma festa na casa de amigos. Bebeu a quantidade certa para ficar naquele estado em que o superego deixa de ser o chefe supremo. As circunstâncias nos favoreceram. Tudo correu às mil maravilhas. Ao fim, felicíssima, beijou-me e afirmou que conseguira.

Fiquei sem saber direito o que pensar. Estava confuso, pois Mercedes se comportou como sempre. Talvez um pouco mais efusiva. No entanto, nas vezes anteriores, quando estava certo do seu orgasmo, este havia sido uma farsa. Não fiquei convencido, já que acreditava que o problema era a minha deficiência.

Por defesa ou comodidade, resolvi dar-lhe um crédito e esquecer as encucações martirizadoras. A partir daí, passamos a ter um jogo sexual gostoso até o momento em que percebi que não se umedecia tanto quanto antes, dificultando a penetração. Aceitava bem os meus convites, embora jamais tomasse a iniciativa.

Encuquei: “Não pode estar fantasiando novamente. Está na cara que necessita de algo que não posso lhe dar”.

Arranjei uma desculpa qualquer, peguei minha moto e saí. Precisava urgentemente respirar um pouco de ar noturno. Rodei até uma praça próxima. Desliguei o motor e sentei-me num banco, ruminando uma confusão que me despertou ânsias de monologar. Necessitava aclarar as ideias, desabafar e ouvir a minha própria voz. Talvez, nesse discurso, pudesse entender-me melhor, já que não conhecia ninguém que tivesse o mesmo problema.

— Jô, o que você está sentindo?

— Estou triste, nervoso, confuso – respondi para mim mesmo, sentindo cada palavra. Sabia que o fundamental que me dominava não havia saído e precisava sair, alto e bem forte.

— Impotente, porra! Diga: “Estou me sentindo impotente!”.

Meu corpo se transformou. Contorcei-me num arrepio só ao ouvir a crua verdade. Comecei a tremer, como se fizesse subitamente um frio cortante e estivesse fraco e desagasalhado. A palavra continuava ressoando nos meus ouvidos. Tornei-a novamente audível.

— Impotente! Impotente! Impotente!

Virou raiva, puro ódio. Meus olhos se nublaram. Estavam endurecidos e cegos. Depois, os braços, as pernas e, finalmente, o corpo todo. Por uns segundos, fiquei enrijecido, até que num ímpeto rompi a inércia e dei um salto do banco. A visão voltou. Abaixei a cabeça e vi meu corpo. Abri as mãos e toquei-o. Amassei meus peitos, comprimi meu sexo vazio, levantei a cabeça e novamente, escarrei no mundo – por estar vivo daquele jeito. Caminhava como num cais sem partidas. Meus braços se jogavam, me esbarrando. As pernas chutavam o torpor do nada-ser. *Flashes* soltos varavam meu peito fundido. “Não, não é homem, é mulher sim, vem sempre aqui no bazar com a mãe e compra bolas de gude. Coitada, até seria uma mocinha bonita, se quisesse...” Crianças apontavam para mim, rindo, gritando alto: “Maria-homem, Maria-homem, mais parece um lobisomem!” “Mamãe, você gosta de mim?” “Claro que gosto de você.” “Mas como eu sou?” Sua boca era grande e me beijava. “Você é inteligente, sensível, mas muito levada.”

Os pensamentos agora se tornavam mais densos. Lembrei-me das repugnantes monstrações. Fazia de tudo para que Mercedes não as percebesse – a prova irrefutável da minha condição. Aquele absorvente entre as pernas e a imagem de marido, onde ficava? Isso tornava tudo ainda mais complicado. Parecia um castigo propositado! Já não tinha peito atlético e cabeludo, era obrigado a sentar humilhanamente para mijar, tinha a cara lisa, sem barba, a bunda caída e alargada pelos hormônios. Já não bastava?

Novamente o pesadelo de que as mulheres não poderiam se sentir atraídas por mim começou a me estrangular. Não era possível... Ou era?

Pensei nas pessoas que achava que gostavam de mim. Uma autopiedade me agasalhou. Senti-me profundamente grato pelo carinho que já tinha ganhado na vida.

— Foi de migalhas que sempre vivi – reconheci.

Pensei no malabarismo fantasioso que desenvolvera para obter prazer nas mínimas coisas, como o volume do absorvente, que antes tanto me deprimia e se transformara em algo pazeroso.

Certa ocasião, num descuido meu, Mercedes percebeu aquele volume que a cueca deixava transparecer. Contrariando minha expectativa, gostou do que viu. Fiquei confuso ao perceber que estava me olhando como olharia para qualquer homem. A princípio, fiquei meio envergonhado, me sentindo ridículo. Abraçou-me e, inesperadamente, começou a tirar um sarro delicioso, da forma como eu sempre tinha imaginado e jamais pude experimentar. A excitação foi me tomando, até o ponto em que ela tentou segurar o volume

dentro da cueca. Sutilmente, puxei seu braço e passei-o ao redor do meu pescoço. Ainda não me sentia em condições de aguentar aquela carícia tão sensual, mas prematura.

De repente, via-me esperando ansiosamente pelo dia da menstruação. A situação agora se invertia, pois, só durante aqueles poucos dias, teria uma desculpa para exibir um “pênis” em tamanho normal. Entretanto, se continuasse a usá-lo após o término do ciclo “monstrual”, certamente me acharia um tolo, e, covardemente, não tornaria a usá-lo. Paradoxalmente, era nesses dias que mais me expandia sexualmente, vestido, é claro. Mas o fato de ter um pau só por três ou quatro dias e depois o volume sumir deixava-me igualmente desmoralizado. Num dia, estava pronto para excitá-la de uma maneira, e no outro, se ela quisesse repetir o gesto, teria primeiro de me observar para ver se era ou não possível. Assim não dava.

Qual seria então a solução menos terrificante?

Encostei-me a uma árvore e vi um homem sentar num banco. Pobre, feio, mas homem. Será que ele sabe o que isso significa? Talvez o discriminem pela ignorância, pela falta de *status*, sei lá, mas quem ousaria questionar sua identidade sexual? Uma vidinha possivelmente simples, em que o sexo é tão óbvio e natural que ele nem precisa pensar nisso. É como nascer sem dentes. Fechei os olhos e achei melhor parar com aquilo. Não seria escarnecendo da humanidade que iria me fortalecer. Há cegos, paralíticos, debíloides, atrofiados, anões monstruosos. Novamente desolado, escorregava para comparações como consolo inútil.

O desespero foi passando, mas, como sempre, nada tinha mudado. Que desgaste! Veio-me então a lembrança de que ela nunca tivera uma experiência sexual com um homem completo. Como poderia saber se eu lhe bastava se, antes de tudo, reconhecia que nunca tinha transado com um homem normal?

Rejeitei essa diabólica conclusão. Tentava empurrá-la para longe, mas voltava ao primeiro plano. Não, não vou aguentar se ela experimentar e, pior, com a minha permissão! A ideia explodiu como uma bomba. Avançada, altruísta, mas de pavio maquiavélico!

Passados alguns meses, a situação não melhorava. Tentava arrancar essa ideia maluca da cabeça. Continuava persistindo. No entanto, se não resolvia o meu problema, por que pelo menos não salvar um de nós desta canoa furada? Não era tão samaritano a esse ponto. Mas no fundo tinha a convicção de que Mercedes não acharia grandes diferenças e que, por gostar de mim, não conseguiria se entregar a mais ninguém. Seria uma prova de fogo, e da crista dessa chama dependeria todo o meu amanhã. Será que, eternamente, as mulheres transariam comigo e me achariam ótimo somente se nunca tivessem dormido com outro?

Tentei falar de forma impessoal ao lhe propor a grande cartada. Seus olhos se esbugalharam:

— Você está ficando doido?

Aliviado por sua reação, procurei não pensar mais no assunto. Os anos passaram. Fui levando uma vidinha de altos e baixos. Não podia reclamar. Era a melhor fase da minha vida. Amado por uma mulher que eu amava,

trabalhando como homem num táxi, estudando o que me interessava e contando ainda com a minha família, que nunca me abandonara. Embora com restrições, os velhos também me visitavam e chegaram até a nos presentear com um ventilador para a casa. Tudo transcorria razoavelmente, ainda que persistisse a angústia de poder ser exposto em público. Até que, numa das raras discussões violentas que tive com Mercedes, ela deixou escapar que tinha posto em prática a minha antiga proposta. Há seis meses experimentara fazer sexo com um amigo, que eu conhecia e sabia estar apaixonado por ela.

Tive uma taquicardia repentina. Joguei o copo azul que apertava na mão contra a parede, espatifando-o. Brotou uma série de perguntas: quando, onde, como tinha acontecido?

Apesar de ter sido o autor da terrível sugestão, não pude deixar de me sentir traído e inferiorizado. Agora ela conhecia a sensação de ter um pênis verdadeiro dentro dela. Meu desempenho estava, há muito, sendo avaliado comparativamente.

Negava ter obtido prazer total, mas confessou-me que a sensação era totalmente diferente e muito boa. Aquele “diferente” me aniquilou. Tentou ainda me consolar dizendo que me amava e não queria mais ninguém.

Depois dessa notícia, fiquei sem tesão para nada.

As estações se sucederam.

Meu desgaste emocional cobra um alto preço físico. Quando me aborreço, sinto logo a cabeça pesada. A acidez do estômago aumenta, corando o processo. Sabendo disso, emprego o que batizei de “método da poupança pessoal”. Consiste em fazer tudo para evitar chateações ou, pelo menos, fazer com que dure o menos possível. Meus esforços não medem orgulho nem dignidade. Posso ter absoluta razão numa discussão, ou nem ser o responsável, mas sempre sou o primeiro a tentar uma reconciliação. Meu raciocínio é simples: tenho uma vida que me consome num tremendo desgaste. Por que permitir que coisas bem menores, como desavenças passageiras, descarreguem a minha bateria? Com a idade, descobri que sofrimento emocional deveria ser luxo só para jovens.

Não visualizava qualquer possibilidade plausível de sair da minha condição de invertido. Tinha de me poupar ao máximo para poder aguentar o que ainda viesse pela frente. Se relaxasse, estaria irremediavelmente perdido. Não evitava brigas por covardia, mas por economia.

A Psicologia também contribuiu para que não me sentisse agredido por qualquer coisa. Antes de tudo, preocupava-me em saber o que fazia a pessoa dizer aquilo, em que condições ela se encontrava no momento. Enfim, esmerava-me em compreender os motivos do outro considerando a sua agressão como um pedido de socorro.

Certa vez, Mercedes esbravejou contra essa minha atitude:

— Fico danada quando brigamos, e logo depois você vem todo meloso para o meu lado, como se o que aconteceu não tivesse a mínima importância!

Mansamente, explicava:

— Mas, querida, se é possível ter prazer logo, para que esperar? Cedo ou tarde, vamos mesmo fazer as pazes. Então por que se desgastar cada um para

um lado?

Não adiantava. Não entendia. Achava o máximo da avacalhação. Uma falta de respeito por seus sentimentos.

A última vez que, no meio de uma discussão, tentei que ela visse como seria até engraçado se olhássemos a questão por outro prisma, estourou:

— Você não leva a sério nada do que eu digo? Parece até inumano! Fico furiosa, e você nem se abala!

E passava dias mal-humorada. Confesso que admirava sua paciência e sua saúde para aguentar por tanto tempo uma sensação pesada e massacrante.

Mercedes dizia que eu parecia um gato, porque subia nos móveis e me jogava repentinamente em cima dela, quando não me estirava no tapete e me fingia de morto. Num desafio se sentava sobre mim, fazendo-me cócegas ou me beijava, decepcionada quando não reagia. Nem mesmo respirava, para não me mexer. Dava uns tapinhas no meu rosto, como para me acordar do desmaio, e só assim tornava a abrir os olhos:

— Quem é você? Onde estou? — e fingia desmaiar novamente.

Ver filmes juntos, debaixo do cobertor, era de um aconchego soberbo. Fatalmente, acabávamos dormindo, e era eu que me levantava para desligar a televisão, depois de misturar o filme com os sonhos e acordar novamente sobressaltado.

Gostava de ler poemas para ela. Em certas ocasiões, mudava alguma parte e a encaixava no texto. Protestava rindo:

— Isso não está aí...

Mercedes tinha suas próprias amizades, mas, sempre que podíamos, saíamos juntos.

Foi bom o tempo que compartilhamos. Era carinhosa, e eu gostava de mimá-la. Com habilidade, conquistou a simpatia da minha família. Tratavam-na bem, embora fizessem questão de ignorar o fato de ser minha mulher, o que era penoso para mim, mas não estava disposto a me submeter a essa esfera de conveniência “difícil”. Mantinha certo recato, pois meu objetivo não era agredi-los. Entretanto, não cedia nesse jogo de ignorar.

Ao terminar nosso casamento, Alaíde, a mãe de Mercedes, veio tomar satisfação comigo. Queria saber por que estava deixando sua filha sozinha novamente. Relembrou que, a princípio, preferia a filha morta a estar com uma mulher, mas, agora, reconhecia que nunca tinha visto a filha tão feliz. Olhei aquela pobre mulher tão sofrida, que tinha me provado que o amor verdadeiro por um filho pode sobrepor qualquer preconceito, e nos abraçamos num choro convulsivo.

Dos seis anos juntos, dois deles foram compartilhados com Pedro Matheus, uma pessoa singular.

CAPÍTULO II

O CEGO QUE ME FEZ VER

De que vale olhar sem ver...

Goethe

Conheci Pedro Matheus por acaso, num café da Lapa onde fui comprar cigarros e acabei ficando.

Quando me dei conta, era todo ouvidos para a música descompromissada, vinda de uma das mesas do fundo do bar. Vi um pequeno grupo cantarolando em volta de um sujeito mulato, magro, de óculos escuros. Na cara, alguns fiapos no lugar da barba. A princípio, fiquei de pé, observando a cena. O violonista, calado, só tocava, emendando uma melodia na outra, sem deixar cair o ritmo quente e animado, enquanto à sua volta um pequeno grupo cantava.

Vez por outra, alguém sugeria uma canção. Só tocava o que queria. Não adiantava insistir. Impressionei-me com suas mãos magras e longas, quase cobrindo o tampo do violão. Com elas, extraía um som misto de solo e acompanhamento.

Era inverno, e resolvi pedir um vinho.

Duas horas transcorreram desde o primeiro copo. A moçada ao seu redor foi embora. Só restamos Pedro Matheus e eu.

Ouvindo minha voz, parou de repente:

— Você é animada, mas para cantar é uma desafinação só.

Olhei para os lados conferindo não haver mais nenhum freguês. Cantando, eu me traí. Por ser cego, ele distinguiu o timbre feminino da minha voz. Ainda me recompondo do inesperado, falei-lhe:

— É, tenho uma voz horrível, mas em compensação nunca vi alguém tocar como você.

Ele devia ter bebido muito. Não retrucou. Recomeçou a tocar, emocionado. Ao terminar, levantou o rosto e, como se me olhasse, perguntou:

— O que quer ouvir?

Senti-me lisonjeado com o oferecimento, mas preferi deixá-lo à vontade. Conhecê-lo melhor por intermédio do seu repertório.

— Toque algo de que goste.

Endireitando o violão, fez uma introdução magnífica e, completamente mudo, solou com todo o coração uma música que nunca ouvira. Ao fim, quis saber quem era o compositor.

— Hum... — fez uma pausa e completou: — Essa é a minha caçula.

Não adiantou pedir que repetisse. Apenas respondeu:

— Noutra ocasião toco para você.

Foi desse modo que conheci Métiús, como o apelidei, uma pronúncia fajuta do seu nome em inglês. Uma amizade que se tornou simbiótica. Descobri que dava aulas de violão na casa dos alunos.

Não acreditei quando a campainha tocou. Como havíamos combinado, estava ali, na minha porta.

Em lua de mel com Mercedes, tínhamos acabado de nos mudar para um quarto e sala acanhado, mas jeitosinho no Flamengo. Esticou o braço, procurando meu ombro, enquanto a outra mão segurava o violão. Sentamos, e quis saber se o que eu desejava aprender era o clássico ou o popular. Estava sóbrio, e a sua voz era de um barítono belíssimo. Não sei por que optei pelo clássico. Acho que, depois do arraso no bar quanto à minha desafinação, só restava me tornar um músico erudito.

As primeiras lições foram dadas como manda o figurino. A partir da quinta ou sexta, estava mais interessado na sua conversa e no som que extraía daquela caixa mágica do que em tocar o Estudo no 1 de Villa Lobos.

Só depois de seis meses de convivência, percebendo sua falta crônica de dinheiro, é que lhe perguntei onde morava. Sua resposta foi evasiva:

— Ah... Deixa isso para lá. Não tenho mesmo casa fixa. Onde estiver bom, eu fico.

Deduzi que era longe, porque falava de tomar duas conduções.

Sem nem consultar Mercedes, num impulso, convidei-o a morar conosco. Ficou felicíssimo.

Trouxe o violão, um lenço, uma toalha e a bengala dobrável. O resto nunca vi. Vestia as roupas que eu lhe arranjava. Em dois anos lado a lado, nunca o percebi mal-humorado. Carregando para todo canto o meu radiozinho de pilha — que ele batizara de Mudinho —, tornou-se o sujeito mais bem informado do Brasil.

Descobri em Matheus um linguajar metafórico com um toque de humor da malandragem carioca. Quando queria dormir, terminava a conversa dizendo:

— Vou dar comida às pulgas.

Em algumas ocasiões, perdeu encontros importantes por não haver alguém que o ajudasse a atravessar determinada rua.

Chegava irado em casa, xingando a cegueira. Porém, costumava brincar:

— Até que sou um cara sortudo. Sou cego, negro, pobre, mas felizmente não sou mulher!

Ou então, quando não conseguia cortar o bife no prato:

— Esta faca parece estar mais cega do que eu!

Falava também o inglês e tinha uma cultura bastante razoável, embora

tivesse parado de estudar no segundo grau.

Encantou-me no dia em que me abri com ele. Fui direto:

— Métius, Mercedes é minha mulher.

Tomei fôlego para continuar:

— Fico meio sem graça quando estou com você em público, porque visualmente sou um homem. Tratando-me no feminino, me comprometo. Deve ter notado que, às vezes, engrosso a voz.

Ouviu-me sem nenhuma expressão especial no rosto. Só perguntou:

— Como quer que o trate?

— Chame-me de Jô, como faz Mercedes. É neutro e carinhoso.

— OK. Pode ficar descansado. Não errarei mais.

E não errou mesmo. Não me fez também qualquer pergunta. Nem se mostrou surpreso. A discrição talvez tenha sido uma de suas características mais marcantes. Como atuava assim comigo, fiz o mesmo com ele. Não lhe perguntava nada mais íntimo ou que pudesse embaraçá-lo. À medida que queria, foi-se abrindo naturalmente.

Matheus não colocava sua cegueira como um motivo de complexo, mas ressaltava a dificuldade para resolver várias situações.

Aos poucos, satisfiz minha curiosidade sobre seu mundo, sua percepção dos objetos, como ele sentia a vida ao redor.

Embora apresentasse uma cegueira congênita, conseguia enxergar um pouco com o olho esquerdo quase colado no que tivesse nas mãos. Via assim algumas cores e somente contornos.

Sua presença em casa fez com que eu adquirisse certos hábitos um tanto excêntricos para as demais pessoas. Apagar a luz quando saía da sala, mesmo quando ele estava lendo. Andar sem camisa e até nu, sem qualquer constrangimento. Tornei-me mais organizado. Não deixava nada espalhado ou caído pelo chão, para evitar que tropeçasse. Decorou o lugar até dos mínimos objetos, como cinzeiros e bibelôs, e evitávamos mudar a arrumação.

Muitas vezes, tentei me imaginar cego, executando suas tarefas cotidianas. Acender o cigarro segurando-o pela ponta, para saber se o fogo estava perto. Ouvir o barulho da água dentro do copo para não derramar. Ajeitar a comida constantemente para dentro do prato, evitando que caísse.

Os telefones analógicos e fixos da época possuíam um disco com furos numerados. Matheus colocava o dedo mínimo dentro do disco no número 1 e o mantinha como referência para, com os outros dedos, discar o restante dos algarismos. Essa habilidade dele nunca alcancei, como também não consegui aprender Braille.

O máximo a que cheguei foi passar um dia inteiro dentro de casa, num domingo, com os dois olhos fechados. Consegui mesmo sair com ele na rua como se fosse cego, tendo-o como guia, segurando no seu cotovelo, e ele um pouco mais à frente, usando a bengala.

A calçada da Rua Marquês de Abrantes, onde morávamos, no bairro carioca do Flamengo, era estreita, cheia de buracos e repleta de cocô de cachorro. Naquela época, ninguém se preocupava em carregar saquinhos de plástico para recolher as bolinhas dos seus *pets*. Meu guia calcava levemente o

solo a cada passo como se a calçada fosse feita de ovos, embora de forma desenvolta. Eu estava até me saindo razoavelmente bem, segundo ele, quando aconteceu. Escorreguei e me desequilibrei. A dupla quase caiu, mas seguimos em frente até chegar ao cruzamento com a rua da praia. Bateu a maior *paura*. Não tive coragem! Era mais garantido me certificar de que não vinha mesmo carro algum...

Quando conheci Matheus, ele tinha 32 anos e já havia sofrido uns 30 atropelamentos, sendo que da última vez já morava conosco.

Numa noite, estávamos vendo televisão, quando apareceu, de mansinho, na porta do quarto.

— Ai, que susto, Métius! Quantas vezes pedi que entrasse em casa assobiando? Um dia nos mata do coração!

Não fazia o mínimo ruído. Nem a chave na porta ouvíamos.

O quarto estava escuro, mas, pela luminosidade do vídeo, deu para perceber que sua roupa estava suja, como se algo tivesse sido derramado.

— O que foi isso na sua camisa?

Meio trêmulo, respondeu.

— Ah, nada. Só um pouco de vinho.

Continuou parado e desconfiei que algo não estivesse bem. Levantei-me. Acendi a luz e constatei um curativo na sua cabeça.

— O que aconteceu?

— Um puto dum carro que me pegou – xingou, fazendo bico.

O atropelamento foi justamente diante do Instituto Benjamin Constant para cegos, aonde tinha ido apanhar uns livros. O motorista, além de avançar o sinal, não parou para socorrê-lo. A sorte é que um pedestre o ajudou a se levantar e o levou ao Hospital Rocha Maia. Fizeram-lhe um curativo, sem mesmo radiografá-lo ou deixá-lo em observação. Felizmente não tinha sido nada de mais grave. Estava muito nervoso e me pediu um tranquilizante para dormir.

Demonstrava algumas dúvidas que nunca imaginara que algum adulto esclarecido e morando num centro urbano pudesse ter.

— Jô, como é o jogo de basquete? Sei do número de jogadores, das duas cestas, mas não consigo ter a noção de como o pessoal se desloca em campo.

Às vezes, tinha curiosidade de saber sobre o tipo físico de certas pessoas. Antes de responder, perguntava como ele as imaginava, baseando-se apenas na voz, para saber se havia alguma correspondência.

Além de todas essas minhas descobertas de outro mundo, houve uma que talvez tenha sido a fundamental no meu crescimento. Por intermédio dele, comecei a perder a revolta e o espírito de competição em relação aos homens. Embora tivesse um pênis, fosse fértil (tinha até um filho, como vim a saber mais tarde), enfim, um homem perfeito num certo sentido, não me ameaçava em nada. Pelo contrário, ficava pensando sobre o que seria pior: ser homem, mas não enxergar, ou nascer vendo, mas não poder ser homem. Nunca chegava a uma conclusão. A impotência de nascer com um corpo trocado me parecia insuportável. Entretanto, sentia a cegueira como terrificante. Havia entre nós dois uma diferença básica: embora fôssemos representantes de

minorias, a sua deficiência inspirava compreensão, a minha, não. A conduta geral dos outros com ele era de compaixão, atenção e carinho. Todos queriam ajudá-lo. Até desculpavam certas atitudes, por ser cego. Se fosse grosseiro, quando estava de saco cheio, ninguém se irritava. Se pedia que lhe alcançassem algum objeto, ninguém presumia preguiça ou abuso, e era prontamente atendido. Eram louvadas e reconhecidas as mínimas coisas que executava sozinho.

Certa ocasião, após tomarmos vários copos de cerveja, abordou a questão comigo.

— Você descreveu exatamente como me sinto quando estou diante de pessoas estranhas, porque com os conhecidos não tenho tanta colher de chá. Incomoda-me esse extremo cuidado. Agora, imagino o seu caso, quando o problema é visto como uma agressão, uma tara. Não é isso? As pessoas devem achar que você está maluco, precisando de psiquiatra, ou então devem considerá-lo um pervertido, um sacana, ou coisa parecida. É claro que estou falando do geral, pois penso que, também como no meu caso, com os parentes e os amigos seja diferente.

— Nem sempre, Métius. Meus pais, por exemplo, me veem como tendo um sério distúrbio psicológico, talvez mesmo uma espécie de doença, passível de cura, caso tratada. E para não me magoar ou a si mesmos, não tocam no assunto. Ignoram meu sofrimento, minha mulher, enfim, minha vida. O pior de tudo é o afastamento afetivo. Sinto-me frequentemente relegado. Sei que me amam, mas, como em mim não há nada que os convide à intimidade, não ficam à vontade para conversar, e o único carinho físico o beijo formal de cumprimento. Preocupam-se exclusivamente com minha saúde, minha situação financeira e meu futuro profissional.

Matheus se envolveu de tal maneira que exclamou:

— Mas que filhos da puta! Será que eles não têm pena de você?

— Pena, não. Vergonha! Pena só se tem quando o sujeito é vítima da situação. Você, por exemplo. Seu defeito é involuntário, mas o meu é visto como fruto da minha opção. Quem mandou ter “escolhido” o caminho errado?

Meu amigo cego ia vendo cada vez mais profundamente. Estava sério quando retrucou:

— Só não estou entendendo uma coisa: o meu problema é físico, indiscutivelmente, e o seu? É físico ou mental?

— Físico – disse-lhe sem pestanejar. — Nasci com um corpo errado, que não me serve para nada. Se a solução estivesse na cuca, teria tentado tudo para ajustá-la ao corpo. Mas, infelizmente, sei que só uma lavagem cerebral poderia apagar e repor tudo de novo. A minha esperança é que a ciência evolua, e eu possa, um dia, ajustar essa carcaça ao meu cérebro...

E ele, desanimado, concluiu:

— É, estamos os dois sentados, esperando que a bendita ciência evolua...

Foi então que lhe perguntei se já havia procurado um especialista.

— Fui, mas não tem jeito. Disseram-me que nem cirurgia resolveria. Parei de me iludir, mas conformado nunca vou estar!

Entendi perfeitamente o que estava querendo me dizer e quis saber de que

modo tinha descoberto que era cego.

— A minha cegueira é de nascença, e até os seis anos ninguém havia me falado nada. Como nasci no interior do Espírito Santo e era filho único, isso facilitou a meus pais me esconderem o problema. Tratavam-me normalmente e fazia de tudo. Cheguei até a andar de bicicleta!

— Bi-ci-cle-ta! – exclamei surpreso.

— É claro que me estrumbicava todo. Ia em cima das coisas e vivia caindo. Mas achava que era assim com todos. Só aos seis anos tive maior acesso às brincadeiras de rua. Vivía muito preso. Quando pude me comparar com as outras crianças, fui percebendo que ninguém se arrebatava tanto quanto eu. Até hoje não sei direito, mas acho que os meninos do bairro estavam avisados para não me dizer nada. Sentia que não queriam conversar comigo e também não gostavam de me incluir nos seus jogos. Mamãe mantinha tudo organizado dentro de casa, portanto não havia dificuldades para me locomover ou fazer minhas tarefas. Quando ingressei no colégio foi que descobri definitivamente a minha cegueira, embora já desconfiasse que havia algo errado comigo. Preferia ter sabido desde o início, pois, além dos problemas que essa revelação me causou, corri risco de morte. Duas vezes fui atropelado na frente de casa.

Para melhorar o orçamento familiar, botamos um anúncio no jornal de aula de violão. Quando o aluno já tocava e queria aperfeiçoamento e noções de harmonia, Matheus ministrava as aulas. Quando era iniciante, eu virava o professor.

Dormia no estreito sofá da sala. Numa manhã, ao acordar, vi que tinha trazido uma mulher para dormir com ele.

A princípio não gostei, pois era uma estranha dentro da nossa casa.

Era cega, muito feia, de aspecto maltratado e a quem fui apenas apresentado. Depois que ela foi embora, ele veio se explicar.

— Jô, desculpe não ter avisado antes, mas Virgínia é uma mulher tão encantadora que não resisti em convidá-la a passar a noite comigo. Além disso, conheço-a há muito tempo.

— Acha essa mulher encantadora? Faltam até dentes na sua boca!

— Tem uma pele maravilhosa, um cheiro inebriante, um carinho especial... Ela é linda!

Diante dessa revelação, voltei para a cama para dormir mais um pouco.

Tenho saudades do seu jeito, do seu riso diferente, quando exibia os dentes e fazia som de gargalhada. Era assim que mostrava satisfação.

Matheus foi o irmão que não tive.

Um dia me disse que tinha arranjado uma dona e ia morar com ela.

Só nos vimos muito tempo depois, quando veio me visitar. Eu já casado com Amanda, morando no apartamento dela. Entrou, sentou-se na almofada e começou a alisar o chão, primeiro com a ponta dos dedos, depois com a palma; então, percebeu que estava pintado de epóxi branco. Falou eufórico:

— Rapaz, o seu chão não tem taco! É lisinho, branco, e parece *marshmallow*. Dá até vontade de lamber!

Após muitos anos, Matheus se casou com uma cantora e poetisa também cega, que fazia parceria com ele nos shows que apresentava em bares. Era uma cearense porreta, que cantava descalça, sempre de branco. Ela própria fazia os vestidos. Eram sempre tecidos do Ceará, que costurava à mão nas laterais, transformando-o numa espécie de caftan, deixando só os buracos abertos para a cabeça e os braços. Tiveram mais dois filhos normais, que educaram sem empregada. O filho, a quem deu o nome de João, já tocava cavaquinho aos quatro anos.

Numa ocasião, no intervalo de uma de suas apresentações em Santa Teresa, conversamos eu e ela. Só então descobri que não sabia nada da minha história. Fiquei surpreso, pois eram casados há muitos anos. Ouviu, comovida, o meu relato e no fim teve a reação mais inesperada que recebi:

— Jô, que história linda! Agradeço pela lição de vida que me deu. Sempre há coisas para se aprender – e apertou minhas mãos.

Depois, perguntei ao Matheus por que nunca tinha comentado minha história com a mulher. Foi sucinto:

— Essa história é sua, e não minha. Você é que tinha de contar, se quisesse.

Mais uma lição que aprendi com meu amigo – sua noção gigantesca de respeito pelo outro.

Até hoje, acontecem situações em que me surpreendo de alguém saber da minha história, sem que eu tenha contado diretamente.

A última vez que o vi, já com 62 anos, foi na sua quitinete, no Largo do Machado. Sua mulher havia me ligado para que fosse visitá-lo. Tinha estado internado para tratar de um câncer de esôfago. Tudo indicava que havia metástase e pouco tempo de vida.

Quando entrei, estava sentado na cama, com o filho João ao lado, que não parava de acarinhá-lo. Chamei-o logo para me reconhecer.

— Métius...

Colocou o dedo no buraco da traqueotomia e, com um fiapo de voz, respondeu:

— Jô, que bom te ver!

Estava muito magro e abatido, mas ainda conseguia sorrir.

Relembramos juntos todos os nossos momentos alegres e ainda teve forças para pegar o violão e tocar para mim a sua caçula.

Foi nossa despedida.

CAPÍTULO 12

ENTRE HOMENS

*Quando perdemos o medo de perder,
acabamos descobrindo a imensa alegria de achar.*
Thomas J. Burke

Foi o táxi que me mostrou mais claramente algo que, enquanto mulher, jamais experimentara: o relacionamento entre dois homens. Há um companheirismo, uma solidariedade, uma espécie de carinho, mesmo quando não são amigos, que nunca senti entre duas mulheres ou mesmo entre um homem e uma mulher. É uma camaradagem, uma expansividade afetiva intensa e espontânea, seja para comemorar o nascimento de um filho, seja a vitória de um time de futebol.

A primeira vez foi na véspera do Natal. Peguei um tipo que parecia um bicheiro, com três amigos. Eu tinha resolvido trabalhar até a hora do jantar. O mais velho do grupo, que devia ser o chefe, fez sinal com o braço. Sentou na frente, os outros três atrás, e foi logo me propondo:

— Quer ser meu chofer a tarde toda? Olha que vai ser negócio para você. Pago bem e só preciso que me leve a alguns lugares.

Por serem elementos completamente estranhos, resolvi arriscar. Afinal, quem está no fogo é para se queimar. Como me testar nesta nova vida, senão vivendo tudo que me aparecesse?

— Ótimo! Então, para começar, vamos tomar umas biritas para comemorar o nascimento de Nosso Senhor. E é tudo por minha conta, pessoal!

De pé, no balcão, entornamos algumas garrafas de cerveja, enquanto o termômetro da rua marcava 39 °C. Por dentro das minhas ataduras peitorais, devia estar uns 45 °C. Suado e já meio enjoado, queria sair dali, mas não podia fazer desfeita. Sobretudo, diante de um convite formulado com tamanha boa vontade. O chefe bateu no meu ombro e comunicou:

— Enquanto terminam aí o último gole, vou aqui ao lado comprar uns negocinhos pras minhas mulheres.

Passaram-se uns dez minutos até retornar com um par de sapatos e dois buquês de flores.

Voltamos ao carro. Sob sua orientação, fomos virando uma esquina atrás da outra, até ordenar:

— Meu filho, dá uma paradinha aqui, que meus dois amigos vão saltar.

Continuou sentado na frente, o outro atrás. Sentia-me apreensivo, temendo que percebessem algo. O uso do cinto de segurança não era obrigatório, mas eu já o usava. Zoando, perguntou-me se eu dirigia tão rápido que precisasse ficar amarrado para não sair voando.

Andamos mais alguns quarteirões, até chegarmos à frente da casa do último amigo dele. Mas, quando fui estacionar, o chefe mandou que parasse o carro, para ele descer. Ficou me controlando para ver se conseguia encostar o carro direitinho, junto ao meio-fio, sem roçar o pneu. A bebida tinha me deixado meio alegre, mas ainda estava bem longe do porre.

Levantou o polegar num gesto de aprovação e, sorrindo, disse:

— Desligue a chave, e vamos entrar. Quero que conheça a família dele. É um brinco! É uma meninada danada, e tenho muito orgulho de ter sido convidado para padrinho do caçula. Vamos lá, rapaz, a casa é sua! — e passou o braço, cingindo meus ombros.

Como estava por sua conta, resolvi ir até o fim daquela história, pagando para ver no que ia dar.

As casas da vila em Cintra Vidal, hoje Pilares, subúrbio do Rio, eram todas iguais. A porta a que nos dirigíamos já estava aberta. Apareceu uma senhora gorda, de quem não consegui descobrir a idade. Bastante acabada, possivelmente devido aos quatro moleques, que não paravam um minuto à sua volta. Desculpando-se pela bagunça da casa e limpando as mãos no avental encardido, foi fazer uma caipirinha bem geladinha.

Fui apresentado como amigo do compadre, e, humildemente, deu-me a mão, dizendo:

— Maria do Rosário Gonçalves, sua criada.

Os meninos corriam pela sala com as barrigas enormes de vermes.

Sentamos à mesa. Ela ficou em pé, ao lado do marido. Como se me conhecesse há muito, dirigiu-me o olhar e, sorrindo, falou:

— O senhor não pode imaginar como essas crianças dão trabalho! Não adianta nem botar roupa neles, porque num instantinho ficam tudo parecendo uns porcos saídos da lama — fez uma pausa e completou: — Toma mais um copinho. Somos pobres, mas uma branquinha não falta para os amigos.

Permanecemos lá uns 15 minutos, até o bicheiro fazer um sinal, indicando que estava na hora de irmos.

Já no táxi, abraçou meu banco e me dando um tapinha na perna, exclamou:

— Gostei de você, garoto! Sabe de uma coisa? Você é o filho que gostaria de ter tido!

Senti um arrepio correr pela espinha, e meus olhos se encheram de água. Acho que foi a bebida, o calor do sol e das pessoas que me deixaram tão emocionado. Pensei imediatamente no meu pai. Como gostaria de ter ouvido essas palavras da sua boca. Durante anos lutei para ser amado desse modo por ele, para que me entendesse. Por mais que me esforçasse, a forma nunca era a

certa ou, quem sabe, por defesa, nunca deixava que fosse. E esse sujeito sentado aqui ao meu lado que me conhece há poucas horas já demonstra um calor que não sentira por parte do meu pai nesses 23 anos de convivência. Apesar de seu ar malandro, senti que estava sendo sincero. Lembrei-me de James Dean, numa cena do filme *Vidas Amargas*, quando tentou dar um presente de aniversário ao pai e não foi compreendido.

— Você é casado? – perguntou-me de supetão.

Concentrando-me novamente em ter de engrossar a voz, respondi sem pensar.

— Sou.

— Tem filhos?

Para dar um ar de homem respeitável e sério e garantir mais a minha débil figura, espantando para mais longe qualquer desconfiança, respondi com firmeza:

— Tenho dois – uma comichão foi prolongando aquela sensação de ser pai. Divaguei sobre o que gostaria que fosse verdade. — É um casal. São lindos! Precisa ver o garoto... Inteligente como ele só! Já fala papai, e a garota começou a andar semana passada. Parece mais com a mãe, mas o moleque é a minha cara!

Parei de repente. Para que continuar aquilo? Não queria mentir para um sujeito que estava sendo tão legal comigo. Já tinha passado a vontade de ver como era a sensação de dizer isso a alguém que estivesse acreditando e me valorizando como sempre desejei. Poder ser, por um momento, tão igual a todo mundo!

— É, rapaz, sei como é isso. Mas esse tempo já passou para mim. Tenho três filhas grandes, e a mais velha já é casada. Daqui a pouco, sou avô... Bem, vire aí à esquerda e siga em frente, porque vamos dar uma paradinha rápida na casa do meu bombonzinho. Vai ver que chuchuzinho! Só tem 18 aninhos, mas adora o papai aqui. E tem mais: é só chegar que para o que estiver fazendo para me atender!

Dito e feito. Encostei o carro. Era um barraco de madeira nos fundos de um terreno baldio, com lixo na frente. A mocinha, manicure, atendia uma freguesa. Ao aparecermos na porta, sua mãe gritou:

— Ô, seu Válter! Vamos entrando, que a casa é sua! Vou chamar a Sueli.

Dispensando a freguesa às pressas, Sueli deu um beijo na boca do seu Válter. E só então me apresentou:

— Este aqui é o meu amigo, o chofer de táxi que hoje tá por minha conta. É gente boa... Agora vê um uisquinho aí para nós dois e uns negocinhos para salgarmos a boca. Ah, essas flores aqui são para você enfeitar a casa no Natal.

A moça estava de *shorts*, com a blusa amarrada na cintura, bem de acordo com o clima de dezembro. Retirou-se toda satisfeita, com a bunda rebolando.

Em dois minutos, eu me vi com um novo copo de bebida na mão. Não dava para recusar. Ainda tentei, mas já ia se ofendendo quando então dei o primeiro gole. Aleguei que era só para acompanhar, porque iria dirigir muito ainda e não poderia me exceder. Antes do primeiro gole, pedi um copo d'água.

Com essa justificativa, concordou e aproveitou para brincar comigo:

— É bom mesmo. Pensa que eu não vi? Você deu uma roçadinha no meio-fio com o pneu – e caiu numa simpática gargalhada.

Válter irradiava tal magnetismo ao seu redor que fiquei fascinado pelo domínio com que sincronizava todo o gestual e o que falava. Dizia o certo na hora certa, o que as pessoas precisavam e queriam ouvir. Era como se tivesse descoberto a arte de bem viver. Meus valores, embora totalmente distintos dos dele, apenas serviam para ressaltar a diferença entre nossas vidas, expondo-nos a um curioso contraste.

Ficamos mais algum tempo com Sueli e, em seguida, voltamos para o carro.

— Meu filho, o último pulo. Manda brasa, porque agora é a vez da Gigi, a minha rainha, a mulata da minha vida e com alma de branca. Gente muito fina, um docinho de coco.

Aquela expressão, “alma de branca”, não tinha me caído bem, mas entendi e fiquei calado.

Ainda tentei dizer, mais uma vez, que não ia demorar, mas admito que, embora cansado, estava curioso para conhecer o bibelô tão falado do bicheiro. Atravessamos todo o bairro da Vila da Penha e nos embrenhamos pelo subúrbio, onde estacionei diante de um prédio de três andares. Subimos uma escada íngreme, que comeu nosso fôlego.

Tocou a campainha, e a porta abriu sem demora. Era realmente uma beleza de mulher! Corpinho perfeito, uma voz suave, mesclada de sedução. Vestida com um robe, decotado e curto, convidou-nos a sentar na sala. Tudo forrado de plástico, desde o estofado dos sofás até os invólucros dos enfeites sobre os móveis, evitando que a poeira os estragasse.

Válter beijou o buquê e esticou o braço.

— Flores para a minha rainha.

Mais uma vez, veio bebida. Tomei apenas meio copo de cerveja e, desculpando-me por querer estar naquele dia festivo também com os meus, despedi-me. Válter desceu comigo até o automóvel. Abriu a carteira e me presenteou com uma boa quantia.

— Companheiro, é uma pena ter de ir... Mas entendo. Hoje é Natal. Ainda nos veremos por aí. Esse mundo é pequeno – bateu-me no ombro, apertou forte minha mão, e nos acenamos, enquanto me afastava.

Já eram três horas da tarde quando a bexiga começou a reclamar. Procurei urgente um lugar onde pudesse me aliviar. Entrei numa churrascaria. Era um domingo e estava repleta. Catei o banheiro dos homens e me deparei com aquela vala comum, onde todos os machos mijam em conjunto. Felizmente havia reservados, mas estavam ocupados. Fiquei à espera, absorto em qual das portas se abriria, quando um sujeito, segurando o pau em uma das mãos, virou-se e exclamou:

— Ô, cara, o que é que há? Tá com vergonha de mijar na frente dos

outros?

Refazendo-me do imprevisto, gaguejei:

— Não... Não, é que não é mijo...

As portas eram meias-portas e não tinham trancas. Cubículos nauseantes de sujeira. Fiquei pensando como faria para segurar a porta e ao mesmo tempo as calças, a fim de não molhá-las no chão repugnante. Além do mais, não podia sentar naquela tampa nem ficar à mercê de que alguém inadvertidamente empurrasse a porta e me visse desarmado, naquela posição. Estiquei o braço o mais que pude, mas quando segurei a porta não alcancei o vaso. Já estava quase urinando nas cuecas, quando me lembrei de que, por acaso, tinha ficado com um barbante no bolso. Amarrei-o no trinco e só assim pude me aliviar com calma.

Saí da churrascaria e mal rodei duas quadras, um gordo fez sinal. Mas só depois de parar foi que vi a figura insólita, agora sentada ao meu lado. A camisa era de um tecido feito seda, com estamparia havaiana. As calças brancas, assim como os sapatos e as meias. O cabelo, curto e engomado. As unhas, envernizadas, e as do dedo mínimo enormes. O tipo extravasava vaidade por todos os poros. O bigodinho bem aparado, artisticamente moldado em cima da boca quase sem lábios.

Era daqueles a quem não se precisa ajudar para começar qualquer tipo de conversa. O assunto que escolheu não se relacionava nem com ele, nem com os outros, mas comigo.

— O que faz além de trabalhar aqui? Estuda? Namora? Come as meninhas que encontra? Vamos lá, rapaz, desembucha que quero saber.

O cinquentão falava entre o brincalhão e o agressivo. Parecia ter bebido um pouco. Senti que teria de me impor, porque ele já se mostrava confiante demais. Além de tudo, não iria fazer a menor cerimônia para tentar arrancar de mim o que quisesse.

— Curso a faculdade de Psicologia – afirmei com voz grossa e sério.

Arregalou os olhos, elogiou-me e resolveu tirar partido da minha informação.

— Muito bem! Então, já que é psicólogo, quero que me analise. Vamos, diga-me como sou, em que trabalho, tudo!

O tom agora era antipático, autoritário e, sobretudo, intimista. Um desafio folgado, querendo me estrangular. Tentei manter a calma.

— Ainda sou um estudante, e psicólogo não é adivinho. Para analisá-lo, seriam necessários tempo e testes específicos. Não é com uma rápida conversa que se pode avaliar a personalidade de alguém.

Entretanto, minha explicação não teve a mínima repercussão. Insistente, falou sarcasticamente:

— O que é isso, garoto? Tá com medo? Você é ou não é psicólogo? Vou lhe dar três minutos para me analisar. Vamos lá, deixe de frescura e me diga, em que trabalho?

Sua expressão debochada ia se acentuando. Como nunca se está livre de, a qualquer momento, uma agressão passar a ser física, decidi arriscar sua profissão. Procurei algo que fosse bem geral.

— O senhor trabalha em escritório...

O chute foi na mosca, mas ele quis saber precisamente qual era o seu cargo na repartição.

Resolvi dar-lhe uma alta posição, pois, mesmo que errasse, na certa iria agradá-lo.

— O senhor deve ser o chefe da seção – afirmei categoricamente.

Sorriu com escárnio, confirmando, porém insatisfeito.

— E como chefe, garoto, o que é que eu faço? Como as secretárias, dou a bunda para o diretor? Vamos lá!

Faltavam ainda umas cinco quadras quando me fez essa pergunta. Tive de enrolar para ganhar tempo.

— Bem, isso é algo difícil de dizer assim, mas creio que o senhor é muito esperto para ser passado para trás. Acho que deve sempre conseguir o que quer.

Era evidente que estava gozando com a minha cara. Um tipo perigoso, que nunca se sabe o que poderá fazer ou dizer. Não tinha condições de lhe dar uma resposta ao alcance de sua pergunta. Fazia-me de ingênuo e metia o pé no acelerador o mais fundo possível. Porém, a quantidade de sinais da Rua Coração de Maria, no Méier, não ajudava.

Nessa altura, o cara já segurava a minha coxa. Aproximou-se mais. Ficou claro o que estava pretendendo. Senti-me enojado com aquele toque. Comecei a temer que tudo fosse acabar da pior forma e que me visse obrigado a reagir.

Quando notou que estávamos chegando, mudou o rumo da conversa, tentando aproveitar os últimos momentos:

— Garoto, você é muito simpático e te convido para sair comigo hoje à noite. Que tal, topa? Não me diga que vai desprezar uma oferta dessas...

Embora assustado, não pude deixar de achar cômica a situação. Mas, na verdade, era eu que o tapeara o tempo todo. Apesar de sua esperteza e sua experiência de vida, tão sagaz em seus contatos e suas manobras, não tinha percebido nada. Dei-lhe a minha desculpa oficial para tais ocasiões, mas que soou extremamente babaca.

— Amigo, não me leve a mal, mas sou um homem casado.

— E daí? Casado mas não capado. Não me vem com esse papo de casamento. Você é muito jovem para já ter se amarrado. Além do mais, mesmo que fosse, o que é que tem? Não vou tirar pedaço!

Segurei o cartão para ver se com isso saltava, mas sua bunda ainda não desgrudava do banco.

— Escute, garoto, como é seu nome?

— João – respondi já cansado.

— Então, João, fico esperando o seu toque. Vai ser um programa diferente. Tenho certeza de que vai gostar. Vamos, diga que vai telefonar!

Como tudo dependia daquela resposta, fiz que sim com a cabeça, e finalmente saltou.

Engrenei rapidamente a primeira e arranquei a toda velocidade.

Do alto do viaduto da Mangueira, joguei fora o cartão que ele deixou em cima do banco.

Graças ao táxi, mantive uma casa com Mercedes sem a ajuda de ninguém.

Até o dia em que o motorista que eu havia contratado para dirigi-lo à noite foi me procurar em casa, depois de bater com o carro. Perguntou ao porteiro pela dona do táxi, como constava nos documentos. Depois do vexame, tive de me mudar e vender o carro todo amassado.

CAPÍTULO 13

COMUM DE DOIS GÊNEROS

*Viver o peso real
de nunca se sentir o bastante de leveza,
banhado constantemente de espumantes estranhezas,
saber-se olhado – sem modelos.*

*É preciso os sentidos.
Pegar, só em sonhos – enlouquece.
Gritar por carne e sem carne!*

*Não me peço liberdade
Naquilo, que nem mesmo tenho
direito de me aprisionar.
(Poema “Estranho”, do autor).*

— Dona Joana! – gritou o técnico radiologista, chegando à porta.

Todos os rostos convergiram para mim quando me levantei na sala de espera. Ouvi alguém sussurrar: “Chamaram Joana, não foi?”. O pior, entretanto, seria agora, quando enfrentaria a cara do profissional. Mais um desgaste brutal e humilhante.

Estiquei-lhe o braço e entreguei a receita numerada.

— Dona Joana... – repetiu, como perguntando onde ela estava.

— Sou eu – disse timidamente, com um fio de voz, tentando evitar que alguém mais pudesse ouvir.

Olhou-me interrogativamente. Pigarreou e tornou a perguntar, como se precisasse de confirmação para esclarecer o mal-entendido:

— O senh... Quer dizer, a senhora é dona Joana?

— Isso mesmo. O que faço agora? – perguntei-lhe em seguida, para encerrar a cena asfíxica.

— Entre na cabine e coloque este camisolão – ordenou-me.

Essa abreugrafia era um dos quesitos exigidos para o novo emprego que conseguira graças à Isabela.

Nunca tive grupos de amigos que me acompanhassem durante as várias fases da minha vida. Houve alguns, esporádicos, com quem compartilhava os momentos mais variados, como jogar cartas, contar piadas ou filosofar, e aqueles que eram somente companhia para ir a algum lugar. Amigos que a gente considera “do peito” praticamente não existiram até os 30 anos.

Isabela se destacou neste meu corredor existencial como uma pessoa especial. Conheci-a na faculdade, porém só ao término do curso é que viemos a nos descobrir. Sobressaía na classe pelo brilhantismo intelectual. Um desses cérebros privilegiados, desenvoltos, acima de tudo na área dos *insights*.

Acredito que tenha se dedicado tanto ao estudo como uma forma de compensar sua avassaladora carência afetiva. Uma mulher jovem que apresentava um saudosismo de décadas passadas, as quais não tinha vivido. Seus ídolos da tela eram os dos anos 1930 ou 1940. Gostava de se vestir à moda antiga. Apesar da sua preferência pelo tradicionalismo, era uma pessoa sem preconceitos. Muito culta, falava vários idiomas. Fiquei impressionado quando soube que lera Shakespeare no original com apenas 15 anos!

Isabela era uma hipótese. Se não tivesse nascido, teria de ser inventada! Afeiçoei-me a ela de maneira profunda e um tanto estranha. Parecia que nosso entendimento se dava em outra dimensão. Tínhamos ambos a certeza de sermos um desafio à nossa geração. Dedicou-se à Psicolinguística, a desmitificar falsos valores na linguagem e à descoberta de outros, tornando-se uma autoridade no assunto. Quanto a mim, sentia-me igualmente portador de algo novo, mais por uma contingência inata do que por elaboração mental.

Admirava-a por não ter uma visão da vida absoluta e determinista. Nem tudo precisava de uma “razão de ser”. As coisas simplesmente “eram”, sem a obrigatoriedade de haver nelas o caráter de necessidade ou causalidade.

Sua voz era suave, e por trás de uma aparência calma e tranquila se escondia uma rebeldia zombeteira. Certo senso anárquico. Atraía-me sua generosidade, a grande vitalidade, sua inesgotável história e, sobretudo, a germinação interminável de textos e livros. Descendente de italianos, sofreu com a educação que teve e que deixou algumas marcas não inteiramente cicatrizadas. Penso que eu representava para ela um ser que recolhia na própria dor uma alegria que irradiava, a felicidade de saber viver: brincalhão e ingênuo.

Vendo a situação precária em que eu vivia, não tendo dinheiro suficiente para pagar o aluguel, Isabela indicou meu nome a um professor de grande influência para dar aulas numa universidade. No táxi, estava escudado atrás de quatro “portas-paredes”. Não tinha chefe ou patrão a quem tivesse de prestar satisfações nem precisava expor a minha verdadeira condição. Essa mudança foi um desafio colossal para mim. Como mestre, passaria ao polo oposto. Seria funcionário de uma instituição, em que me exigiriam uma apresentação oficial de documentos, irrefutavelmente na condição de mulher. Se não fosse pelo dinheiro, acredito que não teria feito a troca. Nesse novo ofício,

inesperadamente, encontrei compensações que não poderia imaginar. Obtive prestígio intelectual. Meus familiares se sentiam orgulhosos com meu progresso profissional.

O que me atraiu no novo emprego, sobretudo, foi que visualizei uma necessidade de voltar a estudar e poder questionar com os futuros psicólogos os tão traiçoeiros estereótipos.

No primeiro dia de contato com as turmas, a minha imagem provocava choque e curiosidade. Os alunos não entendiam bem minha figura ambígua. Ainda por cima parecia jovem demais para a função, e eu acabara de me formar. Dizia logo em voz alta e clara o meu nome, tentando evitar confusões posteriores.

Apesar de conquistar aos poucos os estudantes, continuava deslocado no meio dos professores. Precisava ser o melhor para desfazer o mal-estar que causava. Estudava, dava aulas em pé, para sustentar um razoável grau de motivação, tratava os alunos com igualdade.

Lecionei durante quatro anos em três universidades. Fui adquirindo traquejo, e com o tempo minha silhueta se acomodava melhor na retina dos que conviviam comigo. Orientava meus alunos para se posicionarem criticamente e se comprometerem com os fatos. Vez por outra me colocava como protagonista, o que favorecia uma empatia. Esse clima de liberdade fez com que muitos deles viessem a mim para contar seus problemas e suas experiências pessoais.

Quase não havia alunos homens. A maioria era de moças. Começou a se esboçar um fenômeno novo na minha vida de rejeitado-mor pelas mulheres. Algumas alunas se apaixonaram por mim. Às vezes casadas. Sem entenderem o que estava acontecendo, algumas me confessaram o conflito que viviam, pois não se consideravam homossexuais. Era gratificante ser amado, embora me sentisse constrangido e até amedrontado.

Cometi a infantilidade de compartilhar esses fatos com Mercedes. Do primeiro que contei, ela riu. Após o segundo, não gostou. Com o tempo, foi-se criando uma crosta de ressentimentos mútuos. Éramos também jovens demais para estarmos atentos aos pequenos jogos da relação. Quando acordamos, era tarde demais.

Não havia mais a paixão incendiária dos primeiros tempos. O decréscimo do interesse sexual também estava prescrito na fórmula matrimonial. Mas ficar só para quê? Para crescer interiormente, como aconselhavam os orientais? E quem está acostumado a dormir com as pernas entrelaçadas? Restou-me a racionalização de que “toda experiência é válida, e essa de estar só ainda não tinha vivido”.

Sentia-me frustrado sexualmente e fracassado no casamento. Ela não me procurava mais, nem para fazer amor, nem para conversar. Enquanto o desinteresse e a apatia aumentavam dentro de casa, no campo profissional obtinha cada vez mais sucesso e admiração. Comecei a vacilar. Tomado pela vaidade, deixei-me levar por experiências afetivas com alunas.

Hoje, noto que, no amor, minha vida primou por um mecanismo: o de ser guiado sem grandes iniciativas. Quando criança, submetia-me a toda sorte de

exigências, embora reclamando, mas sempre servil; o que gostava, não podia expressar de maneira objetiva e clara. Sabia que seria uma luta vã. Depois de adulto, quando me tornei foco de atenções amorosas, não me empenhava arduamente na escolha. Elas se apaixonavam, e eu me limitava a aceitá-las ou não.

Essas escapulidas traziam-me algumas crises de consciência, mesmo sabendo que para alguns índios sul-americanos a sexualidade e o casamento não tinham nada em comum. Também não me consolava pensar no que Darcy Ribeiro, que era um mestre em acumular casos amorosos, costumava me dizer sobre o amor romântico: “É uma invenção burguesa de meados do século XIX, e que, tendo sua expressão máxima em Werther, causou uma onda enorme de suicídios por toda a Europa”. E acrescentava: “O bom do amor é que podemos amar várias vezes”.

Em todos esses casos, a relação sexual era o ponto mais doloroso. Parecia incrível e mesmo um desperdício, mas só conseguia usufruir um prazer verdadeiro depois que o “coito perceptivo” estivesse consumado. Era quando me certificava de que a parceira me percebia como um homem e estava atraída mais pelo que sentia do que propriamente pelo que via no meu corpo. Esse coito era necessariamente um processo demorado. E como as relações eram passageiras, terminavam antes mesmo que pudesse me deliciar. Limitava-me ao coquetismo da fêmea me seduzindo. Apesar da curiosidade de conhecer as várias condutas e preferências femininas, com pouquíssimas cheguei a ter relações sexuais. Contribuía também o fato de que só conseguia me despir totalmente quando estava realmente envolvido.

Resolvi botar um ponto final. Não queria assistir ao esfacelamento total de algo que, no fim das contas, tinha sido rico e bom.

Mercedes resolveu sair por conta própria e ir morar temporariamente com Pilar, uma antiga amiga.

Fiquei só. Meio perdido dentro daquele apartamento de dois quartos, onde os objetos me lembravam constantemente de sua presença. Não parei mais em casa.

A família ignorou por completo minha separação. Embora eu fosse o responsável pelo rompimento, isso não o tornava menos sofrido. A perda foi ainda mais doída por não ter um pretexto para sentir ódio.

Refugiei-me no trabalho, aproveitando para ler e estudar.

Fui convidado para congressos, redigi alguns trabalhos que chegaram a ser publicados em revistas especializadas. Assumi novas cadeiras na universidade, começando a estudar Antropologia e Sociologia. O tempo começou a escassear para poder dar vazão a tantos empreendimentos e solicitações. Abandonei por completo a ginástica em casa.

Essa roda-viva me obrigava a conhecer novas pessoas, tendo de travar contato com personalidades do campo profissional. A pressão por uma melhor aparência aumentava e se formalizou quando fui solicitado a comparecer ao gabinete do diretor do meu departamento na universidade.

— Não tenho qualquer censura a lhe fazer quanto ao seu desempenho — disse-me o diretor —, embora você se rebele quanto às normas exigidas pelo

estabelecimento, como não fazer a chamada em sala, sentar em cima da mesa e usar gíria e palavrão em sala. Mas isso não é o mais relevante...

Senti que a bomba viria agora. Previo do que se tratava, já que, como professor, acabava de ser declarado exemplar.

— É um assunto delicado. A cúpula vem me pressionando a seu respeito. O seu jeito... Não me leve a mal, estou falando para o seu próprio bem, porque sou seu amigo. Cuide um pouco mais da sua aparência.

A coação não era para me vestir melhor, mas como mulher! No fundo achava graça, porque justamente as pessoas mais tradicionais eram as que mais exigiam que me travestisse. Vestir-me bem, já o fazia. Usava calças, camisas e sapatos finos, comprados nas melhores lojas da cidade. Porém, dentro da concepção vigente, continuava sem me enquadrar como “bem-vestido ou de boa aparência”.

Como homem, sentia a impossibilidade da total elegância devido à forçada largura da camisa e ao fato de as calças não terem o caimento justo e perfeito que eu gostaria.

A postura encurvada acentuava o porte fora de prumo. Só era visto como mulher na sala de aula pela forçosa apresentação, que, inapelavelmente, tinha de fazer. Fora isso, os outros alunos, professores e empregados da universidade que não me conheciam viam-me como homem. Inclusive, uma das minhas grandes dificuldades era ir ao banheiro. Arrisquei-me um dia para nunca mais.

A moça que tomava conta do toalete, vendo-me entrar e diante de algumas alunas minhas, exclamou escandalizada:

— Moço, aqui é banheiro das mulheres! O dos homens é lá do outro lado!

Passei vários apertos do gênero até descobrir um banheiro só para professores. Isolado, mas que me obrigava a subir três lances de escada.

Viver dois gêneros numa só vida era enlouquecedor. Cansava-me de estar sempre pulando de um lado para outro. Uma hora, engrossava a voz, em outra era obrigado a afiná-la; ou me viam como um menino de 16 anos e me barravam em qualquer ambiente impróprio para menores, ou como uma mulher que já passava da idade de casar. Num primeiro contato, nunca sabia como estavam me vendo. Antes de falar, esperava pelo tratamento, se ia ser senhor ou senhora. Só então sintonizava meu modo de agir. Estava farto de condutas tão diametralmente opostas, em que minha imagem era jogada pelos outros conforme as conveniências.

O melhor conceito que encontrei para definir essa sensação foi o de “ambiência”, definido por Kurt Lewin:

Ambiência é um fator essencial para se julgar ou compreender um fato, seja ele um gesto ou uma palavra, que tomam sentidos diferentes conforme o lugar em que se esteja. Analogicamente, todas as ações de um sujeito se baseiam no “terreno” em que ele se situe. E para que haja certa segurança e clareza nas suas decisões, é preciso que ele saiba em que “terreno” está pisando, ou isso o

levará a uma incerteza no comportamento, por nunca se sentir à vontade. É provável que, devido a esta insatisfação, desenvolva condutas inibitórias ou de exagero.

Concluí que nunca conhecera direito o terreno em que pisava. Desconhecia o grupo no qual pudesse me inserir e me identificar. Minhas normas de conduta eram indefinidas por desconhecer os valores que deveria seguir, a partir de um estigma bem definido. O grupo homoerótico, no qual fui muitas vezes enquadrado, apenas aceitava as minhas relações com mulheres, mas desde que gostasse também de “ser” uma. Não era o caso.

Havia na parte final de Copacabana uma boate chamada Alfredão, frequentada somente por lésbicas. Cheguei a ir algumas vezes. Em duas delas, o porteiro não me deixou entrar por parecer um homem. Também estive em boates mistas de gays e lésbicas, mas eram os gays que sentiam atração por mim.

Embora pertencesse a vários outros grupos – profissional, familiar, estudantil (comecei a fazer mestrado), em nenhum desses o estigma deixava de ser manipulado. Não tinha o tranquilo escudo para me defender por meio de nenhum grupo sexual específico. Não conhecia nenhum com que pudesse me identificar. Desde cedo fui obrigado a aprender a me proteger por conta própria das pressões de todos os grupos.

Havia duas forças que atuavam e que começavam a se modificar: uma resultante dos meus próprios desejos e esperanças; outra “induzida” socialmente para ser mulher. Na minha infância e adolescência, embora meu desejo correspondesse aos valores masculinos, a fronteira que me separava deles era praticamente intransponível. Por isso, destruía imediatamente toda e qualquer esperança de realização. Ia me bastando com a fantasia. Tornar-me um homem de verdade era um sonho irrealizável. Daí, minha ansiedade ter crescido à medida que, aperfeiçoando-me no vestuário e na postura masculina, sendo tratado e confundido como tal, a barreira parecia se enfraquecer.

Só muito mais tarde é que, finalmente, me encontraria.

PARTE II
DESCOBERTAS

CAPÍTULO 1

A SAÍDA DO LABIRINTO

*O direito é o sol eterno, e o mundo não pode retardar a sua
vinda.*
Phillips

Paris seria o lugar que escolheria para morar. O charme dessa cidade faz com que, vista de qualquer ângulo, seja encantadora. E foi na excitante cidade-luz que uma esperança se acendeu, mudando daí para a frente o rumo da minha vida.

Foi em 1975, quando passei um mês na Europa. Tomara conhecimento de um voo *charter* que chegaria a Paris no verão. Com uma mochila nas costas e algumas economias no bolso, embarquei. Meu dinheiro mal dava para comer. Entrava num supermercado e comprava uma bisnaga, um pedaço de queijo e preparava os sanduíches que ia devorando pelo caminho. Comida mesmo só fui saborear 15 dias depois, na Itália, onde a vida era bem mais barata naquela época. Viajava em trens noturnos de segunda classe, economizando diárias de hotel. Permanecia, no máximo, um ou dois dias em cada cidade, vendo o que meus olhos alcançavam e indo aonde meus pés aguentavam.

O fato de viajar só não era muito acalentador. Faltava-me motivação para fazer alguns programas, pois não tinha alguém com quem pudesse compartilhar as emoções. Mas, de qualquer forma, foi uma sensação única estar de corpo e alma no velho continente europeu.

Saltando onde me dava vontade e pegando muitas caronas para prosseguir, cheguei à Sicília. Extraordinário foi ver o trem desmembrando os vagões ao entrar na barcaça que atravessaria o Mediterrâneo rumo a Messina. Dessa terra quente, cheia de cactos e afamada pelos mafiosos, segui direto para a região da Puglia, passando por Brindisi, no calcanhar da bota. Lá morava uma prima, uma das poucas pessoas com quem já tinha conversado a meu respeito, quando estive no Brasil. Era uma mulher sofrida, com uma enorme garra em relação à vida. Adorei revê-la.

Ela e o marido me levaram até Alberobello, uma cidadezinha próxima, onde a arquitetura é única no mundo. São casas redondas, todas de pedra e sem

janelas, chamadas *trullis*.

A característica mais importante de Brindisi é ter sido o fim da Via Apia que começava em Roma e ser a cidade natal do poeta Virgílio. É também um porto muito próximo da Grécia.

Subindo a costa do Adriático, cheguei a Veneza, onde, sentado na Praça de São Marcos, assisti a uma orquestra de violinos, saboreando um delicioso chá.

Não tive muitos contratempos na viagem. Só quando era obrigado a apresentar meu passaporte nas fronteiras e nas pensões, o que me deixava apreensivo. Na saída do Brasil, ao ser revistado no aeroporto, tive de entrar na fila destinada às mulheres. Até explicar que “gato não era sapato”, foi o constrangimento de sempre.

Viajar por países diferentes e mais desenvolvidos que o meu, que há 11 anos estava submetido a uma ditadura militar que ainda duraria mais dez, me deu uma visão mais ampla do mundo. Pude vivenciar a liberdade de expressão em sociedades mais democráticas e organizadas.

De volta a Paris, depois de subir e descer os becos de Montmartre, perambulando por entre artistas e cabarés, peguei o metrô para o Quartier Latin. Entrando numa livraria, comecei a folhear algumas publicações. Não poderia prever que ali descobriria o que tanto procurava – a saída do labirinto.

Como vendedor algum me incomodasse, fiquei à vontade para folhear com calma vários livros e livretos, até minhas mãos alcançarem uma revista científica. Trazia como subtítulo a palavra *Sexualité*. Dei uma olhadela no índice. Precisamente no capítulo cinco havia uma reportagem em que um médico falava sobre cirurgias transgenitais, feitas em alguns países com grande sucesso. Referia-se, apenas, a transmulheres, na época chamadas transexuais femininas, caso tecnicamente mais fácil de resolver do que o dos trans-homens. Citava os Estados Unidos como um dos países precursores e mais desenvolvidos no assunto. Inglaterra, Suécia e Dinamarca eram os mais avançados no reconhecimento da necessidade de mudança de identidade após a cirurgia.

Comprei imediatamente a revista e saí lendo pela calçada. Meu coração, taquicárdico. Resolvi sentar-me num café para digeri-la em todos os detalhes. Meus olhos mal acreditavam no que estavam lendo. Parecia um sonho.

No dia seguinte fui para Londres. Andando por uma das ruas da cidade, esbarrei numa *sex shop*. Numa mesa colocada ao centro, revistas sobre pedofilia podiam ser folheadas à vontade pelos fregueses. As fotos eram reais, a maioria de crianças orientais e desnutridas. As prateleiras estavam cobertas de instrumentos sexuais, como enormes pênis de plástico, bonecas de borracha e outros artefatos fetichistas. Havia um verdadeiro arsenal para relações sadomasoquistas.

Não consegui obter muitas informações em Londres, nem nos outros países que visitei depois, Holanda, Alemanha e Suíça. Não dominava o inglês, não dispunha de muitos recursos e estava doido para retornar ao Brasil.

A ideia de me submeter a uma dessas operações não me saía da cabeça. Não sabia como nem onde, mas daquele momento em diante isso passou a ser a meta fundamental da minha existência. Precisava ler e me aprofundar mais no tema, para não tomar nenhuma decisão precipitada.

Não foi nada animador entrar sozinho no meu apartamento e retomar as atividades normais, apesar das perspectivas. O fato de não ter telefone dificultava mais ainda o acesso aos amigos. Até a faxineira resolveu ir embora, alegando ter arranjado outro emprego que pagava melhor. Ainda não existiam os celulares.

A falta de uma companhia começou a apertar. Era nostálgico comer, dormir sem ninguém para dar bom-dia ou contar uma novidade. Não tinha mais paciência para assistir à televisão, nem ouvir música. Passei a ler até altas horas, e o sono não vinha.

Profissionalmente estava bem. Dava aulas em três faculdades, apesar de ser considerado um tipo estranho pelos outros professores. Alguns invejavam minha popularidade com os alunos. A maioria não me suscitava o menor interesse em trocar ideias. Comecei também a fazer um mestrado em Psicologia. Cada vez me sentia mais único.

Mercedes soube da minha chegada. No meu aniversário, veio visitar-me, embrulhada num papel colorido com fita e laço.

— Meu presente para você. Eu!

Parecia que tinha se esquecido de tudo o que passamos juntos e da impossibilidade de continuarmos casados. Conversamos amigavelmente, até que a irritação ressurgiu. Acabamos discutindo. Finalmente, ela me confessou estar numa situação ruim desde que fora provisoriamente para a casa da amiga. Pediu-me que resolvêsemos de vez os detalhes finais da separação.

Embora faltassem muitos anos para terminarmos de pagar o apartamento que havíamos comprado, propus racharmos o valor da venda. Como ela estava terminando a faculdade de Cartografia e tinha planos de ir para o interior trabalhar, esse dinheiro poderia lhe ser útil para começar uma vida nova. Entretanto, num gesto inesperado, ela disse:

— Use essa grana para pagar suas futuras cirurgias. Mais que ninguém, sei o quanto são importantes para você.

Da última vez em que estivemos juntos, na hora da despedida afirmou:

— Você é um cara legal. Acho uma pena tudo ter terminado e sinceramente espero que ainda seja feliz.

CAPÍTULO 2

AMANDA

*Sua presença é de tal ordem
que não existe sem uma ausência possível.*
Merleau-Ponty

Amanda era daquelas mulheres que um homem nunca acha que vai encontrar, mas que existem. Descobri nela um ser à parte que podia se recusar a qualquer tipo de dominação e com total capacidade de entrega. Para mim foi algo novo. Com a convivência, minhas relações acabavam tomadas por um estúpido sentimento de posse, como se a pessoa vivesse no meu bolso, o que era tremendamente insatisfatório. Desejava amar uma pessoa, e não um objeto. Além do mais, já tinha aprendido que esse sentimento era o alicerce do ciúme, além de ser muito delicado e perigoso para se brincar com ele. Uma amiga costumava dizer que “a posse era o túmulo do desejo”.

Amanda começou dizendo “não” a tudo o que cerceava a ela ou a mim. Respeitava minhas dificuldades até o ponto em que essas não me desrespeitavam e vice-versa. Foi a única pessoa que acreditou no meu desespero de querer nascer, não de novo, mas pela primeira vez.

Era uma mulher *mignon*, de uma docilidade espontânea, mas que se agigantava quando desafiava o inadmissível. Falava pouco e via menos ainda, quando convinha. Sua lourice não ia ao ponto de cansar. Os olhos caramelizados tinham o mesmo tom do cabelo, sem grandes contrastes, como seu modo de ser. O corpo formava um todo harmonioso, cujas partes se integravam ritmicamente. Movia-se como um cata-vento, sem que se pudesse perceber esforço algum ao se deslocar sobre a ponta dos pés. Aparecia e desaparecia como miragem e foi na força de sua ausência que descobri a sua presença.

Fascinava-me que esse corpo fosse animado por uma consciência extremamente viva. Achava engraçado quando me dizia:

— Hoje não vamos nos ver, tenho de cuidar das minhas coisas.

Não se tratava de nada misterioso ou proibido. Só depois compreendi que queria apenas me ensinar a intimidade só dela. Mostrava-me, assim, que possuía um mundo à parte, além do que partilhava comigo. Comecei a

observar que as minhas coisas geralmente eram relegadas a um segundo plano por mim mesmo, em função da mulher amada, o que no fim gerava uma grande insatisfação.

Surpreendia-me constantemente, como quando colocou um bilhete no bolso do meu pijama: “Estou acontecendo mais uma vez!”. Que sopro de vida sabê-la tão apaixonada por mim!

Embora houvesse essa noção forte de individualidade, havia inevitavelmente um “nós” que curtíamos, cuidando, porém, que não nos engolissem. Abdicarmos em nome do amor em questões vitais nos levaria à anulação como pessoas. Cedíamos, mas o suficiente para não nos violentarmos.

Quando a conheci, morava num apartamentinho branco com plantas por todos os lados, transpirando cuidados. Estudava na faculdade de Comunicação em que eu dava aula, mais precisamente na minha sala de aula. Era minha aluna.

Sentava-se à frente, do meu lado direito, e só notei sua presença no dia em que me aborreci e dei uma bronca na turma. Todos ficaram calados e um tanto amedrontados. Foi então que vi em seus olhos a tranquilidade de mera espectadora. Deu-me um sorriso, e me senti ridículo sendo pego a esbravejar com as mãos para cima.

Noutra vez, durante uma apresentação de trabalhos de alunos, foi projetado na parede o *slide* de um quadro pintado em vermelho, muito original. Ao terminar, inquirindo a turma sobre o autor da obra, para minha surpresa um aluno a apontou. Olhei-a novamente e tornou a sorrir. Na aula seguinte, apareceu com um embrulho nas mãos e ao me entregar recomendou:

— Cuidado! É um presente. A tinta ainda está fresca.

Fiquei meio sem jeito e agradei. A partir daí, sempre nos cumprimentávamos ou trocávamos algumas palavras no bar da faculdade.

Alguém tinha me alertado para não me envolver com alunas. Um dia, dei-me conta de que, ao descer as escadas para o pátio, meus olhos a procuravam dissimuladamente. Sua presença crescente começava a me impregnar.

Apesar do frio, suas roupas pareciam leves, e trazia sempre no ombro uma enorme bolsa canoa de couro. Era inconfundível.

Os meses transcorriam. Seu interesse por mim só foi confirmado no Natal, quando recebi um cartão desenhado com um poema apaixonado.

O que me confundia era o fato de Amanda ser uma mulher extremamente bonita e suave, não me parecendo homossexual nem demonstrando receio, algum tipo de surpresa ou conflitos por estar gostando de mim. Embora me sentisse um homem, sabia perfeitamente que era “sua professora”. Novamente inculquei com a velha dúvida de como estaria me vendo.

Terminaram as aulas, mas a lembrança de Amanda ficou. A saudade aumentou. Resolvi ajudar o acaso. Montei na moto. Consulte o envelope natalino e rumei para o endereço mencionado no verso.

— Você! – exclamou efusivamente. — O que lhe deu para aparecer aqui? – abraçou-me e soltou um beijo tímido no meio das minhas bochechas. Ainda

meio zonzo, fiquei aliviado quando me convidou para sentar, oferecendo-me um copo de vinho.

— Muito acolhedora a sua casa. Dá vontade de não sair mais.

— E por que sair? Para ela ficar completa, só falta você aqui dentro...

Levantou-se rapidamente e foi apanhar mais vinho, enquanto eu virava o copo de uma só vez.

— Veio com a roupa sua de que mais gosto – disparou, esperando minha reação. Cada vez eu ficava mais embaraçado.

Amanda era assim. Meio imprevisível e muito romântica. Divertia-se vendo um homem sem graça à sua frente.

Ela vestia uma túnica longa, solta sobre o corpo. Eu tremia. Ela olhava. Derramei vinho no tapete, ela arranhou o disco na agulha da vitrola. E quanto mais tentávamos consertar, mais nos denunciávamos.

Fui ao banheiro. Na volta, esbarrando na estante, deparei-me com um álbum de fotografias. Enquanto o folheava, veio sentar-se a meu lado, identificando as pessoas. Seu braço roçava o meu. Seu perfume silvestre impedia-me de escutar as explicações.

Aconteceu. Como num campo imantado, colamo-nos boca com boca, num desenlace de ternura.

Nossos encontros se tornaram frequentes. Era um caso inédito em sua vida, mas isso não parecia perturbá-la. Transmitia-me confiança e uma grande vontade em ser minha mulher.

Acabei, finalmente, aceitando seu convite e fui morar com ela.

CAPÍTULO 3

POR ONDE COMEÇAR?

O homem começa não apenas quando é concebido, mas quando se determina a ser alguma coisa, quando se realiza após este impulso para a existência.

Sartre

Com 26 anos de idade, eu tinha de representar vários papéis antagônicos e com habilidade. Não era em absoluto uma patologia de múltipla personalidade, mas somente no sentido social. Queria me submeter logo a uma operação, mas cirurgias desse tipo não eram feitas no Brasil, por serem ilegais. Fiquei sem saber por onde começar. Sentia-me perdido, quando recebi um telefonema de uma amiga psicóloga, que se especializou em sexologia na Bélgica. Marcamos um encontro. Vislumbrei a possibilidade de alguma novidade.

Lilian vivia com uma mulher por quem se apaixonou. Árdua defensora dos direitos femininos, ficou chocada quando lhe falei do meu interesse.

— Mas isso é uma loucura! Virar homem! Deve estar brincando... Nós, mulheres, precisando tanto de mais adeptas para aderir à nossa causa, e quer passar logo para o lado deles?

Fiquei boquiaberto com sua reação. Aos poucos, fui compreendendo que a não aceitação do meu caso tinha raízes mais profundas.

— Além do mais, jamais passará por homem! Se me permite ser sincera, acho-a, inclusive, feminina.

Tentei explicar-lhe como me sentia. Era difícil e sofrido viver duas vidas. Falei-lhe da incompatibilidade com meu corpo e de como isso me martirizava.

— Não, Joana. Está vendo tudo distorcido. A mulher é tão rechaçada nesta cultura que a tendência é querer ser homem, mas isso não resolve o cerne da questão.

Não adiantava. Seu enfoque era rígido. Ainda falei da minha impossibilidade de frequentar alguns ambientes femininos, por não me aceitarem como mulher.

— Está fazendo um bicho de sete cabeças! Está certo, você tem um jeito masculinizado, mas não a ponto de ser confundida com um homem. Isso é pura

fantasia sua!

Lilian estava tremendamente irritada. Deixava evidente que o assunto não lhe era indiferente, pelo contrário, até bastante ameaçador. Confirmou o que desconfiava, quando concluiu:

— E sabe de uma coisa... Não vou ter estrutura emocional para vê-la como homem. Se eu fosse você, continuaria mesmo como homossexual porque somos uma classe unida. Lutando juntas, vamos conseguir muito em breve a nossa emancipação e reconhecimento.

Perguntei-lhe então se já tinha estudado a transexualidade. Admitiu que tinha ouvido algo sobre o tema, mas sem se aprofundar. Diante dessa revelação, encerrei a conversa, fazendo-lhe um apelo.

— Lilian, lamento sua posição. Esperava de uma sexóloga um conhecimento maior sobre o assunto. Mas queria lhe pedir um favor: se souber de alguém que eu possa procurar, me indique, pois sei que você conhece muita gente que trabalha nessa área.

Embora chocada com nosso triste encontro, não me negou ajuda.

— Conheço um endocrinologista que me parece estar liderando uma equipe que lida com esse assunto. Mas não sei o telefone do Hospital Moncorvo Filho. O nome dele é Porto. É só o que posso dizer.

Saí chateado. Ela sempre tinha sido uma pessoa sensível, aberta a compreender os problemas dos outros. Naquele momento entendi que, se desse esse passo tão decisivo para mim, não contaria com seu apoio e sua compreensão. Menos uma a meu favor.

Consultei o catálogo telefônico e disquei o número do hospital. Uma das enfermeiras me informou que no dia seguinte, pela manhã, o Dr. Porto estaria atendendo.

Às sete em ponto, eu era o primeiro da fila de espera. Surpreendentemente, o atendimento era grátis e sem muita burocracia. Um médico apareceu e entrou na sala do Dr. Porto. Deduzi que fosse o próprio e, enquanto aguardava com ansiedade o chamado, ia fumando um cigarro atrás do outro.

— O próximo pode entrar – gritou o médico.

Sentei-me na cadeira à sua frente e vi seu nome bordado no jaleco. Fiquei descontrolado. Comecei a tremer, enquanto ele me olhava. Fiz um terrível esforço para coordenar as ideias.

— Bem, doutor... Estive com a Dra. Lilian. Falou-me a respeito de uma equipe que funciona aqui sob sua direção e que parece estudar a questão da transexualidade. Estou interessado nessas pesquisas.

— A equipe ainda está se formando, mas já atendemos algumas pessoas que vieram nos procurar. Só não estou entendendo qual é o seu real objetivo. Você é paciente ou médico?

Consertei-me na cadeira, dei uma fungada e falei firme.

— Paciente. Gostaria que vocês me fizessem uma avaliação completa.

O endocrinologista me encarou.

— Aqui cuidamos somente da parte dos exames. Fazemos uma série deles, inclusive uma avaliação psiquiátrica, e só depois de nos certificarmos de

que se trata de transexualidade, e não de homossexualidade ou alguma psicopatia, é que recomendamos a cirurgia.

— Embora conhecesse essa diferenciação, quis ouvir sua opinião a respeito.

— O senhor poderia me esclarecer melhor essa distinção?

— Na transexualidade, o indivíduo apresenta uma total inversão psíquica em relação aos seus outros sexos, como o cromossomal e o fisiológico. A mente não corresponde ao corpo com que a pessoa nasceu. Nesses casos, foi comprovado que a psicoterapia é inoperante, e só a cirurgia poderia resolver o conflito. Já na homossexualidade, o sujeito, embora tenha relações com o mesmo sexo, não apresenta inversão psíquica. Não quer deixar de ter o corpo que tem, apesar de, muitas vezes, apresentar maneirismos do sexo oposto. Nessa última categoria, a cirurgia não é aconselhada, pois haveria o risco de arrependimento, o que poderia levar o paciente até o suicídio, o mesmo se dando com as psicopatias. Portanto, faz-se necessário que esse estudo preparatório seja minucioso, para não haver enganos. Se estiver mesmo interessado, podemos fazer uma ficha sua e dar início aos exames. Fica a seu critério. Não cobraremos nada por isso, mas terá de arcar com as despesas de laboratório.

Concordei imediatamente. Porém, ao dizer meu nome, a velha confusão surgiu.

— Joana? Mas... — deu um sorriso, pensando que se tratasse de um rapaz.

— Isso é bom sinal, pois até você se confundiu — comentei com um sorriso.

Franziu a testa. Preocupado, retrucou:

— Você como mulher, a coisa se complica. São casos mais raros, e as cirurgias mais complexas. Até agora só um nos veio às mãos, e depois de aprovado o encaminhamos aos Estados Unidos. É necessário que saiba que sua reprovação poderá ocorrer em qualquer etapa.

Continuava me tratando no masculino, mesmo depois de saber meu nome, o que fazia crescer minha simpatia por ele. Submeti-me a uma triagem rápida, ficando de voltar na semana seguinte, quando daríamos início ao longo processo.

Estava feliz. Fiquei tão emocionado que me despedi com ambas as mãos, como se uma só fosse pouco para expressar minha gratidão. Começava a galgar os primeiros degraus do tão esperado sonho. Agora era ter paciência para esperar e saber o que Amanda iria achar de tudo isso.

Assim que cheguei em casa, contei-lhe a novidade. Perguntei sua opinião.

— O que estiver bom para você, estará para mim. É você quem tem que decidir. Não vou interferir. Ainda mais numa coisa tão séria assim!

— Fico contente quando diz que sou eu quem deve resolver. Mas gostaria de saber como realmente se sente diante de tal perspectiva. Afinal de contas, você é a mulher que amo e seria muito doloroso realizar meu sonho, mas perder você.

Abraçou-me.

— Seu bobo... Já o vejo como um homem! Sem dúvida, essa operação vai nos ajudar a resolver alguns problemas. Meu único receio é o risco de morte

que você pode correr. Ainda mais que, pelo visto, não será apenas uma cirurgia. Mas estou do seu lado. Ficarei muito feliz de ver você realizado.

Nesse dia, jantamos fora para comemorar. Amanda se revelava, a cada dia, a melhor companheira que poderia ter. E esse voto de fé foi mantido durante os sete anos em que estivemos juntos.

CAPÍTULO 4

A CRISE NO CLÁ

Amadurecer é a transcendência do suporte ambiental ao autossuporte.
F. Perls

Desde o fim da minha adolescência, muitas mudanças tinham ocorrido na família. Entre as irmãs, Mariana era até então a mais distante. Na minha infância e adolescência, o fato de ter seis anos a mais do que eu representava uma outra geração. Não convivi com seus anseios nem conheci seus desesperos. Depois de adultos, quando pareceu que o tempo igualara nossas diferenças, acabamos nos aproximando. Casualmente, ficou sendo também a única irmã a morar no Rio, o que contribuiu para um maior entendimento. Tinha cursado Letras e era professora.

O marido de Mariana era um engenheiro minucioso. Um sujeito formidável que, da severa educação recebida, trazia um senso profundo de honestidade e certo retraimento. Garcia me enternecia com a sua docilidade. Uma dessas pessoas que, se você pudesse espremer, só sairia bondade. Sempre bem-intencionado, transmitia uma confiança do tamanho do mundo. Sobretudo, era um amigo de verdade, o que me foi confirmado diversas vezes.

Eles tiveram um casal de filhos com uma esperteza deliciosa. Moravam perto de mim, e nos víamos regularmente, às vezes para um carreado, quando Amanda também ia, completando a parceria.

Ao perguntar à Mariana como via minha situação, simplesmente respondeu:

— Prefiro não pensar muito. Aceito, porque gosto de você.

Amanda, por ser mais simpática que Mercedes, soube conquistá-los, embora a mesma situação não se desse com Leila, a segunda irmã, que fazia Antropologia. Ela acabou casando com o cirurgião plástico que me operou da primeira vez. No entanto, não se resignava a ser apenas esposa de doutor rico. Depois de ter também um casal de filhos, resolveu se separar do marido, mas permaneceu morando em Brasília.

Obteve sucesso na profissão dando aula na universidade e dedicando

vários anos ao estudo da Antropologia, aproximando-se da Psicanálise. Diferentemente de Mariana, era extrovertida e afetuosa. Continuava se envolvendo nos problemas da família, e a minha situação a incomodava muito:

— Não posso admitir uma coisa dessas, Joana! Você não quer é assumir a mulher que existe em você! Assim, nunca conseguirá ser feliz! Acho que uma análise poderia ajudá-la bastante. Posso lhe indicar uma psiquiatra conhecida minha. Você não quer?

Para a Psicanálise, criada no fim do século XIX, a transexualidade não existia. Embora eu fosse psicólogo, nunca concordei com essa visão ortodoxa, que praticamente não dava importância à linguagem corporal, somente à verbal. Além do mais, eu achava machista e radical tentar explicar o comportamento basicamente por meio da inveja do pênis e do complexo de Édipo. Esses conceitos se baseavam na bipolaridade feminino *versus* masculino, tendo como parâmetro “normal” a heterossexualidade. Freud aceitava a androgenia como resquício genético primordial dos indivíduos. A bissexualidade deveria ser “resolvida”, pois era vista como uma característica primária. Reconheceu, no fim da vida, que deu pouca importância ao aspecto cultural na personalidade do indivíduo.

Travamos uma discussão violenta. Mas, para não me mostrar intransigente e amenizar o clima pesado, resolvi ir a tal psicoterapeuta. Não aguentei mais do que duas sessões. Preocupada exclusivamente com o meu passado, subliminarmente tentava me mostrar como a minha conduta era patológica e quão sadio seria ter um parceiro.

Leila nunca se conformou com essa minha desistência. Continuava se sentindo um pouco mãe dos irmãos menores, o que a impedia de nos tratar de igual para igual.

Van era com quem melhor me dava. Representante da geração mais jovem, casou aos 19 anos, e aos 20 já estava separada. Quando meus pais pensaram que ela havia “entrado na linha”, trabalhando num banco, envolveu-se em política estudantil e se tornou guerrilheira para combater a ditadura. Depois de duas prisões, exilou-se no Chile de Allende. Com o golpe militar, acabou presa no Estádio Nacional do Chile, só com a roupa do corpo. Lavava a própria calcinha diariamente e ficava sacudindo até secar. Respondeu a interrogatórios, nos quais foi ameaçada de morte. Mamãe foi ao Chile e conseguiu que o consulado brasileiro se mexesse para arrancá-la das garras dos milicos. Trinta e seis anos depois, foi anistiada e chorou quando leu que “em nome do Estado brasileiro lhe pediam desculpas”.

De volta ao Brasil, tentou “ser normal”. Foi estudar jornalismo, mas acabou saindo de novo do Brasil, indo para Portugal e depois para a França, onde foi morar com um brasileiro também exilado. Muito autêntica e sem nenhum convencionalismo, sorvia intensamente a vida. Suas aventuras deram-lhe o primeiro lugar como ovelha negra da família, com fama de não saber o que queria. O meu caso passou até ao segundo plano, como se já tivessem se habituado. Além do mais, tinha completado meu curso e trabalhava condignamente.

A força que me ligava a Van era maior do que nossa história conjunta.

Além de sermos companheiros de infância, nossa aceitação era mútua e incondicional. O que ela fizesse que estivesse bom para ela eu aceitava, o que valia também para mim. Em vários momentos, fomos o único apoio um do outro.

Muito desligada dos valores tradicionais, achava que o essencial era amar. Aceitava perfeitamente a minha vida, sem restrições. Na França foi *baby-sitter*, doméstica, ajudante de cozinha e datilógrafa.

Numa de suas cartas, escreveu: “Admiro sua coragem em se assumir e transar com a pessoa que escolheu, independentemente do que os outros pensem”. Van só voltaria muitos anos mais tarde, com dois filhos rechonchudos.

Eu tinha 17 anos quando meu pai voltou do exílio no Uruguai. Não aguentou ficar clandestino e decidiu vir para casa. Foi preso e interrogado pela polícia. Nunca mais poderia pilotar, proibido por uma portaria sigilosa da ditadura. Depois de muitas tentativas, consegui, por meio de um amigo, um emprego de gerente na garagem de um jornal. O exílio lhe deixou marcas. Sua posição se modificou depois de se tornar um “marginal” para a sociedade, perdendo a profissão de que tanto gostava. Transformou-se num homem mais flexível e cordato.

Mamãe envelheceu por todas essas circunstâncias. Sempre ali, ao lado do velho, segurando o peso do caos, revelando-se de ouro. Ficou mais amarga, mas mais amada. Considerava que a melhor fase da sua vida havia passado. Agora só desejava viver o resto com resignação e um pouco de tranquilidade.

Papai, um homem nada burocrático, violentava-se com aquela rotina que o fazia levantar de madrugada, sem fim de semana para descansar. Exausto do barulho e da poluição, acabou aceitando o convite para ser sócio do meu ex-cunhado e ir morar numa fazenda perto de Brasília, criando gado, como na sua infância.

Mamãe era tipicamente urbana, mas, como sempre, só pensou no bem-estar do marido. Depois de se desfazer de tudo, lá se foi com ele viver entre os lavradores. Obrigada a se aposentar, passou a cuidar da casa, a dar comida aos porcos e às galinhas. Fez um canteiro de flores e uma horta ao lado. Suas raízes, não conseguiu replantar. Com o tempo, venderam sua parte da sociedade e construíram uma casa na Asa Norte em Brasília, para onde se mudaram.

Depois do meu retorno da Europa, estive na fazenda apenas uma vez. Foi quando ela me confessou, num dos seus poucos desabafos:

— Seu pai não me entende. Fica danado porque não consigo diferenciar um burro de um cavalo...

Após tantos anos, ficamos juntos novamente. Aprendi a dirigir trator, arar a terra, tirar leite de vaca e manejar melhor uma enxada, cavando regos para irrigar a horta. Caiei as paredes, pintei as portas e as janelas do casarão. Cortei a grama e adubei o pomar. Quando voltei, tinha deixado algo meu naquela

fazenda.

Mamãe se desfez de tudo. Apenas conservou o piano. Conseguii carregá-lo para aquela lonjura. Não esqueço o dia em que lhe perguntei:

— Mãe, você não toca mais piano?

Com a voz desalentada, tristonha, explicou-me que o piano desafinou e que ali era difícil de conseguir um afinador. Entretanto, levantou a tampa, sentou-se no antigo banquinho, fez uma pausa e dedilhou velhas canções que eu estava acostumado a ouvir desde criança. Sem mecanismo e engasgando a toda hora, desculpava-se, enquanto eu, abraçado às suas costas, tentava dissimular o nó que se formava na minha garganta.

CAPÍTULO 5

O COMEÇO DA GUERRA

Uma caminhada de mil léguas começa com o primeiro passo.
Provérbio chinês

Começaram os exames. Semanalmente comparecia ao hospital. Os hormonais foram realizados num laboratório à parte e, mesmo obtendo um desconto de 50%, custaram muito caro. Até então, os resultados não apresentavam qualquer anomalia: o cromossomo deu XX e a cromatina foi positiva, portanto normais. Quanto à análise hormonal, ocorreu o já esperado pela equipe: uma taxa elevada de testosterona no sangue, pois meu psiquismo estava interferindo diretamente no sistema endócrino. No exame clínico, foi constatada uma genitália sem alteração, porém com certo hirsutismo e uma tonicidade masculina acentuada.

Nessa fase preliminar, fui classificado, de acordo com a antiga escala do Relatório Kinsey, como apresentando até então uma homossexualidade de último grau.

O fato de já ter trabalhado e viver em grande parte com identidade social masculina atendia a uma importante exigência da equipe, que hoje se intitula “teste da vida real”, questionado por alguns teóricos, pois exige que o trans se defina como homem ou mulher e nunca possa ficar no meio, inventando outras categorias disponíveis.

Deveria ainda me submeter à avaliação de um psicólogo, à psicoterapia com um psiquiatra e posteriormente à conversa com uma assistente social, Martha Rique Reis, que foi a melhor da equipe. Sua generosidade era tamanha que, com o tempo, tornamo-nos grandes amigos. Ela também trabalhava com crianças portadoras do vírus da Aids (ganhou um prêmio pelo projeto que criou). O psicólogo da equipe acabava de se afastar. Não o conheci. O psiquiatra era um rapaz jovem, que se mostrou muito interessado no meu caso e me atendeu gratuitamente. Já tinha ouvido falar dele desde a época da faculdade. Era bem conceituado no meio profissional. A psicoterapia deveria durar cerca de um ano, podendo esse prazo ser diminuído ou estendido,

conforme as necessidades do psicodiagnóstico.

Meu horário de sessão não era fixo. Variava conforme a disponibilidade do médico. Algumas semanas, ia de manhã, outras à tarde, o que me obrigava frequentemente a matar minhas próprias aulas. Várias vezes não pude ser atendido. Ia embora sem nem ao menos me darem uma satisfação. Essa displicência me aborrecia, mas, como esse laudo era o item mais importante de todo o processo pré-cirúrgico, e sem ele nada poderia ser feito, continuei resignadamente. Falava tudo de que me lembrava e respondia a todas as perguntas, tentando fornecer o máximo de material para uma eficaz e rápida conclusão. Esforçava-me em não omitir nada e contava detalhes muito íntimos, nunca revelados a ninguém. Eventualmente, havia discordância sobre certas abordagens e interpretações, mas, a meu ver, tudo resultava muito produtivo.

O médico que me atendia estava preparando uma tese de mestrado. O tema versava sobre a transexualidade feminina, hoje chamada *MtF*, ou seja, *Male to Female*. Mostrava-se muito interessado em conhecer melhor a masculina, *FtM* – *Female to Male*. Chegou mesmo a me perguntar se eu preferia ser tratado no masculino ou no feminino durante o tratamento.

Quando nos conhecemos, como já havia acontecido com o Dr. Porto, fui confundido com um rapaz. Só que ele demorou mais para se convencer de que eu não estava representando.

Durante o tempo da avaliação, recriminei-o como profissional por duas vezes. Uma, quando viajou durante um mês, sem me avisar. Soube apenas quando cheguei à portaria do hospital, e a recepcionista me informou de sua ausência. E não era uma viagem imprevista. A outra foi durante um de nossos papos, quando ele expôs objetivamente sua opinião, atitude, a meu ver, pouco ética: “Se eu estivesse no seu lugar, não me operaria agora. As cirurgias são precárias, e você ficaria frustrado com os resultados. No momento, sou contra. Eu esperaria um pouco mais”.

Depois dessa manifesta opinião, fiquei receoso e desconfiado. De início, ele me tratava como um colega, mostrando-se formal e incômodo. Foi preciso que lhe dissesse: “Aqui sou seu paciente, esqueça que me formei em Psicologia”. Até o fim, percebi sua dificuldade em me encarar e sua prolixidade quando era forçado a falar.

Achei que chegara a hora de revelar a meus familiares o que estava acontecendo. Convidei Mariana e Garcia para um jantar em nossa casa. Pedi que viessem sem as crianças. Comecei descrevendo a angustiada vida dupla que levava. Abordei o fato de nunca ter me sentido mulher e da confusão de me verem como homossexual. Falei-lhes da transexualidade, da minha alegria ao descobrir essa equipe e que estava me submetendo a todos esses exames.

Refeitos do impacto, meu cunhado foi o primeiro a se manifestar. Num tom brincalhão, quebrando a seriedade do contexto, exclamou:

— Você é um felizardo! Vai ser o primeiro homem a escolher o tamanho do seu pau!

Caímos na gargalhada, e, a partir desse instante, tudo ficou mais fácil de ser dito. Quiseram saber todos os detalhes do tratamento, das cirurgias, onde e como eram feitas e do seu aspecto legal.

Preocuparam-se tanto com o problema que me pediram licença para conversar com o Dr. Porto a respeito do meu caso. Achei construtiva a atitude, porque mostraria a meu médico que pelo menos parte dos meus parentes estava interessada. O encontro foi mais importante para o casal do que para o endocrinologista. Isso era do que precisavam para se certificarem de que estava na mão de profissionais sérios e competentes.

Ao nos reencontrarmos, foram contundentes:

— Estamos aqui para lhe dar o nosso apoio. Ainda não sabemos em que vai dar tudo isso, nem podemos julgar o que é melhor para você. Mas sentimos que está agindo honestamente consigo mesmo, o que é o mais importante.

Garcia acrescentou:

— Confesso que ficava constrangido com as crianças. Outro dia, a caçula me perguntou: “Papai, tia Joana é homem ou mulher?”. Quando lhe falei que era mulher, ela ficou confusa. Disse que você não usava saia e não tinha unha nem cabelo comprido. Fiquei desconcertado. Tentei explicar que nem todas as mulheres são assim, mas, para a sua cabecinha, sei que foi difícil.

Mariana acrescentou:

— E cada vez fica mais complicado. Não é só porque os meninos estão crescendo. Outro dia, o porteiro lá do prédio veio me perguntar se aquela moto, que estacionava de vez em quando na garagem, era do meu irmão. Fiquei sem saber o que responder. Não tive coragem de confirmar. Mesmo a minha empregada – que, por sinal, levou uma bronca – referiu-se a você como “João” e esboçou um risinho debochado. Evidente que todos esses fatos nos incomodam. Além disso, muitas vezes sou obrigada a não a convidar para certas reuniões lá em casa, porque seria difícil explicar a situação a meus amigos convencionais.

Tinham acabado de tocar num ponto pungente. Senti-me ao mesmo tempo contente por terem podido me dizer tudo aquilo, mas fiquei deprimido ao ver que a minha presença lhes causava problemas.

— Lembra-se do seu aniversário, Mariana, quando eu disse que não podia ir à sua casa por estar de viagem marcada? Era mentira. Até já tinha comprado o seu presente! Mas pensei melhor, achei que haveria muita gente e acabaria me tornando um constrangimento na sua festa. Então, inventei uma desculpa qualquer. Sei que incomodo a todos. Agora, talvez entendam o que ocorreu naquele *camping* na praia, quando fomos com os pais do Garcia. De manhã, ao ir ao banheiro lavar o rosto e fazer xixi, tentei entrar no banheiro feminino. Quando cruzei a porta, uma moça se assustou e gritou, apontando o dos homens. Então, olhei para os lados, abaixei a cabeça e, no auge do temor de que alguém me visse, entrei no toalete masculino. Escovava os dentes quando seu sogro apareceu! Fiquei tão apavorado que fingi ter entrado no banheiro errado. Felizmente não havia mais ninguém para assistir ao vexame. Quando vocês souberam, Mariana ameaçou não me convidar mais para acampar.

Mariana não deu uma palavra. Garcia se levantou. Foi pegar um copo de água. Estavam visivelmente abalados com o meu relato.

Perguntei então sobre meus pais e Leila:

— Eu até escrevi para eles informando sobre os últimos acontecimentos, mas até agora nada de resposta.

Mariana me contou que recebeu uma carta de mamãe. Mencionava o fato de estarem todos muito chocados com as novidades, não especificando quais. Pretendia responder à minha carta tão logo se refizesse.

No dia seguinte, o carteiro me presenteou com uma, mas não era de Brasília, e sim da França. Van, mais uma vez, manifestava seu apoio. Achava tudo incrível, dizia nunca ter ouvido falar nesse tipo de cirurgia, mas que se colocava à minha disposição para obter informações do que se fazia na Europa nos centros especializados.

CAPÍTULO 6

A SEGUNDA BATALHA

Todos sabem que meus lábios nunca murmuraram uma oração. Não procurei dissimular meus pecados. Ignoro se existem, realmente, uma Justiça e uma Misericórdia. Mas, se existem, não desespero delas: fui sempre um homem sincero.
O. Khayam

Dr. Porto era um andrologista jovem, rico e famoso. Passei a admirá-lo por não se acomodar ao *status quo*, questionando a medicina tradicional. Estava sempre a par das novas descobertas. Daí se justificar em parte seu pioneirismo no estudo da transexualidade. O restante se devia à sua faceta um tanto exibicionista.

Por ser a única pessoa que poderia me ajudar a sair do caos, transformouse para mim numa espécie de salvador. Tornei-me dependente por completo. Não só por sua bagagem profissional, mas porque, emocionalmente, eu precisava de seu apoio constante, para me sentir amparado.

Levava ao seu consultório os resultados dos exames e procurava saber das novidades no campo da pesquisa, para amenizar minha ansiedade.

Porto não me cobrava consulta. Sabia que eu não poderia pagar. Quando podia, escrevia “interesse científico” no pedido dos exames laboratoriais, e eu conseguia abatimento. Cada vez que ia vê-lo, ficava tão ansioso com o que poderia resultar que gaguejava ao falar.

Sentado na sua confortável poltrona, girou-a com os pés e me encarou. Num tom mais baixo que o habitual, falou:

— João — continuava a me tratar no masculino —, amanhã embarcarei para São Paulo. Estarei com um cirurgião plástico que já fez algumas cirurgias em transexuais femininos [transmulheres] com grande sucesso. Se quiser, encontre-me neste endereço daqui a três dias, que posso apresentá-lo a ele.

Escreveu num papel o local e a hora do encontro.

Meu coração batia tão forte que ressoava em todo o corpo. Antes que pudesse falar alguma coisa, levantou-se e esticou a mão.

— Então estamos conversados. Dia 15, ao meio-dia.

Telefonei imediatamente para as faculdades, comunicando que não poderia dar aula no resto da semana. Em seguida, peguei uma mala pequena e coloquei algumas roupas e objetos de uso pessoal. Ao fechá-la, ouvi um barulho de chave na porta. Amanda chegava do estágio.

— O que é isso? Vai viajar? — perguntou assustada.

— Vou pegar o ônibus amanhã para São Paulo. Tenho um encontro importantíssimo dia 15, ao meio-dia... — e contei-lhe a conversa.

— Mas esse endereço é o da casa do cirurgião?

— Não sei, não perguntei. Além do mais, esse médico opera ilegalmente, já que essas cirurgias não são permitidas aqui. Espero que não seja nenhum charlatão!

— Porto não indicaria um escroque... Mas por que só agora resolveu revelar isso? Sabia perfeitamente que há meses você não pensa em outra coisa! Não lhe prometeu até escrever uma carta para o Hospital de Stanford, apresentando o seu caso?

— De fato, mas nem sabemos se esse cara opera transmasculinos (trans-homens). Pelo que entendi, só transfemininos. De qualquer forma, poderá me dar melhores informações sobre a cirurgia aplicada ao meu caso.

Amanda pegou minha mala e começou a desfazê-la.

— Ei, o que você está fazendo? — perguntei, sem entender o que pretendia.

— Imagino como deve ter feito essa arrumação! Além do mais, vou botar minhas coisas aí também. Acabo de resolver que vou junto. Já te conheço o suficiente para saber como você vai ficar nervoso. Não disse que estaria a seu lado até o fim? A que horas sai o ônibus amanhã?

Amanda parecia ler meus pensamentos. Precisava que fosse, porém não tinha ousado lhe pedir. Foi adorável ela ter decidido espontaneamente.

Viajamos seis horas. Desembarcamos às 11 horas da manhã. Foi o tempo suficiente de tomar um táxi e seguir para o endereço dado. Faltavam 15 minutos para o meio-dia quando descemos em frente a uma suntuosa mansão. Conferi o número da casa. Resolvemos esperar do lado de fora. Passaram-se 30 minutos, e nada de Porto chegar. Foi quando Amanda sugeriu que talvez já estivesse lá dentro.

Tocamos a campainha. Um mordomo veio atender.

— Sabe nos dizer se o Dr. Porto se encontra?

O empregado pediu que aguardássemos. Retornou.

— Passem, por favor.

Atravessamos dois grandes salões; à esquerda, no meio de uma magnífica biblioteca, estavam os dois conversando, afundados num sofá.

Levantaram-se. Porto nos abraçou enquanto nos apresentava:

— Farina, este é João, de quem lhe falei, e esta, Amanda, sua mulher.

Sorriu.

— Só estávamos esperando vocês para mandar servir o almoço. Tomam algum aperitivo?

Farina me surpreendeu. Se não soubesse, jamais diria que era um cirurgião. Não apresentava os traços de agressividade ou exuberância tão comuns entre seus colegas. Com a fisionomia mansa, quase cândida, gestos

calmos, voz branda e pausada, parecia mais um sacerdote.

Durante a refeição, a conversa foi corriqueira. Além de nós quatro, sentaram-se à mesa seus filhos e sua esposa. Lastimavelmente, meu apetite não reverenciava à altura aquelas iguarias. Estava em ebulição, parecia que ia explodir. Continha-me para não detonar. Eram tantas as perguntas a fazer, tantas as informações a obter que não via a hora de nos levantarmos dali e conversarmos a sós.

Entretanto, o papo do almoço foi produtivo. Deu para perceber que Farina, pelos cargos que exercia dentro dos hospitais e por suas atividades, era um médico bem-conceituado.

Fiquei intrigado. Por que será que um homem tão bem de vida, que parecia realizado dentro do que exercia, tinha se metido num campo tão controvertido e ilegal como o da transexualidade? Seria por samaritanismo? Pioneirismo? Necessidade de quebrar a rotina, arriscando-se em lances mais perigosos?

Finalmente, passou o guardanapo nos lábios. Levantou-se e nos convidou:

— Vamos tomar o café no meu escritório.

Virou-se para a mulher, avisando:

— Não estou para ninguém.

Confortavelmente nos acomodamos. Porto tomou a palavra.

— Farina, por tudo o que temos constatado, parece que João é um caso legítimo de transexualidade. Estive, inclusive, na semana passada, com o psiquiatra de nossa equipe, que o está assistindo. João vai indo muito bem. Confesso que a gente fica sempre meio receoso quando aparece um caso desses, principalmente por ser feminino (trans-homem), que é mais raro. Hoje, entretanto, depois de todas as dificuldades que lhe apontei, das possíveis consequências sociais e psicoemocionais que discutimos e de ver a coerência comportamental de João com sua persistência em querer se operar, começo cada vez mais a acreditar nele. Além disso, é o primeiro que vem a mim apresentando um nível de instrução superior. Como é também psicólogo, vejo uma possibilidade de que nos traga muitas contribuições. É uma pessoa de boa formação familiar, muito inteligente e, acima de tudo, parece-me extremamente lúcido.

Porto ultrapassou minhas expectativas na apresentação que fez de mim para Farina. Quando este ia começar a falar, a porta se abriu, e a copeira entrou com o café. Foi só depois do licor que o cirurgião se pronunciou:

— É um belo rapazinho! Não vai precisar mudar muita coisa... — brincou.

— O difícil é quando nos chega um paciente que quer trocar de sexo, mas não traz no tipo físico nada que possa contribuir favoravelmente para essa mudança. Geralmente, é preciso mexer em características secundárias, como nariz, queixo etc., quando não apresentam problemas insolúveis, como a altura. Ai, as coisas ficam bem mais complicadas. Sua situação é difícil em se tratando de uma transformação para o sexo masculino, o que não se obtém com uma ou duas cirurgias, mas várias. De qualquer maneira, é um caso a se pensar.

Essa última frase ficou ressoando nos meus ouvidos. “Caso a se pensar.

Mas... ele faz esse tipo de operação?"

Farina continuou:

— A maioria que veio a mim era de transfemininos (transmulheres) com um baixo poder aquisitivo e intelectual. Quase todas foram expulsas da casa dos pais e tiveram de se manter sozinhas, em empregos como manicure, cabeleireiro ou em shows de travestis. São as poucas profissões em que conseguem trabalhar como mulheres. O fato é que felizmente as que operei saíram do desespero em que viviam. Estão adaptadas e felizes com os resultados pós-cirúrgicos. O maior problema continua sendo a falta de reconhecimento legal da mudança de identidade. São mulheres com documentos de homem.

Era animador ver alguém falando com tamanho entusiasmo do assunto. Continuava me contendo para não o interromper e fazer a pergunta capital que me martelava a cabeça. Achei que seria mais gentil no momento esclarecer a minha primeira curiosidade.

— Mas como foi que você, um médico tão respeitado, foi se meter num problema de minorias?

Farina ajeitou-se na poltrona:

— Para ser franco, nem eu mesmo sei. Trabalhei muitos anos com plástica restauradora genital. Achei o campo tão fascinante que importei literatura técnica sobre o assunto. Um dia, um psiquiatra amigo me falou de um cliente que apresentava um caso típico de transexualidade. Estava convencido de que a única solução para o rapaz era a cirurgia. Mostrou-me pesquisas sobre o tema que coletou em várias fontes de que tinha ouvido falar num congresso na Europa. Embora o assunto tivesse me mobilizado na época, foi só com esse psiquiatra que comeci a pensar seriamente na questão. Seu paciente tinha ido a um endocrinologista e a um geneticista, e discuti o caso com ambos. Gostaria que eu o recebesse em meu consultório. Como procuro não ser rígido *a priori*, aceitei a proposta. Quando minha secretária anunciou sua presença e a vi, tive um impacto. Era uma moça! Magrinha, muito tímida, usava um vestido simples e uma bolsa a tiracolo. Tinha seios, a voz era fina. O psiquiatra havia me dito que tomava hormônios desde a adolescência. Mas só agora, há uns dois anos, é que tinha ido procurá-lo. Conversamos umas duas horas. Fiquei impressionado! Não precisava ser nenhum especialista em psique humana para não ter dúvidas de que se tratava de uma mulher! Não manifestava nenhum maneirismo ou exibicionismo. O desespero daquela criatura era algo tão pungente e comovedor que pela primeira vez senti de perto a dor desses infelizes. Tivemos mais alguns encontros. Foi então que eu reuni coragem para enfrentar a ilegalidade da situação. Quando disse que concordaria em operá-la, sua reação foi inesperada. Ajoelhou-se e beijou minhas mãos.

Farina olhou o relógio e se levantou.

— Vão me desculpar, mas tenho de ir para a clínica. Infelizmente, hoje à noite tenho uma reunião importante, mas, se quiserem esperar até amanhã à tarde, podemos continuar o nosso bate-papo.

Apesar dos seus compromissos mais do que justificados, era impossível permanecer até a tarde do dia seguinte. Seria uma despesa alta e nos

complicaria no trabalho. Não poderia, porém, me retirar dali sem ter nada de mais concreto, sem ao menos saber das minhas chances.

Saímos juntos, e, já na calçada, dei um jeito de ficar a sós com ele. Dessa vez, não perdi tempo.

— Farina, já fez operações em transmasculinos (trans-homens)?

Respondeu de forma evasiva:

— Já acompanhei de perto um caso – e mais não disse.

Entendi que podia ter assistido uma cirurgia no exterior.

Meu coração disparou.

— E me operaria, caso a minha transexualidade fosse comprovada?

— Por que não? Mas precisaria do laudo psiquiátrico a favor. Sou um mero executor. O ponto final para onde converge todo o resto.

Fiquei rindo uns cinco minutos, enquanto acenava, vendo-o partir no seu carro. Não era possível! Será que conseguiria finalmente realizar meu grande desejo, sem ter de ir para o estrangeiro? Nada mais me importava a não ser conseguir esse precioso e decisivo laudo.

Ao nos despedirmos de Porto, indaguei:

— Por que não me disse logo da existência do Farina, sabendo que estou angustiado há meses, maquinando como poderia ir para os Estados Unidos, sem falar inglês, sem ter dinheiro e sem conhecer as exigências deles?

— Achei que não era a hora ainda de saber. Agora existem duas alternativas para escolher: se não conseguir aqui, ainda restará a de lá. Continua de pé o oferecimento da carta, OK?

Ensaiei um sorriso irônico.

— Sua sorte é que estou muito feliz hoje, porque achei uma sacanagem isso que fez comigo. Não tinha o direito de manipular meus sentimentos desse jeito!

— Calma, rapaz! Em vez de estar agradecido pelo que fiz por você, ainda está danado comigo?

Uma coisa não justificava a outra.

— Foi um filho da puta, mas o diabo é que gosto um bocado de você! – apertei-lhe a mão e segui direto com Amanda para a estação rodoviária.

Enquanto esperávamos a saída do ônibus, enxerguei então o absurdo de toda a situação: estava completamente na mão dos outros. O problema era meu; quem sofria e sabia do que se passava dentro de mim era eu. No entanto, era uma equipe multidisciplinar “especializada” que decidiria o que eu era, como me sentia, qual a melhor solução para a minha vida. Sem qualquer liberdade de escolha e ainda dando graças a Deus por existir uma saída!

Durante a viagem de volta, toda hora vinha à minha mente o diálogo que tive com Farina na calçada. Quase chegando em casa, Amanda perguntou:

— Não vai mais parar de rir, não?

— Sabe, amor, apesar de todas as dificuldades, é uma maravilha estar vivo.

CAPÍTULO 7

A INESPERADA VISITA

*É preciso ser muito louco ou muito forte
para se atrever a ser intolerante.*
Chanfort

Passaram-se quase dois meses até que mamãe respondesse à minha carta. Muito racional nos seus argumentos, tentava me convencer de que eu estava me propondo a fazer uma loucura. Perguntava-me o que ganharia anulando a minha vida passada e toda a minha carreira em prol de um futuro incerto, cujas únicas garantias seriam as de me tornar um ser amorfo e marginal.

A seu ver, além de não conseguir me tornar totalmente um homem, deixaria de ser mulher. Seria a perda da identidade, e ela não podia se conformar, por melhores que fossem as minhas intenções. Chegou, inclusive, a citar homossexuais conhecidos como exemplos de pessoas que, embora enfrentassem os preconceitos, conseguiram, de uma forma ou de outra, se realizar profissionalmente. Mesmo na condição de homossexual, o que era doloroso para ela, poderia ainda se consolar por haver tantos na mesma situação. Viver com uma mulher, ela ainda tinha a possibilidade de aceitar, mas me submeter a uma operação irreversível, mudando o sexo com o qual nasci, era uma verdadeira castração, o clímax da autoagressão!

Em relação a meu pai, mencionava que estava tão chocado que não tinha condições de falar comigo nem de discutir o assunto. Quanto a Leila, também estava traumatizada com as notícias. Embora a reação deles não me surpreendesse, fiquei abalado. Principalmente pela omissão completa de papai. Entretanto, continuava a lhes escrever, tentando mostrar que não se tratava de um capricho impensado. O meu intuito estava longe da mutilação. Muito ao contrário, pretendia ter uma chance de renascer. Expliquei-lhes que não adiantava ter um corpo tão bem constituído, se não o sentia como meu. E, sobretudo, que me desagradava lhes trazer desgosto, mas não abriria mão dessa oportunidade de ser feliz por quem quer que fosse. Deixava claro que essa mudança não implicaria uma troca de personalidade. Apenas me tornaria um ser mais adaptado e equilibrado comigo mesmo, e isso, em hipótese alguma,

iria interferir no meu amor por eles.

Mas não adiantou. E quando mamãe começou a mudar o tom, de racionalista para apelativo, fiquei irritado. Desfiando uma ladainha de lamentações, avocava para si e papai a culpa do meu “problema”. Enquanto escrevia defensivamente por trás de uma máscara de impessoalidade, ainda podia compreender as suas dificuldades. Quando decidiu se colocar na posição de vítima, procurando os erros do seu fracasso educacional, minha paciência se esgotou.

Por mais que tentasse lhe mostrar que a “culpa” não era deles, foi inútil. Se pudesse haver um responsável por tal situação, seria eu mesmo. Talvez por não ter aprendido a introjetar adequadamente os valores sociais compatíveis com o meu sexo anatômico, que me fariam um ser “adaptado”, ou por reclamar da possibilidade de um “imaginário alternativo”.

Uma sensação de abandono começou a me invadir. Quase não via mais Porto, pois continuava sem telefone. Os exames terminaram. Felipe, o psiquiatra, atendia-me, agora, quinzenalmente, com meia hora de sessão. Não manifestava querer me dar o laudo.

Alguns amigos, quando souberam dos meus planos, não aguentaram e caíram fora. Minha grande amiga Isabela fazia PhD nos Estados Unidos.

As unhas roídas, os cigarros multiplicados e o apetite minguado. Faltava ânimo para me divertir. Até as aulas de que tanto gostava não me entusiasmavam como antes.

Restavam Mariana e o marido, que após o nosso último diálogo tinham se mostrado mais afetivos e próximos. Passaram a nos convidar para almoçar aos sábados, o que me fazia sentir querido.

Dentro desse clima, Amanda recebeu um telegrama de sua mãe, comunicando que chegaria dentro de três dias para visitá-la.

Se aguentasse mais essa, estaria vacinado de vez, com anticorpos suficientes para enfrentar qualquer desafio.

Amanda tinha me contado que sua mãe era uma mulher forte, mas sofrida. Suportou o peso de viver mais de 20 anos com um homem que amava, mas que era alcoólatra. Porém, não pudera se casar com ela por ser desquitado. E agora, dois anos depois de seu parceiro ter morrido repentinamente de um enfarto, deslocava-se do Recife para ver a filha.

Amanda resolvera, aos 19 anos, vir para o Rio, pensando em continuar aqui os estudos. Conseguira convencer os pais de que era essa a melhor opção. Conformados, deixaram-na partir, financiando sua faculdade. Um ano e meio depois, morreu o pai. Amanda lutou para obter uma bolsa para poder terminar o curso. Finalmente, conseguiu arranjar um estágio remunerado.

O pai deixou uma mísera pensão, mas o senso de economia da mãe promoveu um milagre de elasticidade nos seus minguados tostões.

Com o telegrama na mão, Amanda olhava para mim aterrorizada.

Essa visita teria de acontecer mais cedo ou mais tarde. Como iríamos resolver esse impasse? Remover todas as minhas coisas do apartamento enquanto durasse sua breve permanência? Ficar e assumir a posição de marido? Seria arriscado demais. Poderia me descuidar em algum detalhe, e

tudo iria por água abaixo. Não sabíamos quanto tempo permaneceria. Não havia a mínima condição de lhe contar a verdade. Negar e dizer que Amanda morava só era impossível. Discutimos exaustivamente qual seria a solução ideal. Optamos pela minha retirada. Ficaria na casa de Mariana até ela partir. Enquanto isso, Amanda lhe daria a notícia de que vivia com um homem. Diria que tivera de me ausentar por uns dias numa viagem de serviço.

Iniciamos o plano por uma faxina completa: envelopes, documentos, retratos, tudo o que pudesse trazer escrito o nome Joana e nos comprometer.

Amarramos tudo num saco, trancamos numa mala e a colocamos em cima do armário.

No dia da chegada, levei minha mulher à rodoviária. Estava curioso em conhecer a sogra. Assisti ao desembarque, atrás das pilastras da plataforma.

Desceu do ônibus e, dizendo “minha loura”, abraçou a filha efusivamente. Aquele encontro me enterneceu. Doeui-me não poder recebê-la como gostaria. Esperei pegarem um táxi e as segui na moto.

Como estava de capacete e óculos, dei-me ao luxo de chegar mais perto, enquanto o táxi aguardava num sinal. Falavam e riam por trás do vidro. Certamente relembro histórias de um passado que eu não conhecia.

Era tanta a vontade de presentear a filha que abria a maleta no colo com o veículo em movimento.

A certa altura, perdi-as de vista. Dirigi-me então para a casa da mana, que me esperava.

Nesse corre-corre, não levei roupa suficiente para trabalhar nem o meu fichário com os planos de aulas.

Completo-se uma semana. Amanda não deu notícias. Entretanto, a brecha surgiu no oitavo dia. Contou-me então que a mãe não tinha engolido direito a história e estava muito desconfiada. Sobre tudo, por falta de mais detalhes.

Amanda cancelou todos os compromissos para evitar que a mãe ficasse só no apartamento, descobrindo algo que tivesse escapado à arrumação. Só saía em sua companhia, o que a impedia de me telefonar.

D. Carmem queria saber tudo de mim: quantos anos, em que trabalhava, quando retornaria, enfim, o que achava que, como mãe, tinha o direito de saber. Como não obtinha respostas precisas, acabou discutindo com a filha.

Recomendei que tivesse paciência com a velha. Perguntei sobre seu embarque.

— Vai ficar ainda uma semana, e já estou louca de saudades de você!

D. Carmem partiu muito intrigada.

Prometeu voltar em breve para me conhecer. Em todas as cartas, queria saber quando iríamos resolver de vez a nossa situação, isto é, a data do casamento.

CAPÍTULO 8

O PESCOÇO DO MUNDO

*É mais fácil um boi voá,
Um cururu ficá belo,
Aruá jogá cacete
E cobra jogá chinelo,
Do que havê um barbado
Que derribe meu castelo!*
Azulão

Chegou o término das aulas, assim como o prazo médio estipulado por Felipe para me dar o tão esperado laudo. Os meses de terapia arrastaram-se, desfiados como contas de um terço.

Atravessamos várias fases durante esse longo trajeto. Apresentei fotos da minha infância, debatemos exaustivamente minha conduta sexual em função da autoimagem, abordamos os componentes masculino e feminino da minha personalidade. Até a exigência da presença de Amanda em algumas sessões foi cumprida.

Felipe chegou a me levar livros sobre a transexualidade. Baseado em dados propostos pelos autores, debatíamos várias questões. Porém, apesar de sua boa vontade, sentia, no fundo, sua dificuldade em lidar com o tema, mesmo sendo o escolhido para a sua pesquisa de mestrado. Imagino que a constatação de que o transexual é refratário à psicoterapia estaria lhe provocando a sensação de frustração e impotência.

Nas últimas sessões, percebi seu desânimo. Admito que me cansei daquele lero-lero, que não resolvia as crises que sofria fora dali. Mas, sem condições de poder “encostá-lo na parede”, aguardei o prazo se completar para, só então, dar-lhe o xeque-mate.

Fazendo uma cara de quem não tinha entendido, perguntou:

— Laudo? Mas que laudo?

— Como, que laudo? Quero saber se vai me dar por escrito a sua avaliação. Afinal de contas, eu me submeti esse tempo todo à terapia porque era a exigência para obter esse laudo. Não foi por meu bel-prazer.

Fez um “ah”, como se, enfim, tivesse captado.

— É justo o que está me pedindo. Mas... Será uma avaliação sucinta e superficial da sua personalidade.

Compreendi que Felipe estava me enrolando. Irritado, interpelei-o sem rodeios:

— Afinal, você vai escrever ou não que sou transexual?

— Isso não poderei fazer, porque ainda tenho dúvidas se a transexualidade existe realmente e até que ponto difere da homo.

Tive vontade de lhe acertar um murro na cara. Se não fosse o meu tão desenvolvido superego, ele não escaparia.

Para tentar se mostrar flexível, disse-me mais absurdos, o que só aumentou a minha raiva.

— Olha, se quiser, posso dizer que você é homossexual... Mas trans é impossível!

Aquilo só podia ser gozação. Diante de tal proposta, esbocei um sorriso irônico.

— Mas que grande palhaçada! Indicam-me um psiquiatra que faz parte de uma equipe que se diz a única especializada no assunto, entretanto não acredita na transexualidade, nem mesmo sabe se existe. Não é formidável? Agora, vê se dá para entender! Você me diz que não delineou claramente a diferença entre os dois comportamentos. Como pode afirmar, então, que o meu caso é de um típico homossexualismo? Felipe... Sinto muito, mas isso não posso aceitar. E pelo que tudo indica, não será só em mim que irá provocar decepções.

Minhas palavras devem tê-lo atingido, pois só então deu o braço a torcer.

— João, quero que me compreenda. Dar um laudo para uma cirurgia dessas é um compromisso muito sério. Posso até, com um ato desses, perder meu diploma!

Sua sinceridade aplacou minha indignação.

— Posso compreender até mesmo as suas dúvidas, pois ninguém é onisciente. Porém, o que não perdoo, Felipe, é ter enganado a mim e à equipe durante esse tempo todo. Poderia ter-nos dito antes! Ia me virar para arranjar outro profissional que tivesse condições e coragem. De qualquer forma, não posso negar que esses meses foram proveitosos para me conhecer melhor e ter mais certeza do que quero. Agradeço o seu rico tempo gasto comigo e a gratuidade das sessões.

Estiquei a mão em sinal de despedida e saí dali como uma bala, descendo as escadas aos tropeções, sem saber para onde ir.

Uma dor desnorteante me invadiu o peito. Meus pés quase tropeçavam um no outro, enquanto andava sem rumo. Na cabeça, relanceavam pensamentos desconexos e intermitentes. Pedia-me calma, mas era impossível me atender. Farina lá, esperando esse pedaço de papel, e eu aqui, perdendo um tempo precioso para nada! E agora? Continuar sendo um aleijão sexual para o resto da vida? Onde iria obter outro psiquiatra que me desse o laudo? Felipe não podia ser o único. Porto não me deixaria na mão! Tinha de me arranjar outro.

Estava cego dentro de um interminável labirinto. Lembrei-me de que

havia deixado minha motocicleta no estacionamento do hospital. Juntando meus cacos, voltei. Não sei como, atravessei ileso a cidade. Torcia a manete do acelerador como se estivesse torcendo o pescoço do mundo.

Fui direto ao consultório do Dr. Porto. Felizmente, acabava de chegar e o encontrei no elevador. Respirei fundo, tentando me controlar para não desabafar ali mesmo, naquele cubículo apinhado de gente.

Puxou um molho de chaves e abriu a porta. Levantou as persianas, trocou a camisa pelo jaleco e, virando-se, perguntou:

— Então, o que há para estar tão aflito?

— Porto, seu psiquiatra nos traiu, deu para trás, pediu arrego!

Franziu o cenho.

— Como assim?

Conte-lhe o que tinha acontecido. Parecia mais surpreso do que preocupado.

— Essa não! Até o Felipe, em quem fazíamos tanta fé! É bem verdade que é novo na equipe. Você foi o seu primeiro caso. Bem que estava achando alguma coisa estranha... A última vez que falei com ele foi antes daquele encontro com o Farina, e me disse que estava indo muito bem. Depois, tentei ligar várias vezes, mas nunca o encontrava. Deixei recado com a secretária, mas não me retornou.

Ansiosamente, inquirei:

— E agora, como vamos fazer para conseguir esse laudo?

Titubeou.

— Sinceramente, não sei de mais ninguém capaz de dar um laudo desses.

— Mas, Porto, tem de me ajudar! Não pode me abandonar agora! Essa merda de equipe funciona ou não? Não posso mais parar! Agora vou até o fim, custe o que custar! Nem que tenha de falsificar um laudo para poder me operar!

Sua única reação foi pedir calma, o que me deixou mais irado.

— Calma porra nenhuma! É a minha vida que está em jogo, e não a sua! Vamos, não fique aí parado. Sugira alguma coisa!

Porto viu que eu não estava brincando.

— Escute, por que não tenta com o Farina? Talvez saiba de alguém. Conhece muita gente.

Repentinamente, lembrei-me do seu amigo psiquiatra, o tal que tinha sido responsável pela primeira cirurgia do Farina. Não sabia se toparia, mas era uma esperança.

Nessa mesma noite liguei para o cirurgião. Expliquei-lhe rapidamente a situação e implorei ajuda. A ligação estava péssima, mas escutei quando disse que esse assunto só poderia ser resolvido pessoalmente.

No dia seguinte, embarquei para São Paulo.

CAPÍTULO 9

O SALVA-VIDAS

*Sobrevivi.
Ondas revoltas me lançaram de costas às lascas finas dos
corais.
Mas felizmente e como sempre, um cardume de versos me
esperava no cais.
Camões*

Apesar da viagem, não me sentia cansado quando toquei a campainha. O mordomo atendeu e me informou que o Dr. Farina acabara de sair para atender a um caso urgente, mas que deveria retornar para o almoço.

Eram ainda nove da manhã. Decidi voltar mais tarde. Entrei no primeiro bar que encontrei. Sentei-me numa mesa de canto e tomei meu café da manhã. O pão estava duro, e o café, frio, porém consegui saber que a seis quarteirões dali havia uma pensão. Meu bom-senso aconselhava que não enfrentasse a viagem de volta no mesmo dia, como fizera da primeira vez.

Com a maleta na mão, caminhei até avistar uma tabuleta, onde se lia: “Pensão Libertador”. Tive a impressão de que aquele nome me daria sorte. Não era careira e dava refeições. Tomei um banho e me estiquei na cama para continuar a ler *O Estrangeiro*, de Albert Camus.

Almocei e à uma hora estava na porta do Farina. Um de seus filhos desceu para me fazer companhia. Ficamos conversando sobre cantores de música pop. Árduo defensor da canção americana, achava a nacional “uma droga”. Reclamou que o pai não queria pagar seus estudos no exterior, e ele se recusava a estudar em qualquer universidade brasileira, pois considerava execrável o ensino no país. Estava me explicando que teria de serrar alguns dentes devido a um desvio na articulação do maxilar, quando seu pai chegou.

— Ah, é você! O empregado me avisou de um rapaz, mas não imaginei que viesse tão rápido! Já almoçou?

Respondi que sim.

— Fique à vontade, enquanto como alguma coisa.

O filho se retirou. Levantei-me e folheei livros da sua biblioteca. Havia

alguns sobre transexualidade que não conhecia, porém a maioria escrita em inglês. Peguei um em espanhol, cujo autor era o próprio Farina. Versava sobre plástica restauradora. Alguns instantes depois, ele apareceu de volta.

— Agora podemos conversar com calma. Estive pensando no seu caso e me lembrei de um psiquiatra que talvez possa resolver seu problema. Acho que entrou de férias. Falou-me que pretendia tirar um mês para ir ao México, visitar a irmã, que está muito mal.

Para confirmar minhas suspeitas, perguntei-lhe:

— Por acaso é aquele seu amigo de quem nos falou? O tal que pediu para receber um cliente dele?

Farina sorriu da minha associação.

— Exatamente. Lourenço é um sujeito formidável! Tenho certeza de que fará o possível para colaborar. Vou dar uma ligada para o consultório dele.

Cruzei os dedos. Essa era a minha última chance. Fui até a porta, conseguindo escutar o finalzinho da conversa. Perguntava a que horas o Dr. Lourenço teria a primeira sessão. Retornei ao sofá como se nada soubesse.

— Tudo certo! Só vai entrar de férias na semana que vem. Se fosse você, iria agorinha mesmo. Sua primeira consulta é às três horas. Anote o endereço. Não fica muito longe. Em meia hora está lá. Leve este cartão.

Apertei sua mão fortemente.

— Farina, você é um pai!

Peguei o primeiro táxi que passou. Só então li no verso do cartão: “Caro Lourenço! Ai vai um amigo meu. Faça tudo por ele. Um abraço, Farina”.

Faltavam 15 minutos para as três horas quando confirmei a entrevista com a secretária do Dr. Lourenço. Pediu-me que aguardasse. Ele tinha ligado avisando que estava a caminho.

Sentei-me numa poltrona e fiquei observando o ambiente. Era uma casa antiga que havia sido reformada, criando vários consultórios.

Senti uma terrível dor de barriga. Sintoma característico nessas horas. Saí rindo do banheiro. Atrás da porta havia um decalque: “Aqui só entram pessoas sérias”.

Meu sorriso aumentou quando a secretária me apontou o Dr. Lourenço. Aproximei-me. Sem dizer palavra, dei-lhe o cartão.

Bateu rápido os olhos no texto.

— Como é mesmo seu nome?

— Joana.

Encarando-me sério, fez uma pausa e disse:

— Aguarde um minutinho enquanto atendo uma cliente. Depois será sua vez.

O minutinho foi de 50 minutos. Finalmente, a porta se abriu. Eu estava uma pilha de nervos e não ouvi o que acabava de dizer.

— O que foi?

— Nada, nada. Estava só pensando em voz alta que é a primeira vez que Farina me manda alguém.

Não sabia se aquilo era lisonjeiro ou não para ele. Decidi não me preocupar com o comentário.

— Não quero tomar muito o seu tempo. Vou direto ao assunto. Procurei uma equipe especializada em transexualidade, fiz todos os exames exigidos e me indicaram um psiquiatra. Depois de vários meses de terapia, ele se recusou a me fornecer o laudo a favor da cirurgia. Alegou ter dúvidas sobre o tema e receio de se comprometer. Desesperado, pedi ajuda ao Farina, que me recomendou você, como sendo um dos poucos capazes de fazer uma avaliação dessas. Tenho 26 anos, moro no Rio de Janeiro e tenho pouco dinheiro. Mas farei o que pedir para conseguir esse laudo. É claro que caberá a você decidir, livremente, o meu psicodiagnóstico – dei um suspiro de desabafo e acendi um cigarro.

O Dr. Lourenço transmitia tranquilidade com seus cabelos grisalhos, gestos ponderados e uma voz macia.

— Esse laudo não é problema. Já dei um e poderia dar outro. Evidentemente, como você mesmo disse, desde que eu me convença. Como sua situação é difícil, e também para atender a um pedido do Farina, vou exigir apenas duas coisas: uma entrevista longa com você e outra com sua mãe.

Fiquei receoso. Se por um lado estava contente de tudo ser resolvido em apenas duas vezes, por outro, a exigência da presença de mamãe complicava.

— Se, por algum motivo, mamãe não puder vir, serviria a minha irmã mais velha?

— O ideal seria sua mãe. Mas, se for de todo impossível, receberei sua irmã.

— Farei tudo para trazê-la, embora mamãe more longe. A propósito, quando serão as entrevistas?

Consultou sua agenda.

— Lamentavelmente, esta semana estou todo tomado e na próxima vou viajar. Podemos marcar para o dia 3 de março, que cai no primeiro sábado depois da minha volta. Dez horas da manhã está bem para você?

— Está ótimo!

Levantamos, e, ao nos despedirmos, esclareceu que atenderia a nós dois no mesmo dia, mas um de cada vez.

CAPÍTULO 10

A HORA DAS DECISÕES

Sucede aos homens o que sucede aos vinhos: os melhores apenas ganham em doçura ao passar dos anos; os outros azedam.
Lemesle

Minha tensão aumentava em proporção geométrica com a aproximação da data da entrevista. As insônias e as diarreias eram agora frequentes. Ingeria constantemente sedativos, mas nem assim o sono vinha. Os motivos variavam entre o excesso de preocupação pelas dificuldades que ainda teria de enfrentar e a grande excitação diante da iminente possibilidade de me operar. Passava madrugadas imaginando como seria minha vida com o novo corpo. Tinha consciência dos perigos e das sequelas que as cirurgias poderiam acarretar. Sem dúvida, o saldo continuava sendo positivo. Não me tornaria nenhum Apolo, mas poderia fazer coisas a que, até então, só a fantasia me dava acesso. Principalmente, ser visto e tratado como me via. Talvez até poder um dia legalizar minha situação e viver definitivamente em paz com a sociedade. Perderia a profissão de psicólogo, meu *curriculum vitae*, meu histórico de vida e, quem sabe, o afeto de pessoas queridas, mas ainda assim compensava. Agora seria tudo ou nada!

Assim que voltei de São Paulo, escrevi a mamãe contando-lhe do psiquiatra e da importância do seu comparecimento a esse encontro. Pedia em tom de favor, pois sabia que sua posição era contrária. Deveria dizer ao médico apenas a verdade. Nada mais. Não precisaria omitir nada. Aguardava uma resposta urgente, porque, do contrário, teria de pedir a Mariana que a substituísse, o que não teria o mesmo peso.

Enquanto sua resposta não chegava, tomei algumas providências de ordem prática. Retirei o restante do dinheiro da venda do apartamento, que estava aplicado. Comprei outro menor em Botafogo, cujo aluguel cobriria o nosso atual. Na incerteza, poderíamos viver com o salário modesto de Amanda.

A outra resolução foi abandonar o trabalho. Conversei com os diretores das faculdades e consegui que me demitissem, recebendo as indenizações.

Eu atendia também a alguns clientes em casa e resolvi transferir a maior parte deles para uma psicóloga amiga. Só fiquei com os casos mais antigos e que, mesmo sabendo do meu processo de transformação, não queriam me abandonar. Mantive-os ainda por algum tempo até aceitarem a ideia.

Durante o mês de fevereiro, fui ficando mais impaciente com o meu corpo. Cheguei ao auge da intolerância quando caí da moto e quebrei a mão esquerda, passando quase 30 dias engessado. A fratura foi parcial, atingindo somente o dedo mínimo, mas suficiente para me obrigar à abstinência sexual. Com a mão direita não havia a menor possibilidade de excitação. A irritação aumentava quando me conscientizava dessa absurda situação. Numa noite, envolvido pela doçura tépida de Amanda, pela ânsia de tê-la desesperadamente e sentindo-me castrado, explodi num choro convulsivo.

Amanda me abraçava forte e dizia que eu não estava sozinho. Em breve, tudo iria acabar, e eu seria o homem mais risonho do universo. Sabia, porém, que naquele momento nada poria fim à minha dor.

A esperada resposta chegou. Mamãe concordava em ir ao psiquiatra. Viajaria direto de sua cidade, e nos encontraríamos em São Paulo, às dez horas, na porta do consultório.

Fiquei exultante. Apesar de não estarmos de acordo, eu pressentia que mamãe não iria me trair.

No dia 1º de março, embarquei sozinho rumo ao meu destino.

Sabia de cor a paisagem e as paradas do caminho. Conhecia o melhor lado para me sentar, conforme a hora do dia, e a melhor posição para adormecer. Gostaria de um dia poder fazer esse mesmo trajeto sem tanta emoção dentro do peito.

Na primeira vez que fui de ônibus a São Paulo, para a consulta com o Farina, morria de ansiedade de conhecê-lo e saber das cirurgias.

Na segunda, foi o desespero o meu maior companheiro, quando fui atrás do cirurgião para conseguir um psiquiatra que me desse o laudo.

E agora, parecia que era a soma de todas essas situações, acrescida da expectativa de estar cara a cara com mamãe numa situação forçada e por ela condenada.

Eram dez horas quando viramos juntos a esquina, cada um vindo de um lado. Como o consultório ficava no meio da comprida quadra, encontramos-nos justamente na porta da clínica.

Estava séria e visivelmente tensa.

— Obrigado, mamãe, por ter vindo – disse, beijando seu rosto.

— Vamos entrar? Estamos em cima da hora – falou rápido, consultando o relógio.

Foi a primeira na entrevista. Enquanto a esperava, bati todos os recordes de expectativa e ansiedade. Pegava uma revista e soltava. Caminhava em círculos e tornava a sentar. Fumava ininterruptamente. Fui quatro vezes ao banheiro. Daria tudo para saber o que eles conversavam lá dentro.

Já se passavam quase duas horas quando a porta se abriu.

Ela saiu dizendo que me aguardaria ali fora.

O psiquiatra não mencionou uma só palavra da conversa que tiveram.

Fez-me muitas perguntas sobre a minha infância e os meus planos futuros. Quando terminou, perguntei quanto lhe devia. Explicou-me que, pelo tempo gasto nas entrevistas, me cobraria em dobro. Quando me falou do preço, quase caí para trás.

— Mas essa quantia não trago aqui comigo! Tenho somente um quinto desse valor.

Deu-me a entender que falasse então com mamãe.

Retruquei imediatamente:

— Isso não. Veio aqui forçada, e não acho certo fazê-la pagar por algo que não aprova. Se aceitar, posso lhe enviar o dinheiro depois. Não se preocupe, não vou decepcioná-lo.

Sorriu.

— Pode deixar. Não vamos discutir preço. Fiz a minha parte, e você não pode pagar. Então não cobro nada.

Saí com mamãe da clínica, e entramos num táxi. Ela havia resolvido passar uns dias no Rio com Mariana. Ofereceu-se para pagar a minha passagem de avião. Recusei, optando pelo ônibus. Já a forçara a ter muitas despesas e não queria sobrecarregá-la.

Não trocamos palavra sobre as entrevistas no percurso até a estação. Perguntei-lhe como estavam papai e Leila. Com um “vão indo”, encerrou definitivamente o diálogo.

Antes de embarcar, telefonei para o Farina. Avisei-lhe que Lourenço prometera enviar-lhe o laudo datilografado em uma semana. Aproveitei para saber:

— Caso seja o esperado, você me opera logo?

— Tenho primeiro de ver onde poderemos fazer essa cirurgia, pois no lugar onde costumava operar não será possível. Terei de arranjar outro. Assim que consiga, avisarei.

Desliguei eufórico. Substancialmente, nada tinha mudado, mas na viagem de volta dormi como um anjo.

Um dia antes de mamãe voltar para a fazenda, fui visitá-la na casa de Mariana. Estava mais alegre e vestia os netos, quando surgi na porta do quarto.

— Olá, mãe!

— Oi, minha filha. Como foi de viagem?

Senti-a acessível para uma conversa. Pedi que, assim que pudesse, viesse até o quarto de Mariana. Sentamo-nos na beira da cama. Esforcei-me para que a voz não tremesse.

— Mãe, agora que passou tudo, e estamos a sós, gostaria que me contasse o que falou a meu respeito para o Dr. Lourenço.

Levantou as sobrancelhas, como relembrando um momento penoso, que queria esquecer. De má vontade, respondeu:

— Ele quis saber como você era quando pequena, e lhe contei tudo. Foi só. Disse-lhe que realmente parecia um menino, mas era uma criança doce e nada rebelde. E que não achava que era um transexual. Mencionei, inclusive, que tinha tido namorado e mostrei-lhe algumas fotos suas.

Desconfiado, disse-lhe que gostaria que me mostrasse.

— Estão aqui na bolsa – relutou.

— Deixa ver, mãe. Qual é o problema? – tentei tranquilizá-la.

Abriu o fecho. Tirou um saco plástico envolto por um elástico.

— Estão aqui – esticou o braço, entregando-me.

Como presumia, eram fotos minhas antigas, que selecionou para levar ao consultório. Em algumas, aparecia de biquíni; outras eram do casamento de Mariana, quando botei um vestido longo. Indignado, mas sem raiva, exclamei:

— Mas, mãe, por que fez isso! Entendo que quisesse mostrar esse lado, mas por que não levou também as outras?

Indecisa, desabafou:

— Olha, minha filha, pensei muito antes de ir a esse encontro. Não sabia o que iria dizer e não queria atrapalhar seus planos, embora estivesse – e ainda esteja – desolada. Desorientada, conversei com Leila, que me aconselhou a ir e contar tudo o que estivesse sentindo. Não escondi nada do médico. E quero que saiba: disse mesmo a ele que não concordava com essa ideia maluca de se operar. Nunca ouvi falar de ninguém que tenha feito isto. Tenho medo, sinceramente, de que se arrependa depois e... – deu uma pausa significativa e continuou – possa acontecer o pior...

Ela estava a ponto de ceder às lágrimas.

Naquele instante, senti o sofrimento daquela mulher que lutava com seu amor, numa ambivalência de sentimentos. Levantei-me, dei a volta na quina da cama e abracei-a com ternura.

— Mãezinha, estou entendendo... – engoli em seco. — Também sofro em obrigá-la a passar por tudo isso... Mas é preciso, pelo menos hoje, que tente me ouvir, me compreender, para depois me julgar. Minha vida é um inferno! Sofro como uma desgraçada desde os quatro anos de idade quando comecei a me entender como gente e descobri querer e não poder ser um menino. Naquela época, não questionava nem via claro como hoje. Mas fui percebendo que, quanto mais crescia, mais as coisas pioravam. Nunca me senti mulher nem me adaptei a este corpo... – interrompeu-me, tentando ainda se enganar.

— Mas, minha filha, e o seu namoro? E quando se pintava para ir ao baile no clube? Chegava até a ficar uma mulher muito bonita...

Agoniado por ver sua dor e sem conseguir que me entendesse, pela primeira vez, em quase 30 anos, deitei no seu colo. Chorei como um filho desamparado. Alisava minha cabeça, enquanto minha garganta e minhas narinas se enchiam de angústia. Com esforço, grunhi em espasmos:

— Mãe, eu tentei... Tentei! Não aguentava mais viver assim. Todos me vendo como se fosse um bicho, um monstro. Precisava de carinho, de ser amado. Reconhecer-me... Mas não consegui...

Senti as lágrimas de mamãe pingarem no meu rosto. Levantei-me, então, e saí do seu colo.

Segurei suas mãos e, olhando para o seu rosto todo molhado, supliquei:

— Mãe, essa cirurgia é a minha salvação! Por favor, você é a pessoa que mais me conhece no mundo, me ajude! Confie em mim. Tenho certeza de que será uma coisa boa para todos nós. Com o tempo, irão se acostumar à minha nova imagem, e, quem sabe, até papai também possa me compreender um

dia.

Nisso bateram à porta. Eram meus sobrinhos, enciumados, querendo entrar. Mamãe fungou e, recompondo-se imediatamente, gritou:

— Vovó já vai! – pegou o lenço, assoou o nariz, passou a mão nos cabelos e abriu a porta.

Ainda fiquei naquela cama por uns minutos, sentindo calafrios por todo o corpo.

Depois, dei um jeito na cara abestada, peguei minhas coisas e fui para casa.

Dois dias depois, telefonei para Mariana, que me contou que havia posto no correio uma carta de mamãe endereçada ao psiquiatra. Dizia-lhe ter mudado de opinião, estando agora favorável à cirurgia.

Era a segunda vez que mamãe me fazia desabar.

PARTE III
METAMORFOSE

CAPÍTULO 1

PROVANDO QUE NÃO SOU LOUCO

A conquista de si próprio é a maior das vitórias.
Platão

Vinha chegando do ambulatório onde fora tirar o gesso da mão, quando o porteiro me entregou uma carta. Era do Farina! A sofreguidão foi tanta que rasguei o envelope, amputando parte da folha interna. Meus olhos percorriam as linhas com tamanha rapidez, numa tentativa de apreender o essencial, que acabei perdendo o sentido geral do texto. Foi preciso o auxílio de Amanda para que a lesse devagar. Teve de repetir três vezes o último parágrafo, para que eu acreditasse. “Recebi um telefonema de Lourenço confirmando a nossa expectativa. Mandará o laudo por escrito dentro de 15 dias. Caso queira, estou à sua disposição, e poderemos dar início às cirurgias, pois a clínica está arranjada. Um abraço, Farina.”

Esqueci que a mão ainda estava dolorida e levantei Amanda no ar, num rodopio. Gritava como um louco, como se acabasse de ser premiado na loteria.

Não tive paciência de esperar o elevador. Desci os degraus dois a dois, cantarolando. Corri para uma cabine telefônica. A alegria transbordava. Precisava dar a notícia para alguém que pudesse entender sua importância para mim.

Foi Garcia quem atendeu.

— Alô?

— Cunhado? O psiquiatra deu o laudo favorável! Farina disse que pode me operar imediatamente! – falei tão corrido que, pego de surpresa, mal entendeu.

— Como é?

— Consegui, querido! Consegui! Vou me operar ainda este mês!

— Puxa, você deve estar mesmo feliz! Quando vai ser?

— Ainda não sei, mas embarco amanhã mesmo para São Paulo. Mariana está por aí?

— Não. Ela saiu para ir ao supermercado, mas não deve demorar. Pode deixar que conto a ela. E completou:

— Tem dinheiro para as despesas? Se não, já sabe, pode contar conosco.

Agradei e disse que ainda não era necessário. Mande-i-lhe um beijo, exclamando:

— Você é um amor! Não se preocupe. Mando notícias.

Só tivemos tempo de fazer as malas, e Amanda conversar com o chefe, pedindo 15 dias de folga. Prometeu trabalhar em horário integral quando voltasse, para compensar.

Essa seria a quarta viagem para São Paulo.

Ficamos na mesma “Pensão Libertador”. Deixamos as bagagens no quarto e descemos para ligar para o cirurgião. Novamente se surpreendeu com a minha rápida chegada, convidando-nos para almoçar.

Pela primeira vez me viu sorridente, embora ansioso por detalhes. Pedi-lhe que me esclarecesse exatamente em que consistiria esta primeira etapa cirúrgica.

Bebeu mais um gole de vinho antes de falar:

— Amanhã cedo, em jejum, você irá ao laboratório tirar sangue. Precisamos de um hemograma completo. É necessário saber se está anêmico, qual o seu tempo de coagulação, enfim, a rotina pré-cirúrgica. Depois dos resultados, poderemos discutir o que será feito nessa primeira cirurgia.

— E onde vai me operar?

— Isso é outra coisa que é preciso esclarecer. O lugar que consegui é uma clínica particular, cujos donos são colegas meus. Evidentemente, estão a par de tudo, mas, para não comprometê-los, você não fará ficha e só permanecerá um dia hospitalizado. Não receberá visitas nem deverá dar o endereço para ninguém.

Antes que completasse, fiz uma exigência:

— Mas, Farina, pelo menos Amanda vai comigo. Preciso dela a meu lado.

— Quanto a isso, não sei. De qualquer forma, vou tentar entrar em contato com eles. Telefone amanhã cedo, que lhe darei uma resposta.

— E quanto vai custar? — perguntei, aflito.

— Não posso dizer. Falei da sua situação e sei que vão cobrar o mínimo. Certamente o material, a diária e os exames de laboratório você terá de pagar integralmente.

— E você? Quanto vai cobrar para me operar?

Pensou um pouco, fez mais ou menos as contas de quantas cirurgias seriam e resolveu fazer o mesmo preço para todas elas. Não era muito, diante da complexidade e da responsabilidade das operações, mas eu não tinha toda aquela quantia. Com a minha indenização, conseguiria pagar a primeira e talvez a clínica, mas e o resto? Decidi não me angustiar mais. Como não havia mesmo outra saída, era pegar ou largar, concordei, ressaltando:

— Caso não dê para pagar tudo à vista, posso ir pingando a prestação?

Ele riu.

— Pode. Faça do jeito que achar melhor.

Aproveitamos a tarde livre para ir a um cinema e passear um pouco.

Acabávamos de cruzar com um desfile circense anunciando sua próxima temporada, quando Amanda lembrou:

— Ih... Só faltam dois dias para o seu aniversário!

Eu nunca me esqueci do dia em que faço anos. Geralmente, um mês antes já começo a contar na folhinha. Mas, dessa vez, nem me passou pela cabeça.

— É mesmo! E, se não me engano, vai cair no dia da minha operação! É o melhor presente que eu poderia receber!

Amanda tombou a cabecinha no meu ombro e, fazendo um biquinho, lamentou:

— Tadinho, vai estar todo enfaixado e sem bolinho para apagar...

— Que nada, vou estar é muito feliz de não ter mais este maldito corpo!

Naquela noite, pressentindo que seria a última antes da grande separação física que as circunstâncias iriam nos impor, fizemos amor com gosto de despedida.

Às sete horas da manhã, tirava sangue no laboratório. Ao voltar, Amanda ainda dormia estirada na cama. O lençol no chão. Tão linda, tão solta, parecendo boiar naquela espuma branca! Tive pena de despertá-la. Mas a novidade merecia...

Ajoelhei-me e, com a boca perto da sua testa, dei-lhe um beijo. Abriu os olhos como uma boneca que, de repente, ganhasse vida.

— Amor, acorde. Está tudo resolvido. Já tirei sangue e liguei para o Farina. O resultado ficará pronto hoje à tardinha e amanhã de manhã entro na faca. E tem mais: você vai poder ficar comigo na clínica!

Estendeu os braços me chamando:

— Não se incomoda de beijar uma mulher que ainda não escovou os dentes?

A clínica era pequena. O quarto, menor ainda. Havia duas camas e um criado-mudo. Quando estava acabando de descobrir uma comadre no seu interior, entrou a moça que me recebera.

— Sou sua enfermeira. Não se preocupe. Estou a par de tudo. Está em jejum?

— Estou.

— Então vamos agora fazer uma lavagem e depois a assepsia.

Chamava-se Violeta e se tornou uma santa depois de tudo que precisou aguentar comigo.

Pensei que não houvesse nada pior do que evacuar com litros d'água, mas me enganei. A raspagem dos pentelhos foi muito pior. Como não podia me recusar, pedi a Amanda que saísse do quarto. Que tortura ter de escancarar as pernas para uma mulher desconhecida! Além do mais, com uma navalha afiada nas mãos me impedindo de fazer qualquer movimento! Quando dei por mim, estava de olhos fechados, punhos cerrados e me sentindo um idiota por achar aquilo uma humilhação.

A etapa seguinte foi a última que vi. Estava na mesa cirúrgica, e Farina

apareceu, apresentando-me aos donos da clínica, que queriam assistir à operação. Havia ainda um assistente e um anestesista. Farina me explicou que prepararia o campo para as próximas cirurgias, providenciando a ablação dos seios e a feitura de uma neouretra. Deram-me um pré-anestésico. Fiquei completamente grogue, e então me aplicaram a anestesia.

Apaguei.

CAPÍTULO 2

O PRIMEIRO AVENTUREIRO

*Todos nós, mais cedo ou mais tarde, somos forçados a tomar
lugar num banquete de consequências.*

R. L. Stevenson

Ainda dormia quando me levaram para o quarto. Lentamente fui recobrando o meu estado normal. Tinham sido cinco horas de cirurgia. Um gosto horrível na boca. Sentia náusea. Precisei de seis cobertores para diminuir a minha tremedeira. Dormia e acordava em pequenos intervalos. À noitinha, ao acordar, senti uma ardência brutal na uretra e uma tremenda vontade de fazer xixi. Violeta avisou que eu estava com uma sonda e só poderia retirá-la se me dispusesse a usar a nova uretra, mesmo que doesse um pouco. Eram as ordens médicas. Entretanto, quando a vi com a comadre na mão, comecei a dar trabalho.

— Aí não mijo de jeito nenhum! Morro intoxicado, faço na cama, mas isso não uso.

A enfermeira, com toda a paciência, se ofereceu:

— Se acha que aguenta, então vamos até o banheiro. É logo ali, à esquerda.

A cama nem era daquelas especiais, hospitalares, que levantam o encosto e os pés. Violeta colocou minhas pernas para fora da cama e abraçou-me. Com cuidado, fiquei de pé. Tudo começou a girar. Pedi que não me largasse. Aos poucos, os objetos foram parando. Agora era só suportar a dor acima da barriga e, principalmente, a de baixo. Caminhei curvo e vagarosamente, para não forçar os pontos do tórax e do ventre.

Outra epopeia foi sentar na privada. Novamente, fiquei pelado na frente dela. Quando veio o primeiro jato, levei um susto. Não caiu dentro do vaso! A dor era fina, mas o prazer de estar urinando para cima era o maior do mundo! As sensações se misturavam. Porém, quando foi chegando ao fim, a urina correu pelo restante da genitália. Contorci-me todo. Parecia que estava em chamas! Gritei por Violeta. Estava queimando tudo. Correu para apanhar um vidro de mercúrio. Com um algodão na mão, abaixou-se e me deu um banho

do medicamento. A ardência foi diminuindo. Respirei aliviado.

Quando dei novamente, Amanda apagou as luzes do quarto e cantou “Parabéns para você”. Estava completando 27 anos. Tinha comprado o único bolinho que encontrara, daqueles que acabam em uma dentada. Mas não aguentei comer.

Cada vez que sentia vontade de fazer xixi, o medo tomava conta de mim.

Sabia da dor lancinante que iria sentir. Já carregava comigo o “elixir milagroso”, como o tinha apelidado. A dor era tão grande, que lá pela quinta ida ao banheiro já pouco me importava que Violeta olhasse ou não para o meu sexo. Tudo o que desejava era poder parar de sentir dor.

Amanda não pregou olho a noite inteira, ajudando-me a me virar, pegando água para molhar minha boca ressequida, acalmando-me para dormir ou distraíndo-me quando chegava a hora de tomar as injeções cavalares.

Acima de tudo, havia a sensação de estarmos ilhados. Não podíamos comunicar a ninguém onde estávamos. Amanda sentia-se responsável e preocupada para que nada de errado me acontecesse. Não conhecíamos ninguém na cidade, e Farina já tinha ido embora sem avisar quando voltaria. Sabíamos que no dia seguinte teríamos de sair dali, como combinado. E se as dores aumentassem? Vez por outra, sentia no olhar de Amanda uma apreensão que desmentia sua aparente tranquilidade.

Farina apareceu no fim da manhã. Foi como se víssemos um porto para o nosso barco à deriva.

— Como está se sentindo hoje, rapaz? – perguntou brincando.

— Agora bem melhor, mas urinar ainda dói muito. Esse negócio é assim mesmo?

— Deixe-me dar uma olhada – e arregaçou as mangas.

Amanda sabiamente se afastou.

— Mas como está isso de mercúrio! Não bote mais nada aí! O que você tem é uma cistitezinha, mas logo o antibiótico a debela. Vou deixar com a enfermeira a receita de tudo o que deve seguir tomando e a alta. Mas nada de grandes esforços, está me ouvindo? Dei só uma passadinha para ver como estava. Já estou atrasado para uma cirurgia. Qualquer coisa me ligue. Fique tranquilo. Daqui a uma semana tiraremos os pontos. A cirurgia foi um sucesso!

Troquei a roupa, e com a receita veio a conta. Como Farina havia explicado, foram compreensivos e cobraram o mínimo indispensável. Senti-me com as forças dobradas para poder tomar um táxi e conseguir chegar à pensão.

À tarde, Amanda fez uma ligação a cobrar para a casa de Mariana. Deu as boas novas.

Ao completar uma semana na pensão, voltei ao consultório para tirar os pontos. Estava louco para arrancar as ataduras e ver logo os resultados no meu tórax.

De luvas e com pinças nas mãos, Farina começou a desenrolar as ataduras. Abaixei a cabeça e coleí o queixo no peito. Ele não gostou:

— Fique ereto senão não posso trabalhar!

Supliquei-lhe então:

— Me deixa ver só um pouquinho... Esperei uma vida inteira por esse momento, e agora vai me proibir? É uma sacanagem...

O cirurgião pediu à ajudante que trouxesse um espelho. Quando me olhei, escancarei um sorriso.

— Que tal, gostou? Ainda está inchado e com hematomas, mas daqui a algum tempo, estará novinho em folha! — preveniu ele.

Mal conseguia falar. Fiquei louco de vontade de passar a mão pelo peito: estava lisinho... lisinho... Era realidade! Todavia, continuei só olhando, até que o médico me advertiu:

— Ô, senhor vaidoso, vai me dar licença para retirar o espelho ou não?

Quando saí dali, estava com curativos, mas sem faixa. A camisa colada ao peito, como sempre havia sonhado!

Minha uretra antiga ainda estava costurada. Farina me aconselhou a comprimi-la com o dedo sempre que urinasse, a fim de forçar o uso da nova.

A cistite perdurou por quatro dias consecutivos. Só quando passou a dor foi que pude curtir os efeitos desse recente orifício, que agora se posicionava bem mais acima do outro.

Se me sentasse no vaso e me inclinasse bem para a frente, poderia urinar sem molhar o chão. Mas para quê? Maravilha mesmo era levantar a tampa e mijar de pé! Ainda não havia um pênis para eu segurar, e ter de colocar o dedo também me incomodava, mas já dava para sentir o gostinho de como seria futuramente...

Fiquei tão eufórico com a descoberta, que pela primeira vez permiti que Amanda me visse urinar. Quando a olhei ali ao meu lado, senti uma inibição tão grande que o mijo não saía. Pedi-lhe então que fechasse os olhos, abrindo-os só depois que ouvisse o barulhinho. Ao ver o jato, deu um gritinho de contentamento.

A partir daí, mijar virou divertimento. Ficava esperando a vontade chegar e, imediatamente, chamava Amanda, que corria para vir assistir.

Ficamos na pensão o tempo suficiente para terminar os curativos, esgotar o prazo de folga do trabalho de Amanda e aguentar sem problemas as seis horas de volta, dessa vez em ônibus leito. Virei um cordeirinho de tão manso. Segui à risca todas as recomendações médicas. Contrariamente às reações que tivera nas duas últimas plásticas de mama, dessa vez exagerei nos cuidados. Fiquei em repouso absoluto. Só saí de casa depois de completado um mês de cirurgia, quando fui ligar para o Dr. Porto.

O andrologista ficou surpreso ao saber que não só tinha obtido o laudo como também me operado. A decisão e a viagem para São Paulo foram tão corridas que eu nem tinha falado com ele antes.

— Você é um danado! Já vi que, quando quer uma coisa, consegue mesmo! Mas me diga, como correu tudo?

— Às mil maravilhas! Estou me sentindo, literalmente, um novo homem!

Porto caiu numa gargalhada gostosa.

— Precisamos ver isso de perto. Quando aparece? Está na hora de darmos início à hormonioterapia.

— Ótimo, mas ainda preciso repousar. Vamos marcar para a semana que

vem. Estou doido para sentir esses efeitos hormonais tão esperados!

— Com você não é preciso marcar nada. Apareça qualquer dia na parte da tarde, que o atenderei.

— Vê lá se não vai me deixar esperando a tarde toda, como das outras vezes. Não estou em condições de gangrenar a bunda agora – alertei-o em tom de brincadeira.

— Pode deixar. Darei um jeito para que isso não aconteça.

Normalmente, a hormonioterapia é ministrada na fase pré-operatória. Sua finalidade principal é ajustar o transexual à nova identidade social, antes mesmo da cirurgia. Entretanto, no meu caso, embora a vontade fosse grande, tive receio de que pudesse me atrapalhar no trabalho. Além do mais, já estava adaptado ao papel do sexo oposto. Ficaria difícil explicar o aparecimento de caracteres sexuais secundários, como barba e engrossamento da voz. Embora tivesse precisamente três fios de cabelo no queixo e um na altura do maxilar, tratados com muito carinho, os efeitos da testosterona apenas produziram resultados após quatro meses, em um processo extremamente lento.

Porto confessou que seu conhecimento sobre o assunto era puramente teórico. Na prática, nenhum caso como o meu tinha sido ainda estudado seriamente.

— Sabemos das consequências em tese, mas exatamente o que poderá advir dessa inversão, sinceramente, não sei. Por isso, teremos muita precaução com o metabolismo. Faremos exames periódicos de dosagem e controle hormonal. Sobre tudo, estaremos atentos ao seu fígado, pois há perigo de lesões ou outras complicações, caso sejam ingeridas doses excessivas.

Mais uma vez me arriscaria, submetendo-me como cobaia.

A sensação de ser o primeiro aventureiro nessa escalada científica me atemorizava, e não me atraía em nada a ideia de morrer como herói.

De qualquer maneira, o passo estava dado. O jeito era ir em frente. Apesar de todas as adversidades, o futuro era mais promissor do que catastrófico.

A motocicleta ficou parada na garagem por mais de dois meses. De início, eu só saía acompanhado de Amanda na garupa, porque era ela quem dava o pique da partida, já que não tinha partida elétrica. Receava que o esforço pudesse arrebentar alguma coisa lá embaixo.

Mas todo o meu cuidado não foi suficiente, e apareceram as fistulas. Comecei a urinar por três lugares ao mesmo tempo, sendo obrigado a me sentar novamente no vaso quando ia ao banheiro. Soube que era um risco comum, por causa do efeito corrosivo da urina, mas não me prejudicaria a saúde.

Estava apenas começando o longo caminho que ainda teria pela frente.

CAPÍTULO 3

O FALSO E O VERDADEIRO

... O espírito político acaba sempre sendo obrigado a falsificar.
Paul Valéry

Eu ainda estava de molho quando, um dia, a campainha tocou.

Amanda estava trabalhando, então me levantei para atender. Era uma senhora, cujo rosto não me era totalmente estranho, mas não conseguia me lembrar de onde. Vestia um terninho azul com uma blusa branca por baixo. Ao seu lado, no chão, uma mala.

— O que a senhora deseja? – perguntei curioso.

— Amanda está? – foi sua resposta com um tom que parecia ser a da dona da casa.

Subitamente, lembrei-me de onde conhecia aquele rosto. Da rodoviária.

— Não, ela saiu. A senhora...

— Exatamente. Sou a mãe dela. Você é o João?

Fui pego de surpresa, que só então atentei para a voz, que devia ter saído meio fina. Estava totalmente desligado, lendo histórias em quadrinhos, deitado na cama. Dei um pigarro e, baixando um pouco a cabeça, respondi grosso:

— Sou. Mas vamos entrando. Ela não vai demorar.

Quando me curvei para apanhar a mala, botando meio corpo para fora, no corredor, constatei estar de pijama e que não deveria ainda carregar pesos. Mas não havia outra saída.

— A senhora me desculpe por recebê-la nestes trajes – e fiz um gesto mostrando minha roupa –, mas não sabíamos que iria chegar.

Abanou a mão no ar, como dizendo que não tinha importância.

— Fique à vontade. Resolvi mesmo vir à última hora. Queria muito conhecê-lo...

A mulher me estudava de cima a baixo. “Desta vez, não escapo.” Imaginei rápido uma desculpa para estar em casa àquela hora do dia, em plena semana. Era preciso uma boa história. Não sabia por quanto tempo permaneceria conosco e não poderia sair depois para disfarçar.

— A senhora deu sorte de me encontrar em casa hoje. Justamente ontem começaram uns cursos na faculdade, e resolveram dispensar as aulas para que os alunos de Psicologia pudessem assisti-los. Bom foi para nós, professores, pois conseguimos umas feriazinhas extras...

Evidentemente, desconhecia o fato de eu estar desempregado e engoliu a explicação sem dizer nada. Percorria com os olhos tudo dentro da casa. Repentinamente, virou-se e, encarando-me firme, perguntou:

— Minha filha não pinta mais? Faz tempo que não me manda um quadro. O último dela está lá na parede da sala: um vasinho com flores, de quando tinha 13 anos.

Naquele momento, entendi a mãe que era.

— Amanda agora quase não tem tempo. Está estudando e trabalhando muito. Fala frequentemente da senhora, do seu Luiz e do tempo que viveu no Nordeste. Estávamos até pensando em dar um pulinho lá nas próximas férias.

Minha sogra se animou um pouco:

— Recife agora é uma cidade grande. Nem se conhece mais... Antigamente comprávamos o pão e o leite numa carrocinha que passava em frente de casa. Era uma comodidade. Agora, tem que se enfrentar fila para tudo, além do fato de nada mais prestar: tudo velho e estragado.

A prosa não era das mais animadoras, mas servia para encher o tempo. Pelo menos, não me fazia perguntas. Quando o assunto esmorecia, dava-lhe mais corda.

— A senhora sempre viveu lá? — perguntei, sem maior interesse.

— Não. Nasci mesmo foi em São José da Laje, em Alagoas. Depois que Amanda nasceu é que Luiz conseguiu uma transferência, e nos mudamos para onde moramos até hoje.

Gelei. Não haveria duas cidades com o mesmo nome. Só podia ser a mesma! Mas que infeliz coincidência. Era precisamente o lugar em que papai nascera e se criara. Vai ver que até se conheciam! Dissimulei, para que não percebesse que o lugar me era familiar, e temi que perguntasse o meu sobrenome.

A campainha tocou. “Quem será a essa hora?” Amanda não era, pois tinha chave, e os prédios ainda não tinham interfone.

Pensei no porteiro, para entregar alguma correspondência. Destranquei a porta, rodando a maçaneta. Era Suzana, minha prima, aquela com quem brincava na infância. Rapidamente, tapei sua boca antes que falasse alguma coisa comprometedora. Fiz-lhe sinal de haver mais gente na sala, para tomar cuidado. Não tive jeito de impedi-la de entrar.

Suzana raramente aparecia e, logo agora, resolvera me fazer uma surpresa. Tratava-me, como o resto da família, no feminino. Como é que eu poderia preveni-la para mudar para o masculino se nem a par da situação estava? Desconhecia meus planos, assim como as cirurgias. Maquinei rápido um meio, que não fosse ostensivo, para afastar as duas.

— Dona Carmem, a senhora não quer tomar um banho e trocar de roupa, para se sentir melhor? Enquanto preparo um chazinho para tomarmos.

Aprovou a ideia. Dei-lhe toalha e sabonete, arrematando com a frase de

praxe:

— Sinta-se como na sua casa. Nada de cerimônias.

Mal a porta do banheiro fechou, chamei Suzana à cozinha. Mas como iria lhe dizer que não era mais mulher? Uma notícia um tanto bizarra! O tempo, porém, era escasso para muitas explicações e diplomacias. A premência da necessidade deu-me coragem. Expus-lhe rapidamente a minha nova condição e falei-lhe do meu receio de a sogra descobrir. Suzana nem piscava. Tive a impressão, mais de uma vez, de que sua respiração ia parar.

— Mas, Jo-a-na... — fiz-lhe sinal para que falasse mais baixo.

— Suzi, por favor, controle-se. Sei que é muita coisa ao mesmo tempo, mas também há muito que a gente não se vê. Se não tem condições de me chamar de João, então, sinto muito, mas peço que vá embora. Infelizmente, sua chegada foi na pior hora do mundo! Estava querendo vê-la para conversarmos com calma, mas hoje é impossível. Escute, ela desligou o chuveiro. Vai sair logo. Vamos fazer uma coisa: fique só um tempinho, tome o chá e se arranque. Invente uma desculpa qualquer. Finja que esqueceu um compromisso, sei lá, mas não me abra a boca, por favor.

Suzana percebeu minha aflição e resolveu concordar.

— Tá certo. Não vou demorar, mas não fique tão nervosa.

— Nervoso, Suzana, nervoso! Cuidado! Vá se habituando.

— Ih, o chá! Esquecemos de fazer o chá!

Pegou rápido uma panela pequena que estava no armário à sua frente. Encheu-a de água, acendeu o fogo e, chegando mais perto, cochichou:

— Mas ela não desconfia de nada?

— Psii, depois a gente conversa sobre isso. Vamos falar de outra coisa.

A porta do banheiro se abriu. Dona Carmem surgiu com o pescoço branco de talco, envolta num confortável robe. Sentou-se numa almofada, no chão, porém antes fez um preâmbulo:

— Já falei com Amanda na outra vez que estive aqui. Precisam comprar umas cadeiras. Onde já se viu casa sem mesa nem cadeiras!

Tomamos o chá, e, como havíamos combinado, Suzana só abriu a boca para se despedir. Levei-a até a porta. Amanda surgiu no corredor.

— Oi, amor. Como está se sentindo hoje?

Dei uma piscadela, entortei a cara, para dizer que havia mais alguém na sala, e falei bem alto:

— Benzinho, tem uma surpresa para você. Adivinhe quem chegou para nos visitar!

Amanda cumprimentou Suzana rapidamente e entrou em casa.

— Mamãe! É você? — percebendo estar demonstrando mais surpresa do que contentamento, tentou consertar: — Que coisa boa! A que horas a senhora chegou?

Deixei as duas conversando e voltei para o quarto. Sentei-me na cama com um suspiro de alívio. Em cima da mesa de cabeceira, vi uma carta de minha mãe. Peguei rápido o envelope que trazia meu nome, rasguei e aproveitei para dar sumiço no que pudesse ser comprometedor.

A mãe de Amanda passou uma semana conosco, ou melhor, praticamente

comigo, pois fui quem lhe fiz companhia a maior parte do tempo. A convivência foi satisfatória. Tudo indicava que havia gostado de mim. Entretanto, durante esses dias surgiram algumas situações bem estressantes.

Uma delas foi no dia em que veio me cobrar sobre as minhas intenções em relação à sua filha. Fingi não entender, o que a obrigou a ser mais clara:

— João, você pretende se casar com Amanda?

A pergunta penetrou como um punhal, embora a esperasse. Não tinha uma resposta pronta. Se confirmasse, certamente a acalmaria, mas, por outro lado, isso seria impossível de concretizar. Se desse uma negativa, o clima de cobrança e porquês não me deixaria mais em paz.

Além disso, provocaria desconfiança e decepção. Pensei rápido. Achei que a ter como inimiga seria pior. Melhor era ir levando com jeitinho até o dia em que se conformasse ou pudesse me casar legalmente.

— Pretendo. Porém, achamos melhor ver primeiro se combinamos realmente. Quero que saiba que gosto muito da sua filha. De qualquer maneira, quando vierem os filhos nós regularizaremos a situação. Afinal de contas, acredito que a senhora concorde comigo: que o principal não é o papel.

A ideia dos filhos foi ótima. Assim poderíamos adiar indefinidamente a decisão. Inegavelmente, porém, sua argumentação me abalou.

— Meu filho – disse-me docemente –, só não quero que minha filha passe pelo que passei. Quando penso em casamento, é porque senti na carne o que é viver com um homem sem ser sua esposa legítima. A vida toda fui rechaçada e até difamada. A família só me aceitou quando Amanda nasceu, e todos sabiam que não podíamos nos casar, porque ele era desquitado. É por isso que apelo para o seu bom-senso. Minha filha é minha vida. O que acontecer a ela estará acontecendo comigo! – terminou com a voz estrangulada e os olhos lacrimejando.

Prossigui relatando-me sua experiência conjugal como tendo sido um evento feliz, apesar de sofrido. Enquanto relembrava o saudoso companheiro, assoava o nariz com um lenço bordado, que apertava entre as mãos.

Não costumo me apiedar facilmente da desgraça alheia. Porém, fiquei tocado ao sentir aquela mulher tão sozinha e sem ter aprendido a viver para si. Era tarde demais para tentar fazê-la entender quão distorcida me parecia sua visão de mundo. Consumia-se num passado que só lhe trazia dor e lamentações. Queria continuar vivendo só por causa da filha e admitia não ter mais prazer na vida. Ela era tudo o que lhe restava.

Outra situação difícil aconteceu num sábado à noite. Dona Carmem manifestou a vontade de ir a um cinema e jantar fora, proposta bastante razoável. Sua sugestão me lisonjeou e apavorou. Conhecia muita gente, grande parte alunos e ex-alunos, e não seria difícil trombar com algum deles.

Eu já tinha conseguido escapar dias antes de sair com ela para fazer algumas compras. Mas, dessa vez, quando ensaiei uma desculpa, protestou:

— Não, senhor. Não aceito desculpas. Estou convidando e ficarei muito sentida se recusar!

O doloroso é que gostaria de satisfazê-la. Sem poder lhe contar a verdade, tudo se tornava ameaçador demais.

O filme que ela escolheu era uma comédia musicada, bem açucarada, daquelas que só se aguenta ver uma vez na vida. Sua teoria era de que se vai ao cinema para ver cenas bonitas e leves – de desgraças, a vida já está cheia.

Ao terminar a sessão, fomos caminhando para um bom restaurante ali perto. Procurei uma mesa afastada. Sentei-me de frente para a parede, evitando dar de cara com algum conhecido.

O ambiente era requintado, e a comida, mais enfeitada do que gostosa. Estava imaginando a conta que teria de pagar sem ter condições, mas minha sogra fez questão de assumir a despesa, já que eu era o convidado.

Quando saímos, ao contornar uma das mesas, dei de cara com um professor da faculdade. Desviei o rosto imediatamente, mas ainda o ouvi chamar alto o meu nome. Fingi que não era comigo e saí apressado. A grosseria já estava feita.

Mas o momento mais delicado ainda estava por acontecer.

Naquela semana de intenso convívio, é evidente que dona Carmem teve oportunidade de me analisar o quanto quis. Como me visse vestido nos mais diversos trajes, tive de tomar certos cuidados, como não trocar de camisa na sua frente. As cicatrizes provocariam perguntas embaraçosas. Entretanto, comecei a me preocupar excessivamente com a minha maneira de sentar. Por mais largas que fossem as calças, ficava evidente a ausência do volume escrotal. Não me relaxava um só minuto, fosse atentando para a voz, as marcas no peito, as mentiras inventadas, os passeios perigosos...

Pensei, então, pela primeira vez, na necessidade social de portar um pênis postiço. Mas como? De quê? Principiei dando uma olhada geral ao meu redor. O que poderia usar para suprir a falta? Teria de ser algo macio e não muito grande, com um formato apropriado. Mas o quê? Olhava, olhava, pegava um objeto parecido, experimentava-o, não servia. Não me decidia por nada. Achava sempre um defeito qualquer. Verifiquei que o meu grau de exigência estava altíssimo e que, com isso, não iria resolver o impasse a tempo.

Um dia, quando saía do banho, ao puxar a toalha, as meias penduradas no ferro da cortina vieram juntas.

Eureka! Enrolei-as, amassando um pouco para não ficarem tão arredondadas, obtendo um formato melhor, semelhante ao que precisava. Coloquei-as dentro da cueca.

Temporariamente, estava resolvido o problema. Entretanto, o resultado dessa operação não foi tão simples. Um sério mecanismo de inversão começou a se esboçar.

Não só me preocupava agora com que tudo estivesse perfeito e natural, no lugar certo, como um novo comportamento surgia em consequência desse uso: passei a me sentar de pernas abertas, provocando posições em que pudesse evidenciar a existência dos meus genitais, numa típica atitude de autoafirmação, e por que não, de puro exibicionismo.

Lembrei-me das vezes em que punha o absorvente, quando vivia com

Mercedes, apesar de serem agora diferentes as circunstâncias.

Descobri que essa brincadeira não era tão inconsequente. Um prazer crescente foi me tomando por estar com aquele volume entre as pernas. Não conseguia mais tirá-lo nem para dormir, quando seu uso se tornava desnecessário.

Amanda deve ter percebido, mas não disse palavra. Era possível que encarasse isso meramente como uma satisfação pela presença da mãe.

Não me sentia ridículo. Havia uma justificativa, um álbi nobre, social.

Entretanto, mesmo depois que dona Carmem partiu, continuei a usá-lo. Inicialmente, só em público. Percebi, porém, que era absurdo portá-lo só na rua e, ao chegar em casa, como num passe de mágica, ele desaparecia de mim. Era urgente encontrar uma lógica. A resolução definitiva de não mais tirá-lo, só a tomei num fim de semana quando fomos a uma praia distante.

Coloquei um calção de pano grosso, pois os tecidos finos, quando molhados, marcavam muito o formato do pênis. Botei por debaixo uma cueca para sustentar melhor a minha “prótese”.

Tratava-o assim porque o via como se fosse um membro que me faltasse, como uma perna ou um braço.

Quantas pessoas não deveriam sofrer da mesma dificuldade? Indivíduos que perderam o pênis em acidente, doença, guerra ou necrose, como fariam para enfrentar situações semelhantes? Estavam desamparados, sem instituições sérias e especializadas que vendessem próteses para esses casos de invalidez.

Os deficientes físicos, de maneira geral, podem conseguir cadeiras de rodas, membros mecânicos, mamas de silicone, visando facilitar sua vida social e emocional. E por que não fazer uma prótese penial flácida, impermeável e lavável, sem ser necessariamente para fins eróticos? Não é a própria sociedade que nos cobra coerência entre o aspecto físico e o gênero?

Nunca me conformei inteiramente com meu acessório. Com o uso, acabei tornando-o parte imprescindível de mim, porém jamais integrado totalmente. Incomodava-me a dependência do seu uso e, sobretudo, a precariedade para sustentá-lo em meu corpo.

Embora o usasse continuamente, até em casa, tirando só para tomar banho, ainda assim permanecia a incoerência: na hora de fazer amor com minha mulher, ele desaparecia misteriosamente.

Esse lapso me causava um crescente mal-estar, como se estivesse representando uma farsa.

Não tinha coragem de tocar no assunto e muito menos de usar um pênis ereto nas relações sexuais. A crise chegou a tal ponto que passei a evitar fazer amor com Amanda, apesar de desejá-la loucamente.

CAPÍTULO 4

LUTANDO SOZINHO

*Não são as coisas que atormentam os homens,
mas a opinião que se tem delas.*
Epicteto

Eu não conhecia ninguém igual a mim. Não era hetero, não era homo, era trans. Mas o que é ser trans? Eu não sabia. Eu só era diferente. Precisava me reinventar.

Dois meses tinham se passado desde o rompimento do primeiro elo. Estava totalmente recuperado da cirurgia. Começava a engatinhar tanto nas delícias como nas agruras desta nova vida. A luta era árdua, mas fôlego não me faltava.

A família, diante do consumado, não teve outra saída senão admitir minha nova imagem. Mamãe continuava me escrevendo, preocupada com o que aconteceria daqui para a frente, e torcia para eu ser feliz. Nas cartas que lhe mandava, passei a me tratar no masculino e a assinar “João”. Com esforço, fazia o mesmo, embora vez por outra aparecesse um “minha filha”.

De Leila, só recebi uma carta, na qual ainda me chamava de Joana, confessando que lhe soava falsa a minha mudança. Não demonstrava a mínima boa vontade em se esforçar para me tratar no masculino.

Tia Estela, irmã de mamãe, teve uma aceitação imediata. Tratava-me carinhosamente por “Joãozinho”. Sua viuvez fê-la mergulhar mais profundamente na arte de viver. Lembro-me de que, numa de nossas conversas, citou um provérbio tibetano: “Não há pecados. Há apenas estágios de desenvolvimento”.

Às novas pessoas que ia conhecendo, dava meu novo nome. Não havia justificativas nem erros da parte delas.

A operação e o hormônio ainda não tinham provocado transformações tão significativas a ponto de me tornar fisicamente outra pessoa. No entanto, foi a chave para que eu tivesse agora condições de exigir que me vissem e me tratassem como sempre me senti. Antes, ninguém aceitaria. Quando era pequeno e ouvia todos se referindo a mim como “ela”, consertava

mentalmente para “ele”. Não havia possibilidade de manifestar a minha reprovação. Caso o fizesse, iriam me achar louco.

O fato de os conhecidos se enganarem no tratamento em relação a mim era desagradável, mas compreensível. Quando era apenas um lapso, devido ao hábito, sem qualquer intenção de agressão, não me importava. Corrigia apenas uma vez, para a conversa não se tornar cansativa.

Não perdoava quando parecia haver no outro a necessidade de negar a minha mudança, tratando-me no feminino, como se quisesse manter viva a antiga imagem de mulher. Consertava o gênero quantas vezes aparecesse no diálogo. Parecia ser um grande desaforo o fato de agora se verem obrigados a aceitar a minha nova figura.

Havia a curiosidade geral a respeito dos detalhes da cirurgia. Esboçava rapidamente o acontecido, sem entrar em pormenores. Era visto como um “caso anômalo”. Poucos foram os que manifestaram interesse pelos outros aspectos que a cirurgia me proporcionou.

O que mais me preocupava era saber quando iria cumprir a segunda etapa, qual seria e como a pagaria.

Farina havia me dito que uma das operações, a pan-histerectomia (retirada total dos órgãos genitais internos), não seria feita por ele. Aconselhou-me a procurar um especialista, embora me instruisse de como ele deveria fazer a via de acesso do bisturi no abdômen, para que a cicatriz não atrapalhasse os futuros enxertos. Explicou-me que essa cirurgia poderia ser feita em qualquer fase do processo e que ficaria a meu critério essa escolha. Ele não a executaria porque não era uma cirurgia plástica.

O motivo decisivo para querer fazê-la logo eram o alívio que sentiria em parar de “monstruar” e a desobrigação de tomar hormônios inibidores importados e caros, para neutralizar a ação daqueles ainda produzidos pelos ovários. Decidi que seria a próxima etapa. Todos os outros procedimentos seriam basicamente enxertos, o que perturbaria sobretudo a minha mobilidade social. Durante vários meses, teria um tubo costurado na barriga que só depois seria transposto para o lugar definitivo.

Escrevi ao Farina para lhe pedir que me indicasse algum especialista. Fiz também um pequeno relatório da minha situação física, especificando as fístulas.

Sua resposta chegou em uma semana. Era uma carta cheia de desculpas e justificativas, em que não mencionava ninguém que pudesse me fazer tal operação. O problema das fístulas era de difícil correção, dizia, pois era grande o risco de provocar novas, ao fazer mais uma cirurgia no tecido já debilitado.

Voltou a sensação de abandono. E dessa vez a batalha exigia armas que eu não possuía. Onde iria conseguir um médico que me fizesse a cirurgia também considerada ilegal, considerando que extraía órgãos sadios e que não representavam ameaça à minha saúde física?

Fui atrás de Porto, como último recurso. Tudo em vão. A opção dele era ir para os Estados Unidos.

— Vai ser difícil. Não conheço ninguém. Tem de ser um médico que compreenda o problema ou um charlatão bem hábil, capaz de fazer um corte

como Farina exige.

Apesar das promessas de Porto de tentar conseguir alguém, o melhor era não ficar me iludindo.

Os dias transcorriam numa agonia crescente. Mais demorada se tornava a hora de poder reconhecer meu corpo como meu – de renascer.

CAPÍTULO 5

AJUDAS INESPERADAS

O mundo só se mantém pelo hábito das crianças.
Talmude

Fui recebido com um terno abraço. Tinha me lembrado da velha amiga da família, a obstetra-ginecologista que fizera também o parto dos meus sobrinhos. Com seu jeito simpático, confiante e acolhedor, a Dra. Elizabeth convidou-me a sentar.

Eu a considerava uma pessoa brilhante. Profissional séria, capaz de discutir qualquer assunto em profundidade sem prepotência.

Morava num amplo apartamento decorado em moldes clássicos, sóbrio e confortável. Dirigimo-nos à salinha onde ficava a tevê. Fui diretamente ao assunto que me levara ali.

Ao terminar, vi aquela mulher forte e resoluta comovida com o meu relato. Suas frases foram poucas, mas de uma força que me reergueu novamente.

— Quando ouvi pela primeira vez a palavra transexualidade, num congresso, lembrei-me imediatamente de você, João.

Tratando-me desde logo no masculino, ela me provava que o hábito não justificava o engano das outras pessoas.

Mostrou sua generosidade quando afirmou:

— Este não é um problema só seu, mas de todos nós.

Finalmente, segurando minha mão, disse o que tanto esperava:

— Farei tudo para ajudá-lo, como médica e como amiga. Assim que conseguir alguma coisa, telefone para Mariana. Fique tranquilo.

Ao me despedir, dei dois beijos na doutora, com todo o mel da minha ternura.

Revelou-se de uma humanidade sem limites. Além de cumprir o que havia prometido, envolveu-se na trama, como se eu fosse seu filho. Mostrou-se indignada com os colegas médicos que haviam me dado apoio inicial, mas não foram capazes de me arranjar um especialista para essa difícil cirurgia. Especialmente com Farina, que continuava me cobrando as operações, quando

sabia que, além de não ter condições para pagá-las, elas não eram uma questão de vaidade, mas de sobrevivência. Revoltou-se igualmente com papai, seu velho amigo, por se mostrar completamente omissa no meu caso. Exigiu que a avisasse quando ele viesse ao Rio, pois desejava ter uma séria conversa.

Dr. Gabriel foi o santo médico que aceitou o meu caso, a pedido da Dra. Elizabeth, antes mesmo de me conhecer. Marcamos uma entrevista na sua própria clínica, e no dia combinado cheguei uma hora antes.

Era um homem de meia-idade, com bastante experiência no ramo. Tratando-me sempre por João e demonstrando um grande respeito, foi objetivo e rápido. Solicitou-me um exame clínico e outro de laboratório, a fim de estudar melhor como proceder no ato cirúrgico.

Sua atitude franca, natural e solidária deixou-me tão à vontade que não me senti constrangido em lhe mostrar meus genitais.

— Preciso saber por onde deverei passar a sonda, se posso colocá-la sem problemas na uretra nova.

Depois de tudo esclarecido, tranquilizou-me:

— Fique sossegado, dará tudo certo. Se os exames estiverem OK, poderemos operá-lo ainda esta semana. Assim está bem para você?

— Está ótimo! Farei tudo como achar melhor. Só tenho uma dúvida: como devo me registrar aqui na clínica? Não quero comprometê-lo.

— Não se preocupe. Você não vai se internar formalmente. Apenas apresente este bilhete à recepcionista — e rapidamente rabiscou algumas palavras numa ficha do receituário.

— Ela vai encaminhá-lo à enfermeira indicada, que cuidará da sua internação. Venha na véspera, à noite, pois seria bom que dormisse aqui. Elizabeth também me falou que você gostaria de ter sua mulher como acompanhante. Pode trazê-la.

Eu não sabia o que dizer àquele homem que até então fora um estranho e que se mostrava tão despojado, ético e respeitoso:

— Não pode imaginar o que está fazendo por mim! Sei que este gesto jamais terá preço, mas gostaria de poder recompensá-lo de alguma maneira.

Sorrindo, disse:

— Nem pense nisso. E não se preocupe com as despesas cirúrgicas. Se é amigo de Elizabeth, é meu também.

Olhei-o fixamente e me retirei.

Chegamos à clínica na terça-feira à noite. Como o Dr. Gabriel me instruíra, dei o bilhete à recepcionista. Chamou pelo interfone uma enfermeira, que me levou ao segundo andar, indicando meu quarto.

Mariana havia nos levado de carro, mas Amanda retornaria com ela. Teria de trabalhar no dia seguinte, para poder faltar no resto da semana. Preferia estar com ela durante a recuperação.

Fiquei só. Embora feliz e aliviado, estava amedrontado. Naquele quarto de hospital, vez por outra me vinham pensamentos sombrios. Lembrava como

tinha sido horrível a volta da última anestesia.

Peguei o livro que havia levado, mas não conseguia ler. Quando dei por mim, estava longe, sobrevoando a realidade do dia seguinte. Mas nenhum medo superava a alegria que já sentia ao me imaginar livre de mais um contrapeso. Às sete horas, estava de pé. Os médicos não apareciam. Somente Margarida, a única enfermeira que estava a par da situação, surgiu para fazer minha lavagem, pois a raspagem, precavidamente, fizera em casa.

Às dez horas, fui para a sala cirúrgica, vestindo um camisolão branco e completamente lúcido. Deitei-me na mesa, e o anestesista injetou-me uma droga. Meu coração pulava, e em dois minutos fiquei mole e nauseado. Depois, aplicou o anestésico, e apaguei.

Acordei no quarto, com Amanda me olhando. Novamente, a consciência da realidade era total e a descoordenação motora também. A primeira coisa em que pensei foi que estava vivo e, no cômputo geral, faltava agora menos uma cirurgia.

Veio então o terrível calafrio. Comecei a bater o queixo e a tremer. Amanda, por conhecer essa minha reação, prevenira a enfermeira, e os cobertores estavam à mão. O pior foi não conseguir controlar a náusea e vomitar cinco vezes, apesar das injeções preventivas.

No restante do dia, dormitava. A sonda e os soros me incomodavam. À noite, as dores vieram, como cólicas fortes. Tomei um batalhão de remédios, acrescidos de analgésicos. Na manhã do segundo dia, o médico plantonista entrou no meu quarto. Quis me examinar, como de rotina. Olhei para Amanda sem saber o que fazer. “Será que ele está avisado?” Percebi, então, que na ficha que trazia nas mãos estava escrito “apendicite”. Imediatamente, aleguei que há pouco tinham vindo me ver e que não seria necessário outro exame, pois me sentia muito bem.

Mas durante os cinco dias de internação, além das dores e do mal-estar, tive de enfrentar as enfermeiras que substituíam Margarida quando seu expediente terminava.

No terceiro dia, apareceu uma nova que queria a todo custo me dar banho. Dessa vez, a desculpa foi a timidez. Por mais que alegasse que estava acostumada, não permiti que me tocasse.

Acredito que tenha ficado patente na clínica que era um paciente especial, um tanto misterioso e cheio de problemas.

Finalmente, Mariana veio nos buscar. Como Amanda teria de trabalhar, fiquei acamado uns dias na casa da mana e na de tia Estela.

Estava me recuperando bem quando um dos pontos da sutura começou a latejar. Voltei à clínica. Dr. Gabriel constatou um abscesso de parede. Para meu azar, um dos pontos infeccionara.

Durante 15 dias consecutivos, Margarida, a enfermeira, espremeu-o, drenou-o e fez curativo. Após um mês e meio, a cicatrização finalmente se completou.

No último dia de curativo, entreguei ao Dr. Gabriel um poema que escrevi no hospital, no qual expressava minha gratidão. Encabulado, respondeu que leria em casa com calma.

Mariana e Garcia fizeram questão de pagar as despesas hospitalares. A cada dia que passava, esse casal penetrava mais fundo no meu coração. Nunca poderia imaginar que a mana mais distante na minha infância se tornaria a mais presente nessa fase tão decisiva. E foi nesse período em que me restabeleci em sua casa que a minha situação foi colocada para as crianças.

O fato foi dito de maneira simplificada, como tendo nascido com dois sexos e me operado para ficar com um só.

A caçula de seis anos recebeu a notícia com uma deliciosa naturalidade:

— Mãe, e agora, chamo de “tio João”?

O mais velho, com nove, surpreendeu a todos com sua maturidade:

— E os documentos, como vão ficar?

A reação dos meninos foi uma lição para os adultos. Enquanto estes tinham mil dificuldades sobre como me tratar, sem saber como me explicar aos conhecidos, os garotos pareciam ver tudo mais claro, sem complicar o óbvio. Era como se a minha figura anterior é que fosse a confusa e estranha. A atual era definida, mais bem entendida e aceita. Anteriormente, os meninos me viam com certa reserva, ressabiados, como olhando algo estranho. Agora, podiam compreender Amanda como minha mulher e como sua tia.

Surpreendia-me a espontaneidade dos meus sobrinhos. Tempos depois, quando passaram um fim de semana lá em casa, a caçula perguntou, olhando para o meu antigo pote de bolas de gude:

— Tio, essas bolas você ganhou quando ainda era menina, não foi?

Se tinham alguma curiosidade, falavam sem rodeios, como meu sobrinho um dia:

— Seu pinto é igual ao meu?

A naturalidade era tamanha que poderia me causar certos constrangimentos. Resolvi explicar que o meu caso ainda não era compreendido e aceito por todos. Portanto, só deveriam contá-lo para as pessoas mais próximas, que tinham me conhecido antes da operação.

O mais velho, vendo-me sem trabalhar por tanto tempo, manifestou preocupação. Expliquei que não podia mais exercer a profissão de psicólogo. Confuso, perguntou:

— Mas, então, o que você é agora?

Pela primeira vez, pensei em como responderia a essa pergunta.

— Vou ter de começar tudo de novo, do princípio. Perdi o diploma que tinha, e, portanto, você agora está mais adiantado do que eu. Não vai ser ótimo me ensinar as coisas daqui por diante?

Sorriu, achando tudo muito engraçado.

CAPÍTULO 6

O OUTRO LADO

*Cada qual pode ser um, nenhum, cem mil,
mas a escolha é um imperativo necessário.*

Luigi Pirandello

Doze fios de barba, cuidadosamente contados, iniciavam um incipiente cavanhaque. A voz continuava fina. Temia que não engrossasse nunca mais. O resto do corpo permanecia sem grandes modificações, salvo pelo fato de que não “monstruava” mais e podia usar as roupas masculinas que sempre namorava nas vitrines. Havia passado dois meses.

Continuava aguardando uma carta do Farina em resposta à minha, na qual indagava quando poderíamos retomar as próximas etapas cirúrgicas.

Entretanto, as duas cartas que chegaram nesse interim não foram dele. Uma era da França, de onde Van me contava suas investigações sobre a transexualidade. Os requisitos pré-cirúrgicos eram fundamentalmente os mesmos daqui, talvez mais minuciosos e dispendiosos. Van descobriu também que grande parte dos operados não ia até o fim do processo cirúrgico. Muitos trans paravam justamente na etapa em que me encontrava: tiravam os seios e a genitália interna, mas não prosseguiram na reconstrução do pênis. Pelo que pude apurar, a causa era a demora e o sofrimento do processo, além do custo alto e do resultado bastante precário.

A segunda carta foi de Selma, uma transmulher operada, amiga de uma ex-paciente do Farina, com quem conseguira meu endereço. Contava-me que era agora a mulher mais feliz do mundo, que tinha se casado e adotara um bebê.

Viria à capital para uma consulta médica com seu filho que estava adoentado e pedia-me que a hospedasse em minha casa. Era pessoa humilde, com dificuldades financeiras.

Dez dias depois da carta de Selma, a campainha tocou. Era uma mulher extrovertida e muito falante. Foi logo perguntando se eu era o João e me apresentando ao marido com o filhinho no colo, que fora adotado no dia em que nascera.

Todos se mostravam muito afetivos, e o desvelo de Selma pelo bebê era o de uma mãe coruja. Depois de tomarem alguns copos de cerveja, ela, mais à vontade, relatou sua vida antes e depois da cirurgia:

— Quando tinha 17 anos, meu pai me expulsou de casa. Achava-me um caso perdido, vergonhoso para a família e para a cidade do interior onde morávamos. Como era menor de idade, foi difícil arranjar emprego. O que consegui foi trabalhar num balcão de loja de roupas. Porém, como era ridicularizada, e o salário não dava para quase nada, acabei indo parar num cabaré, onde uma travesti amiga era cantora. Fui aprovada no teste e aceita no palco. Gostava porque ali, pelo menos, era vista e tratada como mulher. Ninguém me reconhecia na plateia, de tão diferente que me tornava!

A amiga lhe contou que tomava hormônios e que tinha lido numa revista que no Marrocos faziam operações para virar mulher. Lá era mais barato, e não exigiam tantos preparativos, testes e burocracias como em outros lugares. Selma passou três anos juntando o ordenado com as gorjetas que ganhava por fora. Conseguiu o suficiente para pagar a passagem.

Selma respirou fundo. Tomou mais um gole do copo, que tentava amassar em suas mãos.

— Chegando a Casablanca sem um tostão furado, passei as maiores humilhações. Acabei tendo de me prostituir para não morrer de fome, o que nem o cabaré tinha conseguido. Depois de muita luta, consegui me operar e fui ao consulado. Apesar de não ter identidade feminina, me arranjaram uma passagem para ser recambiada para cá. Retornei ao cabaré, mas não fui em casa para dar notícias. Já havia chegado há uns seis meses quando encontrei este homem maravilhoso — e segurou o braço do marido.

— Conte-lhe tudo, sem esconder nada. Não só me deu carinho e apoio como, inclusive, ajudou-me a tirar todos os papéis. Depois de casarmos, mudamos para Volta Redonda, onde ele também conseguiu trabalho na siderúrgica.

Selma estava exaltada e visivelmente perturbada com o próprio relato. Mas o que eu não esperava foi o repentino convite que me fez, na frente do marido:

— Você quer ver como ficou a minha cirurgia?

Fiquei ao mesmo tempo constrangido e curioso. Percebendo meu olhar para o marido, esclareceu:

— Não se preocupe. Ele entende a minha intenção. Não pense que a mostro a qualquer um!

Realmente, o rapaz parecia não estar se importando. Esperei que tomasse a iniciativa, para irmos para o quarto.

Amanda permaneceu na sala, fazendo companhia ao marido.

Selma se desabotoava, falando:

— Quando eu me operei, há alguns anos, ainda não se falava no Dr. Farina. Teria me poupado muito sacrifício. Acredito que você ainda não tenha visto ao vivo, como é feito no meu caso, quero dizer, de homem para mulher.

Sua genitália apresentava um clitóris grande. Explicou-me que havia sido aproveitado da antiga cabeça do pênis, e a uretra se posicionava acima dele.

Quanto ao resto, era perfeita.

Perguntei-lhe, então, sobre a minha curiosidade fundamental:

— Consegue chegar ao orgasmo?

— Na vagina mesmo, não sinto nada. Mas em cima me excito bastante. Algumas colegas minhas afirmam ter o tal gozo vaginal, mas confesso que nunca senti nada. Talvez com o tempo ganhe alguma sensibilidade.

Só anos depois, conseguiriam “construir” um clitóris sensível, como exibiu a modelo Roberta Close nas páginas da revista *Playboy*, em 1984. Depois o desafio foi fazer uma vagina que pudesse se umedecer, não apenas com gel. As experiências mais recentes parecem ter ocorrido na Tailândia, onde se poderia até optar por orgasmo clitoriano ou vaginal.

Selma se recompôs, e retornamos à sala. Amanda havia preparado um lanche. Como era tarde, distribuímos almofadões pelo chão, improvisando camas para ela e o marido.

Eu ainda não sabia como seria decisiva aquela visita.

CAPÍTULO 7

UM BRINQUEDO SOCIAL

*A lei é como uma bandeirola de um velho campanário,
que varia e se move segundo o vento sopra.*
Tolstoi

Quando acordei de manhã, meus hóspedes já tinham voltado do pediatra. O garoto apresentava apenas uma alergia.

Selma, mais aliviada depois da consulta, manifestou interesse em saber da minha situação legal.

Enquanto tomava café, fui contando o que tinha passado. Falei da preocupação por estar cada vez mais com aparência masculina, mas continuando com meus documentos originais de mulher.

Balançou a cabeça lentamente, como quem compreende exatamente como me sentia.

— Mais do que ninguém, posso entendê-lo. Já passei por isso. É horrível a gente estar sempre numa corda bamba – olhou-me firme e perguntou: — Mas por que não tira logo a sua certidão de nascimento?

A ideia já tinha me ocorrido uma infinidade de vezes, mas não tinha noção do que seria necessário. Além do mais, sentia certo receio de tirar documento falso.

Selma me deu força:

— O que está esperando? Que mudem as leis? Bastam duas testemunhas, e nós podemos ir lá ao cartório...

Olhei-a animado, porém ainda indeciso.

Insistiu:

— De que tem medo? Não tem erro. Basta inventar uma boa história e pronto. Deixa que me entendo com o escrevente. Você pode ficar nervoso e falar besteira.

Num ímpeto, aceitei.

Antes de sair, acertamos os detalhes de como fazer e do que seria dito.

Vesti uma velha calça quadriculada e uma camisa desbotada, que de tão larga dava dois de mim. Queria uma aparência de matuto. Amanda ficou com

a criança em casa, e nós três fomos para um cartório distante, num subúrbio do Rio.

Dentro do táxi, a dor de barriga voltou a me desafiar. Estava agitadíssimo e suava nas mãos, enquanto ia me intoxicando de cigarros. Bem na frente do cartório, lia-se: “Registros no 2o andar”. Subimos as escadas. Olhava para todos os lados, com medo de encontrar algum conhecido.

Após 15 minutos de espera, um funcionário fez sinal para que sentássemos diante de sua mesa. Botou um papel na máquina, mas, antes de bater, quis saber:

— É maior de 18?

— Sou – respondi, fazendo um esforço para a voz não falhar.

— Nunca foi registrado?

Selma resolveu me socorrer. Antes que me traísse, tomou a palavra:

— Não. Nunca foi registrado. Mas agora está precisando tirar os documentos para fazer o serviço militar.

— É preciso pagar uma multa pelo atraso.

O escrevente pegou um bloco e, rabiscando a cifra correspondente, avisou:

— O pagamento é lá embaixo. Só depois é que preenche a ficha.

Comecei a contar meus trocados. O contratempo me pegou desprevenido. O casal amigo, vendo minha dificuldade, completou o restante da quantia.

Subimos novamente.

Selma ia dando os dados necessários, enquanto o rapaz rapidamente datilografava.

— Nome?

— João Walter Nery.

— Idade?

— Dezoito – afirmou categoricamente Selma.

Por essa eu não esperava! Não havia pensado nesse detalhe. Mas por que não disse 27, a minha verdadeira?

Terminado o registro, o homem pediu os documentos das testemunhas, que assinaram vários papéis.

Senti calafrios quando vi Selma puxar a identidade, mas estava tudo certo. A cena era tragicômica. As minhas testemunhas eram uma transexual e seu marido! E era neles que a Justiça iria se fiar.

O rapaz foi carimbando, enquanto comunicava que o registro seria enviado ao juiz para ser despachado. Só dali a 15 dias é que estaria liberado.

A palavra “juiz” me causou novo estremecimento. Foi só no ônibus de volta que relaxei.

Virei-me para Selma e interroguei-a sobre os 18 anos.

— Achei melhor, para não despertar suspeitas com essa sua cara lisa de menino. E depois é com 18 que o cara se apresenta para o alistamento militar, ora.

Era sensato. Além do mais, a idade com a qual ficaria era o que menos importava no momento. O essencial era que tinha dado o primeiro passo para a minha legalização. Ou ilegalização?

Nessa noite abrimos uma garrafa de vinho em homenagem à saúde do neném, aos nossos convidados e ao meu novo nascimento.

CAPÍTULO 8

OS IMPACTOS DO RENASCIMENTO

Melhor é meio pão do que nenhum.
Heywood

Quando me mudei para o terreno de tia Estela em Jacarepaguá, só havia um casebre de madeira cercado por um muro com capim alto e algumas poucas árvores.

A ideia de morar lá atendia tanto ao interesse dela como ao meu. Embora estivesse localizado num ponto valorizado pela especulação imobiliária, o terreno trazia aborrecimentos e despesas para tia. Combinamos que não iríamos pagar aluguel, mas cuidaríamos do imóvel e faríamos benfeitorias na medida do possível.

Em dois meses, trabalhando como pedreiro, carpinteiro e eletricista, construí um quarto, criando condições razoáveis de moradia. Mandeí ligar a luz da rua. Fiz a instalação elétrica e executei melhorias na casa. Construí um boxe no banheiro, remendos no piso da sala e, após ajeitar o básico, dediquei-me à agricultura.

O lugar era grande, afastado do centro da cidade e da poluição. O isolamento me dava uma sensação de abrigo e segurança. Ali era mais difícil encontrar conhecidos e tinha tranquilidade para me recuperar das cirurgias.

Não só pela contínua ação do hormônio como também pelas atividades a que me entregava, meu físico foi se acomodando pouco a pouco ao modelo que sempre imaginara: tórax amplo, com braços e pernas fortes.

Finalmente era um homem! Um homem de carne e osso, e não somente na imaginação! Restava-me ainda ser totalmente carimbado e protocolado. Agora meu corpo se moldava melhor à minha essência. A nova harmonia transparecia numa expansividade natural, diferente dos gestos mais tímidos de antes.

Meu porte ficou mais ereto. Era impossível dizer que nele já habitara uma corcunda. O tão esperado bigode despontava no rosto, conferindo alguma maturidade à aparência. Os pelos cresciam mais espessos, apesar da relutância das cicatrizes, que se entrecruzavam pelo peito e pelo abdômen.

Era inacreditável! Tinha nascido quase aos 30 anos, sem nunca ter morrido!

As menores coisas adquiriam uma importância capital. Com frequência, parava de capinar e ficava me maravilhando com o fato de estar sem camisa ao sol. Poder chegar até o portão ou falar com os vizinhos por cima do muro, sem ter nada para esconder. Já não me sentia constrangido pelas cicatrizes. Além disso, os cabelos do peito começavam a cobrir parte delas.

Largava o cabo da enxada, abria os braços, respirava fundo e alisava o peito tão reto e lisinho, inacreditável!

Amanda tinha proposto comprar um barbeador elétrico, mas recusara. Queria era me barbear com uma lâmina, fazendo espuma com pincel. Rasgando devagarzinho, para sentir a relutância dos pelos, que tanto custaram a nascer.

Continuava aguardando uma carta do Farina para continuarmos as cirurgias. Enquanto não chegava, ia degustando as novas mudanças.

O espelho tornara-se agora meu aliado, sentindo-me mais forte e íntegro. Não procurava propriamente a beleza, mas a coerência.

Os meses transcorriam, e inovações brotavam no meu corpo. Nada me passava despercebido. Pelos nasciam no dorso, na altura dos rins. Foram sendo acompanhados cuidadosamente. Inicialmente finos e esqueléticos até se tornarem um chumaço preto e consistente. Como um adolescente que começa a descobrir as maravilhas da transformação do seu físico, deliciava-me aos 30 anos com o mesmo fenômeno. Uma degustação bem mais apurada pela longa e sofrida espera.

Vivenciei isso mais de perto no dia em que, parado na calçada para atravessar a rua, senti alguém me abraçar pelas costas e me tapar os olhos.

— Adivinhe quem é, Joana?

A voz não me era familiar. Totalmente confuso e sem me preocupar em descobrir o autor da brincadeira, pensei no que aconteceria ao me deparar frente a frente, num lugar público, com uma pessoa que demonstrava não saber absolutamente nada do que havia ocorrido comigo.

Ainda de costas, segurei-lhe as mãos. Fui me virando devagarzinho, até esbarrar com dois grandes olhos esbugalhados cheios de espanto.

Por sorte, estava sozinho. Antes que ela pudesse dizer algo, sugeri:

— Há um bar na esquina onde podemos conversar.

Seguiu-me como uma sombra.

Sentamos. Sem conseguir deixar de me estudar um só minuto, perguntou perplexa:

— O que foi que a-con-te-ceu com você? Será que me enganei de pessoa?

O garçom se aproximou, e pedi dois cafés.

— Não, Paula. Sou eu mesmo.

Pela primeira vez, fiquei realmente embaraçado, sem saber por onde começar. Se fosse apenas uma mudança de nome, de cara, não seria tão difícil nem comprometedor, mas de sexo, de tudo!

Tentei dar uma conotação corriqueira à conversa, como se o fato fosse trivial. Mas a expressão dela não ajudava.

— Bem, há quanto tempo a gente não se vê? Deve ter uns quatro anos, e nesse período dei uma guinada de 180° na minha vida. Continuar vivendo naquela indefinição estava se tornando insuportável. Procurei uma equipe médica especializada no meu problema e fiz uma série de operações. O resultado é o que você está vendo. Agora me chamo João.

Parecia demorar a assimilar a novidade.

— Mas tudo isso que está me contando é incrível!

Fez uma pausa e, com a cabeça ainda balançando, perguntou:

— E a faculdade, como é que fez?

— Não dou mais aulas. Não posso mais ser psicólogo.

— E o que faz agora, posso saber?

— Sou lavrador.

Suas sobrancelhas subiram ao máximo, quase saltando da testa.

— La-vra-dor? Não, Joana. Só pode estar brincando comigo! É difícil de acreditar. Explique melhor essa história. Está querendo me dizer que a minha querida ex-professora de Psicologia é agora um lavrador?

Paula parecia estar ouvindo uma história de ficção. Sua surpresa mesclava-se com um esboço de riso e de choque. A impressão que transmitia é de que o “lavrador” a tinha abalado mais do que propriamente a mudança de sexo. Falava alto, e algumas pessoas já dirigiam os olhares para a nossa mesa. Tentei abrandar o clima:

— Paula, lidar com a terra é algo deslumbrante. É outro aspecto da vida que nunca tinha tido oportunidade de conhecer. Não pode imaginar como tenho descoberto coisas curiosas nessa nova atividade! De início, quebrei a cara, não conhecendo as estações do ano propícias ao plantio nem como evitar as pragas. Ainda tenho muito o que aprender. Além disso, moro num lugar lindo, cheio de árvores frutíferas e pego muito sol. Não está vendo como estou bronzado?

Paula me interrompeu repentinamente e, como se não tivesse ouvido nada do que falara, exclamou:

— Ainda não estou acreditando totalmente, Joana. Não posso crer que não sinta falta das nossas aulas... Nunca vi ninguém se entregar tanto quanto você numa sala. Aliás, o pessoal lá da turma volta e meia fala no seu nome. Todos se lembram de você com muito carinho. A maioria tem a mesma opinião: foi a professora mais importante que tivemos. Não só em termos de aprendizagem, mas pelo potencial humano que nos transmitiu. Impressionante como todo mundo a endeusava.

— Jamais quis ser um mito e muito menos um deus – respondi secamente, como se quisesse fazê-la voltar à realidade. Sem me entender, continuou na mesma tecla:

— Sei que nunca fez nada para isso, mas todo mundo que foi seu aluno... Mas e o mestrado que estava cursando?

— Larguei tudo o que fazia antigamente, Paula. Agora sou praticamente uma nova pessoa. E queria lhe pedir, particularmente, dois favores: primeiro, não comente com ninguém lá da faculdade que me viu. Não quero que saibam. Segundo, por favor, não me chame mais de Joana.

Aquele papo já estava me cansando. Demonstrava lástima por não mais

corresponder à imagem que havia feito de mim e deixava claro como estava decepcionada.

Terminei o café e fiz menção de me levantar.

— Já vai? – surpreendeu-se.

— Ainda tenho muito o que fazer hoje.

Procurou uma caneta e papel na bolsa.

— Espere. Deixa-lhe dar meu endereço. Quero que conheça meu marido. Já falei muito de você, e tem curiosidade de conhecê-la.

Como não encontrasse nenhum papel, pegou minha caixa de fósforos. Escreveu o endereço e o telefone, avisando:

— Mas ligue antes, porque podemos não estar em casa.

Levantei-me, sem retribuir a gentileza, e me despedi.

CAPÍTULO 9

O QUE FAZER COM O MEU PASSADO

Queres as respostas, mas tê-las não significa poder com elas.

Syak Valencia Triana

— Identidade, por favor – pediu-me o homem do guichê da rodoviária quando comprava minha passagem para Brasília.

Peguei a certidão de nascimento, eufórico, para usá-la pela primeira vez.

— Identidade ou carteira profissional, meu filho. Certidão de nascimento não serve – disse o bilheteiro irritado e com pressa.

Confirmei que a certidão de nascimento em si pouco valia como identificação. Precisava tirar os outros documentos. O mais difícil era o certificado de alistamento militar, pois tinha de ser numa cidade com excesso de contingente. Assim, nem precisaria fazer o exame médico. Mas primeiro minha mãe teria de me emancipar. Só depois, poderia tirar sozinho os outros documentos.

E, de preferência, deveria ser em outro estado, com menor chance de ser descoberto.

Amanda resolveu me ajudar com o bilheteiro:

— Moço, ele já tem 18 anos e está tirando os outros papéis. Qualquer problema eu me responsabilizo. Aqui está a minha identidade. Ele tem de viajar hoje sem falta.

O bigodudo atrás das grades grunhiu um “hum”. Amanda terminou apelando:

— Por favor. A mãe dele está morre, não morre no hospital. Não faça isso com a gente...

Vendo que o homem tinha balançado, insistiu:

— Seja bonzinho...

Ele cedeu.

Era inegável que o jeitinho feminino ainda tinha um poder de sedução maior do que qualquer argumento racional.

Depois de 18 horas de viagem, cheguei a Brasília, que não conhecia.

Peguei um táxi e fui para o lago Norte.

Enquanto pagava a corrida, vi que papai varria a calçada da nova casa. Quando saltei, vendo-o diante de mim, não aguentei.

— Ô, paiê...

Foi um abraço forte e longo. Tão intenso e comovente como não me lembro de jamais ter dado em papai. Nem mesmo na sua volta do exílio nos sentimos tão próximos quanto nesse instante.

A Dra. Elizabeth tinha cumprido a promessa de conversar com papai. Lembrei-me do que havia me dito dois dias antes de eu viajar:

— Disse a seu pai que, em nome da nossa amizade de tantos anos, não poderia ficar calada, sem manifestar de viva voz minha decepção diante da atitude omissa dele. Ouviu-me calado. Confessou sua dificuldade de vê-lo como um filho homem e de chamá-lo por João. Falei que isso não era o mais importante. Que evitasse simplesmente chamá-lo. Não podia entender como ele, que sempre fora um homem esclarecido e louco pelos filhos, se deixasse levar por um preconceito maior que seu amor paternal.

Agora, ali na calçada de casa, a cena beirava o patético. Olhei-o novamente. Vi que seus olhos estavam vermelhos como deviam estar os meus.

— Vamos entrar, pai — consegui dizer, escorregando o dorso da mão pelo rosto, enquanto dava uma fungada.

Tentando tornar mais leve a situação, comentou:

— Deixa que pego a mala. Amanda não veio?

— Não. Ela não pode mais faltar ao trabalho.

— Ainda não conhece a casa e deve estar morto de fome. Vamos até a cozinha que sua mãe está lá.

Adorei ouvir aquele “morto de fome”. Pela primeira vez, papai me tratava no masculino. E, por incrível que pareça, até hoje não errou nem uma vez o meu nome. Mamãe é que, vez por outra, ainda me trata no feminino, e o velho sempre a cutuca com o pé por debaixo da mesa.

Há uns cinco anos eu não visitava os velhos nem conhecia essa casa.

Quando entrei, reconheci o antigo mata-moscas do papai, que continuava igualzinho na mesa ao lado da cama.

Lá estava também o piano de mamãe. Sem os buracos de cupim, sem o antigo verniz escuro, o mesmo banquinho mouro, debaixo do qual eu e Van jogávamos bolinha de gude. Estava afinado! Parecia outro! Lembrei-me emocionado do garotinho ressabiado e acuado que era. Nunca conseguira expressar o quanto representava para mim vê-la tocar.

Mamãe tentou agradecer-me ao máximo. Fazia as comidas de que eu gostava. Pela primeira vez, era tratado como um filho homem e casado. Deu-me até um quarto com uma cama de casal, caso Amanda resolvesse vir. Mas, apesar da boa vontade, sentia-os reservados, principalmente papai. Tinham um excessivo cuidado em não errar meu nome, embora, em parte, isso fosse devido à presença da empregada. Faltava aquele relaxamento gostoso que

agora me sentia capaz de demonstrar e de querer. Tentava adotar uma atitude natural, fosse despiando a camisa para tomar sol ou pedindo emprestado o aparelho de barba do velho, mas sempre evitando me impor. Seria preciso tempo para se acostumarem à minha nova imagem.

No primeiro fim de semana, fui com papai fazer algumas compras na loja de um conhecido dele. O dono, ao me ver a seu lado, perguntou quem eu era. Papai, meio indeciso, acabou me apresentando como João, um amigo. Senti uma pontada. Vi o quanto faltava para que me aceitasse como filho.

Entretanto, algo mudou quando tiveram de ir a um almoço na casa de uma prima de papai, que já estava marcado antes da minha chegada. Notando o embaraço deles e antes que fossem obrigados a tomar qualquer atitude, comuniquei que não iria. Seria difícil explicar a minha presença. Quando voltaram, o velho estava radiante e aliviado:

— Pronto! Você já pode ir à casa de Rildes. Conte sobre você.

— Foi muito difícil, pai, contar a história?

— Que nada! Por quê? Havia algum problema?

O velho riu, brincando para disfarçar, o que sempre fazia quando queria minimizar uma situação difícil.

Meu encontro com Leila deu-se logo no dia seguinte à minha chegada. Foi no almoço na casa dos velhos. Saiu logo em seguida, pois tinha de dar aulas. Tratou-me muito bem, embora errando meu nome duas vezes e demonstrando certa cerimônia, numa atitude tipicamente defensiva. Conversamos o trivial. Falou basicamente dos filhos. Na despedida, convidou-me para conversarmos a sós. Marcamos um encontro para dali a três dias.

Leila me pegou de carro. Fazia uma noite clara e quente. Era a primeira vez que nos víamos cara a cara depois das minhas cirurgias.

De início, a conversa se manteve superficial, como se não houvesse nada de sério para ser dito. Depois que me chamou de “Joana” pela terceira vez, protestei:

— Tem todo o direito de se colocar contra tudo o que fiz e sou, mas considero uma agressão não ter o mínimo cuidado e continuar a me tratar no feminino. Esse seu desligamento me incomoda.

— Desculpe. Não me habituei ainda. Afinal, faz tanto tempo que não nos vemos! Não vai querer que, de um dia para o outro, passe a vê-la como um homem. Aliás, acho muito difícil isso acontecer. Para mim, você será sempre a Joana, minha irmã.

Senti que aquela conversa seria decisiva. Não podia perder a calma, sem antes lhe dar uma oportunidade.

— Leila, assim não vamos nos entender. Estou pronto a ser franco e aberto. É preciso que me veja como uma pessoa com quem teve muita afinidade em outros tempos e que hoje cresceu, amadureceu e mudou. Acredito que seja mais fácil e até de certa forma cômodo não querer ver ou não aceitar as minhas cirurgias. Você é uma antropóloga que estuda e lê

bastante. Não é possível que não se interesse em procurar entender melhor a transexualidade.

Leila ouviu calada. Percebendo minha exaltação, ofereceu-me um cigarro num gesto conciliatório.

— Não posso negar que o seu problema me atingiu. Não é fácil perder uma irmã a cujo enterro não compareci. Talvez seja essa morte o que me revolte. A minha infância e adolescência foram partilhadas com Joana. Você a matou! É difícil saber ter amado alguém que nunca existiu realmente da forma que se pensava! Você não surgiu de repente. Não é apenas uma simples pessoa a quem fui apresentada e que me limito a gostar, a aceitar ou não. Hoje, se gosto de você, é pelo que já gostei. E onde encontrar agora aquela a quem amei? Não sei se está me entendendo, mas é isso o que sinto. Não é uma cirurgia, uma mudança de nome ou de papéis que faz com que alguém seja outro ser! E hoje me sinto impedida de manter viva a imagem da irmã por quem sempre tive o maior carinho! Agora, responda-me, o que faço com você no meu passado?

Visivelmente emocionada, ela continuou:

— Outro dia fui relembrar para mamãe uma molecagem nossa, quando a gente era criança. Ao falar em você, engasguei. Não foi com João que fiz aquilo, mas com Joana. Souu falso... Não foi a mesma coisa.

Como Leila jogaria com seu passado, só dizia respeito a ela. Não tinha mais nada para explicar. Tudo o que me restava era lamentar profundamente a sua dificuldade.

Deixei passar uns dias e falei com mamãe da minha nova certidão de nascimento. Pedi que fôssemos juntos ao Cartório para me emancipar.

Ficou relutante por um momento, lendo a certidão. Quando viu que o nome de papai não constava, porque não foi ele quem fez o registro, acabou concordando. Mas observou:

— Meu filho, depois de tantos anos, agora virei puta?

CAPÍTULO 10

O CIDADÃO JOÃO

De que vale uma sensação, se há uma razão exterior para ela?

Fernando Pessoa

Abro o jornal, e lá estava a manchete:

“Cirurgião condenado por lesão corporal”. Sem acreditar no que estava lendo, devorei as primeiras linhas da notícia:

“O renomado cirurgião plástico Roberto Farina foi condenado a dois anos de prisão por lesão corporal no processo que responde há sete anos por ter operado Waldir Nogueira para se tornar mulher. O transexual, que quer se chamar Waldirene, entrou com um pedido de retificação de nome e de sexo no Registro Civil. Diante do que o juiz considerou uma prova de ‘mutilação do humano’, não concedeu a mudança de registro e condenou o cirurgião com direito a *sursis*, por ser primário. Num caso sem precedentes na Justiça brasileira, o Dr. Roberto Farina poderá, pois, responder em liberdade. Médicos do mundo inteiro se manifestaram contra a sentença...”

Nem li o resto da matéria. Foi como se tivesse levado um soco no estômago. O coração parecia sair pela boca. O corpo todo tremia pedindo mais ar.

Foi Fernando, o ex-marido de Leila, quem me socorreu. Agora era um homem rico, respeitado e que conhecia muita gente. Não se esquivou quando pedi ajuda:

— Fernando, estou com dois problemas sérios: o meu médico foi condenado, não pode mais operar, e eu preciso tirar um atestado de reservista para poder trabalhar. É óbvio que eu não posso fazer exame médico! Já me disseram que eu devo tentar em alguma cidade do interior, por excesso de contingente. Você conhece alguém?

Pensou por um momento.

— Vamos por partes. Quanto à continuação das suas cirurgias, vamos conversar no meu consultório. Pode vir agora que um paciente faltou.

Fernando assumiu a postura profissional para me explicar:

— A faloplastia ou feitura do pênis não é uma cirurgia, são várias. A ciência ainda engatinha nessa técnica. Se tudo der certo, você ficará com um pênis sofrível e, muito possivelmente, não poderá ter orgasmo.

Fernando tinha tocado num dos pontos mais difíceis para mim. Perguntei sua opinião.

— Infelizmente, é uma escolha que cabe a você fazer. Nas condições atuais, acho o resultado muito precário. O novo pênis não terá sensibilidade, talvez só na base.

Como especialista em cirurgia plástica reparadora, Fernando tinha documentados alguns casos de reconstrução de pênis, quando o paciente tinha sofrido algum acidente. Ele continuou:

— Assim mesmo, a sensibilidade não será como a da excitação sexual, apenas a sensação de tato. Durante pelo menos um ano, em média, a região fica insensível, exigindo um cuidado permanente para não se ferir pelo atrito com as roupas. Não vou iludi-lo. Será difícil ou quase impossível obter o orgasmo. Como psicólogo, deve saber melhor do que eu que isso depende da predisposição psíquica do indivíduo. Mas a perspectiva é bem pouco promissora.

Lembrei-me da informação que Van me havia dado sobre a interrupção que a maioria dos trans fazia nessa etapa das cirurgias em que me encontrava.

Fernando pegou alguns rolos de filme e, colocando um no projetor, que costumava usar para discutir os casos com seus assistentes, disse que ficasse à vontade enquanto se arrumava na sala ao lado.

As cirurgias consistiam basicamente na elaboração de um tubo costurado na barriga, no meu caso, do lado esquerdo, porque no direito estava a cicatriz da histerectomia. Depois de alguns meses, quando já estivesse irrigado, uma das extremidades seria cortada e costurada para baixo, em cima da nova uretra, que já havia sido feita anteriormente. Mais uns meses e se cortaria a outra ponta presa no abdômen para ficar no lugar. Começariam então os procedimentos para a feitura do saco escrotal.

Fui avaliando com mais detalhes todos os estágios por que teria de passar. Caso houvesse algum problema, e a irrigação sanguínea não fosse suficiente até a cabeça do pênis, poderia necrosar e precisar ser feita uma nova cirurgia de correção. No fim, teria um pedúnculo, sem glândula, sem cabeça e com quase nenhuma sensibilidade. Com o tempo, poderia inclusive diminuir de tamanho.

Fiquei nauseado ao assistir a toda aquela sangueira. O resultado deixava o sujeito cheio de cicatrizes e com um visual nada agradável. Com certeza eu teria um pênis, mas obrigatoriamente teria de continuar a contar minha história para qualquer mulher que fosse dormir comigo.

Além do mais, ficaria mais de um ano me operando, sem poder trabalhar.

Só 20 anos mais tarde, essas cirurgias chamadas de “resignação sexual” seriam permitidas e gratuitas, feitas pelo Sistema Único de Saúde, embora as do meu caso continuem experimentais. Absurdamente, o Brasil e a maioria dos países da América do Sul e Central continuaram a negar a mudança automática de identidade após a mudança de sexo, ou mesmo sem ela, e nem

reconhecem a própria necessidade da cirurgia. Outras técnicas mais modernas seriam criadas, como a da construção de um novo pênis a partir do próprio clitoris, a metaioidioplastia, sem deixar as enormes cicatrizes no abdômen ou no antebraço.

Fernando vinha chegando de volta:

— E aí? Esclareceu suas dúvidas?

— É barra-pesada... E eu ainda teria de ir para o exterior se quisesse continuar...

— Você já sabe, enquanto forem ilegais, eu não posso operar... Mais tarde, quem sabe, quando as técnicas evoluírem, e a legislação também...

Estava praticamente decidido. Eu não tinha muitas opções. Mas ainda faltava resolver os documentos. Mais uma vez, Fernando veio em meu socorro:

— Lembrei-me de um grande amigo de infância que planta arroz no interior de Goiás. Já se candidatou a vereador e conhece Deus e o mundo. O que eu pedir ele faz sem pestanejar. Tem dois filhos pequenos, e a mulher se chama Marisa. Você pode pegar a caminhonete do seu pai para ir até lá. O nome dele é Lélío Lima, o apelido é Lelê. Vou falar com ele.

O dia estava amanhecendo quando passei sozinho por Cristalina, em direção ao sul do estado, dirigindo um carro que não era meu, em um lugar por onde nunca tinha passado, para me encontrar com uma pessoa que não conhecia. Fui apreciando a paisagem diferente do cerrado. A terra já não estava tão esturricada, pois setembro trazia as chuvas. Enormes cupinzeiros e muito pé de pequi, uma fruta com espinhos no caroço que eu nunca tinha experimentado.

Quando cheguei à cidadezinha, bastou falar no nome do Lelê que todos o conheciam.

Fui bem recebido e convidado a almoçar justamente um arroz de pequi com galinha. Estranhei um pouco o gosto forte, mas depois fui me habituando, já que quase tudo levava essa fruta.

Lelê quis entender o motivo da minha visita. Contei-lhe toda a verdade. Embora surpreso por eu ter sido uma mulher, não questionou nada. Pediu-me um tempo, pois estava na época da colheita do arroz, e, assim que terminasse, partiríamos para uma cidadezinha próxima.

Fiquei uma semana com essa família. À noite todos se reuniam com os boiadeiros, tocando viola seresteira e cantando embaixo daquele céu tomado de estrelas. Passava os dias conversando com Marisa, que era professora da escola local, ou brincando com as crianças. Às vezes ia até os campos de arroz para acompanhar a colheita. Nunca tinha visto uma colhedeira funcionando. Colhia e ensacava ao mesmo tempo. Era enorme e se locomovia num terreno meio pantanoso, até que um dia atolou. Foram nove horas de luta, usando um macaco hidráulico, para conseguir fazê-la andar novamente. Ninguém arredou pé dali, inclusive eu, que acabei também comendo arroz cru para matar a fome. Arranjaram-me depois um chapéu de palha, e ficava horas dirigindo um pequeno trator que arava o terreno para o próximo plantio. Imaginava-me novamente com seis anos, pilotando o meu jipe de Papai Noel.

Chegou o dia da nossa partida. Lelê já tinha sondado com os

correligionários onde seria melhor para tirarmos o atestado.

Rodamos o dia inteiro, só parando para comer. Fui conhecendo as várias cidades goianas, até chegarmos a um vilarejo onde consegui me alistar. Como previsto, não precisei nem fazer exame médico. Apresentei minha identidade, que já providenciara, e teria de voltar daí a uns dez dias, para prestar juramento à bandeira e pegar meu certificado. Na volta, Lelê quis passar em outra cidade, para resolver a venda de gado e visitar um compadre.

Dez dias depois, estava eu, perfilado, diante da bandeira do Brasil e, enquanto prestava juramento de servir ao meu país em caso de ameaça externa, pensava que, enquanto Joana, eu era psicóloga, fazia mestrado, dava aulas em três universidades e mantinha um consultório repleto de clientes. Agora, como João, tinha perdido todo o meu currículo escolar e de vida. Era um analfabeto, sem direito nem aos anos de trabalho em carteira. Não entraria na Justiça porque havia a exigência do término cirúrgico e não correria o risco de ficar à mercê dos juizes, cuja maioria continuava preconceituosa e ignorante sobre a questão da transexualidade.

Lelê virou quase um irmão, pois, sem sua generosidade e sua disposição, eu não teria conseguido o documento mais importante. O restante da documentação, como CPF e título de eleitor, foi bem mais simples.

Voltei a Brasília feliz da vida. Papai resolveu fazer um churrasco para comemorarmos juntos o “nascimento” do mais novo cidadão brasileiro. Quase caí para trás. Todos estavam aliviados porque agora eu poderia arranjar um emprego.

Seis meses depois, recebo um telefonema de papai:

— Meu filho, arranjei um emprego para você. Falei com um amigo, e na próxima semana você já pode começar a trabalhar na usina de concreto dele.

Por uns momentos fiquei mudo, estarrecido e feliz. Com a voz embargada, só consegui agradecer e dizer que não iria decepcioná-lo.

O amigo de meu pai, embora soubesse do meu currículo, avisou-me de que não poderia me dar privilégios, até porque eu não tinha nenhum diploma. Teria de subir na empresa pelo meu próprio esforço.

O primeiro grande desafio foi no exame médico, no qual fui solicitado a arriar as cuecas.

— Doutor, tem um probleminha... Eu nasci com uma má-formação genital e tenho vergonha de mostrar... Será que é tão importante assim para trabalhar numa usina que eu fique nu?

Felizmente o médico não insistiu, e eu passei no teste.

Comecei batendo notas fiscais na expedição às seis horas da manhã. As betoneiras enfileiradas já começavam a carregar os vários tipos de concreto para as obras. Com o tempo, tornei-me o assistente do gerente, o que me deu o maior alívio, pois passei a frequentar o banheiro dele, o único que tinha porta.

Na usina só havia homens, que urinavam em qualquer lugar, e quase todos mantinham duas famílias.

Fui me habituando àquele ambiente machista, imundo, cheio de pó de cimento, com pessoas embrutecidas pela pobreza, pela ignorância e pelo sofrimento. Não tinham cerimônia para tirar melecão ou coçar o saco uns na

frente dos outros. Tentava ser um pouco como eles para não chamar tanta atenção, mas me traía pelo meu vocabulário, pelo meu jeito observador, pelo meu silêncio.

Um dia, Leonardo, que ficava na balança, chegou meio acabrunhado, e a turma logo insistiu para ele falar.

— Não canto mais mulher nenhuma! Tava na Praça da Bandeira quando passou por mim a maior gata, e aí eu soltei: “Que tesão!”. Sabe o que ela respondeu? “Dá o rabo que passa” Fiquei completamente sem graça, sem saber o que falar.

Jorge me contou que gostava de comer o rabo de uma mulher enquanto ela peidava, porque dava uma pressãozinha deliciosa no pau.

Mas, de todas as histórias, a melhor frase ainda foi a do Djalma, chefe dos motoristas, que, diante das exibições de quem comia mais e melhor, disse bem alto para todos ouvirem:

— Macho bom não é o que goza várias vezes, mas é o que faz a mulher gozar várias vezes.

PARTE IV
PATERNIDADE

CAPÍTULO 1

LOLA DANÇA

*Quero teu proveito de égua,
mais que tua fama de fêmea.*

*Beber a sede da fome,
comer a carne do amor.*

*Escalarei tua sacada,
cuidarei do teu gato,
até rasgar teu envelope
e cheirar como uma manga.*

*Mas não serei a goteira na tua cama,
mesmo que não me torne
o fogo cativo
da tua carne provisória.*

(Poema “Desejo”, do autor)

Num dos salões vazios do baile, Lola dançava freneticamente. Ainda meio deprê pelo término com Amanda, fora arrastado por minha irmã Van para aquela festa.

Ceguei perto dela. Gostou. Dançamos toda a noite, bebendo, suando, beijando. Uma mulher sensual, dez anos mais jovem do que eu e com uma descontração envolvente. No fim, propôs passarmos a noite juntos.

— Hoje não vai dar.

— O que é? Não gostou de mim?

— Preciso te dizer uma coisa.

Era a primeira vez que iria contar minha história para uma mulher por quem estava interessado. Encorajado pelo álcool, fui rápido e sucinto:

— Nasci com um corpo de mulher. Fiz uma cirurgia e virei homem.

Fez uma cara de quem não tinha entendido direito. Eu também não estava a fim de explicar mais nada. Peguei um guardanapo e escrevi meu telefone.

— Toma. Se um dia conseguir digerir essa história, me liga.

Na época, eu construía casas para vender em sociedade com a mana mais velha, Mariana, numa praia próxima a Niterói, Itaipuaçu. Durante a

semana ficava lá, dormindo na casa emprestada de uma amiga.

Tinha me separado de Amanda e vendido meu apartamento, dividindo ao meio a grana e os pertences. Com o que me coube, saí para as construções. Só vinha ao Rio quinzenalmente, para a casa de meus pais. Quando cheguei, mamãe me deu o recado que uma moça ligara. Fiquei na minha, ansioso para ver se insistiria. Dois dias depois, o telefone tocou.

— Oi, sou Lola, lembra-se de mim? Da festa.

Abri o maior sorriso.

— Claro que me lembro. Como vai você?

Foi bem direta.

— Estou com saudade. Queria te ver.

— Saudade ou curiosidade?

Respondeu saudade. Claro que era por curiosidade, como mais tarde me confirmaria.

Descobri, assim, que a minha história, em vez de repelir, poderia servir até como atrativo, uma isca capaz de ser beliscada pelas mulheres mais curiosas e afoitas, como as que pagam para ver. E ela pagou por oito anos.

Muito diferente de Amanda, Lola sabia dar ótimas gargalhadas. Era extrovertida, cheia de amigos, tinha seu próprio sol. Como professora de alongamento e dança contemporânea, exibia uma postura impecável. Fui despertando para uma maior consciência corporal. Suas mãos me tocavam e me massageavam, aliviando também minhas dores lombares.

Completamente apaixonado, e ela, deslumbrada por ter, aos 23 anos, sua primeira casa. Nada nela era rígido. Suas roupas tinham estilo, mas eram, sobretudo, confortáveis. Os horários e os conceitos, maleáveis. Uma vez ou outra aparecia um amigo com um baseado, e fumávamos num delicioso relaxamento. A afetividade aflorava, intensificando a sexualidade. Admirava sua descontração e sua determinação.

Ela já tinha experimentado do chá de cogumelos ao LSD. Nada a viciava. Até os cigarros eram meus, os quais pegava sensualmente da minha boca para dar umas baforadas. Já rolara algumas experiências sexuais com homens, mas a que lhe dera maior prazer, me disse um dia, fora com uma mulher. Essa revelação me deixou meio ameaçado, achando que poderia estar traçando uma comparação. Resolvi não esquentar. Nossa cama era muito excitante. Porém, quando ela assumia uma postura mais ativa, eu me sentia mais inseguro. Não conseguia relaxar. O que só fui aprender muitos anos mais tarde.

Alugamos um apartamento em Niterói. Comecei a curtir mais a cidade, onde tudo era tão perto. Ela adorava sair de moto comigo. Nos fins de semana, ficávamos o dia inteiro na praia, começando em Itacoatiara, com os amigos. Terminávamos saboreando uma caldeirada no bar da dona Maria, enquanto assistíamos ao pôr do sol em Itaipu.

O Réveillon de 1984 foi no clube Lagoinha, em Santa Teresa. Fomos com um grupo de amigos. Quando deu meia-noite, dirigimo-nos para a piscina, que ficava no meio da mata. Felizmente a iluminação não era muita. Tinha tomado bastante cerveja e, quando vi o trampolim de três metros, achei a oportunidade de me exibir para Lola e os amigos.

Subi as escadas e criei certo clima para que todos me olhassem. Concentrei-me e dei um salto que era uma volta e meia, caindo de cabeça. Acho até que fui bem, mas quando entrei na água, senti que o meu pau tinha pulado para fora do calção. Fiquei um tempão no fundo, fazendo um esforço para tentar enxergar algo. Ao subir à tona, sob os aplausos de todos, procurava aflito, e nada.

Maldita hora em que resolvi saltar! Ele não estava boiando. Desesperado, não sabia o que fazer. A água estava gélida, apesar de já ser verão. Continuei parado na borda, enquanto Lola me aguardava sair. Estávamos juntos há pouco tempo, e não me sentia à vontade de lhe contar o acontecido. Resolvi nadar um pouco para esquentar e dar um tempo, para ver se subia à tona. Nada.

Quando já ia desistir, vi algo lá na outra borda, boiando como um peixe morto. Nadei rapidamente e, olhando para os lados, coloquei-o novamente no lugar. Que alívio! Tremia quando saí da água. Lola quis saber o que tinha acontecido. Invenitei uma dor de ouvido, mas tenho certeza de que não acreditou.

Desde que me operei, passei a tomar testosterona. No princípio, era de 15 em 15 dias, depois o intervalo foi aumentando, segundo a prescrição de Porto. Deixei crescer o cavanhaque e o bigode. Fiquei com uma cara mais de homem responsável. O resto da barba continuou falhado. Pelo corpo também fiquei bem mais peludo, inclusive na barriga e no peito. Os cabelos começaram a cair, insinuando uma leve careca meio estranha. Apareceram as primeiras rugas.

Lola me ajudou a desengavetar e publicar meu livro *Erro de Pessoa*, usando pseudônimo. Apesar de não fazer noite de autógrafos nem poder aparecer de frente para as câmeras nas várias entrevistas que dei para jornais e tevês – como a Paulo Markun, na época na *Folha de S.Paulo*; a Mary Ventura, do antigo *Jornal do Brasil*; e a Solange Bastos, da extinta TV Manchete –, a venda foi muito boa e esgotou a edição. O dinheiro dos direitos autorais foi pouco, mas permitiu que eu terminasse a casa e a vendesse.

Comecei a fazer um curso de extensão em Sexologia no Hospital Moncorvo Filho, pois a equipe sabia que eu era psicólogo e não me exigiu diploma. Nessas aulas conheci Monira, uma colega de turma, médica, malcasada e com duas filhas pequenas. Ficamos amigos e resolvemos começar também a fazer aulas de dança de salão na Estudantina. Era muito alegre e carinhosa. Já sabia da minha história pela própria equipe de professores. Chegamos a dormir juntos, uma noite apenas, e foi bom conseguir me desinibir com outra mulher.

Nessa época também conheci o Herbert Daniel, escritor com vários livros publicados, o primeiro guerrilheiro *gay* assumido, soropositivo e que me convidou para participar de um grupo formado somente por homens de diferentes orientações sexuais, para discutir a identidade masculina. Cada reunião era feita numa casa, e o assunto escolhido variava conforme o

interesse do grupo. Lembro-me de que quase todos invejavam as mulheres não apenas pelo fato de poderem gerar filhos quando quisessem, mas também por guardá-los só para si, sem sentir necessidade de comunicar a existência da criança ao pai biológico.

Um *gay* do grupo era louco para ser pai, porém não queria uma mulher com quem dividir o filho ou a vida. Outro tema colocado foi a questão de como brincar ou continuar acariciando naturalmente o corpo das filhas depois que elas viravam moças. Foi também discutido o complexo do pau pequeno. Até que ponto isso realmente era importante para nós ou para as mulheres?

Infelizmente, Herbert Daniel morreu, e o grupo se desfez.

Na época, soube que já havia uns 600 grupos só de homens nos Estados Unidos, discutindo como seria a identidade desse “novo homem” num mundo em que as mulheres não suportavam mais o machismo.

Andando por Copacabana, descobrimos casualmente uma *sex shop*. Lola me incentivou a entrar. Acabei comprando um daqueles pênis rígidos com cinto, o mais parecido possível com o real, em tamanho, cor e textura. Mas não tinha saco.

Chegando à nossa casa, começamos um sarro, e, quando já estava bem excitado, fui direto para o banheiro. Amarrei o cinto e o coloquei dentro da cueca, de uma forma que só o pau aparecesse. Olhei-me então no espelho. Pela primeira vez via meu corpo como um objeto de desejo. Fiquei louco de tesão, sonhando que agora quase todos os meus problemas estariam resolvidos. Finalmente, tinha uma alternativa além da mão. Voltei ao quarto e, sem nenhuma inibição, pude penetrá-la, podendo ao mesmo tempo abraçá-la. Gozei imediatamente, como numa ejaculação precoce.

Ficou puta, com toda razão.

— Calma! Parece até um garotinho agoniado. Vai devagar...

Com o tempo, fui aprendendo a usá-lo melhor. Às vezes, colocava camisinha, por ser mais higiênico e esconder o seu artificialismo. Era rosa demais para o meu gosto. Na minha cabeça, era também uma justificativa para ela não engravidar.

Um dia, Lola sugeriu que o usasse na mão, como um objeto mesmo de sacanagem. Não gostei da sugestão e me recusei. Já o tinha assumido como parte do meu corpo.

Talvez pelo uso eventual de lubrificante, começou a despelar. Fiquei desesperado. Lola aos poucos foi tendo dificuldade para transar, dizendo que era duro demais, ou reclamando do tamanho, e que preferia a mão.

Mesmo assim, fui atrás de outro pênis para substituir o “degradado”. Era muito exigente nesse tipo de compra. Achava as cores fortes, o material pouco maleável, os cintos precários e malfeitos. Queria um com saco, e a maioria não tinha. Outros eram ociosos, funcionando como um tipo de camisinha para homens que queriam aumentar o pênis. Outros ainda tinham vibrador, o que os tornava mais artificiais ainda.

Nossa relação foi seguindo aos trancos e barrancos.

Desconfiava que ela estivesse meio apaixonada por outro. Nem que fosse o protagonista de uma história do livro de Rubem Fonseca, como um dia me confessou. Dois meses mais tarde, aconteceu. Virei o grande herói.

CAPÍTULO 2

ROCK IN RIO I

*Meu amor se nutre do teu amor, amada,
E enquanto vivas, estará em teus braços,
Sem sair dos meus.*

Pablo Neruda

Em 1985, tínhamos oito meses de casados quando Lola foi comigo ao Rock in Rio I. Saltamos naquele mundão enlameado, esperançosos de divertimento. Ser jovem naquele território livre já era um ato de cumplicidade.

Depois das filas do ingresso, da cerveja e do banheiro, impacientes por bebermos mais de perto aquele sonzão que vinha do tão propagado palco móvel de milhões de watts, fomos assediados por dois rapazes. Procuravam fogo e, ao que parece, literalmente. Um agradecimento, um sorriso, um convite para irem todos juntos à Meca dos ídolos.

Eu me vi, repentinamente, num único abraço com os dois. O que importava era o clima de encontro, a verdadeira e esperada confraternização, nem que fosse por meio do festival de clima tropical brasileiro.

Ingenuamente feliz, repartia meu copo com os dois recém-irmãos adotados, esquecendo-me mesmo da minha mulher.

Ela nos acompanhava, ora mais atrás, ora mais à frente. E talvez por esse esquecimento, o mais baixinho, subitamente, arrebanhou minha mulher, beijando-a efusivamente na boca.

Eu, o marido, que acabava de desenterrar a cara do copo, fiquei assistindo à cena. Paralisado e engasgado por beber mais emoção do que cerveja. Confiando na experiência dos meus 34 anos, se é que valia de alguma coisa, dei uma relaxada, porque sabia que aquilo não acabaria em trepada. Eu ali me sentia o dono da situação, o que não eliminava minha cara de idiota.

Repentinamente, resolvi ficar por cima – não sabia exatamente de onde ou do quê – e como que permitindo a traição, num gesto tolo, tentei aliciar o outro, como testemunha.

— Olha só o que o seu amigo está fazendo com a minha mulher! – e ainda repeti mais uma vez a frase, como se fosse possível ao outro despertar da

bebedeira diretamente para a moral da fidelidade conjugal.

— Deixa para lá, cara. Ele já tá meio doidão – retorquiu de modo conciliador, com a boca mole.

Antes que pudesse esboçar qualquer outro gesto, o beijeiro pegou o copo da minha mão. Abraçou-me e se justificou:

— Calma! Calma! Não precisa ficar tão nervoso. Hoje tô numa de paz, de amar todo mundo...

Resolvi compreender o tesãozinho irresponsável do amigo e no íntimo não deixei de admirá-lo pela ousadia.

Novamente o trio masculino abraçado, e minha mulher mais distante, repetiu-se a cena. Em um novo ímpeto, o baixinho se desgarrou, rodeou Lola e a agarrou num beijo caloroso, alisando também seus peitos, como se adivinhasse que essa seria sua última chance.

Agora deixava de lado a importância crédula do clima “amorosamente grupal”. Começava a questionar a inocente passividade de Lola. Sentia-me mais ameaçado pela permissividade dela do que propriamente pela coragem do garanhão. Obrigado a tomar alguma atitude para interromper o crescimento doloroso e visível dos meus chifres e, ao mesmo tempo, sem querer ser um usurpador de direitos, acabei, sem nenhuma originalidade, repetindo a mesma reação anterior: irradiando o que acontecia ao outro, demonstrando, assim, uma educada indignação.

E quando o sedutor, também sem originalidade, tentou novamente o álbi do “amor comunitário”, Lola resolveu evitar que tudo descambasse para o “ódio comunitário”. Com cara de currada arrependida, tentou me acalmar.

— Meu amor, só quero ficar bem com você. Esqueça tudo isso, e vamos embora daqui.

Tentando me agarrar a essa mentira, deixei assim de ser o macho traído, para me portar como o defensor de mocinhas desamparadas e importunadas.

Fortalecido, virei-me colérico para o atrevido e desafiei:

— Se você está amando todo mundo, quero que beije também aqui na minha boquinha – e bati com os dedos insistentemente nos meus próprios lábios, como se fosse uma latrina pública.

O machãozinho não gostou. Corajosamente drogado, ainda disse que a minha mulher era muito gostosa e que não tinha culpa disso.

Eu, ex-intelectual, ex-militante estudantil, lembrei-me de todo esse passado e, paternalmente, controlei-me, afastando-me com Lola para o outro lado da arena.

No fim, não se soube quem lucrou mais: se eu, que angariei a admiração da mulher, se o sedutor, que conseguiu alguns beijos, ou se ela, que, como vítima indefesa, degustou a traição, com o consentimento e a compreensão do marido.

CAPÍTULO 3

O GRANDE HERÓI

*Tenho ciúme de quem não te conhece ainda
E, cedo ou tarde, te verá, pálida e linda,
Pela primeira vez!*
Guilherme de Almeida

Ela acabava de chegar do trabalho. Eu estava na sala, que era o lugar mais fresco da casa, tomando uma cerveja. Morávamos juntos há três anos. De repente, Lola diz que não estava se sentindo bem, meio enjoada, com ânsias de vômito. Num comentário inconsequente, como um homem moderno, maduro e liberal, disse:

— Parece até que você está grávida.

E ela, com a cara mais natural do mundo, soltou:

— E talvez esteja.

Eu, que sempre ri das traições alheias, levei uma rasteira daquelas. Antes de bater no chão, já sabia que tinha me estatelado todo. Apertei forte o copo na mão. Com cara de pateta, certamente, articulei a pergunta óbvia, para ganhar tempo:

— Você... está... grávida?

Só que nunca esse tempo é suficiente. Todo quebrado, não ousei sequer descruzar as pernas. Percebi, então, uma taquicardia galopante. Virei o resto do copo, para ver se ajudava a engolir o coração, que já estava saindo pela boca.

Embandeiradíssimo de fleuma, por choque, é claro, fiz então a segunda fatídica pergunta:

— E foi bom?

A essas alturas, o arrependimento era total.

E veio a facada:

— Foi ótimo! Mas não gozei, se é isso que quer saber.

Controladamente pensei: “Cadela! Cínica! Filha da puta! Babaca! Babaca sou eu!”. E passei as mãos pelo cabelo, como querendo raspar os chifres latejantes.

Quanto mais ela falava, mais ia me turbinando o ódio, eu querendo matar

o sujeito. Mas... Qual sujeito? Algum cara da rua? Do trabalho dela? Seu conhecido? Amigo? Não! Ela não teria coragem... Agora, mais do que nunca, era preciso saber com quem foi, como se isso adiantasse alguma coisa.

Amorosamente, disse que não ia contar, porque o cara não significou nada para ela. Insisti. Maternalmente, disse que não queria me dizer, porque só iria me fragilizar. Em seguida, insinuou falar, como para se livrar da culpa. Temeroso entre a sombra e a luz, lembrei-a então do seu direito ao silêncio. Ela acatou. Apavorado de ficar para sempre na escuridão, não resisti e acabei ameaçando-a de que não teria paz enquanto eu não soubesse.

Achando-se encurralada ou para terminar logo com aquilo, acabou contando.

— Sabe aquele *workshop* que fiz com a Rose, sua ex-aluna? Acabei transando com um cara simpático de 20 anos, que conheci lá. Foi ótimo, porque estava precisando me sentir uma mulher comum.

E depois de um pequeno intervalo, continuou:

— Minha menstruação está atrasada há dois meses. Então tomei uma injeção de progesterona para tentar tirá-lo. Se fosse seu, talvez ficasse...

Levei a terceira bofetada. Pior, pedida mais uma vez por mim. Despenquei para o fundo do poço. Não para pegar impulso, mas para morrer mesmo. Mas, enquanto não morria, usei a morbidez como calma aparente, para saber mais detalhes do “quando”, do “onde” e até receber as punhaladas do “como”.

Diante da minha mudez, desconfiou que tivesse falado demais.

Foi nesse momento, quando nenhum ruído externo era mais audível, a não ser o ressoar da minha própria dor, que ela quis me consolar. Tentou me provar que fui, enfim, “o grande herói”, o homem que admirava e o que mais lucrou com tudo isso. O outro foi só tesão de momento.

Eu, o fragilzinho marido inseguro, machista e traído. Eu, o campeão da merda, que nem sabia estar concorrendo. Catei os restos que me sobraram, peguei a primeira camisa que vi e saí procurando ar, esmurando o mundo, babando fracasso, esmolando compreensão. Tentando perdoar o que, no fundo, sabia que não era nem mesmo para ser condenado.

CAPÍTULO 4

AUTOCOMISERAÇÃO

*A grande consternação de nós mesmos – que genuflexório
d'alma!*

*Chicoteemos todo o condóio – esta corcunda,
esta ressaca da vida!*

(Do poema “Autocomiseração”, do autor)

Desci de dois em dois a escada do prédio até desembocar na rua. Saí com passos largos, apressados e sem direção certa. Entrei no primeiro bar. Pedi um conhaque. A bebida desceu queimando tudo por dentro, como Lola já tinha feito com o meu coração. Tomei mais uma dose. Não queria que sobrassem nem as cinzas. Como as nuvens que escureciam o céu. Caía uma garoa fria. Arrepiei-me, mesmo coberto de suor, tomado por calafrios.

Não era a primeira vez que era traído. Quase podia apostar. Certamente não seria a última. Jovem e sedutora, ela sempre testava os meus limites. Confiante na impunidade. Permissiva. Lasciva. Eu, um covarde obrigatório, ela sabia disso. Vontade de matá-la. Não, de matar o sujeito, de castrá-lo.

Com Mercedes tinha sido diferente. Não era sedutora como Lola. Nem tinha ido para a cama com um homem normal antes de me conhecer. Por isso, eu mesmo tinha sugerido. Tentativa de manter o controle. Não poderia culpá-la se acontecesse. Mas fiquei destroçado de ciúme e insegurança quando soube. Primeira vez que quebrei um copo na parede. Fúria incontida, coisa rara. Sempre dócil. Controlado para não chamar atenção. Covarde, covarde, isso é o que eu era! Babacão! Eterno corno. Pior, corno manso.

Elas sempre iam preferir um pênis de carne. Passar pelas várias humilhações de ouvir como faz falta um cacete de verdade. E ainda ser acusado de machista. O grande herói de cabeça, sempre admirado, mas pouco desejado.

A autocomiseração teimava em me invadir. Chicoteava a própria dor. Atordoad, ia pisando nas poças, esmagando a raiva, a pena de mim. Cheguei, enfim, à praia deserta de Icarai. Já era noite. Caminhei em direção ao mar. Submergi na água fria totalmente vestido. Um turbilhão de imagens me veio à

cabeça por segundos, como num filme: Mercedes, quando me traiu, confessando a sensação do pênis do cara dentro dela, que era totalmente diferente e muito boa; meu casamento com Amanda no cartório, com o meu primeiro terno comprado aos 30 anos, tendo Dra. Elizabeth como testemunha e ao lado dona Carmem sorrindo, vendo seu sonho realizado e a ausência do meu pai; nós dois implorando ao Porto para que ele fizesse uma inseminação artificial em Amanda, e minha dupla decepção com a sua recusa, alegando não acreditar que um transexual pudesse ser pai de um filho saudável; minha tristeza em ter de desistir do bebê que solicitei a uma instituição no Paraná, porque, quando o tão esperado telefonema aconteceu, eu e Amanda já tínhamos nos separado.

Voltei à tona, já quase sem ar. Percebi então o horizonte do outro lado da baía. A luz difusa dos prédios do centro do Rio insistia em provar que a vida continuava.

A chuva apertou. Saí do mar. Quando cheguei à calçada, o céu trovejou. Um raio clareou a noite. Tudo em volta parecia querer gritar algo.

A enorme vontade de ser pai. O bebê que chegou tarde, por falta de mãe. Agora talvez estivesse chegando outro neném. O desejo de ser pai pulsou forte novamente dentro de mim.

Os passos se apressaram, agora mais firmes. Sem hesitar, dirigi-me cada vez mais rápido para casa. A imagem dela grávida ficou mais impregnante do que qualquer traição. Não iria abandonar essa nova chance. Não por falta de pai. Não deixaria que tirasse o bebê. Precisava encontrá-la urgentemente, antes que ela pudesse fazer outra besteira. Corria para Lola para dizer-lhe que já tinha resolvido ser o pai.

Só faria uma exigência. Não queria dividir a paternidade com ninguém.

CAPÍTULO 5

PAI DE ALUGUEL

*Se não falas, vou encher o meu coração
Com o teu silêncio, e aguentá-lo.
Ficarei quieto, esperando como a noite
Em sua vigília estrelada.*
Rabindranath Tagore

Confirmado. Fui sozinho ao laboratório pegar o resultado do exame de urina. Lola estava realmente grávida! Fiquei na maior felicidade, mesmo sem saber qual seria meu lugar nessa paternidade.

Disse a ela que só assumiria o filho se ela se afastasse totalmente do pai biológico, inclusive sem lhe dar a notícia. Ela topou. Tudo o que pedi foi que evitássemos agressões desnecessárias. E que não fumasse perto dela.

Estava desempregado. Vivia de bicos, pintando apartamentos. Para a sogra, eu era psicólogo, mas ela estranhava que eu não tivesse consultório nem desse aulas. Claro que notava minhas mãos grossas. Certamente achava minha história meio esquisita. Ainda podia desconfiar de que o filho não fosse meu. Quando Lola foi dar a notícia à mãe, preferi não ir.

Decidi investir numa nova profissão, o que me fez muito bem. Comecei um curso de *shiatsu* com o conhecido professor Sohaco, em Copacabana. Meses depois, fiz o de massagem ocidental, à base de óleos.

Pela primeira vez, Lola me proibiu de entrar no quarto. Botou meu travesseiro e lençol no corredor. Eu a estava achando completamente desligada de mim. Era como se existissem apenas ela e o bebê. Estava me dando esse filho, mas que preço teria de pagar por esse presente que também era dela? Chegava a ser mais cruel do que poderia imaginar.

Eu precisava contar para minha família, mas não sentia muita vontade, nem mesmo para Van ou Suzana, a prima querida. Achava que todos iriam se assustar mais do que curtir. Não queria preocupar ninguém, precisava de um tempo.

Lola ficou poderosa com a gravidez e sabia disso. Iria me estraçalhar se não cedesse sempre. Será que eu conseguiria passar nesse teste? Fez-me

prometer nunca revelar que o filho não era meu, com exceção dos amigos e da família.

Por qualquer briguinha, ameaçava sair de casa. Dizia que preferia ficar sozinha. Sexo, nem pensar. No máximo, abraçadinhos na cama. Fiquei brocha. A indiferença de Lola me desestabilizou. Continuei meio angustiado, sem fome e sem sono. Lembrei-me dos meus 15 anos, quando entrou ladrão na casa de tia Estela. O mesmo medo de estar sozinho de noite.

Lola estava muito preocupada em se cuidar para o filho. Só comia arroz integral, muitos legumes e frutas, tomava as vitaminas e o cálcio que o médico mandou. Eu perdi três quilos. Esperava que acordasse para o fato de que o garoto tinha um pai. Pelo menos de aluguel.

Um dia, Leila, minha irmã, ligou. Acabei chorando e desabafando. Aceitei seu oferecimento para contar a meus pais e minhas irmãs. Como previa, ninguém ficou entusiasmado, mas mamãe ofereceu apoio.

Comprei o primeiro presente para o neném, um porta-bebê, sem me lembrar de que eu já sofria da coluna. Para a mãe, um disco do Caetano, *Totalmente demais*.

Lola vivia enjoada. Não aguentava cheiro algum, nem me beijar. Eu não conseguia parar de fumar. Comprei um maço de Califórnia, um cigarro forte e barato, que fumava longe dela. Vez por outra, tomava um tranquilizante para dormir.

Até que um dia ela me chamou de papai e à noite de paizão. Disse que gostaria que eu conhecesse o pai biológico. Que era uma pessoa suave e tímida, cursava Biologia e que tinha uma noiva, por isso ela não podia ficar com ele.

Na história da noite que era só dela e do rapaz, eu não existia. Não podia exercer qualquer controle sobre suas lembranças e suas saudades. Ela tinha razão, podia fazer de mim o que quisesse.

Com quatro meses de gravidez ela foi fazer uma ultrassonografia. Achávamos que era uma menina, mas, quando o médico disse que não, apaixonamo-nos de imediato pela novidade. Escolhi o nome. Yuri. Lola gostou.

Eu adorava sair na rua ao lado daquela barriga grande. De repente, passei a ser visto como um homem fértil. Minha sogra passou a me olhar com mais respeito. Fiquei mais seguro, orgulhoso e responsável pelo moleque. Eu e Lola nos tornamos cúmplices. Ia sempre com ela fazer os exames pré-natais, como qualquer homem moderno. Aos poucos, a sociedade ia exigindo que o pai ficasse grávido também. Não literalmente, como viria a acontecer com os trans-homens.

Herdamos quase todo o enxoval dos amigos e dos parentes. De móveis, comprei uma cadeira alta para ele comer e um banquinho que só poderia usar mais tarde. Também compramos a banheirinha. O berço foi emprestado. O armário veio de um brechó e foi decorado com um fundo de mar, os peixes pintados por cada amigo que chegava lá em casa.

Nossa relação tinha melhorado. Conversávamos com frequência sobre nossas expectativas de como ele seria.

Às vezes me abraçava amorosa e acreditava que eu seria um bom pai. Aprendemos a fazer amor em outras posições. Eu gostava de encostar a

cabeça na barriga dela para ouvir os barulhos e sentir os pontapés, tendo umas conversinhas com ele. Ela adorava quando eu passava óleo de amêndoas na barrigona.

Com oito meses, ainda íamos à praia de moto, tomando cuidado para que ela não levasse qualquer tombo.

Quanto mais pesada ficava, mais precisava de mim. Quase não brigávamos mais.

Eu achava que meu filho ia querer conhecer o pai biológico quando soubesse a verdade. Teria essa curiosidade, se fosse ele. Poderia ajudá-lo nessa procura. Pensei que algum dia eu ainda seria grato a esse cara.

Meu coração estava cheio de esperança de que pudesse entendê-lo. Tinha receio de nossa cultura estúpida, prepotente e machista. Com certeza eu me empenharia para que transcendesse essa limitação. Não importava se não fui eu quem o tinha gerado. Seria eu quem o ajudaria a se tornar um homem de verdade.

CAPÍTULO 6

O FUTURO NO COLO

*Embaló-me neste desejo de ser pai,
A barriga grande, roliça, teimando em tombar para mim,
decidida por mim, embora feita por outro.
Serei fértil em todo o restante.
(Do poema “Vir a Ser”, do autor).*

Era madrugada quando descia de moto a Rua Voluntários da Pátria, na zona sul do Rio. Voltava de uma festa na casa de uma famosa coreógrafa, Regina Miranda, aonde cheguei com um amigo do grupo de reflexão do Herbert Daniel. O marido dela, Eduardo Mascarenhas, era um psicanalista badalado a quem acabei contando a minha história, talvez para testar sua abertura. Ele ficou visivelmente impactado.

Olhei o céu, todo estrelado. “Estou vendo o passado”, pensei. “Talvez muitas dessas estrelas já nem existam mais.” A lua estava minguante. Mal sabia que, horas depois, estaria com meu futuro no colo.

Cheguei às três horas da madrugada na casa de meus pais, que estavam passando o fim de semana no sítio, em Teresópolis. Quando eu precisava ir ao Rio à noite, preferia dormir na casa deles, por isso tinha a chave. Quando cheguei ao quarto, encontrei Lola, agoniada. A bolsa d’água tinha estourado. A seu pedido, Leila foi buscá-la em nossa casa, em Niterói. Com a mala pronta, Lola me esperava para ir direto para a maternidade.

Foram 16 longas horas esperando que a dilatação aumentasse. Lola queria de todo jeito fazer parto normal. A maternidade era pública, recomendada pela Dra. Elizabeth, nossa amiga médica. Estimulava o parto natural e apresentava excelente nível técnico.

A tensão aumentou. Não sabia o que estava acontecendo lá dentro. Era uma sala onde várias parturientes compartilhavam a espera do mesmo momento. Ouvia de fora os gemidos, enquanto dormitava no banco de madeira do corredor.

Finalmente me chamaram para assistir ao parto. Decidiram por cesárea, porque a criança poderia entrar em sofrimento. Lavei meticulosamente as

mãos, vesti um avental, um gorro que me deram e cobri os sapatos. Lembrome do centro cirúrgico, aquela roda de gente em volta de Lola, panos cobrindo tudo, ela anestesiada, meio grogue. Um dos médicos o puxou. Ele apareceu. Lola riu enquanto ainda estava dentro dela e chorou depois que ele saiu. Não houve palmada. Olhei aquela coisinha ensanguentada de cabeça para baixo, sem chorar. Não vi cortar e suturar.

O médico apertou seus testículos, no primeiro exame. Fui o segundo a pegá-lo no colo. Levei-o para lhe fazerem a aspiração das secreções. Conferi meu filho todinho para me certificar de que estava tudo normal. Comecei contando os dedos. Estranhei as unhas dos dedões do pé em formato triangular e a entrada dos ouvidos, que pareciam ter duas verruguinhas.

Levei-o para Lola, que não conseguiu pegá-lo. Chorou e apagou.

Veio ao mundo numa sexta-feira, às 15h05min, com 50 centímetros. Carioca da Praça XV, signo de Gêmeos, regido pelo ar, como o pai aquariano. Difícil descrever a emoção. Estava exausto. Não tinha dormido. Levaram meu filho lá para dentro, e não o vi mais nesse dia. Só iria para o peito no dia seguinte. Fui para casa dormir.

Lola ficou quatro dias no hospital, e ia eu visitá-los todos os dias no horário permitido.

Van, minha mana caçula, apareceu na maternidade. Tirou as primeiras fotos. Foi a única visita lá de casa. Levei para Lola uma faixa para amarrar na barriga, na hora de se levantar. Pela minha experiência depois da histerectomia, sabia que dava muito conforto após uma cirurgia abdominal. Sentiu-se tão aliviada que não a tirou mais, só para os curativos.

Ele nasceu cabeludo, de cor castanho médio. Ficava vermelho à toa e teve muito soluço. No primeiro dia, troquei uma fralda sozinho. Mamava muito, e Lola ficou com os bicos dos seios doloridos. Lavei suas primeiras fraldas.

Os olhos eram separados e ligeiramente puxados como os da mãe. As orelhas e o queixo eram redondos, a “madrugada” larga. Madrugada é como papai sempre chamou esse intervalo entre o nariz e a boca, deve ser um termo nordestino antigo.

Nos primeiros dias, não arrotava fácil e soltava muitos gases. Dormia de lado porque estava com uma pinça plástica no umbigo para que secasse e caísse. Só então ele poderia tomar banho, o que aconteceu uma semana depois. Guardei aquela tripinha seca numa caixa com seu nome.

Em casa, começou o festival de fraldas, de risos, de tomar sol na calçada. Nossa rua era muito tranquila, e quase não passava carro. Eu sentava no meio-fio, botava-o nuzinho no colo para pegar o sol da manhã. Aonde chegasse com ele, fazíamos sucesso. Muito risonho, conquistava a todos. A moça do caixa na padaria da esquina se tornou sua fã. Tornou-se o meu cartão de apresentação!

Tudo foi contaminado por aquele serzinho tão cheio de vigor e alegria, energizando-me até os ossos. Mais que pai dele, Yuri me transformou em pai da humanidade. Fiquei tolerante até com os moleques mais endiabrados. Sem grandes quedas ou doenças sérias, tirando uma bunda assada aqui ou um dedo cortado ali, foi desabrochando sob o olhar maravilhado de todos. Sem pirraças, nem enjoos, a não ser dentro de automóveis.

Meu filho tornou-se um ser tão belo que parecia um Jesusinho na terra.
E eu, literalmente o José, o pai que o criava, mas que não o tinha feito.

CAPÍTULO 7

CRIANDO UM MENINO ESPECIAL

*O que eu adoro em ti,
Não é a tua inteligência,
Não é o teu espírito sutil,
Tão ágil, tão luminoso...
O que eu adoro em ti, é a vida!*
Manuel Bandeira

Eu continuava a trabalhar “de bico”, pintando apartamentos, fazendo massagens e, mais tarde, vendendo brincos de prata, criações de uma amiga. Às vezes era convidado para escrever algum artigo, como o da revista *Terceira Margem*, em que os psicanalistas Eduardo Prado e Emê Ribeiro me propuseram o tema “Anatomia não é Destino”. Foi muito gratificante.

Quando o leite de Lola secou, e ela precisou voltar a trabalhar, assumi com prazer o papel principal no cuidado do Yuri. Se eu tinha algum cliente de *shiatsu* em casa, minha sogra vinha ficar com ele. Acabei ganhando a reputação de paizão.

Naquela época, fralda descartável era algo muito caro, só se usava quando a criança saía. Eram de pano mesmo, dezenas delas. Além das fraldas, tinha de lavar a bunda dele, lógico, o que eu preferia fazer no tanque, sem a paranoia de desinfetar tudo. Em pouco tempo, aboli os cuidados excessivos, se a chupeta caía no chão, simplesmente passava uma água e pronto.

Depois que acabaram as cólicas dos primeiros tempos, em que minhas massagens pareciam ter surtido efeito, Yuri passou a comer e dormir bem. Lola caprichava nas sopinhas, e eu dava as mamadeiras. Calorentos, nós dois, logo que ele cresceu mais um pouco, passamos a tomar banho de mangueira no quintal, na maior farra. Mas só pude manter o hábito até os seus dois anos, porque deixei de me despir e fazer xixi na frente dele.

É claro que ele iria notar a diferença dos outros pais. Mas eu achava que não poderia contar a ele tão cedo, por ser também uma questão de legalidade.

Yuri tinha uns quatro anos quando um dia ele aparece com meu pênis artificial na mão, encontrado numa gaveta do armário:

— Pai, não consigo tirar o meu. Como você faz?

O deslumbramento dele foi semelhante ao me ver tirar a prótese dentária para limpar, o que parecia uma mágica.

— Pai, e essas cicatrizes no peito, o que aconteceu?

Inventei um acidente, visivelmente constrangido. Aos poucos, ele percebeu que não era para perguntar o motivo das minhas “diferenças”. Só quando ele tinha 13 anos, alguns mistérios seriam esclarecidos.

Meu filho seria realmente especial, decidi. Não queria criá-lo com consumismo, desperdício ou chantagem. Que ele aprendesse a comer de tudo, dormir sem grandes rituais, não ter medo do escuro, enfim, de perder o medo de ter medo e, mais tarde, de perder o medo de perder. Mas de uma coisa eu não abria mão: colocá-lo na cama para dormir. Ajeitava o lençol, fazia um cafuné, às vezes deitava junto dele e o cobria de beijos. Também gostava de lhe contar histórias de bichos, inventadas na hora, como papai fazia com a gente. O cafuné logo lhe dava sono, mas as histórias o despertavam.

— Onde mora o tubarão?

— No rio – ele respondeu.

— Não, no mar. O rio tem água doce, o mar tem água salgada.

— Ele bebe água salgada? Ele gosta?

Se acordava no meio da noite, em geral era eu que levantava. E também de manhã cedo, enquanto a mãe dormia mais um pouco. Lola era uma mãe carinhosa. Ele adorava quando ela limpava os ouvidos dele e ria das “cosquinhas”.

Quando começou a comer carne, só lhe dávamos de rã. Ele nunca tinha provado carne vermelha. Até o dia em que fomos visitar minha irmã caçula, a Van. Ela achou a maior frescura e tascou um boi ralado na sopa do garoto. A partir de então, o cocô dele passou a ser fedorento.

Um dia apareceu uma barata na sala enquanto víamos televisão. Lola deu um grito, e eu a alertei:

— Não assuste o menino! Não será bom para você nem para ele ter medo.

Lola nunca mais gritou. Em pouco tempo, Yuri já tinha aprendido comigo a pegar o chinelo e matar as baratas que apareciam, numa grande farra.

Eu já não podia carregá-lo no colo, por causa da coluna. Mas adorava sair com ele de mãos dadas. Acabou se tornando um ótimo andarilho.

Achava muito engraçado quando eu ou Lola brincávamos de miar ou latir para ele. Depois de grandes gargalhadas, tinha soluço. Ainda bem pequeno, demonstrava ciúme de quando nos beijávamos, colocava a mãozinha entre nós. E fazia aquelas besteiras todas de criança, brincar com a água da privada, sair com o rolo de papel higiênico pelo corredor, chupar os botões do aparelho de som, bater na cortina de bambu da sala para ver o som que fazia até ela lhe despencar em cima... Enfim, descobrindo o mundo à sua volta.

O primeiro aniversário foi comemorado no *playground* do prédio. Lola lhe fez uma fantasia de super-herói, com uma capa esvoaçante. Mamãe trouxe o teatrinho de fantoches que ela apresentava quando era professora e representou com minhas irmãs o Chapeuzinho Vermelho e Os Três Porquinhos.

Com dois anos foi para a escola. Durante uma semana a mãe ficou o tempo todo com ele. Depois foi a minha vez, ficava cerca de duas horas e ia embora quando a tia achava que estava bem. Mas foi com Davi, um amigo trans como eu, que estava hospedado lá em casa, que ele realmente deixou de reclamar por ficar sozinho na escola. Essa foi uma das poucas amizades com um trans que mantive ao longo dos anos, pois Davi me ajudou muito, apesar de ser mais jovem que eu. Tinha cursado Medicina e pretendia fazer outra faculdade, com a identidade masculina. Acabaria se formando em Administração.

Minha preocupação em não tornar Yuri machista me fez ensiná-lo a não bater em ninguém. Isso acabou lhe criando problemas na escola, mas de alguma forma ele aprendeu a se defender. Também gostamos quando uma amiga lhe deu de presente um bebê de borracha. Dava banho e o ninava como um paizinho carinhoso. Felizmente o boneco não era nenhum guerreiro tipo Falcon, era simplesmente um menino.

Quis criar meu filho como um homem gentil, sincero, sensível, que não tivesse vergonha de chorar. Enfim, decidi adotar todos os melhores valores que na nossa cultura são considerados femininos, sem fazer dele um ser necessariamente efeminado, fortalecendo sentimentos que dificilmente são enaltecidos nos homens. Mesmo sendo um trans-homem, fazia questão de preservar essas características, atitude esta rara em muitas pessoas do meu gênero.

Surpreendeu a pediatra quando o levamos a uma visita de rotina, mais ou menos por essa época: era o primeiro paciente que nunca havia tomado antibiótico!

Nas nossas brincadeiras, eu adorava fazer cara de macaco, catar caranguejos em seu covão para lhe provocar cócegas, matar bichos imaginários e nos escondermos debaixo do lençol. Adorou quando foi ao Zoológico e conheceu os hipopótamos – ele viu o casal “se beijando”. Foi quando aprendeu a dizer cavalo em vez de “vagalo”.

— Papai, bigado. Eu te amo você – ouvi encantado, ao lhe cobrir numa noite fria com o cobertor.

— Pai, compra outra tevê e não avisa o ladrão – me pediu, depois de dois assaltos em casa, agora um imóvel maior, presente de meus pais.

— Ela tá falando errado, não tá, pai? – perguntou-me, sobre a moça falando inglês na televisão.

Cheirando a rosa perfumada que eu dei a Lola, perguntou:

— Ela tomou banho?

Yuri aprendeu a nadar e a subir no pé de manga do quintal. Eu e Lola gostávamos de inverter os papéis e brincar como se ele fosse o adulto. Depois de algum tempo com nós dois sendo bebês, ele pedia:

— Ri para mim.

Ressabiado, queria ter certeza de que não estávamos zangados com ele.

Aceitando a sugestão de um amigo, topei fazer nosso mapa astral. Embora avesso às forças ocultas, surpreendi-me com os resultados. Sem saber nada da minha história, a astróloga acertou em cheio nas características dos meus pais.

E me arrepiou quando acrescentou que eu tinha um lado feminino forte.

Do meu filho, previu que seria admirado no trabalho e que gostaria de viver em comunidade. Seria ambicioso, no melhor sentido, e poeta. Sobre Lola, deveria ter cuidado para não ser invasora, e eu, para não ser ausente. Nisso parece que o destino se cumpriu. Mas avisou sobre o livre-arbítrio com que cada um faria as próprias opções na vida.

Uma das brincadeiras de que eu mais gostava era dar cambalhotas com ele como as do palhaço Carequinha. Quando eu tinha nove anos, ganhei o concurso de quem dava a melhor cambalhota no programa dele na televisão. Sabia abanar o chapéu e fazer a pirueta sem encostar a cabeça no chão. Depois colocava o chapéu na cabeça, batia palmas, virava os braços para dentro, cruzava também as pernas e abaixava a cabeça, como o toque final exigia. Apesar de vencer vários garotos na disputa final, a dupla Carequinha e Fred resolveu dar o prêmio a um menino cadeirante que estava na plateia. Não recebi sequer um prêmio de consolação.

Eu fazia com ele muitas outras brincadeiras de quando eu era criança, como amarrar um pano nos olhos e brincar de esconder, ou ter de descobrir o que o outro tinha nas mãos. Também passávamos um bom tempo com os jogos de armar, montando robôs e casas. Nunca lhe comprei uma arma.

Mas o que eu temia acabou acontecendo. Lola se desinteressou do nosso casamento. Dizia que eu era um ótimo pai, mas que deixava a desejar como amante. Por outro lado, ela se sentia um pouco rejeitada pela minha família e temia que o mesmo acontecesse com o Yuri. Eu também não estava satisfeito. Não queria perder meu filho, mas reconheci que a separação era o melhor caminho.

Lola fez a mala, pegou o Yuri pela mão e disse:

— Dá até logo para o seu pai. Depois venho buscar o resto das coisas.

Fiquei impotente, na varanda, vendo através das lágrimas os dois descendo a ladeira.

Ela saía com uma certeza: eu não poderia brigar pela guarda do nosso filho.

CAPÍTULO 8

TODOS OS SENTIDOS

*Aperto tua carne. Fotografia.
Beijos excitantes vão cruzando fronteiras.
A posse nos possui.
Somos excessivos, somos exceção.
Desconhecemos balanças.
(Do poema “Fronteiras”, do autor).*

Tudo passou a ser meio vazio. Quase sufoquei com a falta do Yuri. Chorava e ligava a secretária eletrônica para ouvir sua vozinha na mensagem gravada. Sonhava em poder voltar a morar com ele, deliciando-nos de pertinho, esbarrando-nos de compreensão e desejando o melhor um para o outro.

A princípio, dormia comigo duas vezes na semana, além das tardes em que o buscava na escola, sentado em cima do tanque da moto. Tomávamos banho de piscina, brincávamos de quebra-cabeça ou montávamos alguma coisa com os pedaços de lego perdidos pelos cantos.

Um mês depois, mudou de escola, e a mãe decretou:

— Só vai vê-lo em fins de semana alternados.

Eu e ele perdemos a fome. Um dia ele me perguntou:

— Pai, se a gente não comer, vai descrecer?

Continuava sendo o meu melhor cartão de visita. Foi assim que conheci Gina, na pracinha do bairro.

Era viúva há cinco anos e há dois tinha perdido o filho mais velho. Ele e o irmão iam de carro para a casa de uma tia em Macaé quando bateram de frente num caminhão. O caçula de nove anos sobreviveu, depois de um mês no CTI. Como sequela, um leve retardo mental. Mais tarde, Gina me comentou que a tragédia tinha lhe tornado uma pessoa mais alerta ao presente, menos apegada ao material e mais agradecida à vida.

Sentados no banco da praça, eu e ela olhávamos, calados, nossos filhos brincando juntos. Começamos a nos encontrar fora da pracinha. Era uma mulher corajosa e mais preparada para as situações insólitas do que eu imaginava. Só deixei para lhe contar sobre mim na última hora, quando já

estava nua, pronta para o amor, deitada na minha cama.

Fui sucinto. Olhou-me nos olhos, passou os dedos pelo meu cabelo e sussurrou:

— Tudo bem. Será uma experiência nova para mim. Vamos em frente. Gosto de você.

O que eu não imaginava é que ela tinha entendido tudo ao contrário. Aquele pai amoroso, figura masculina inquestionável, só poderia ser um homem que se operou para virar mulher, mas tinha se arrependido... Assim ficou por alguns dias até conseguirmos esclarecer a confusão. No fundo, não sei se mudou alguma coisa.

Era, sem dúvida, uma mulher experiente na cama. Tinha tido muitos casos com homens de idades diferentes. Contou-me, rindo, que um deles gostava de fazer amor na banheira, vendo um filme de sacanagem editado por ele. Para incrementar, usava na mão um pênis artificial. Tanta novidade a fez ter orgasmos múltiplos, confessou. Sentia-me aliviado com tanta abertura, mas, ao mesmo tempo, amedrontado em talvez não corresponder às suas expectativas. Não sabia se seria capaz de lhe proporcionar tanto prazer assim.

Queria sexo nas horas e nos lugares mais inesperados. Solicitava-me nu com ou sem pau, de todas as formas. Subia com a língua pelas minhas costas, me cheirava a nuca e acabava chupando o meu pau minúsculo, que crescia em sua boca. Fazia-me gozar, num preâmbulo da noite que mal começava.

Gina me fez conhecer as delícias da passividade. Podia, enfim, sentir uma mulher em cima de mim, me provando, me provocando, me tornando o sultão de todos os sentidos. Tornou-se desimportante o “coito perceptivo”, a certeza de que minha parceira me percebia como um homem para que eu chegasse ao orgasmo. Aprendi a não me torturar com minha possível imagem.

É dentro da minha cóclea que você diz todo lábios, língua, saliva: minha e meu, bico e belisco, gosto forte viscoso. Suas pernas se postam entre as minhas e as afastam, e você já está de novo dentro, mucosa contra mucosa, e continua a me dizer que eu fique quieta, não olhe, é noite dentro de mim e há um vigor que me penetra bem ao meio. Me arranca de um sono sem sonhos para sonhar em vigília porque não há lógica que guie este falo, e não existe barragem que estie esta vulva.

Sua voz grave e pausada destacava cada palavra do conto de Josimey Costa, que me leu na cama, “A pele em cinco atos”. Aprendi com Gina a me sentir desejado, estimulado, fosse de que forma fosse. Não importava o tamanho do meu pênis, ela nunca duvidou da minha virilidade.

Mesmo apaixonado, percebi que não queria morar com ela. Ela era uma ótima companhia, saíamos para dançar, suando toda a cerveja que bebíamos. Sua alegria me trouxe de novo à vida. Com Yuri, Gina conversava como se

tivessem a mesma idade. Talvez pela experiência com o próprio filho, uma criança risonha que adorava música.

Mas, às vezes, era inconveniente. Quando bebia, nem sempre mantinha o bom-senso. Eu também ficava inseguro com as repentinas mudanças de estado de humor. Com o tempo, demonstrou um ciúme doentio. Foi a gota d'água depois de quatro anos.

CAPÍTULO 9

DIFÍCIL SER MACHO

*Mude,
mas comece devagar,
porque a direção é mais importante
que a velocidade.*
Clarice Lispector

Yuri aprendeu a andar de bicicleta, a nadar em linha reta e a assobiar. Conheceu o metrô e estranhou que as paredes não fossem de terra. Aos cinco anos, sentiu a angústia da morte: perguntou-me se iria ficar velho porque não queria ir para o cemitério.

Naquele tempo não havia tantas normas de segurança para andar de moto. Foi um tremendo susto quando atravessei com ele a ponte Rio-Niterói. Sentado sobre o tanque, o vento forte empurrava o capacete dele para trás e quase o estrangulava com a correia no pescoço. Parei a moto e o coloquei na garupa, improvisando um cinto de segurança e dizendo para ele me abraçar bem forte. Na altura do vão central, senti seus bracinhos se afrouxarem. Tinha adormecido. Tentei acordá-lo, envolvendo-o com meu braço esquerdo, mas não houve jeito. Dormia profundamente. Vim bem devagarzinho, pelo canto, até o fim da ponte. Nesse dia, fiz Yuri decorar os números de telefone da minha casa e os da mãe.

No Natal, comprei para ele uma luneta para ver o céu, um pôster com as constelações e uns óculos de natação. Ele achou estranho ganhar os presentes de Papai Noel sem nem ter escrito uma carta. Como o velhinho sabia o endereço de todo mundo? Não resisti à dúvida naquele rostinho e fiz como papai, que nunca nos confirmou a existência de Papai Noel.

Aos seis anos, aprendeu a ler e escrever.

— Pai, o que é terremoto, maremoto e vulcão?

— Quando eu morrer os vermes vão me comer?

Tinha visto as pirâmides do Egito na televisão e me disse que lá enterravam os reis. Acabei fazendo uma assinatura da revista *Ciência Hoje para Crianças*, e liamos juntos vários artigos.

O difícil foi quando me confessou que ficava vendo revistinha na biblioteca, durante o recreio, porque não gostava de futebol:

— Pai, menino que não gosta de futebol é veadado?

Falei que homem não tem de gostar de futebol, nem mulher gostar de boneca. Que ser corajoso é poder demonstrar afeto e dizer o que pensa. Falei do preconceito das pessoas em relação a quem tem opção sexual diferente. Mostrei a foto de uma amiga que tinha sido homem. Ele olhou o retrato e a achou bonita. Pensei que era cedo para que ele compreendesse a minha história. Queria que estivesse pronto e, quem sabe, pudesse se orgulhar dela.

Como num passe de mágica, Yuri veio morar comigo por uns tempos! Lola arranhou um namorado que a levou para viajar no Caribe. Meu filho continuava a me surpreender todos os dias. Começou a aprender computação e a saltar de cabeça da borda da piscina. Mais tarde, ensinei-lhe o salto mortal. Pediu à mãe, antes de viajar, para furar a orelha. Ela achou que ele era muito pequeno e poderia se arrepender mais tarde. Ainda eram poucos os meninos que usavam brinco.

Fui buscar Marina, sua namorada. Era filha de uma amiga nossa e estava há três anos morando com o pai, em Campinas, que tinha se separado da mãe. Durante os dois dias que passou em nossa casa, Yuri era só alegria. Riam, brincavam, e, a qualquer pretexto, ela ameaçava romper a amizade. Rapidinho, ele cedia.

Confessou-me que se beijaram na boca duas vezes durante a noite. No último dia, pediu-me para tomarem banho juntos, já que ela tinha concordado. Do lado de fora da porta, ouvi quando ele disse para ela que achava o seu peru pequeno. Ela respondeu:

— Peru de homem de oito anos é desse tamanho mesmo!

CAPÍTULO 10

A MOSCA E A LAGARTIXA AZUIS

*Era uma mosca azul, asas de ouro e granada,
Filha da China ou do Indostão,
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada,
Em certa noite de verão.
Então ela, voando, e revoando, disse:
“Eu sou a vida, eu sou a flor
Das graças, o padrão da eterna meninice,
E mais a glória, e mais o amor.
Machado de Assis*

— Conhece a “Mosca Azul”, de Machado de Assis?

Não, nem sabia que Machado tinha escrito poesia. Começo, então, a ouvir, surpreso, aquela vozinha tímida, engasgando às vezes, de quem tira o poema do fundo da memória. Foi assim que conheci Sandra. A surpresa do poema me fez reparar naquele rostinho suave e sem maquiagem. Silhueta delgada, segurava delicadamente com as mãos finas e brancas a taça de vinho.

Exatamente o oposto da nossa amiga em comum, Nanda, que me convidou para ler uns poemas enquanto ela e Sandra faziam mosaicos em sua casa em Santa Teresa. Nanda era pintora, escultora, poeta. Baiana, era extrovertida e apimentada, como os quitutes que fazia para receber os amigos. Nesse dia cheguei com a mochila cheia de Drummond, Pessoa, Bandeira, Neruda, Florbela Espanca...

“*Teus ombros suportam o mundo e ele não pesa mais que a mão de uma criança*”... Sem vontade de voltar para casa, acabamos dormindo juntos, eu e Nanda. Mulher vivida, separada, com dois filhos, já conhecia minha história, e isso foi meio caminho andado. Ambos carentes, sabíamos que não existia paixão entre nós. De manhã encontrei Sandra adormecida na sala, o lençol descobrindo suas lindas pernas.

O domingo foi temperado com bobó de camarão e mais poesia. À tardinha, aula de dança para as duas. Estávamos em abril, e o aniversário de Nanda seria dali a três semanas. Eu estava convidadíssimo, mas Sandra me

ligou dois dias antes, a pedido de Nanda, para me lembrar da festa. Claro que eu iria.

Da rua já se ouvia a música, o som animado. Quando entrei, Nanda estava meio alta e me tascou um beijo na boca. Foi me puxando para dentro da sala para dançarmos o bolero que rolava. Vi Sandra sentada sozinha no sofá. Havia torcido o tornozelo e ainda sentia dores. Aproveitei para oferecer uma massagem. Fomos para o quarto e se deitou. Apliquei-lhe um *shiatsu* suave, somente na zona afetada. Fui superprofissional. Voltamos para a sala conversando. Consegui saber que morava em Niterói e que tinha acabado um namoro com um cara que conhecera no bloco “Simpatia é quase amor”.

Dois dias depois, toca o telefone:

— João, aqui é Sandra, amiga da Nanda.

— Oi!!!

— Tô ligando porque me esqueci de dar meu telefone, no dia da festa...

— Não quis a minha carona, preferiu ficar na Nanda...

— Pois é, tínhamos uns mosaicos para terminar.

— Está de bobeira esta noite? Posso ir aí?

— Meu apartamento está em obras, tudo revirado.

— Se andar de moto, pego você em uma hora.

— Combinado!

Sandra veio na garupa da minha nova moto, uma XLX-250, da qual eu sentia o maior orgulho. Era a mais possante que já tivera. Vinha olhando fixamente a minha nuca, a primeira parte do meu corpo que começou a lhe interessar, como me confessou mais tarde. Sentamos na varanda de casa. Enquanto tomávamos algumas cervejas, íamos nos revezando na leitura de poemas. Depois de umas três horas, tirou da bolsa um papel e me entregou. Era uma cópia da “Mosca Azul”.

Coloquei um som romântico e a convidei para dançar. Estávamos um pouco altos com a bebida, quando deitou a cabecinha no meu ombro. Fiquei ainda em dúvida, sem ousar avançar o sinal. Eis que sinto pousar um beijinho suave no meu pescoço. E os beijinhos não pararam mais. Anoteceu, e ela foi ficando, ficando. Já faz 15 anos.

Aí nasceu a “Lagartixa Azul”:

Certa noite de outono,
Voava e revoava solta pelo quarto, quando depois de quinze anos,
Engolida de um sorvo, como a mentira que nos adula,
A lagartixa devorou a nossa mosca azul.
Ao invés de presa, rota, morta e digerida,
O inseto agora reinava,
Aquém do pouco rabo de seu ilusório algoz.

Só a noite aparecia,

Iluminando o silêncio das coisas sem nome.
Tudo em volta, contaminação.
Como numa visão fantástica e sutil.

E como um rei me espreguicei sorrindo,
Da sua graça fina e perguntei:
“Esse refulgir, que mais parece um sonho,
Dize, quem foi que te ensinou?”

E ela, com todo seu resplendor, disse:
“Eu sou a vida, eu sou a flor,
Eu sou o seu grande amor”.

Naquela noite, Sandra só se esqueceu de me dar seu telefone.

CAPÍTULO 11

PACIÊNCIA

*Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
A vida não para...
Enquanto o tempo
Acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara...
Lenine*

Yuri tinha oito anos quando Sandra veio morar comigo.

Continuava risonho e na escola era um aluno medíocre, como eu tinha sido. A maior diferença entre nós dois era o ritmo. Eu, muito ansioso. Ele, descansado demais. Era o último a sair da sala, a entregar a prova com questões não respondidas, por falta de tempo. Assim era para comer, tomar banho e se arrumar.

— Meu filho, você tem de engolir o relógio...

Parecia mais filho de Sandra do que meu. Ela também era uma pessoa lenta e detalhista. Trabalhava numa biblioteca, restaurando e catalogando livros. Dedicada ao trabalho, optou aos 36 anos por não ter filhos. Uma mulher madura, sem crises de ciúme e com espaço próprio.

Yuri percebia que não era igual aos outros. Não gostava de futebol nem mijava comigo. Sabia que podia chorar e manifestar suas emoções. Não era alto nem sabia bater. Ensinei que o importante é o diálogo, melhor que a porrada. Sua vantagem era que as meninas o adoravam, era o preferido para conversar porque elas se sentiam compreendidas.

— Seja gentil e cavalheiro com as mulheres, filho, elas adoram.

Depois de dois meses praticamente morando juntos, perguntei à Sandra:

— Não é melhor se mudar de vez para cá, em vez de ter de ir todo dia em casa antes do trabalho?

Adorou a sugestão. Brincávamos dizendo que agora, depois de “casados”, é que estávamos namorando.

Sandra ficou encantada com a chance de ser um pouco mãe. Era carinhosa e lhe dava muitos presentes. Yuri adorava sua calma e a admirava por ensinar-lhe inglês.

Nessa época, o primo Ciro, instrutor de paraquedismo, convidou-o a saltar. Foram de carro até Resende. Foi um salto duplo, filmado e fotografado. Ele me contou depois que, quando olhou para baixo, viu a morte. Mas que logo depois a esqueceu. Chegou cheio de coragem e confiante. Só daria o segundo salto cinco anos depois.

Passado algum tempo, Sandra precisava ir a um congresso em Ouro Preto, Minas Gerais, e decidimos ir juntos, nós três. Seria nossa primeira viagem. Logo no segundo dia, depois de Congonhas do Campo, assistimos a um acidente na estrada bem à nossa frente. Uma caminhonete capotou numa curva por causa da chuva forte. Eu e Sandra conseguimos socorrer o casal de idosos, tirando-os do carro pelo vidro traseiro. Pelo celular, o senhor pediu ajuda. Yuri ficou muito assustado, disse que parecia um pesadelo.

Mas logo foi envolvido pelo encantamento da paisagem, o ferro nas montanhas e por tantas novidades. Subindo e descendo as ladeiras históricas, visitamos as igrejas decoradas com ouro, a senzala da casa dos Contos, ouvimos um recital barroco em que um menino da idade dele tocava violino.

Enquanto Sandra estava no congresso, aproveitamos para visitar a mina da Passagem de Mariana, onde se desce 120 metros num trenzinho. Yuri se sentiu o próprio explorador, catando pedras que dizia serem de ouro. Na saída, o guia garimpou um pouco de areia numa bateia e colocou na palma de sua mão dois grãos de ouro. A reação que teve me fez lembrar de mim mesmo, quando apertei a mão de Yuri Gagárin, o primeiro homem a ir ao espaço, na visita que fez ao Brasil, logo depois de sua proeza, em 1961: disse que nunca mais lavaria as mãos... Na minha aventura, eu tinha conseguido me aproximar dele durante uma homenagem no Sindicato dos Metalúrgicos, no Rio de Janeiro, e lhe disse “por favor” em russo, que aprendera com minha irmã: “Pajálusta!”. Ele sorriu e me deu um retrato dele autografado. Nossa, quanta emoção.

Aproveitei para sondar Yuri se gostaria de morar conosco e o que queria ser quando crescesse. Respondeu que preferia passar um ano com cada um, como a maioria dos filhos de pais separados. E que pretendia ser professor de dança, cientista ou detetive como o Sherlock “Gomes”...

Depois de arregalar os olhos com a “mágica” da Ladeira do Amendoim, em São Tomé das Letras, onde o carro parecia subir sozinho, chegamos à Fazenda do Seu Ramón, em São Lourenço, onde passei muitas férias com a família, quando era criança. A filha mantinha o negócio do pai falecido, um hotel-fazenda. Lá estavam as jabuticabeiras, símbolo de fartura que minhas mãos não conseguiam conter ao longo dos troncos carregados. Ainda nos deliciamos do mesmo doce de leite artesanal com que queimávamos a língua

com a raspinha do tacho ainda pelando.

Ao chegar a Niterói, Yuri estava apressado, queria conhecer o cachorrinho que tinha acabado de ganhar da mãe. Deu-lhe o nome de Boy.

CAPÍTULO 12

REVELAÇÕES

*Não é a carne e o sangue, mas, sim, o coração, que nos faz
pais e filhos.*
Schiller

Sandra tinha perdido o pai pouco antes de me conhecer. A família se resumia à mãe, Lila, à irmã Susy e ao cunhado Manuel, bem mais velho que a mulher e que já tinha dois filhos adultos. Ela era enfermeira, e ele, professor, e rapidamente nos tornamos grandes amigos.

Resolvi emprestar à Susy meu livro, que contava minha história. No dia seguinte, ligou perguntando se podia passá-lo para Manuel e me chamou de corajoso. Ambos ficaram surpresos e tocados pela prova de confiança que eu lhes dera. Decidimos poupar minha sogra. Ela já tinha adotado Yuri como neto e passava horas jogando com ele Banco Imobiliário, damas, batalha naval.

Mais tarde, eu lhe contaria que não era pai biológico do Yuri, o que a comoveu por ser espírita kardecista. Mas fiquei por aí.

Aos 11 anos, Yuri festejou o aniversário na casa da mãe, fantasiado de morto – com um punhal enfiado na cabeça e os olhos borrados de preto, para terror e fascínio dos amiguinhos –, já tendo esquecido a Marina. Estava apaixonado por outra menina da turma, a quem deu um cartão no Dia dos Namorados: “Você é o ar que eu respiro”. E desenhou na cueca dois corações com hidrográfica e a frase: “Eu te amo, Teresa”.

Yuri ficava regularmente conosco. Brincávamos juntos e fazíamos passeios ao Jardim Botânico e ao Planetário. Sandra o conquistara de vez, fazendo *waffle* com mel para o lanche.

Uma tarde, a caminho da casa de meus pais, onde às segundas-feiras se reuniam os netos e, agora, os bisnetos, além dos filhos que podiam ir, Yuri me confessou que tinha uma coisa para me contar. Apesar da minha boa vontade, ele continuava mudo. Perguntei, para relaxar, se já tinha comido alguma garota. Riu e confessou que tinha ejaculado, não sabendo direito o que era a palavra orgasmo. Conversamos sobre o prazer e como era importante poder dá-lo à parceira. Primeiro era fundamental conquistá-la com muito

romantismo, o que ele pareceu entender perfeitamente.

No meu aniversário de 50 anos, ele estava com 12 e me presenteou com um cartão desenhado, com o seguinte texto:

“Papai, eu desejo que neste aniversário você fique cada vez mais jovem mentalmente e espiritualmente. Eu lhe admiro muito pelo seu jeito sábio de transformar tudo em alegria e de conseguir compreender e perdoar os erros de todos. Você é uma pessoa muito especial, ver a vida de uma forma tão alegre e divertida não é tão fácil. Por isso você sempre será um grande pai, amigo, marido, psicólogo, professor... é por essas e outras razões que eu lhe desejo um FELIZ ANIVERSÁRIO!”

Uma colega de turma perguntou se ele agora era CDF, porque tirou a maior nota nos trabalhos de História e de Português. Também ganhou no bingo de Matemática. Foi quando apareceram as primeiras espinhas no rosto e nas costas, que o atormentariam durante anos. Confessou-me que raspava o buço com o aparelho de gilete da mãe, para ver se engrossavam os fios...

Aos 13 anos, foi novamente saltar de paraquedas com o primo. Estava morto de medo, mas, como o desobriguei, dizendo que não tinha problema nenhum se ele desistisse na hora, resolveu ir. Telefonou-me, triunfante, contando que tinha sido “muito maneiro”.

Eu tinha consultado uma amiga psicóloga sobre o momento apropriado para revelar a Yuri que não era o pai biológico dele. A segunda etapa, mais complexa, quando eu contaria da minha transexualidade, deixaria para mais tarde. Para mim, seria a mais difícil. Minha amiga me alertou: “Será que para ele não é mais complicado saber que você não é o pai biológico?”. De qualquer maneira, estava claro para mim que eram revelações a serem feitas em duas etapas diferentes.

Claro que Yuri já desconfiava de alguma coisa. Perguntava-me sempre por que sua mãe tinha tanto ressentimento de mim, se eu era o pai, e ele, o filho, portanto um presente que eu lhe dera.

“Melhor Lola não estar presente na conversa”, pensei. Apesar de termos esse antigo acordo, ultimamente tinha me feito tantas chantagens, com medo de que o filho preferisse morar comigo, que não havia mais clima para uma conversa amigável. A oportunidade apareceu quando Lola concordou que ele passasse uma semana comigo, para estudarmos juntos, já que ele voltara a ter problemas em algumas matérias. No sábado, quando terminamos os deveres, pensei: “É agora”.

Mesmo ateu, pedi forças ao universo naquele momento. Sentei juntinho dele no sofá e respirei fundo:

— Meu filho, você é um garoto especial e maduro para a sua idade — comecei, afagando sua autoestima. — Por isso, sei que vai entender o que vou lhe dizer.

— Pai, se for difícil para você, não precisa falar – interrompeu-me, para minha surpresa. Sorri desconcertado:

— Eu é que estou preocupado que seja difícil para você!

Rimos os dois, nervosamente. Agora mais decidido, continuei:

— Sou mais que seu pai, sou seu amigo de verdade. Sei que rola uma energia muito legal entre a gente. À medida que for crescendo, você vai me conhecer melhor. Seu pai é um homem com uma história diferente. Não tenho dúvidas de que vai me compreender, assim como eu sempre vou me esforçar para entendê-lo.

Lá estava eu dando voltas. Ele, calado. Queria prepará-lo para que soubesse que, além do que iria dizer, haveria novas coisas a serem ditas mais à frente:

— Espero que essa nossa conversa sirva para nos aproximar mais, eu, você e sua mãe, que também te ama muito.

Pausa. Não tinha mais retorno.

— Sou seu pai em tudo, meu filho, em tudo, menos num detalhe...

Peguei novo fôlego e continuei:

— Não sou seu pai biológico. Sou estéril, filho. Só por isso é que não temos o mesmo sangue.

Ficou trêmulo e frio. Abracei-o. Seu coraçãozinho batia forte, assim como o meu. Nós dois, emoção pura. Com as lágrimas escorrendo, continuei falando, dando tempo para que se recuperasse do choque.

Perguntou-me, então, como sua mãe tinha engravidado. Tentei lhe explicar, com o máximo de cuidado, para não comprometer a imagem dela e, ao mesmo tempo, não mentir. Falei que não conhecia seu pai biológico e que este nem sabia da sua existência, por isso não o tinha procurado. Dei espaço para que soubesse que, se algum dia quisesse buscar o pai, contaria com a minha ajuda.

O menino estava branco. Fiquei com medo de que estivesse passando mal. Perguntei como estava.

— Meu coração deu um pulo, pai.

Continuamos abraçados por vários minutos, beijando-nos no rosto, na cabeça. Finalmente, o alívio.

— Filho, agora você sabe que eu te amo por escolha, porque gosto realmente da pessoa que você é.

A conversa, sem dúvida, nos aproximou.

— Você é meu grande presente, filho! Cada vez me orgulho mais de ser seu pai!

Perguntei, então, a opinião dele, se devíamos comentar nossa conversa com Lola. Eu sabia que era ele quem, muitas vezes, acalmava a mãe. Ainda em dúvida, respondeu:

— Acho que daqui a umas duas semanas, pai.

Achei sensato. Precisávamos de um tempo para descobrir a maneira mais adequada de contar a ela. Depois pensei melhor e sugeri que falássemos dali a uns três dias, pois ela poderia ficar com raiva se soubesse que havia passado tanto tempo.

No resto da semana estudamos juntos e botamos todos os deveres em dia. Depois foi só jogar pingue-pongue.

Após três dias, marquei um encontro com Lola. Cedo, na hora da sua corrida matinal pela praia. Estava um dia lindo, e a conversa fluiu. Foi a melhor dos últimos dez anos. Abraçamo-nos chorando. Dei minha palavra de que a tinha defendido diante do filho. Queria que ele a compreendesse, como a mim, com os defeitos e as qualidades.

Sentiu-se aliviada, mas traída pelo fato de não termos contado juntos. Estava ansiosa para se encontrar logo com o filho.

Naquele mesmo dia, à tarde, nos reunimos os três. Tomamos sorvete, e tudo parecia tranquilo e em paz.

Infelizmente não continuou assim.

CAPÍTULO 13

O SUFOCO

*Há certas coisas
Que a boca não diz
E o peito aperta*

*Estrangulando lágrimas.
A boca se abre
Para poder respirar,
Porque o nariz encheu
E o coração não esvaziou.
(Do poema “O Sufoco”, do autor).*

Dei a cópia das chaves de casa para Yuri. Queria que ele se sentisse responsável e à vontade para vir me visitar quando desejasse. Suas notas continuavam melhorando na escola, porém a orientadora nos chamou para comentar que ele estava se relacionando com poucos colegas. Lola exigiu a minha presença, mas me recusei. Achei que o menino tinha direito de ter lá suas reservas, desde que não se prejudicasse nem a ninguém. Lola ficou furiosa.

Ela fazia terapia com uma psicóloga amiga. Sem me consultar, resolveu que nosso filho iria se submeter ao tratamento com a mesma pessoa. Quando eu soube, achei aquilo estranho.

Eu não sabia exatamente como estava a relação deles nos meses que se seguiram à revelação. Sentia apenas que ela estava mais agressiva comigo, sobretudo nas cobranças financeiras. Eu continuava a pagar a escola dele e o plano de saúde, no que os velhos me ajudavam.

Algum tempo depois, ela começou a soltar umas indiretas a meu respeito para o menino. Entre outras, disse que, quando ele nasceu, eu não queria registrá-lo com o meu nome. Finalmente, previu que ele seria alto como o pai. Yuri pediu que ela se referisse ao pai biológico pelo nome, Cássio, porque eu era seu pai. O clima foi ficando cada vez mais pesado. Yuri chegou a ameaçar

fugir de casa se ela o proibisse de me ver.

Ela não se conteve e, como última cartada, contou o resto da minha história. Não me disse nada. Fiquei sabendo pelo próprio Yuri, chocado com a forma infeliz que a mãe havia escolhido para lhe dizer, curto e grosso:

— Seu pai já foi uma mulher.

A reação imediata dele foi de revolta contra a mãe. Chorando, comunicou:

— Apesar do que me falou, continuo amando o meu pai. Quero ir para a casa dele e morar lá.

Ela se descontrolou. Alegou que era sua mãe, que tinha que lhe obedecer e que estava proibido de me ver. Desesperado, ele conseguiu fugir e veio até minha casa. O garoto se ajoelhou, agarrou minhas pernas e implorou que eu o sequestrasse, que nunca mais queria ver a mãe.

Fiquei desorientado. Sabia que Lola o amava tanto que seria capaz de tudo para não o perder. Já tinha me dito que era muito mais mãe dele do que eu, pai. Ela abusava da condição de que jamais eu poderia lutar pela guarda do menino. Mas não pretendia enfrentá-la. Naquele momento, tudo o que eu desejava era acalmá-lo. O pior para um filho era odiar a própria mãe. Abracei Yuri bem forte.

Pensei em um modo de sair do impasse. Sugeri a ele que fosse para a casa da avó materna por alguns dias. Ele concordou, gostava dela. Resolvi procurar a tal psicóloga para servir de mediadora. Marcamos uma entrevista com a presença de Lola. Foi terrível. A terapeuta nem sequer disfarçou a parcialidade, enfatizando que Yuri não tinha discurso próprio, como a mãe já havia me dito. Que primeiro ele teria de resolver o problema com a mãe, para depois ir para a casa do pai.

Ela sabia da minha história. Lola, desarvorada, afirmou que eu era nocivo para o filho por ser louco e que não tinha condições de criar uma criança. Por isso, não queria que ele viesse morar comigo. Não quis estender aquele bate-boca. Apresentei logo a minha proposta, já combinada com ele, de que fosse para a casa da avó materna. Lola concordou.

Depois de uns dias, ela me revelou que, cerca de um ano antes, um amigo a tinha alertado de que eu era um pai transexual e tentaria assumir também a “mãe” que eu teria dentro de mim e que, portanto, desejaria “matar a mãe”, que era ela. Para cúmulo, disse que eu tinha ofendido a Deus, por contrariar a natureza. Logo ela, que não só vivera comigo todos aqueles anos como também questionava a existência divina.

O pior é que me proibiu de visitá-lo. Falávamos apenas por telefone. Por sorte, o tio César o estava ajudando nos deveres, mas mesmo assim continuavam atrasados. Acabei fazendo três resumos dos quatro de História que tinha de entregar, querendo poupá-lo. Deixei o envelope com a empregada da avó. A mãe protestou e depois contou ao professor.

Chegou o Dia dos Pais, e finalmente pude vê-lo. O abraço foi longo e emocionado. Ganhei dele um lindo cartão.

Passou-se um mês. Os ânimos tinham serenado um pouco. A empregada da avó foi embora, e Yuri voltou para a casa da mãe. Passamos a nos ver em

fins de semana alternados, embora ela o tivesse proibido de trazer os livros da escola para estudar comigo. Também não lhe dava os recados que eu deixava na secretária eletrônica. Yuri continuava revoltado. Não aceitava o carinho materno. Resolvi acatar a decisão da terapeuta e respeitar a distância imposta.

Transcorreram mais alguns meses quando recebi um comunicado para comparecer à Defensoria Pública. A defensora expôs as reclamações da mãe e lembrou que eu não era o pai verdadeiro.

Algum tempo antes, eu tinha descoberto, por intermédio de uma ex-colega, que a terapeuta não era cadastrada no Conselho Regional de Psicologia. Exercia ilegalmente a profissão. Quando relatei o fato, Lola ficou surpresa, desconfiada, e nervosamente atropelava as frases, exigindo que, também nas férias, o filho me visse somente a cada 15 dias. A essa altura, a defensora já arregalava os olhos e começou a me olhar com uma expressão diferente. Declarei que concordaria com tudo o que fosse para o bem do garoto.

Consegui duas pequenas vitórias: a mudança de terapeuta até o fim das férias e o direito de Yuri levar os livros de estudo para minha casa, mas não os cadernos de exercício.

Na calçada, Lola ameaçou ligar para a mãe de Sandra e contar tudo.

Um mês depois, outra: abriria um processo contra mim, por falsa identidade, mas desistiu quando Yuri ameaçou nunca mais falar com ela.

No fim de semana seguinte, Yuri veio com os livros e conseguiu também trazer os cadernos. Tentamos botar em dia as pendências, mas ainda faltavam 28 exercícios de inglês e estudar mais quatro matérias, uma delas com prova marcada.

Lola ligou para apanhá-lo no domingo. Argumentei que precisávamos concluir os estudos, mas respondeu que eu deveria entregá-lo imediatamente. Perdi a paciência, que chamasse a polícia para arrancá-lo da minha casa. Avisei que ele iria direto para a escola no dia seguinte e, de lá, para a casa dela. Não adiantou.

Por volta das dez da noite, ela se dependurou na campainha do meu portão. Como ninguém atendesse, tentou ligar várias vezes. Deixamos na secretária. Minha sogra começou a passar mal. De manhã, tornou a ligar. Estava desesperada. Queria assumir total responsabilidade sobre o filho, inclusive a “paternidade”(!), arcando também com as despesas de escola e saúde.

Na semana seguinte, a mãe dela deu entrada no hospital com arritmia cardíaca. Imagino que Lola tenha lhe contado a minha história.

Concordou em que eu visse Yuri depois da terapia, na condição de que fosse na sua presença e de que eu ajudasse na reconciliação dela com o filho.

Marcamos em um bar perto do consultório.

Antes de sair de casa, escrevi um texto para ele, que entreguei depois de um longo e apertado abraço:

Meu filho,

Finalmente acabaram-se os grandes segredos meus e os de sua mãe. Quem sabe, agora, nós três não vamos poder novamente nos dar as mãos? Pai e mãe também erram, mesmo quando amam seus filhos, mas acertamos quando contribuimos para tornar você um ser tão especial, com um coração do tamanho de um dinossauro e capaz até de nos compreender e perdoar. Sua mãe foi corajosa quando escolheu enfrentar a vida e criar um filho comigo, e você tem demonstrado ser tão corajoso quanto ela. Que tal apagar qualquer culpa que apareça e cobri-la com o seu amor? Este momento é delicado para nós três. Portanto, vamos tentar ser amáveis entre nós três.

Um beijão do pai no seu caranguejo.

Desconfiada, Lola tomou o papel da mão do filho assim que ele terminou de ler.

Tentei desarmar os espíritos, dando como exemplo para ele uma festa, cujo sucesso dependia da escolha de boas músicas, para que todos dançassem. E essa nossa festa não estava boa para nós três. Portanto, devíamos mudar de música e experimentar as que sua mãe escolhesse.

Surpreendi Lola ao dizer que ele poderia me telefonar na sua frente, sem precisar fazê-lo escondido, da escola. Aconselhei-o a aceitar a ajuda dela nos estudos, pois ele se recusava; a poder comentar comigo, sem receio, as coisas boas e ruins do convívio entre eles. Enfim, que terminasse o medo.

Lola foi descontraindo a expressão carrancuda, à medida que fortalecia a proposta de nos desarmarmos, sobretudo ele em relação a ela.

Concordou que Yuri precisava procurar mais os amigos.

Expliquei da minha identidade ilegal, pedindo discrição, mas autorizando-o a contar minha história a quem achasse que podia ouvir.

Finalmente, falei do meu livro, o que o deixou muito admirado, por não saber da existência. Mais tarde, coloquei um exemplar na estante do seu quarto.

Tive esperança de que esse fosse o primeiro encontro de muitos outros.

Indaguei se ele queria me fazer alguma pergunta, ao que ele respondeu:

— Depois, sozinho com você.

CAPÍTULO 14

NOVOS TEMPOS

Hoje entendo bem meu pai. Um homem precisa viajar. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar do calor. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto [...] para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser.

Amyr Klink

Yuri voltou das férias mais alegre, bronzeadado, com um colar de contas no pescoço e sandálias nos pés em vez de tênis. A mãe finalmente tinha concordado em que ele viajasse para a casa da família de uma colega, no Rio Grande do Sul. Pescou, andou de bicicleta, conviveu com a vizinhança. Teve umas brigas com uns garotos gaúchos, o que achei bom, para descarregar um pouco a raiva. Encontramo-nos apenas três dias depois que ele chegou.

Lola tinha marcado uma sessão para ele com a terapeuta justamente no dia em que estava lá em casa. Ele se encheu de coragem e disse para a mãe que queria sair da terapia. Ela ameaçou não o deixar me ver no fim de semana caso desistisse.

Fiquei comovido ao saber que meu filho se sujeitava, há muito tempo, às chantagens da mãe com medo de que ela me denunciasse à polícia. Conteí para ele que não precisava mais se preocupar, eu já tinha passado meus bens para o nome de Sandra. Claro que uma possível denúncia poderia ter outras consequências, mas preferi tranquilizá-lo.

No dia do meu aniversário, veio almoçar comigo. Contou que conversou com a terapeuta sobre sua vontade de não mais voltar lá. Estava aliviado. Achava-a esquisita porque chamava Lola de “sua mãe” e a mim nunca chamava de “seu pai”, só me tratava de “João”. A terapeuta disse que não havia percebido...

Logo depois ela me ligou, pois “devia estar havendo algum engano”. Nenhum cliente seu tinha saído da terapia sem ter sua alta. Insinuou, novamente, que eu fazia a cabeça dele. Retruquei que o garoto sabia muito

bem pensar por conta própria e que a decisão era dele e da defensoria. Fingindo ignorar, tentou marcar um novo encontro, com a presença dos três. Perguntei se daria recibo com o CRP, seu registro profissional. Ela desconversou. Não fui à consulta, nem ela ligou mais.

Parabenizei-o pela coragem da decisão tomada.

Lola insistiu em que o filho continuasse em terapia, mas dessa vez fui eu quem escolheu o psicólogo. Felizmente Yuri gostou dele.

A comemoração de seus 14 anos foi na minha casa: ele convidou cinco colegas da escola, que devoraram o estrogonofe feito pela vó Lila. Sandra encomendou uma torta e uma montanha de sorvete. Jogaram pingue-pongue, futebol, dardo e xadrez eletrônico. Dei meu computador de presente para ele, e a mãe, uma *bike* de alumínio. Dos tios, ganhou o último livro do Harry Potter, de quem admirava a coragem.

Lola estava de namorado novo, um piloto de helicóptero, o que ajudou a melhorar o convívio. Surpreendentemente, ganhei de meu filho no Dia dos Pais um pijama comprado por ela. No cartão, ele desenhou uma zebra cheia de caranguejos no sovaco. E me fez um bolo de laranja desses de caixinha, que solou, mas que todos acharam uma delícia.

Os novos tempos de paz foram comemorados na virada do milênio, que passamos todos juntos num clube em Niterói, com Sandra, minha sogra, Lola e alguns amigos. À meia-noite, emocionado, levantei meu filho nos braços sem pensar na coluna, pela primeira vez em todos esses anos.

Nas férias, Yuri viajou para o interior do estado com a mãe e o namorado dela. Andando de bicicleta, levou um tombo e cortou o lábio, precisando de pontos. Dias depois chegou à minha casa com um curativo. Percebi que era sua primeira cicatriz no rosto. Não estava querendo ir à escola.

Sua vaidade lembrou-me da vez em que rasguei o queixo num tombo de patins. Mamãe me levou ao posto de saúde, onde o médico me disse que não valia a pena dar anestesia, a dor da picada seria praticamente a da agulha. Mandou que não me mexesse. Fiquei tão sério que ele contou uma piada, para eu relaxar. Com a risada, arrebentei os pontos, e ele teve de refazer tudo. Desfilei na escola com meu cavanhaque branco de esparadrapo e gaze e fiquei muito orgulhoso com meu apelido de Papai Noel. No masculino.

Yuri engrossava a voz. A adolescência chegava com a maturidade para perdoar e compreender as dificuldades dos pais. Foi se tornando um homem mais ouvinte que falante. Ao mesmo tempo, tolerante com as diversidades, adquirindo a necessária coragem para enfrentar a própria diferença, sem perder o sentido da beleza, da gentileza e da solidariedade. Sobre tudo, aprendeu que assim valia a pena viver.

O novo ano prometia mais mudanças: fui convidado para dar aula numa faculdade. Uma grande amiga, coordenadora do curso, me propôs ser

professor substituto, na cadeira de Literatura Brasileira:

— Quero só que ensine os alunos a escrever e, se possível, a gostar de ler. O resto é por sua conta.

Depois de 25 anos, foi um grande desafio estar novamente diante de uma turma de jovens e ser chamado de mestre. Como era substituto, não precisei apresentar documentos à administração da universidade.

Foram dois anos até a volta do professor titular. Mas adorei a experiência. Começava a aula sempre lendo uma poesia diferente. Escolhia um deles para ler um trecho ou uma crônica. “Ler alto ensina a virgular, são as respirações da fala.” Para desinibi-los na escrita, pedia relatos de contos de fadas que ouviram na infância, facilitando, assim, a criatividade.

Há tempos que o peso dos anos me fazia sentir novas barreiras físicas, como se um estranho se apossasse de mim lentamente. Agora a crise de identidade era diferente, não mais a de gênero, mas aquela que todos temem com a idade, ao constatar a dificuldade do possível fascínio sobre o outro. A face enrugou, os pneus surgiram, os pelos caíram, o pênis não veio.

Como homem transexual, estarei livre da terrível impotência masculina na velhice, tecnicamente enfrentada com os Viagras, mas que não se confunde com o desejo. Desde a infância o pênis é uma espécie de *alterego* do homem, uma segunda pessoa com quem ele dialoga e de quem depende para se reconhecer ou se sentir ameaçado. Nesse sentido a velhice masculina é mais temível que a feminina. A desvalorização do físico para a mulher pode ser até um alívio, pois, afinal, ela poderá se dedicar a outros interesses, a casa e aos netos.

Considere-me por muito tempo um inválido sexual, que precisava de artifícios para poder ter prazer, quando talvez o problema estivesse mais na minha cultura com todos os seus significados, “que fazem de um simples gesto um critério clínico para definir se alguém é ‘verdadeiramente’ um homem ou uma mulher”, como citou Miguel Missé no ótimo livro *El Género Desordenado*.

Aos poucos, vou me tornando novamente um inválido, agora com próteses e órteses na coluna, nos ouvidos, nas pernas ou precisando me apoiar numa bengala.

E foi na hidroterapia, recomendada para as artroses, que descobri uma nova atividade profissional. Algum tempo antes, eu tinha feito um curso de montagem e reparo de computador, mas rapidamente descobri que precisaria carregar pesadas CPUs de um lado para o outro. Além de ser útil para consertar meu próprio computador, com os novos conhecimentos, comecei a dar aulas semanais a meus pais. Mamãe se interessou pelo correio eletrônico, e papai, pela incrível máquina de escrever que não precisava de corretor e imprimia imediatamente. Tornei-me um professor de computação para terceira idade.

Aprendi a lidar com a lentidão de aprendizagem, com a necessidade de paciência e repetição. Na visão deles, a internet era uma coisa meio mágica.

Todos, sem exceção, precisavam de algum apoio emocional. Uma aluna tinha doença de Parkinson. Nas primeiras aulas treinou acertar as teclas, segurar o mouse ou mesmo só olhar enquanto eu digitava os seus e-mails, pois as mãos não paravam de tremer. Uma aluna de 80 anos, de cabelos azuis, me pagava as aulas, mas queria mesmo era a companhia para conversar e mostrar as esculturas que fazia no ateliê, no fundo do quintal. Um engenheiro aposentado, de 76 anos, me recebia sempre com uma vitamina diferente que ele mesmo fazia e se divertia me fazendo adivinhar os ingredientes. Ao abrir a caixa postal, chamava a esposa para verem juntos as fotos do Rio antigo ou viajar por lugares desconhecidos, para onde não mais poderiam ir.

De todas as minhas experiências como professor, talvez meus alunos da terceira idade tenham sido os que mais me gratificaram. Já tão castigados pela dor, pude mudar o sentido do resto de suas vidas.

CAPÍTULO 15

DE HOMEM PARA HOMEM

*Olha-me de novo. Com menos altivez.
E mais atento.*
Hilda Hilst

Dezoito anos. Yuri se tornava um homem. Com orgulho, soube que meu filho tinha passado em dois vestibulares, para Física e Engenharia, em duas universidades públicas. Fomos comemorar com a namorada dele num bom restaurante, Yuri vestindo a camisa social azul-clara de tecido amarrotado que eu lhe dei.

Acabou escolhendo Engenharia, o curso era mais perto de casa e oferecia melhores possibilidades no mercado de trabalho. Além do mais, sensatamente achou que o curso o obrigaria a colocar os pés no chão, já que se via como um cara meio nas nuvens.

No dia da matrícula, sentamos num botequim diante de uma cerveja gelada. Uma não, algumas. Papo vai, papo vem, ele me confessa que experimentou maconha com a namorada. Ele sempre foi um pouco careta, considerando a história familiar. Nem fumava e torcia para que eu parasse com o cigarro. Não usava brinco nem tinha tatuagem. Também não teve a crise da aborrecência. Portanto, senti até um certo alívio quando ele me contou, afinado com grande parte da sua geração. Sugeri fazermos um dia um baseado juntos, o que nunca aconteceu, mesmo porque deixei de fumar.

Entre os ritos de passagem, ganhou das minhas irmãs uma calculadora profissional, própria para engenheiro, e tirou carteira de motorista.

Yuri estava com 20 anos quando decidiu “experimental” morar conosco. A mãe andava nervosa, os dois discutindo muito, inclusive no carro quando ela o trouxe com as malas. Tornara-se um jovem esportivo, que gostava de fazer escaladas, trilhas de bicicleta e jogar tênis com os amigos. Continuava não gostando de futebol.

Foi uma revolução doméstica. Como a maioria da sua idade, largava a

toalha molhada em qualquer lugar, depois de demorados banhos que sempre desarmavam o chuveiro elétrico. Ao chegar da rua, arrancava os tênis pelo meio do caminho, que de lá não saíam por conta própria. Várias vezes tropecei neles, no escuro. E saía pela casa de meias, que se tornavam um negrume. Ao terminar de comer, o prato sujo ficava na mesa. Nem pensar em lavá-lo.

Claro que a rotina na casa da mãe era muito mais tranquila, com empregada todo dia. Além do mais, Lola era mais relaxada e menos controladora do que eu. Precisávamos de alguns ajustes para tornar o convívio agradável. Tentei explicar que dois passinhos a mais levariam os tênis para um canto estratégico do quarto dele onde não incomodariam ninguém. E que não custava nada colocar as meias usadas no lugar de roupa suja, já que nem frio fazia.

Não fui muito bem-sucedido. Além disso, acostumara-se a ver televisão no quarto até tarde. Eu resisti em fazer o mesmo que na casa da mãe porque no dia seguinte ele tinha dificuldade em acordar e chegava atrasado à primeira aula ou ficava com dor de cabeça. Tentei interessá-lo pela leitura, até instalando um foco de luz ao lado da cama, mas não consegui que lesse um livro inteiro depois dos de Harry Potter.

Quando completou um mês da experiência, fizemos juntos uma avaliação. Mostrou-se contente de ter sempre gente em casa, o que não acontecia na casa da mãe, que chegava tarde das aulas, o que o deixava com medo. Também adorava morar perto da namorada e da faculdade, podendo até ir de bicicleta para a aula. Achou que estava mais responsável, mas que não gostava de comida congelada, solução que adotamos porque a empregada vinha só duas vezes por semana. Teve a delicadeza de não fazer outras reclamações.

No dia seguinte, acordou cheio de decisões. Consertou as duas bicicletas, resgatando a que estava emprestada. Fez teste de alergia, porque tinha tido uma crise séria no dia em que chegou, ficando com os olhos inchados. Pagou a taxa para tirar carteira de identidade e se apresentou para o atestado de reservista.

Dei a ele um novo computador, já que agora recebia pela internet os deveres e as apostilas para estudar. Muito contido, demorou três dias para me dar um abraço de agradecimento pelo presente. Em casa, era sempre muito prestativo e habilidoso. Trocava lâmpadas, arrumava as tomadas, cortava a grama.

Ele não queria que fizessem qualquer comentário desagradável sobre a mãe, o que respeitei. Em meus sonhos, sempre o via pequeno, com três anos, de macacão e sandálias. Era um amor tão forte, tão único, que acordava sobressaltado, como que querendo resgatar aquele sentimento para os dias atuais. Surpreendia-me de já ser um adulto que se formou sem que eu pudesse conviver mais de perto durante todos esses anos.

Quando recommçaram as aulas, Yuri resolveu voltar para a casa da mãe. Só então a “ficha caiu” para mim:

— Pai, você me acha um vagabundo, lerdo e preguiçoso, não é? Já me disse que na minha idade trabalhava, ganhava o seu próprio dinheiro, e eu nem consigo vender minhas três bicicletas, agora duas, descontando a que me

roubaram na faculdade. Sinto-me sempre um cocô ao seu lado – gaguejou.

Ele estava certíssimo! Com o meu discurso de querer o melhor para ele, de forçá-lo a ler, organizá-lo, torná-lo pontual e responsável, fazia-o se sentir um bosta. Tentei mudar minha conduta de pai intelectual e “perfeito”, que sabia tudo, enquanto ele errava sempre. Compreendi melhor sua mania de limpeza quando descobri que era muito alérgico, o que só passou a ocorrer depois dos quatro anos de idade.

Continuou frequentando nossa casa, inclusive trazendo a namorada para dormir com ele. Fiel e apaixonado há três anos, conquistara a garota que conhecia desde os sete anos na escola. Numa ida ao lanche dos netos na casa dos avós, foi dirigindo nosso carro e levou a namorada para apresentar à família. Era simpática e agradável, todos gostaram dela.

Numa das noites em que levou a garota em casa, quando voltava a pé, foi mais uma vez assaltado. Dessa vez por três pivetes armados, que levaram sua mochila. Chegou tremendo, assustado e com muita raiva. Obrigou-me a levá-lo imediatamente à delegacia. Era uma hora da madrugada quando chegamos a um prédio caindo aos pedaços, cheio de tapumes. O policial de plantão nos atendeu de má vontade, datilografando seu depoimento numa máquina velhíssima. O pátio estava coberto de carros, todos vazios e fechados. Ao sairmos, chegava uma patrulha com dois policiais. Yuri insistiu em pedir ajuda, exercendo seus direitos civis.

— Você está louco? Quer que a gente suba sozinho o morro a uma hora dessas? Isso é suicídio! — e entraram na delegacia, deixando o garoto assombrado e arrasado com tamanho pouco-caso.

A sorte é que os moleques só queriam mesmo a mochila e jogaram fora os livros e os documentos. Uma moradora que soube do assalto nos ligou, avisando onde estavam.

A menina era a antítese dele. Fazia duas faculdades, uma no Rio e outra em Niterói, e ainda arranjava tempo para namorar durante a semana. Era quem planejava os programas e reservava os lugares. Para ele era prático, mas por outro lado ressaltava seu lado passivo, o que o incomodava. Às vezes queria apenas sair com os amigos ou construir seus aviões de isopor, mas ela o sufocava com tantas solicitações e telefonemas. O namoro ainda duraria mais um ano entre idas e vindas. Ela alegou que não o sentia mais tão apaixonado como antes. Foi seu primeiro amor correspondido.

Vendo Yuri triste, sugeri que saísse com outras garotas. Ficou indignado:

— Pai, não sou um homem-galinha! Nem sei fazer isso! Quando gosto, fico.

No fundo, foi bom ouvir aquilo. Eu também era assim, mas nunca saberei se era ou não por causa das minhas limitações.

Resolveu estudar inglês. Um dia, falou que já tinha saído da fossa. Disse-me que a briga serviu para começar um novo diário no computador. Estava gostando da experiência de escrever e botar para fora os seus segredos sem que ninguém os lesse. Saiu carregando um dos meus violões, afirmando que agora tinha mais tempo para tocar com os amigos. Entrou de férias e passou em tudo na faculdade.

A maioria de Yuri se aproximava. Havia lhe prometido uma moto quando fizesse 21 anos. No carro, era um motorista cauteloso e atento. A princípio fiquei muito receoso de dar um presente tão perigoso. Não sei se me perdoaria se lhe acontecesse algo. Entretanto, ele andava de moto comigo desde os dois anos de idade, ela já fazia parte da nossa história. Além de aumentar a sua autonomia, era também mais um voto de confiança na sua responsabilidade.

Antes de pegar a moto na loja, dei-lhe umas aulas práticas, ensinando como dar ré em ladeira ou subir em calçada. Escolhemos um modelo pequeno para se acostumar e aprender a dominá-la. Avisei que as despesas com a moto seriam por sua conta, já que recebia mesada. E eu tinha duas exigências: que não fosse para a estrada nem cruzasse a ponte para o Rio, por ser perigoso. Meu filho ficou tão feliz que me abraçou, beijando-me várias vezes.

Ele não voltaria a morar conosco, preferiu se adaptar ao novo padrao e ter mais mordomia na casa da mãe. Mas vinha todos os fins de semana almoçar comigo, quando me resolvia todos os “pepinos” da casa. Instalou minha impressora, ensinou-me a gravar CDs para ouvir no carro e gostava de assistir conosco aos DVDs da nossa filmoteca, sobretudo os filmes europeus.

— Mulher adora dançar, meu filho. Você vai fazer muito sucesso se entrar para uma academia.

Finalmente Yuri resolveu seguir meu conselho. Desde pequeno ele tinha muito ritmo e era afinado, ao contrário de mim. Não teve dificuldade em aprender salsa, forró, *zuke*, soltando os quadris e a inibição. Já na primeira aula arranjou uma nova namorada, de 17 anos. Acabou nos contando que tinha tido um namoro rápido no curso de inglês. Gostei de saber que a menina era mulata, marcou mais um ponto comigo.

— Estou completamente apaixonado, pai. De quatro...

Quando fez 22 anos, fui à festa de aniversário na casa da mãe. Recebeu-me na porta, quando lhe disse:

— Seu presente está aqui.

— Onde, pai?

Mostrei minha própria moto, uma Honda 125. Ele pulou no meu pescoço e me beijou, gritando:

— Não acredito! Não acredito, pai! Parece um sonho...

Vendeu a sua pequena para um amigo e me deu a grana para ajudar na compra da minha *scooter* seminova, uma lambretinha mais leve e econômica.

No meu aniversário, deu-me de presente meu primeiro livro, *Erro de Pessoa*, digitalizado. No cartão, a dedicatória: “Para o melhor pai do mundo”.

Yuri continuou a me dar grandes alegrias. Eu não poderia imaginar que ele ainda me daria uma importante lição de vida.

CAPÍTULO 16

BAILE À FANTASIA

*Aceitei a vida, sem acertá-la:
as horas fora dos hábitos,
os ponteiros fora dos fatos.*
(Do poema “O Outro”, do autor).

Oi, Davito,

Minha reumato me deu uma dica de um novo hormônio que se toma com intervalos de três a quatro meses e diz que mantém o nível hormonal no sangue até o fim. Chama-se... e é muito caro. Consulte sua endócrino e me mande seu parecer.

Oi, Juanito,

Realmente a dica é boa. Minha endócrino já tinha ouvido falar dele num congresso, mas só agora pesquisou melhor na internet. Já até tomei. Fiz um exame de sangue agora e farei outro no final de três ou quatro meses... Não aguentava mais ter que me picar todo mês... Tenho tido muito tesão, pena que não tenho com quem transar... Tenho feito sexo virtual, só isso, mas já é bem satisfatório. Dizem que o maior órgão sexual do homem é o cérebro... hehehe...

Quando comecei a ter problema de artrose, os médicos que consultei se dividiram. Uns achavam que a testosterona poderia estar interferindo na precocidade do desgaste natural da idade, outros achavam o contrário. A

unanimidade era só quanto ao aumento da taxa de colesterol. Resolvi consultar Davi, meu amigo médico e transexual como eu, sobre a possibilidade de parar de tomar o hormônio.

Davi foi de opinião que não só deveria continuar como até aumentar a frequência, pois a falta do hormônio causaria um caos metabólico, com distúrbios na calcificação dos ossos, problemas na pele, e explicou que, quando vai baixando a taxa de testosterona no organismo, ele se sente mal, inclusive com ondas de calor. Resolvi seguir o seu conselho, parando de tomar os demais remédios, para não sobrecarregar o fígado.

Sempre trocávamos mensagens pela internet. Davi, inclusive, mantinha contato com vários outros trans-homens como nós. Operou-se em julho de 1983, ou seja, seis anos depois de mim. Foi ele quem me introduziu no mundo virtual, o que se tornou fascinante quando precisei me operar da coluna e tive de interromper todas as minhas atividades.

Explicou-me o que era um avatar. Em diferentes jogos, era possível comprar e vender, plantar, criar animais, além de interagir com pessoas em todo o mundo. Ele adorava viajar e fez amigos em toda parte pela internet.

Criei um avatar jovem, forte e bonito. Meus parceiros no grande “baile à fantasia” eram na maioria crianças e adolescentes. Fui aprendendo a linguagem especial usada entre eles. Quase nunca revelava minha idade real. Quando o fazia, a criançada ficava admirada por eu gostar de jogar. Alguns me chamavam de vovô, e outros, ainda, desejavam que seus pais fossem como eu. Invejavam-me por dispor do meu tempo para jogar o dia inteiro, se quisesse. Quando perguntavam se meu filho também jogava, dizia que não, que o viciado era eu. Caíam na gargalhada.

Resolvi criar um avatar feminino, com um nome sedutor. Descobri que poderia conseguir muito mais ajuda no jogo. Os meninos me davam “presentes” – armas, roupas – e tinham mais paciência em me explicar as regras. Há jogos em que as crianças podem se casar. Alguns são violentos, com muito tiro, estressantes demais. Meus preferidos eram os de matar monstros, bichos que não existem. Quanto mais pontos feitos, mais o “nível” sobe, o que nos torna mais fortes e poderosos. Preferia jogar com o *mouse* do computador em lugar do *joystick* com muitos botões.

— Pai, você não toma jeito, hein? Vai fazer outra coisa, sai dessa cadeira... – brigava meu filho, ao chegar e me encontrar conversando com a garotada no computador.

Gostei de não ser mais um “super-homem” para o meu filho. Ele é que passou a ser o meu exemplo. Dedicava-se aos estudos, estava apaixonado pela faculdade, pela namorada e cheio de planos. Sempre tinha novidade das aulas para me contar. Sentia-me com a missão cumprida.

Decididamente, não podia mais dançar. As crepitações do corpo já eram muitas. Seria um luxo me martirizar com as da alma. Quando precisei colocar titânio na coluna, felizmente não passei mal com a anestesia. Mas tive o maior trabalho para bancar o abacaxi pudico que não quer que a enfermeira lhe dê banho.

— O senhor não se preocupe, estou acostumada com todo tipo de

paciente... – insistia ela.

Ainda bem que Sandra me socorreu. Inclusive para me levantar e ir ao banheiro, única alternativa à famigerada “comadre”, onde eu não conseguiria nem a pau. Foram muitas dores e uma recuperação lenta, mais um aprendizado de como lidar com as mazelas do corpo, agora por causa da idade. Outras se seguiriam, como a dentadura, uma ocasional bengala de alpinista, taxas crescentes de glicose e colesterol.

Como disse no meu poema “Velhice”, “Dá-me, enfim, a ousadia necessária de me ver gargalhar, com a dentadura a gargalhar dentro do copo”.

Os amigos também envelheciam. Mateus, meu amigo cego que pregava botão na roupa dos filhos pequenos, já tinha morrido de um câncer no esôfago.

Outra grande perda foi meu amigo dentista, Murilo, um homem que conseguiu tirar completamente meu medo da tão temerosa cadeira. Às vezes chegava ao seu consultório, no centro do Rio, e ele, já cansado, propunha irmos tomar chá na Colombo, a tradicional confeitaria na Rua Gonçalves Dias. Era um romântico e cinéfilo. Sabia de cor cenas de filmes que, mesmo trabalhando com o ferrinho na mão, representava para mim.

Inesquecível a morte de Greta Garbo no filme *A Dama das Camélias*, a que assisti nove vezes. Murilo era uma daquelas pessoas de quem você quer beber a seiva e degustar como o melhor vinho humano. Quando fez 50 anos de amizade com Rui, seu melhor amigo, também casado, convidou o casal para um jantar. Só comunicou o motivo na hora do brinde.

Foi um dos primeiros homens em que descobri uma alma feminina. Quando soube da minha história – fui seu cliente durante cinco anos como mulher – ficou com os olhos marejados e me abraçou com ternura. Logo após minha transição, jamais me cobrou qualquer consulta. Contou-me que seu filho, também dentista, continuava com o hábito de deitar a seu lado para ouvirem música juntos pelo prazer da companhia. Morreu do coração aos 81 anos. Foi o primeiro enterro a que assisti lotado de gente chorando por um velho, com discursos à beira da cova e aplausos na hora em que fecharam o caixão. Até hoje me emociono quando penso nele.

Há pouco tempo outro grande amigo se foi. Severiano, espanhol, ex-lavrador nos arredores de Segóvia, ex-padre, ex-sociólogo, ex-criador de brinquedos pedagógicos, ex-professor universitário. Um homem cultíssimo. Durante a ditadura abrigou em sua sacristia militantes da resistência, e do púlpito defendia o uso da camisinha. Por essas e outras, acabou sendo expulso da Igreja.

Casou-se com uma ex-freira professora de Literatura e hoje uma pintora de renome. Tiveram uma filha com a mesma delicadeza de alma com que se tornou professora de flamenco. Severiano foi um pai único. Levava a filha todos os fins de semana para visitar o Jardim Zoológico, onde se encantavam com os bichos. Humilde por formação e vocação, dizia-me frases inusitadas. Não carregava o retrato da filha na carteira porque não queria se promover por intermédio dela.

Apesar de bem-casado, achava a vida de solteiro mais enriquecedora. O vocabulário não se restringia ao habitual usado em casa, e também havia mais

tempo para frequentar os programas culturais. Divertia-se lendo o dicionário etimológico. Leitor inveterado, trazia sempre uma novidade para me ensinar. Na última conversa que tivemos, falou-me sobre a tragédia. Não a grega, mas a de Nietzsche. Resumia-me, dizendo que só há tragédia quando não se acredita na vida pós-morte. Morreu aos poucos, tendo primeiro um AVC, que lhe fez perder grande parte da maravilhosa memória. Depois, duas trombozes, seguidas de uma rara doença autoimune no intestino, e por fim o coração não aguentou. Foi cremado como a biblioteca de Alexandria.

O que ainda me trariam os anos? Como vivenciar a velhice, nesse corpo de cabaia transformado? Resolvi reunir os conhecidos trans. Davi poderia ajudar.

CAPÍTULO 17

REENCONTRO DE COBAIAS

Pessoa “trans” é aquela que está em permanente “transformação”, disposta a “trans-por” todos os obstáculos. É aquela pessoa que “trans-gride” regras e padrões de conduta, “trans-mitindo” à sociedade, de forma absolutamente “trans-parente”, novas ou inexploradas possibilidades de realização. Pessoa “trans” é aquela que “trans-cende” a si mesma, tentando expressar ao mundo a pessoa que ela realmente é, em vez da pessoa que o mundo acha que ela deveria ser.

Leticia Lanz

O dia estava lindo, o mar, verde. No horizonte víamos a paisagem maravilhosa do Rio. Escolhemos uma das mais belas praias do litoral ao norte de Niterói, onde estaríamos à vontade. Meus amigos, todos de outros estados, estavam encantados com a vista e o encontro, que não ocorria há quase 30 anos.

Nós quatro carecas, mais gordos e barbados. A calvície e a barba eram pelo hormônio. A gordura, por vários motivos, inclusive a idade.

O dono do quiosque onde nos sentamos e pedimos cerveja e Coca deve ter ficado com a pulga atrás da orelha com aquele grupo de amigos, todos com cicatrizes no peito e na barriga. Acho que parecíamos veteranos de alguma guerra, o que de certa forma éramos de verdade.

Graças a Davi, com quem sempre me comunicava, consegui contatar os outros. Apesar de não termos intimidade, a cumplicidade que imediatamente se estabeleceu entre nós nos fazia sentir como se tivéssemos convivido durante todo esse tempo, ou como irmãos que moram longe uns dos outros.

Sem cerimônia, cada um percorria com o olhar atento cada detalhe dos outros. Disparado, a minha cicatriz no peito era a mais feia. Justifiquei:

— Foram três cirurgias, o médico era meu parente e não quis tirar tudo nas duas primeiras. Revoltado, fiz até ginástica durante o pós-operatório! Foi o Farina quem finalmente resolveu.

O melhor resultado era o do Davi, agora um cinquentão natureba, trabalhando como administrador.

— Pois a minha mastectomia ficou ótima, foi um cirurgião plástico quem fez, em 1982, de graça – conta Amadeus, um advogado evangélico que precisou se tornar corretor ao perder a antiga identidade. — Ele ajudou um monte de gente na clínica dele. Mas eu precisei reoperar há alguns anos, porque deu fibroma nos pontos internos, e o mastologista não caprichou na sutura – Amadeus está agora com 58 anos, fazendo bodas de prata no casamento e com um casal de filhos adotados, já na faculdade.

— Essa eu ganhei! – brincou amargamente Darcy, advogado que continuou exercendo a profissão graças ao nome ambíguo. — Olha só como ficou, não gosto nem de lembrar o que passei, mas está melhor do que era – consolou-se, olhando para os próprios mamilos, grandes e tortos. Darcy era o mais jovem do grupo, agora com 49 anos. Já tinha sido casado, adotou um filho e agora só queria namorar.

Dos quatro, só ele levava as cirurgias até o fim, com a neofaloplastia. Seu abdômen era coberto de cicatrizes, pois dali tiraram o enxerto para fazer o pênis. Ele não chegou a dizer que se arrependera por não ter esperado por uma técnica mais aprimorada, mas confessou que o resultado ficou muito precário. Pela primeira vez, ouvi um depoimento como o dele:

— Abriram várias fistulas, um verdadeiro chuveirinho, pelo menos no início. Vivia enrolando meu pênis com gaze. E ele acabou ficando muito grande, a prótese que o deixava semiereto ainda por cima machucava no contato com a roupa. Resolvi tirá-la. Passou um tempo, e, como não ficava duro o suficiente para comer mulher alguma, coloquei uma menor – e, com um sorriso irônico, revelou: — O pior é que não fiz a cirurgia dos testículos. Sem sacanagem, eu, pelado, pareço capado.

Para cortar o clima melancólico, convidei todo mundo para um mergulho. Todos saíram da água ajeitando o peru para uma posição mais natural e confortável.

O peixinho frito que pedimos chegou, bem apropriado para a sexta-feira da Semana Santa. Só Davi não comeu por ser vegetariano.

— Cara, isso aqui é o paraíso! – exclamou Darcy. — Vivo correndo do escritório para o Fórum, acompanhando processos. E tudo tem de ser de terno.

— E eu mostrando casas e apartamentos. Sempre com pressa para não atrasar os clientes – completou Amadeus.

A fabricação do pênis flácido variava para cada um. Referíamos-nos ao usado socialmente, dentro da roupa. Amadeus foi contando que o dele era uma “engenhoca” feita de meias e que usava um parecido, forrado de plástico, para piscina e praia. Mas não gostava muito. Tinha de estar atento e sempre arrumando. Davi há muito usava um feito de camisinha com algodão dentro, com um saco de espuma.

— E você, João, como faz para se resolver? – quis saber Darcy.

— O primeiro pênis fiz com um cassete de guarda, que na época da ditadura chamavam de “amor de mãe”.

Todos riram. Nada como a capacidade de rir de si mesmo! Continuei:

— Era duro que nem pau. Serrei do tamanho que queria, fiz um furo numa das pontas com uma furadeira e enfiei uma corda de varal para aguentar

o peso. Não tinha jeito. Vivia sempre arriado. O saco era de espuma. Um negócio! Como era preto, pintei-o com uma tinta esmalte. O máximo que consegui foi deixá-lo avermelhado. Depois de muitos anos, descobri uma única loja em Copacabana, acho que num 20º andar, com a vitrine pintada de preto e um aviso de proibida a entrada de menores. Quase alucinei quando pude comprar um pênis de silicone duro, que tinha cabeça e era pelo menos rosa, mas não tinha saco.

Algum tempo depois, ainda sem internet, cheguei a encomendar um a uma tia que ia viajar para a França, e com quem eu tinha intimidade. Foi a maior prova de amor que ela me deu. Disse que, quando entrou no *sex shop* em Pigalle, ficou sem saber o que fazer. Um homem se aproximou, e ela, num francês horrível, tentou explicar as instruções que eu dera. Tinha de ser o mais natural possível, na cor, no tamanho e com saco! Depois, na alfândega, foi escolhida aleatoriamente para abrir a mala e viram a caixa. Mandaram abrir. Absolutamente constrangida, aquela senhora de 68 anos disse que era para uso próprio.

Eu cuidava dele como se fosse uma criança. Já tinha aprendido que não podia passar óleo e o lavava com sabão neutro. Enxugava-o bem e o guardava numa caixa no armário do banheiro. O local facilitava a colocação quando chegasse a hora H.

Dali em diante, experimentei vários, um oco com algodão, outro com vibrador. Esse descartei logo na primeira transada. Além da complicação antinatural para ligar, ainda tinha de aguentar aquele besouro nos ouvidos, que atrapalhava completamente a minha fantasia. E sem ela, vocês sabem, fica tudo mais difícil.

Eu comentaria mais tarde como resolvi o problema do pênis impermeável: usava duas camisinhas, para ficar mais resistente, enchidas com aquele gel para endurecer cabelo, com duas bolas de encher também com gel. Existem também umas bolinhas de fisioterapia que, conforme o tamanho, dão um jeito razoável. Que alívio! Passei a fazer hidroginástica sem precisar pendurar depois no varal aquele mundaréu de meias. A empregada devia até ficar invocada, mas não dizia nada.

Davi comentou o perigo do mercado negro de hormônios, inclusive em academias de ginástica:

— Hoje a meninada começa a tomar testosterona por indicação dos amigos. Alguns oferecem até receita. A desculpa é sempre a dificuldade de acesso ao médico, a ansiedade em ganhar pelos e músculos. Resultado, se entopem de hormônio e podem acabar com infarto, cirrose, câncer ou um AVC (Acidente Vascular Cerebral).

Apesar de agora reconhecida pelo Sistema Único de Saúde, a cirurgia para mudança de sexo, no nosso caso, ainda precisa de um protocolo complicado, laudos, prontuários, exames. Sobretudo, quem quer se operar precisa se submeter a um diagnóstico como “doente mental”.

Só então Davi comentou a grande descoberta que fez pela internet: a metoidioplastia, uma nova técnica para fazer o pênis a partir do clitóris, já aumentado pelos hormônios:

— Nunca tinha ouvido falar, é coisa nova. Mas sempre achei que seria essa a solução, em vez daqueles tubos horrorosos e de cortar a barriga inteira.

Davi referia-se à técnica de que eu tinha visto fotos e filmes no consultório do meu cunhado, muitos anos atrás, e que me horrorizou. Foi o que fizeram no Darcy. E Davi continuou:

— Por que não usar o que já se tem? Inclusive com vascularização e enervação próprias. E, se for benfeito, é possível até ter orgasmo, pois o novo pênis teria as sensações do antigo clitóris!

Estávamos todos interessadíssimos.

Como toda novidade, ainda era uma cirurgia temerária para cobaias, como nós.

— Ela consiste basicamente em soltar os ligamentos internos do clitóris, para que ele ganhe um pouco mais de tamanho. O máximo que se conseguiu até hoje, com a cirurgia, foi que chegasse a dez centímetros. As etapas seguintes são a colpectomia, que é a retirada da mucosa vaginal e seu fechamento, e a escrotoplastia, para a criação da bolsa escrotal. Os testículos são feitos com implantes de solução salina de gel sólido.

E, abandonando o tom excessivamente técnico, vendo os nossos olhos arregalados, Davi acrescentou:

— Para quem deseja mijar em pé, uma microcirurgia adicional é feita para mudar a posição da uretra. Como disse João, essa costuma ser a maior causa de complicações, como fistulas e infecções.

Eles sabiam dos problemas que tive no pós-operatório, quando pedi que tirassem a sonda, que doía muito, e acabei mijando por três lugares diferentes.

Resultado: de pé, no banho, o jato esguicha longe, mas sempre escorre um pouco pelas pernas. Sentado no vaso, preciso me inclinar para a frente para não molhar o chão. Outra consequência é que meu pau cresceu pouco, porque foi embutido pela neouretra.

— O meu chega a uns três centímetros, e o seu Amadeus? – perguntou Davi.

— Acho que uns cinco, no máximo.

A pré-condição da cirurgia era a histerectomia, que todos nós já tínhamos feito.

— Portanto – concluiu Davi, com um sorriso –, estamos aptos! A última vez que me informei, o custo girava em torno de 20 a 30 mil dólares, dependendo aí do profissional, do país e afins.

— Meu, é muita grana para um corretor fodido! – desabafou Amadeus.

Resolvemos dar mais um mergulho e voltar para o almoço, que Sandra havia preparado especialmente para as visitas.

Depois da feijoada vegetariana, por causa do Davi, todos resolveram tirar a sesta. Davi foi o que mais dormiu, pois tinha bebido sem comer nada na praia. Fui o primeiro a acordar. Estava sentado na varanda, admirando o Cristo Redentor do outro lado da baía, quando os outros apareceram.

Amadeus logo disse:

— Puxa, estamos mais do que abençoados aqui!

— E, por falar no filho de Deus, me conte dos seus, Amadeus – pedi.

— Adotei os dois recém-nascidos, através do Juizado de Menores, com acompanhamento da assistente social por dois anos e guarda provisória até a adoção definitiva. O mais velho está com 24 anos. A caçula está com 21 — Amadeus sorriu para si mesmo, enternecido. — Eles sabem da condição de filhos não biológicos, que nasceram do coração de duas almas absolutamente apaixonadas.

E acrescentou um pouco embaraçado:

— Mas não pretendo contar a minha história, não tenho esse desejo. Estou orando a Deus para que me ilumine sobre o momento certo, pois temo pela felicidade deles. No que depender de mim, buscarei ampará-los de choques emocionais desnecessários. Ambos moram conosco.

Depois de uma pequena pausa, perguntou:

— E o seu filho, Darcy, você também o adotou recém-nascido?

— Adotei-o com cinco dias, numa creche indicada por uma amiga. Registrei diretamente no cartório como nascido em casa. Está com 18 anos, terminando o segundo grau e quer ser advogado também.

Quiseram saber do meu filho:

— O meu foi adotado quando ainda estava na barriga da minha mulher. Foi o maior desafio que já enfrentei. Quando ele tinha 13 anos, revelei o que os seus já sabem, que não era o pai biológico. Depois a mãe contou o resto. Não há mais mentiras entre nós. Foi um passo importante para nos falarmos mais abertamente sobre tudo. Ficamos mais íntimos.

E me dirigindo a Amadeus:

— Mas me diga uma coisa, Amadeus, como explicou as cicatrizes para os filhotes? Para o meu, quando era pequeno, eu disse que foi num acidente de moto que os espelhos me cortaram. E você disse o quê?

— Como tive um problema de saúde e precisei tomar uma dose muito grande de corticoide, engordei muito, então contei que precisei retirar um pouco de gordura numa plástica. É que a cirurgia inicial, como já falei, foi feita pelo mamilo. Depois é que a cicatriz aumentou, com as fibroses. A da barriga disse que foi um problema na bexiga, que precisei operar.

— E você, Darcy?

— Falei que foi num acidente de carro. Como estava no banco da frente, o vidro me cortou todo. Ele ainda não sabe da minha história. Talvez conte um dia. Há uns dez anos me separei da mãe dele, mas consegui ficar com a guarda. Ela era muito humilde e não tinha condições de educá-lo como gostaria. Como sempre morei com meus pais, tinha sempre gente para tomar conta dele.

Darcy perguntou a Amadeus se ele já tinha passado algum aperto com o filho.

— Foi no clube, fazendo exame médico para entrar na piscina. Fizeram uma fila de homens e mandaram arriar a sunga. Todos baixaram menos eu e meu filho, que me acompanhou. Cheguei para o médico e discretamente disse que era hermafrodita. Para o garoto, contei que não gostava de ficar nu na frente dos outros. Fui liberado com um tapinha nas costas pelo médico.

— Eu passei aperto parecido — lembrei.

Darcy, antes de continuar as cirurgias, durante uma viagem, estava doido para urinar e parou num posto de gasolina. Era um cubículo fétido, só com um mictório, sem vaso. Não teve dúvida: urinou no chão, perto do ralo. Quando vão juntos ao banheiro público, Amadeus ensinou o filho a só usar os reservados, com a desculpa da assepsia.

Os “causos” são interrompidos pela chegada de Davi à varanda, ainda sonolento:

— Não precisam interromper a conversa! Estava ouvindo lá de dentro.

Levantei a questão de como eles encaram a velhice, possivelmente nosso segundo obstáculo corporal à sedução.

Amadeus foi o primeiro a responder:

— Acho que é melhor envelhecer do que morrer moço. Mas a velhice me causa uma preocupação, porque não terminei as cirurgias. E, quando a gente envelhece, pode ficar na dependência do cuidado alheio.

E coçando a barba rala do queixo:

— Isso tem me preocupado muito, porque vivo hoje num círculo social dentro da “normalidade”. As pessoas da minha relação, com exceção da família, irmãos, cunhados, e de vocês, ninguém faz ideia de como fui. Mudei de identidade, de trabalho, de cidade, tudo novo.

Davi estava mais preocupado com a capacidade de sedução na velhice:

— Já nem penso mais em seduzir alguém. Não que a minha libido tenha baixado, mas fico na fantasia, no sexo virtual. Para dizer a verdade, tenho preguiça, pois para conseguir sexo na real é a maior trabalhadeira. Tenho de cantar a mulher, investir, envolver. Depois que acho que está bem no papo, tenho de contar, e nessa hora é o maior estresse.

Todos entendiam perfeitamente o desabafo de Davi. Encorajado pela plateia tão especial, contou como a rejeição foi um sentimento com que precisou conviver durante a vida inteira. Ficava muito mal quando ocorria, assim preferia evitá-la.

— No sexo virtual, ninguém sabe quem eu sou – continuou. — Não sei nem quero saber quem é a pessoa. Já tive envolvimento demais e não estou a fim de nada mais sério. Até pela internet já tive casos tórridos, que, quando terminaram, deixaram aquele gosto ruim e o coração apertado e doendo. Não quero mais. Hoje, só fantasia.

Finalmente, chegou ao ponto de que todos falavam:

— Graças a Deus, não tenho filhos. Meus sobrinhos não sabem da minha história. Já pensei em contar, mas ainda não sei se vale a pena. Com o passar dos anos, fico imaginando que talvez tenham de cuidar de mim mais tarde ou participar de determinadas situações comigo, então seria honesto contar a eles. Mas é bastante difícil tomar essa decisão. Teria primeiro de falar com a minha cunhada, já que meu único irmão morreu.

Para Darcy, pior que a velhice, é sofrer um acidente e não saber em que enfermaria iriam colocá-lo: se na feminina ou na masculina, pois em qualquer uma se sentiria constrangido. Isso se estivesse lúcido para opinar. Vivia em estado de “prontidão” por causa dessa paranoia, apesar de ter um pênis, mas descaracterizado.

Meio sem querer, ele tinha tocado num ponto nevrálgico para todos nós que não tínhamos terminado as cirurgias, e por isso corríamos o risco de mais uma vez experimentarmos na cara as patas da humilhação.

Tocou o telefone, e era a mulher do Amadeus, para mandar um beijinho e saber como ele estava.

A conversa foi até altas horas. Eu tinha aproveitado o feriadão da Semana Santa para convidar a todos para nossa casa. No outro dia, acordamos tarde, menos Sandra, que de propósito não participava das conversas. A maioria ali se via apenas pela segunda vez e sabia que era a chance para cada um falar do inconfessável. Dali a dias, todos teriam de voltar para as velhas e solitárias rotinas.

Como anfitrião, propus uma visita ao MAC, o Museu de Arte Contemporânea, feito pelo Oscar Niemeyer. Uma obra-prima arquitetônica, parecendo uma nave espacial, rodeada de vidros.

— Perfeito! Que melhor lugar teria para ETs como nós! – brincou Darcy.

Era um local para se ficar duplamente sensibilizado. A exposição de arte é um visual impressionante. Para aproveitar o passeio, depois da visita ao museu, sentamos numas pedras perto do mar, comendo pipoca e recebendo uma brisa gostosa da baía de Guanabara.

Ainda tínhamos muito o que nos falar.

Ali mesmo surgiu o assunto da prótese para transar. Cada um se arranjou de um jeito. Amadeus comprou uma de silicone oca, que enchia de algodão, depois costurava numa cueca de *lycra*, com abertura, e botava a camisinha. Davi só trepava virtualmente. Darcy usava seu próprio pênis, mas não deixou claro se chegava ao orgasmo. Pelo pouco que explicou, tinha mais sensibilidade na base do que na ponta.

Quando comecei a falar, virou “festa”:

— Com a pesquisa para o meu livro, acabei descobrindo um pau revolucionário!

Gargalhada geral. De propósito, assumi um tom de vendedor fazendo propaganda do seu produto. Continuei:

— Ele é de um silicone mais maleável e encontrado em *sex shops*, mas pode ser comprado pela internet. Você acha de vários tamanhos e pode escolher se ele fica “vertebrado” ou “invertebrado”!

O tom era de brincadeira, mas o assunto seriíssimo. Era possível retirar a “vértebra” de dentro dele para usá-lo no dia a dia, flácido. Ou prendê-lo para baixo com a própria cueca. O único problema de tirar sempre a vértebra era o risco de danificá-lo rapidamente, já que o material é delicado.

— Comprei um para mim, aqui no Brasil mesmo, e não foi caro. A vantagem é que não precisa se trocar para transar. Só faz um barulhinho meio chato quando dobra ou estica. Mas como estou ficando surdo mesmo...

Todos quiseram o endereço eletrônico. De propósito, deixei para o fim a grande novidade que eu tinha descoberto: a prótese flácida, ou *soft packs*, já à venda no Brasil. O material chama-se *cyberskin*, mais moderno que o silicone. Ele adquire a temperatura do corpo, e a textura é semelhante à da pele.

Fiz uma pequena pausa para apreciar o efeito de minhas palavras. Silêncio

total. Satisfeito, retomei:

— Comprei um, o menor, porque parece que ele estica com o tempo. Tem de várias cores também. Demorou quase um mês para chegar. Mas é fantástico! Agora, exige cuidados maiores, além da lavagem frequente: precisa ser hidratado com hidratante comum ou “empanado” diariamente com maisena.

— Isso é um saco. Por que tem de passar maisena? Não serve talco? – perguntou Davi.

— Me falaram que talco pode dar câncer de cervix. A maisena é porque a prótese é muito porosa, então, se ficar úmido, contamina com bactérias e fungos. O mais importante é para não virar uma geleia com o tempo.

Dei os detalhes: o tamanho mini custa cerca de 12 dólares mais o frete, e achei ideal para o uso diário, porque é confortável e dá uma aparência natural. Só não gostei de o saco ser achatado atrás, reduzindo o volume. Podem-se comprar dois *packs* e colar os sacos um no outro. Para evitar que fique dançando, existe uma saqueira especial que o mantém no lugar. Mas podemos inventar a nossa própria ou usar suspensórios escrotais, achados em lojas de produtos esportivos ou farmácias. Vi no YouTube um cara que usava um elástico americano, dava duas voltas e prendia o pênis flácido.

Também já soube que existem próteses *soft pack* já preparadas com tubos internos, o que permite urinar de pé. Essa é uma boa, né? E para quem tem grana, ainda existem as feitas à mão, eretas ou flácidas, por encomenda, presas com adesivos cirúrgicos. Encomenda-se numa loja nos Estados Unidos ou de um protético australiano. Dizem que beiram a perfeição.

— Demais! – exclamou Amadeus. — Quanta evolução nestes 30 anos, desde o seu “amor de mãe” até esses benfeitos à mão...

E encerrou a conversa:

— Vamos logo para casa, que estou doido para ver seus pênis novos e anotar direitinho as dicas.

CAPÍTULO 18

O HOMEM GRÁVIDO

*Estes percorreres por aí à balda,
nestes saudosos antigos eus.
Qual deles deixei no meio da estrada
e em que sombra,
me perseguem até onde sou?*
(Do poema “Corte em Mim”, do autor).

No domingo de Páscoa, todos acordaram cedo para aproveitar a manhã, e eu sugeri irmos ao Parque da Cidade de Niterói, onde a moçada salta de parapente. A vista é magnífica e é de onde se vê melhor a “mordida” que o Pão de Açúcar tem no seu contorno. O lugar é tranquilo, e sentamos numa das duas rampas existentes.

Amadeus estava maravilhado:

— Sinto-me pequeno diante de tanta beleza. Foi muito boa a sua ideia desse encontro. Obrigado, João. Boa e útil! Mas em que, realmente, podemos ajudar você no seu livro? Além das nossas histórias, o que sei é que o Obama, o presidente dos Estados Unidos, contratou uma transexual que virou mulher, para um cargo de confiança. E teve um antes, contratado em 2008, como nós, nascido mulher, como conselheiro da Câmara dos Representantes. Esse foi o primeiro transexual a ocupar um cargo federal no país. A moçada, finalmente, começou a nos dar crédito.

Darcy completou:

— E tem a novidade da França, em 2010, e da Suécia, em 2011, que tiraram o transexualismo do código de doenças mentais, assim como já fizeram com o homo alguns anos atrás. Essa é uma grande conquista! Somos “normais” ou, pelo menos, deixamos de ser loucos para os franceses e suecos.....

Davi lembrou o decreto assinado pelo presidente Lula, em 2009, reestruturando a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República e criando a Coordenação Geral de Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT):

— Combate à homofobia, à bifobia e à transfobia. Espero que a campanha internacional *Stop Trans Pathologization* (STP 2012), que está em fase de reformulação, seja logo aprovada. E agora em 2011, o Supremo Tribunal Federal reconheceu os direitos civis dos homoeróticos. Um dia chega a nossa vez.

Em alguns estados, por meio de decretos ou portarias, já se podem utilizar “nomes sociais” antes do nome de registro. Permite que transexuais e travestis os utilizem para atendimento hospitalar, preenchimento de cadastros e até mesmo em algumas escolas e faculdades. Esses decretos foram criados para uso em órgãos da administração pública direta ou indireta, mas já soube de pessoas que, mesmo em locais particulares, conseguem, com certo tato, ser chamadas pelos seus nomes sociais. Acho particularmente que funciona como *band-aid* – tapa, mas não resolve.

E complementei:

— Em junho de 2011, o CRP autorizou os trans e os travestis a usarem o nome social na carteira de identidade profissional do psicólogo, mas no campo observação, o que pode complicar ainda mais a situação da pessoa. É um avanço jurídico, sem dúvida, porém a sociedade continua nos discriminando e nem a Lei Anti-homofobia foi aprovada no Congresso. Estigmas não podem ser revogados. Não se mudam hábitos e crenças mediante decretos. Para mim, chegou um pouco tarde.

Eu estava mais interessado em conhecer a opinião deles sobre a última bomba em relação aos trans: “o homem grávido”. Amadeus disse que nunca tinha ouvido falar e pediu detalhes.

Contei que já há vários casos pelo mundo, mas o primeiro foi Thomas Beatie, um *FtM* americano. Em 2008, ele declarou para uma revista que “querer ter um filho biológico não é um desejo feminino ou masculino, é um desejo humano”. Até aquele momento, ele só tinha feito a retirada das mamas e a hormonioterapia. Casou-se legalmente com uma mulher mais velha, que já tinha duas filhas casadas, e eles desejaram ter um filho. Ela tinha ficado estéril. Resolveram, então, que ele engravidaria, já que ainda tinha útero.

Começou o processo de tornar-se um “homem grávido”. Parou de tomar a testosterona e voltou a ovular naturalmente, não sendo necessário o uso de qualquer droga para aumentar a fertilidade. As filhas dela foram as únicas que apoiaram a loucura. Os médicos se recusaram a tratá-lo como homem ou a reconhecer Nancy como sua esposa. Finalmente, conseguiram acesso a um banco de esperma e fizeram uma inseminação caseira, com uma seringa.

Quando engravidou pela primeira vez, o embrião se fixou fora da cavidade uterina, a chamada gravidez ectópica. Eram trigêmeos. Ele perdeu os embriões e uma de suas trompas. Durante a gestação, ele não dividiu em nenhum momento de sua identidade masculina. Era como se fosse um “pai de aluguel”. Tudo isso, sem cortar a barba.

Uma segunda tentativa deu certo. E nasceu Susan, que foi amamentada por Nancy, à força de hormônios e bomba aspirante, que estimularam a lactação.

Em suma, Thomas já pariu dois, está grávido do terceiro, e a história vai

até virar filme!

— Que coisa doida! — comentou Amadeus. — Cá para nós, é muita vontade de ter filhos biológicos! Esses, na realidade, não tiveram o mesmo problema que eu. Acho que são pessoas que não sabem quem são nem o que querem. Vivem de experiências novas, buscando provar não sei o quê e nem para quem. O meu dom é a paternidade em função do que sou. Eles, afinal, são o quê? Pai ou mãe?

Depois de um instante, acrescentou:

— Jamais faria isso, pois a maternidade é a maior prova da feminilidade. Sou e sempre fui homem. A minha luta foi para sair da prisão do corpo, jamais voltaria a ela.

Darcy já sabia da notícia:

— E esse não é o primeiro caso. Há oito anos, houve um casal de transexuais, como nós, que viveu uma experiência parecida, em San Francisco, o local mais avançado dos Estados Unidos. Esses agora foram em Oregon. Por isso foram tão rechaçados. Alguns ainda pretendem, depois do parto, continuar as cirurgias até o fim. Mas nem todo trans quer necessariamente se operar.

Darcy comentou que, para ele, o caso mais estranho foi o de dois trans que viraram homens, continuaram juntos, e um deles engravidou:

— São os trans-homo? Aí fundi a cuca! E os filhos, como ficam? — prosseguiu. — Até posso respeitar a decisão deles. Mas não me vejo numa situação dessas, por mais que seja um ato de amor. Não consigo imaginar um homem dando à luz! É tão intimamente associado à maternidade! Como falou Amadeus, acho o máximo da feminilidade.

E Darcy manifestou o que, possivelmente, é o estranhamento de grande parte das pessoas:

— Talvez o que mais me pareça estranho é querer trazer a público a experiência. Porque algumas pessoas já tinham feito isso de forma discreta, privada. Não é por vergonha, mas por envolver terceiros e, sobretudo, uma criança que nem nasceu ainda.

Davi já tinha lido na internet e não entendeu muito bem a história.

— Acho que teria pouco a dizer. Já estou cansado desses assuntos. Não tenho mais a menor vontade de discutir, brigar, defender, levantar bandeiras. Só quero ficar quieto aqui no meu canto, fazer as minhas viagens e jogar meus joguinhos na internet. Parabéns pela coragem de remexer no vespeiro, já não estou mais nessa. Desejo muito sucesso! E você, João, já tem posição formada?

— Quando li a notícia, o primeiro impacto foi de surpresa, e achei o cara muito corajoso. Jamais engravidaria, mas fiquei feliz em saber que os trans jovens estão assumindo seus desejos, ousando mais na desconstrução do gênero, sem se sentirem ameaçados na sua identidade sexual. Mas por que chegar a esse ponto de engravidar? Dar um retorno no físico, voltando a ter hormônios femininos para o tratamento de fertilização, só para ter um filho biológico? Acho mais fácil e útil à sociedade adotar. Ainda mais quando já se tem filhos da parceira. E tem mais: por que eles ainda mantinham os órgãos sexuais internos? Será que tomavam inibidores de estrogênio, como tive de

fazer, para poderem depois aplicar a testosterona e terem barba, pelos e mais músculos?

E continuei, depois de me assegurar de que ninguém mais nos ouvia:

— Joguei meu útero e meus ovários no lixo hospitalar, com muito prazer. Senti um grande alívio ao acabar com a menstruação. Quanto ao fato de terem parado as operações, é plenamente compreensível. Eles mesmos explicam que as cirurgias são caras, e os resultados, precários. Acho a gravidez depauperante fisicamente. No futuro, prevejo que serão máquinas que exercerão essa função, tudo monitorado para não dar nada errado.

— Lembro-me de uma amiga grávida, com barriga de nove meses, que foi me visitar no sítio onde eu morava, em Jacarepaguá, logo depois da minha cirurgia. Estávamos em pleno verão. Era uma mulher grande. Estava toda inchada e vermelha. Andava que nem um robô, balançando de um lado para o outro, segurando a barriga. Desabou na cadeira da varanda: “Depois ainda dizem que isso é normal!”, desabafou.

Resolvi buscar meu *notebook* no carro para comentar as respostas que recebi aos e-mails em que perguntei a várias pessoas o que achavam da notícia do homem grávido: psicanalistas, psicólogos, sexólogos. A maioria disse que, sinceramente, não estava em condições de dar um parecer. Mas achei um texto interessante do Contardo Calligaris, na *Folha de S.Paulo*, de 2008. Girei o *laptop* para mostrar a meus amigos:

... Há mais ou menos 250 anos, quer a gente goste ou não, entramos na era da condicionalidade. Como assim? Pois é, começou com os casamentos, que duram “à condição” de que dure o amor. Continuou com as leis, que são respeitadas “à condição” de que elas nos pareçam justas. [...] “Sob condição de que meu foro íntimo aprove e que, ao obedecer, eu não me desrespeite.”

Sou homem ou mulher à condição de me sentir intimamente homem ou mulher. Sou filho à condição de que o pai e a mãe se comportem de maneira que eu os reconheça como pai e mãe. Falando nisso, nada prova que Thomas não possa ser um bom pai para Susan. Ou uma boa mãe. Ou os dois.

Os únicos que retornaram meus e-mails eram transgêneros, uma *cross-dresser* psicanalista e duas trans *MtF* (*Male to Female*). Não sei se vocês já ouviram falar do gênero *cross-dresser*. Ela era homem, nunca se operou, é casada com uma mulher e é socialmente mulher. Das duas trans, uma era atriz e a outra oficial de Marinha, agora afastada e reformada por causa do preconceito. Esta última já tinha um filho biológico de cinco anos com a esposa

e estava na Tailândia recuperando-se da cirurgia para se tornar mulher.

Para a psicanalista, o homem grávido era apenas mais um capítulo na lenta e penosa desconstrução do conceito de gêneros, onde só existe o binário masculino e feminino: “Todo o mundo nasce nu, o resto é *drag*”. Adorei essa frase. Dizia que em breve iria ser avô ou avò, ou ambas as coisas, ou nenhuma delas. “Sinto-me confortável, desempenhando qualquer papel que esteja a fim de representar. Só não posso parir, o resto é mero aprendizado social.” Cita Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher – aprende a ser”. E complementou: “Pois é: aprende-se a ser homem, também. Ou a não ser nem uma coisa, nem outra. Minha ‘oficina’ atual”.

Seu nome é Letícia Lanz. Fiquei fascinado com a sua total desconstrução de valores, inclusive na minha cabeça. Foi por ela que tomei conhecimento de algumas teorias, como a *queer*, que surgiu nos anos 1980, nos Estados Unidos. Essa nova postura questiona as diferenças de gênero baseadas no sexo biológico, heterossexual, ou mesmo nas práticas homo e transexuais. Acredita na multiplicidade de corpos sexopolíticos que se sobrepõe aos rótulos de normal e anormal. São transidentidades: homens sem pênis, *gays* lésbicos, *cross-dresser*, *drags* (*queen* e *king*), *trans-gays*, etc. A orientação sexual seria uma criação da sociedade, e não algo natural, inclusive a heterossexual. Quando nos referimos ao papel do homem ou da mulher, estamos falando de “gênero” ou papéis de gênero, e não de sexo. Há inúmeras formas de transversalidades de gênero.

Li um artigo enviado por uma amiga, de Beatriz Preciado, que dizia: “A sexopolítica é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo”. Com isso, no universo do sexo – os órgãos chamados “sexuais”, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviadas –, todos esses conceitos são parte dos cálculos do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle sobre a vida.

“As políticas da multidão *queer* se opõem tanto às instituições políticas tradicionais, que se apresentam como soberanas e universalmente representativas, como às epistemologias sexopolíticas heterocentradas, que dominam ainda a produção da ciência.”

Minha cabeça, a princípio, deu um nó, mas farejei também que era mais uma alternativa na desconstrução do império normativo sexual.

Resolvi transcrever aqui o depoimento da trans Bianca, a ex-oficial de Marinha, depois, é claro, de pedir-lhe autorização. Ali, na rampa do Parque da Cidade, li em voz alta:

Meu filho tem cinco anos e sete meses. Convive comigo numa boa.
Me chama de pai e papai em casa e de tia Bianca quando saímos.

Isso ele aprendeu sozinho, depois de um pequeno trauma numa praia, em que ele disse pro garotinho da barraca do lado que eu era pai dele. O garotinho, com mais idade que ele, riu muito e gritou para a praia inteira ouvir “aquela mulher é o pai dele”. Ele voltou cabisbaixo para mim, e fomos embora. Dali em diante, ele aprendeu que não deveria mais me chamar de pai na rua e, por iniciativa própria, começou a me chamar de Bianca.

Quando saímos uma segunda vez para o supermercado, ele me pediu que comprasse Tic-Tac, aquelas balinhas de menta que vêm numa caixinha. Eu lhe disse que não ia comprar porque já tinha outra em casa. Ele sabia que não tinha e foi na caixa pedir que ela colocasse na sacola. A moça disse que era para ele pedir para a mãe dele, eu, no caso. Daí ele falou: “ela não é minha mãe...”. Houve um silêncio, as pessoas na fila começaram a prestar atenção. Ele olhou para mim, e eu lhe perguntei: “o que eu sou sua?”. Ele respondeu, piscando um dos olhos para mim: “ela é minha amiga”. Foi aí que eu descobri que o episódio da praia tinha lhe ensinado que a sociedade não via com bons olhos o pai diferente dele. Saímos rindo muito do supermercado.

Ele é acompanhado por uma psicóloga, mas hoje em dia é mais para constar, porque ele é muito esperto e sabe de tudo.

A mãe dele, em 2008, com receio de que minha mudança pudesse influenciar na formação de sua personalidade, me processou, numa tentativa de restringir meu contato e minha convivência com ele. Na petição, nitidamente preconceituosa e discriminatória, ela colocava várias regras para eu o ver, como visitas acompanhadas de psicólogos judiciais, visitação a cada quinze dias com duração de três horas e acompanhada de psicólogos e que, sobretudo, eu não fosse “travestido” de mulher quando o visse.

Na primeira audiência, meu advogado ameaç o instaurar um boletim de ocorrência contra o advogado dela e ainda levar a polícia ao Fórum. Com isso, eles recuaram, e foi estabelecido um acordo com relação ao convívio com meu filho, com visitação normal.

Hoje, motivada pelo bem-estar do meu filho, nos respeitamos e convivemos com cordialidade, para que ele cresça num ambiente familiar saudável. Convivemos naturalmente como pai e filho. Ele sabe que sou diferente, por isso não posso ir à escola dele (como pai). Ele sabe que nas festinhas eu não posso ir também. Na sua última festinha de aniversário, ele até me chamou e disse que iria dizer aos amiguinhos que eu era sua tia.

Vamos à praia, vamos ao *shopping*, a teatrinhos, cinemas, parquinhos, tudo o que uma criança comum faz. Houve ocasiões em que ele encontrou amiguinhos da escola e ele disse que eu era sua tia, e tudo bem, ninguém percebeu nada. Portanto... Vivemos salutarmente como pai e filho, numa boa, sem traumas, pelo menos por enquanto. Acredito que quanto menos idade os filhos têm, mais naturalmente ocorre o processo de transição.

O que não sei ainda é se vamos ter alguns traumas e problemas futuros, decorrentes disso. Mas estou, ou estamos, fazendo tudinho conforme as orientações dos psicólogos, meu e dele. E de acordo com os nossos corações, de tal forma que tudo flua o mais natural possível e que ele aprenda a respeitar e conviver com as diferenças, ou nem mesmo ligue para elas.

Maitê, a atriz, foi mais sucinta:

“Tenho medo do que foi criado nessa sociedade para manter as algemas e grilhões que nos impõem, retardando mesmo a descoberta do que somos de verdade. Acredito num mundo sem gêneros e sem fronteiras, como forma de acabar com estes sofrimentos”.

— Continuo achando o homem grávido uma aberração – concluiu o evangélico.

Percebi então que, embora fôssemos todos trans, éramos bem diferentes.

Já não tínhamos muito tempo. Precisávamos almoçar, porque teriam de estar às três da tarde na rodoviária. Foi uma despedida carinhosa e um pouco melancólica, sabíamos que levaria bastante tempo para nos vermos de novo.

Com as mãos no volante, dirigindo-me para casa, fiquei pensando: o encontro tinha sido ótimo. Pude conhecer melhor como pensavam e viviam

pessoas parecidas comigo. E também perceber melhor nossas diferenças.

Todos nós buscamos uma coerência entre sexo e gênero, apoiados num padrão heterossexual. Sabia que tínhamos tentado encontrar um modelo de maior aceitação pelo sofrimento do não enquadramento. Mas isso não tinha conseguido me fazer uma pessoa conservadora. Apenas havíamos desenvolvido uma dos milhares de orientações sexuais que poderíamos buscar, assim como também poderíamos ter optado por ser um trans-homo que amasse outro trans.

O que tínhamos de igual era que as mulheres nos atraíam e nunca nos sentimos uma delas.

As cirurgias e os hormônios tinham me aberto mais, permitindo-me conservar valores aprendidos no mundo das mulheres. Tornara-me um homem feminino, sem ser efeminado. Felizmente, a testosterona não havia me dado a agressividade exacerbada. A minha virilidade, contraditoriamente, passou a servir, também, como um instrumento, para que agora pudesse combater o mundo heterocentrado, patriarcal, no qual os poderes dominantes impedem os vários potenciais de vida. Havia descoberto que há várias masculinidades diferentes e que são constituídas também pelas tecnologias da cultura dominante.

Fazia questão de continuar dócil e afetivo.

CAPÍTULO 19

TRINTA ANOS DEPOIS

*Os espelhos fariam bem em refletir um pouco mais antes de
devolver imagens.*
Jean Cocteau

De repente, recebi um conhecido beijo na careca:

— Oi, pai!

— Meu filho! Já sei, veio procurar o seu ovo...

Mesmo aos 24 anos, Yuri não abria mão do ritual da Páscoa. E tinha de estar escondido.

Olhei aquele homem, ainda com ar de menino tímido, a essas alturas já com a cara suja de chocolate. Fiquei emocionado. Como reafirmou seu amor por mim, mesmo quando soube do “pai-torto” que eu era. Ainda não manifestara qualquer vontade de conhecer o pai biológico e seus meio-irmãos, que sabia existirem, desde os 13 anos.

Logo depois da “revelação”, Lola rompeu a única exigência que lhe havia feito para ser o pai. Havia ligado para o Cássio. Contou-lhe da gravidez e do adolescente que o filho deles se tornara. Possivelmente amedrontado com as notícias ameaçadoras para sua família “oficial”, ele silenciou, sem ao menos dar um único telefonema para Yuri.

Lembrei-me de como meu filho tentou me defender quando fui ameaçado de ser entregue à Justiça pelo desespero de sua mãe. Teve a grandeza de nos perdoar por tudo o que acontecera. Continuava terno com os dois, assim como aprendera a se bastar sozinho, sendo filho único, sem reclamar da falta de companhia para brincar, convivendo bem com a solidão.

Até então, a única pessoa a quem tinha contado nossa história foi à namorada, depois de quatro anos. Nem aos amigos mencionara nada, embora soubesse que tinha total liberdade para fazê-lo. A história não era mais só minha.

— Pai, eles não vão entender como eu gostaria. Talvez para o Paulo, um dia...

Ganhei a chance de vivenciar a paternidade daquele filho que ajudei a

tornar uma pessoa íntegra e que aceitava as diferenças.

Eu não tinha terminado as cirurgias, mas isso não me fazia menos homem ou pai, e essa certeza era confirmada também pela nossa relação.

Lembrei-me de quando estudava com ele. Do dia em que lhe mostrei que a Matemática também tinha seu lado filosófico. E ele, surpreso, por não ter conseguido imaginar um infinilátero, o polígono com infinitos lados.

Por ele me permiti ousar mais e ver o mundo diferente. Meu problema passou a ser, de certa forma, secundário, diante da sua existência. Tornei-me mais humilde e paciente.

Quando lhe contei que estava escrevendo um novo livro, agora incluindo ele e a mãe, comentou imediatamente:

— Não quero nem saber deste livro. Já sei que vão ter passagens muito dolorosas para mim, sobretudo relativas à minha mãe.

E corajosamente completou:

— Pois fique sabendo, pai, que, como só tem um banheiro lá em casa, é comum eu ver minha mãe nua e também ficar nu na frente dela, sem constrangimentos, e também meu padrasto. Com você, só consegui ficar de cueca e assim mesmo há um mês. Sempre soube que havia algo estranho, devido às cicatrizes, ao mistério de não o ver nu, nem de mijar na minha frente. Já achei seu pênis umas três vezes durante todos esses anos, inclusive quando você ainda estava com a Gina numa viagem que fizemos juntos.

Yuri concluiu que eu o idealizava de forma errada, pois com os amigos ele era diferente e contava até piada de bicha, ao que respondi:

— E daí? Eu também conto.

Quantos anos ele levaria para tirar o novo livro da estante? O primeiro levaria dez anos.

Aproximei-me um pouco mais e, ternamente, aceitei dar uma mordida no seu ovo de Páscoa, como um cachimbo da paz.

Senti que a minha paternidade tinha valido a pena e, sobretudo, que ele se tornara o meu “acerto” na vida.

Depois de lhe contar a última conversa com meus amigos trans, sobre o homem grávido, perguntei a opinião dele. Respondeu sem pestanejar:

— Acho que precisamos ser mais tolerantes.

SOBRE O AUTOR

*Simone Ávila*⁴

Em meio ao trabalho junto ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) da Universidade Federal de Santa Catarina, no qual desenvolvo uma pesquisa sobre trans-homens,⁵ ao pesquisar o tema na internet, deparei-me com o livro *Erro de Pessoa: João ou Joana?*, de João W. Nery, publicado em 1984. Na capa do livro tem a informação: “O depoimento de um transexual brasileiro que, nascido mulher, finalmente se realizou como homem”. Fiquei curiosíssima para ler o livro, tentei comprar um exemplar, mas infelizmente ele estava esgotado. Ao continuar minhas buscas na internet, consegui finalmente comprar um exemplar usado.

A publicação da autobiografia de João W. Nery no Brasil se deu em um momento em que os trans-homens vinham se tornando mais visíveis ao relatar suas transexperiências, seguindo uma tendência mundial que vem desde a década de 1960, que se intensificou mais particularmente desde 1995.⁶ Uma indicação disso é a publicação de vários trabalhos sobre o tema, como, por exemplo, os de Loren Cameron, um fotógrafo americano que iniciou sua transformação corporal em 1987, em San Francisco, Estados Unidos, e fez o registro fotográfico de seu processo de transição. Esse registro foi publicado em 1996, sob o título “*Body Alchemie: Transsexual Portraits by Loren Cameron*”. Há ainda três autobiografias britânicas, as de John Hewitt e Mark Rees, ambas publicadas em 1996, e a de Raymond Thompson, publicada em 1995. Há outras biografias de trans-homens posteriores a essa época, como as de Jamison Green, de 2004; de Max Valério, 2006; e de Axel Léotard, publicada em 2008.

No campo da visibilidade de trans-homens atualmente, o trabalho de Kael T. Block, fotógrafo francês de origem colombiana, tem sido importante, ao desenvolver desde 2007 o projeto *XX Boys*, registro em fotografias de suas

mudanças corporais. Essa exposição já foi apresentada na Europa, na Austrália e nos Estados Unidos.⁷

A leitura do livro de João foi de um fôlego só. Em *Erro de Pessoa*, ele relata a sua transexperiência, abrindo sua vida desde a infância. João expõe as dificuldades e os percalços pelos quais passou, seu sofrimento, seus conflitos e suas angústias por não saber como ou onde se enquadrar em uma sociedade e uma cultura que não aceitam o “diferente”. Ele se pergunta: “em que grupo existente eu me enquadraria?”. Ou, dito de outro modo, “quem inventou essa coisa de que temos de nos enquadrar no que já existe!?! Por que não podemos simplesmente ser o que queremos ou quisermos!?! Por que eu tenho de seguir normas que não são minhas?!?”.

Entendendo experiência como a história dos sujeitos produzidos discursivamente por meio de sistemas discursivos conflituosos e contraditórios, dentro de um dado contexto social e histórico, podemos pensar que essa transexperiência só existe como marca linguística, como espaço de construção individual em espaços nos quais valores e representações de masculino e feminino são compartilhados coletivamente.

A categoria transexperiência não confina os trans-homens a uma categoria identitária fixa e determinada, mas permite entendê-la como parte de processos históricos que, pelo discurso, pela linguagem, posicionam os sujeitos e produzem suas experiências, sendo passíveis de interpretação; interrogando seus processos de criação, temos claro que é uma experiência política, tanto por sua construção individual como coletiva.

É importante lembrar que João fez sua transição em 1977, época da ditadura militar no Brasil, quando as cirurgias para mudança de sexo eram proibidas, e orientações sexuais e identidades de gênero diferentes da norma eram consideradas “subversivas”. Os médicos que realizavam essas cirurgias eram tomados por criminosos. João, mesmo sabendo disso, seguiu seu desejo, como testemunha seu livro.

Ao conhecer João, por intermédio de um amigo comum, fui surpreendida ao receber um e-mail com o seu novo livro, *Viagem Solitária – Memórias de um transexual 30 anos depois*. Neste novo livro, João faz uma revisão do *Erro de Pessoa*, atualizando, tirando alguns capítulos e colocando outros, incluindo uma parte sobre a paternidade, e fala de seu filho de 24 anos.

Não é por acaso que João retoma sua história, depois de 27 anos. No período entre um livro e outro, várias mudanças políticas e sociais aconteceram no país. Acompanhamos o processo de abertura política, com o fim da ditadura militar em 1985, a democratização do Brasil e o surgimento de vários movimentos sociais, entre eles o Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), de luta contra a discriminação e de defesa dos direitos das populações LGBT, sem quaisquer formas de discriminação, afirmando a livre orientação sexual e identidades de gênero. Para João, entre os acertos, está mostrar que um trans-homem pode ser pai de um filho saudável.

Neste novo livro, João se considera um “estrangeiro neste mundo”, que

rompe fronteiras, que é de todos os lugares e, ao mesmo tempo, de nenhum lugar.

Percebe-se também uma mudança de linguagem; no livro anterior, ele fala de “transexual feminino” ao se referir a si mesmo, pois era a denominação usada na época, uma denominação oriunda da Medicina, que privilegia a primazia do sexo biológico sobre a identidade de gênero. Atualmente, são mais adequadas denominações baseadas no gênero com o qual a pessoa se identifica, e não no sexo biológico.

Outra mudança ocorrida no Brasil, fruto das reivindicações trans durante muitos anos, diz respeito ao processo transexualizador. As cirurgias de mudança de sexo no Brasil iniciaram em 1997, a partir da Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) no 1.482/1997, que retirou da clandestinidade intervenções cirúrgicas do processo transexualizador, mas somente hospitais universitários estavam autorizados a realizar esse tipo de cirurgia.

Em 2002, o CFM revisou essa portaria por entender que nem todos os procedimentos de transgenitalização eram experimentais e publicou a Resolução CFM no 1.652/2002, que tem sido referência nacional “para todas as ações endereçadas às pessoas transexuais, mesmo para os profissionais não vinculados ao Conselho Federal de Medicina”.

Em 2008, o Ministério da Saúde publicou a Portaria no 1.707, que institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Processo Transexualizador, a ser implantado nas unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Nessa portaria, foram incluídos os procedimentos de mudança de sexo para transmulheres, isto é, de homem para mulher.

Além disso, a transexualidade hoje está presente na mídia. Recentemente ouvimos falar em Léa T... em Thomas Beatie, trans-homem que em 2008 foi considerado o primeiro “homem grávido”... em Ariadna, transmulher que participou do *Big Brother Brasil*, em 2011...

Contribuindo para uma maior visibilidade de trans-homens, há o personagem Max, da série *The L Word*.⁸ Max é inicialmente na série uma lésbica “masculina” que mantém relacionamentos com outras mulheres e aos poucos vai se identificando como um transexual masculino que se vê às voltas com a sua transformação corporal, colocando em discussão a tomada de hormônios e a cirurgia de mastectomia (retirada das mamas).

Nesse processo, Max, já “assumido” como masculino, inicia um relacionamento afetivo com um gay e tem uma surpresa ao se descobrir “grávido”. Todas as situações vivenciadas por Max o colocam dentro das discussões mais atuais sobre a transexualidade masculina, ou seja, que transexualidade não significa necessariamente articulação com heterossexualidade normativa, uma vez que não são poucos os exemplos de trans-homens que se engajam em relacionamentos homossexuais com gays após sua transformação corporal e social.

João, em *Viagem Solitária*, parece ter se apropriado mais profundamente de sua transexperiência e parece mais tranquilo e mais “pacificado” em relação à turbulência que foi sua trajetória de vida.

Seu relato em ambos os livros é de uma sensibilidade extrema e comovente. Seu testemunho mostra uma forma contemporânea de autodefinição social que nos permite contemplar de outro modo a experiência de ter uma identidade ou expressão de gênero não normativa como resultado de uma dinâmica biográfica complexa. Mostra também que todos e todas nós estamos imbricados em um sistema discursivo marcado por conflitos e contradições, mas ao mesmo tempo somos sujeitos que têm agência, é possível “fazer escolhas”, embora essas não sejam ilimitadas.

João W. Nery é uma referência nacional não só por ter sido o primeiro trans-homem do Brasil (como aparece na mídia) mas também por sua generosidade e sua coragem em compartilhar sua experiência singular, mostrando-nos que é possível sermos o que desejamos, sem cedermos às restrições sociais que nos são impostas pela sociedade e pela cultura.

4 Doutoranda interdisciplinar em Ciências Humanas, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC).

5 Transexuais masculinos, ou seja, indivíduos nascidos mulheres que se identificam com o gênero masculino. Utilizo a categoria trans-homem por três razões: a) porque me agrada a tradução literal do francês “*transhomme*” e do inglês “*transman*”; b) porque dessa forma “trans-homem” se torna um substantivo, que é a palavra com que se denomina, e não se “qualifica”, um ser ou um objeto, como é o caso do adjetivo. Ao usarmos “masculino” ou “feminino” após transexual (transexual masculino, transexual feminino) ou “transexual” após homem ou mulher (homem transexual, mulher transexual) estamos qualificando o sujeito; c) porque em uma lógica “polisssexual”, parece-me adequado fugir dos binarismos já conhecidos, como, por exemplo, homem/mulher, masculino/feminino. Da mesma forma, usarei a categoria “transmulher” para me referir às transexuais femininas, ou seja, homens que se identificam com o gênero feminino.

6 CROMWELL, Jason. *Transmen and FtM – Identities, Bodies, Genders and Sexualities*. Chicago: University of Illinois, 1999.

7 SORENTE, Isabelle. L’art de la methamorphose. Philosophie Magazine. n. 26, p. 20-21, 2009.

8 Série de TV americana, considerada inovadora, que fez sua estreia em janeiro de 2004 nos Estados Unidos. É sobre um grupo de amigas lésbicas e bissexuais que vive e ama em Los Angeles e desafia as noções tradicionais de

relacionamentos, estilos de vida *queer*, identidades de gênero, raça e etnia, sexo e sexualidade. A série deixou de ser produzida em 2009.



Joana, 1952: no meu aniversário de 2 anos.



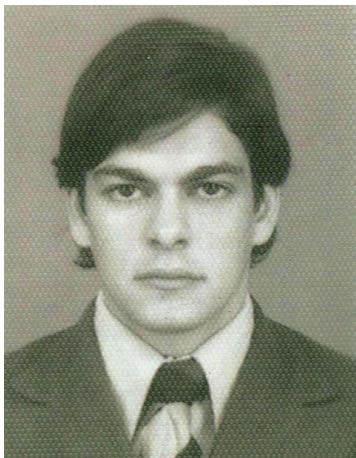
Joana, 1964: 14 anos.



Joana, 1961: Instituto Guanabara, Tijuca, Rio de Janeiro, RJ,
1961, turma do 1º ano ginásial (5ª série). Na última fila, no
meio, em pé.



Joana, 1968: 18 anos.



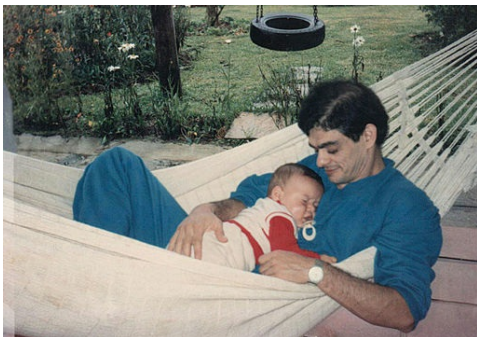
João, 1977: logo após a cirurgia, finalmente um homem, aos 27 anos.



Joana, 1976: aos 26 anos, 1 ano antes da cirurgia.



João, 1977: logo após a cirurgia, com a minha amiga Martha Reis, assistente social da equipe médica.



João, 1987: no sítio dos pais, Teresópolis, RJ, com Yuri, meu filho, aos seis meses de idade.



João, 1995: com Darcy Ribeiro, Maricá, RJ, nosso último encontro.



João, 1996: deitado em minha cama, deixando aparecer
algumas cicatrizes da cirurgia



João, 1996: com meu amigo Pedro Matheus e sua esposa Inez Helena.



João, 1997: na varanda de casa.



João, 1999: no Forte São Luiz, Niterói, RJ.



João, 1999: na casa do meu amigo e dentista Murilo, com a cadelinha Billie.



João, 2010: na Russel Square, Londres.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

Para meu filho, por me fazer um pai feliz.

AGRADECIMENTOS

NOTA DO AUTOR

INTRODUÇÃO

PREFÁCIO DO ERRO DE PESSOA

PRÓLOGO

PARTE I DESENCONTROS

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

PARTE II DESCOBERTAS

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

PARTE III METAMORFOSE

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

[CAPÍTULO 7](#)
[CAPÍTULO 8](#)
[CAPÍTULO 9](#)
[CAPÍTULO 10](#)

[PARTE IV PATERNIDADE](#)

[CAPÍTULO 1](#)
[CAPÍTULO 2](#)
[CAPÍTULO 3](#)
[CAPÍTULO 4](#)
[CAPÍTULO 5](#)
[CAPÍTULO 6](#)
[CAPÍTULO 7](#)
[CAPÍTULO 8](#)
[CAPÍTULO 9](#)
[CAPÍTULO 10](#)
[CAPÍTULO 11](#)
[CAPÍTULO 12](#)
[CAPÍTULO 13](#)
[CAPÍTULO 14](#)
[CAPÍTULO 15](#)
[CAPÍTULO 16](#)
[CAPÍTULO 17](#)
[CAPÍTULO 18](#)
[CAPÍTULO 19](#)

[SOBRE O AUTOR](#)